

1120

DM
XAVI/C1

Instituto Superior de Psicologia Aplicada
Mestrado de Psicopatologia e Psicologia Clínica
Edição 2001/2003
Reingresso 2004/2006
Reingresso 2007/2009

Tese de Mestrado

**"O Feminino em Mulheres Lésbicas
e a sua expressão através do processo-resposta Rorschach"**

Carla Henriqueta Fonseca Xavier - nº. 1782

ORIENTADORA: Profª. Doutora Maria Emília Marques
Instituto Superior de Psicologia Aplicada



SEMINÁRIO DIRIGIDO POR: Profª. Doutora Maria Emília Marques
Instituto Superior de Psicologia Aplicada

2008

ISPA Instituto Superior de Psicologia Aplicada
Centro de Documentação
Registo: 17873
Data: 5.12.08
Tel: 21 681 17 50 - lib@ispa.pt

Aos meus pacientes,
fonte de aprendizagem constante da vida e
a todos os que procuram dentro de si
uma maior compreensão da sua dimensão feminina.

- AGRADECIMENTOS

- À Prof^a. Doutora Emília Marques pela orientação estruturante e pela tolerância incansável face às minhas dúvidas.
- À Catarina e à Silvia por terem disponibilizado dois dos casos de estudo, pela orientação nos mesmos e no todo e pela força que me deram em termos de auto-confiança.
- Ao Carlos, eterno amigo, pelo estímulo constante.
- Aos meus pais e irmã, por compreenderem a importância que este estudo tem para mim e pelo apoio empreendido.
- Às pessoas da minha família e amigos pela compreensão da minha “ausência” pontual por via do investimento no presente estudo.

- RESUMO

Este estudo tem como objectivo compreender como o simbolismo do feminino se expressa em mulheres homossexuais, feminino enquanto «Identidade Primária» e «Identidade Secundária», enquanto Ser, Ser Como e Ser Com..., através do trabalho do Aparelho de Pensar os Pensamentos enquanto processo que deriva das estruturas psíquicas do materno e do feminino, enquanto relação ♀♂.

Como base do presente estudo, partimos essencialmente das conceptualizações associadas ao pensamento psicanalítico Kleiniano e pós-Kleiniano acerca do feminino e do materno enquanto estruturas ou qualidades psíquicas evolutivas e transformadoras (sem no entanto descurar a perspectiva longitudinal e mitológica do simbolismo do feminino ao longo da História do Homem, bem como o pensamento psicanalítico de Freud e dos seus seguidores), bem como do pensamento psicanalítico sobre a homossexualidade feminina, em que autores tais com Florence Guignard, Green, Jean Bergeret, Stoller, Joyce McDougall e Socarides... constituem referências fundamentais, que frisam a importância do papel do materno-paterno ou da «bissexualidade psíquica» no devir feminino-masculino, da complementaridade entre estes.

Como forma de podermos corresponder aos objectivos a que nos propusemos neste estudo, recorreremos ao instrumento Rorschach, enquanto método e técnica, utilizando os fundamentos defendidos por Nina Rausch de Traubenberg, Catherine Chabert e por Emília Marques, em quem o Rorschach surge enquadrado nos modelos do pensamento e no modelo transformacional, que viabilizam a extrapolação do conteúdo manifesto da resposta Rorschach para o conteúdo latente - «O» (logo espaço viável para a compreensão da construção do feminino enquanto dinâmica flexível), abrindo a possibilidade de aceder à transição na acepção Winnicottiana - comunicação, reformulação, re-significação e simbolização das relações, das experiências e vivências internas fantasmáticas do sujeito, dando-nos conta da dinâmica de funcionamento mental do mesmo; à «mudança catastrófica» entre dicotomias segundo Bion, à caesura ou à transitoriedade - relação ente o Eu VS Outro, entre o Interno VS Externo, entre o passado VS presente VS futuro, dando espaço a um novo objecto, a novas vivências, enriquecidos, renovados, elementos infinitos e expansivos da mente; processo sempre pautado por movimentos regressivo-progredientes numa acepção supostamente adaptativa.

Para facilitar a compreensão da dinâmica anteriormente referida construímos um quadro síntese dos eixos de análise no Rorschach.

Efectuamos o estudo dos protocolos de três mulheres homossexuais, os quais nos permitem aceder à compreensão do feminino enquanto processo radicado nas relações objectais primárias,

em que o materno e o feminino assumem um papel estruturante enquanto relação ♀♂ ou «função α», assim como o paterno e o masculino – elementos de continuidade e expansão, de diferenciação, sexuação e complementaridade; e em que a estruturação do feminino se verifica progressivamente numa lógica de «circularidade interna», que supõe que a menina num primeiro momento se distancie do objecto primário para se afirmar enquanto Eu diferenciado – construção da Identidade do Eu, do «Ser» e do «Ser Como» (o Outro enquanto similaridade, mas não enquanto Igual), espaço do «materno primário», para mais tarde, seguir no sentido da construção e consolidação da sua Identificação sexual feminina adulta e supostamente heterossexual, espaço do «feminino primário» e do «Ser Com» (espaço do Diferente e Complementar).

A relação está pautada por determinados mecanismos de defesa, donde se destaca o da «Identificação Projectiva» como um processo de vinculação e de comunicação empáticas, dinâmica que veicula a significação e interpretação da vivência e experiência emocional no seio da relação objectal precoce, reactivada no devir da construção da Identificação sexual feminina adulta e no contexto da resposta Rorschach.

Desse modo, foi-nos possível verificar que o feminino, a «identidade secundária», o «Ser Com» dos sujeitos se encontram frustradamente construídos e consolidados, distantes da lógica do diferente e complementar, pois encontram-se pautados essencialmente por um registo narcísico de relação, marcado pela espelhagem e duplicidade, encerrado no «materno primário», sem movência de circularidade, em que o objecto primário exerceu precariamente a sua função continente, tendo tendencialmente o objecto paterno se mantido afectivamente à distância e numa atitude passiva, com a convivência materna – falência da «bissexualidade psíquica».

Assim, se os primórdios da vivência do sujeito, a sua «identificação primária», o «Ser» e o «Ser Como» se encontram atingidos, estes irão inevitavelmente interferir no devir da «identidade secundária», no «feminino primário», fazendo transparecer registos mais esquizóides e orais, próprios a uma «homossexualidade manifesta», em que brotam angústias maçicas, a «angústia corporal» e a «angústia de morte», ou registos mais anais ou de oscilação oral-anal/anal-oral, associados a uma homossexualidade menos arcaica, a «homossexualidade proto-edipiana», em que a conflitiva se encontra ao nível da intensa «angústia de castração».

- **PALAVRAS CHAVE:** Feminino; Materno/Feminino; Homossexualidade Feminina; Identidade do Eu/Identificação primária; Identidade Sexual/Identificação Secundária; Pensamento; Aparelho de Pensar os Pensamentos; Simbolismo; Rorschach.

- ABSTRACT

The aim of this study is to understand how the symbolism of the feminine – considering feminine as «primary identity» and «secondary identity», as «Self», «Self As» and «Self With» – expresses itself in homosexual women, using the work carried out by the Mechanism of Thinking Thoughts in the sense that it is a process which derives from the psychic structures of the maternal and the feminine, in terms of the ♀♂ relationship.

This study was mainly based on the conceptualizations associated with Kleinian and post-Kleinian psychoanalytic thought on the feminine and the maternal as evolving and transforming psychic structures or qualities (however, the longitudinal and mythological perspective on the symbolism of the feminine throughout Man's History was not disregarded, nor was the psychoanalytical thought of Freud and his followers), and also on the psychoanalytical thought on feminine homosexuality, in which authors like Florence Guignard, Green, Jean Bergeret, Stoller, Joyce McDougall, and Socarides are very important references, for they emphasise the importance of the maternal-paternal role or the «psychic bisexuality» on the feminine-masculine that is to come, in other words, on the complementary relationship between the two.

In order to achieve the aim set for this study, we made use of the Rorschach test, as a method and as a technique, while using at the same time the arguments put forward by Nina Rausch de Traubenberg, Catherine Chabert, and Emilia Marques, in which the Rorschach test is set within the models of thought and within the transformational model, all of which make it possible to extrapolate from the manifest content of the Rorschach response to the latent content «O» (therefore, a viable space to understand the construction of the feminine as a flexible dynamics) opening up the possibility of accessing transition in Winnicott's sense – communicating, reformulating, attributing new meaning and ascribing symbolism to relationships and to phantasmatic internal experiences and sensations of the subjects, thus showing us their mental work process dynamics – and also «catastrophic change» between dichotomies, according to Bion, caesure, and transitivity (relationship Self vs. Other, Internal vs. External, Past vs. Present vs. Future), thus opening up space to a new object, to new life experiences, to enriched and renewed infinite and expansive elements of the mind; a process with ever-present regressive-progressive movements in a supposedly adaptive sense.

For a better understanding of the previously mentioned dynamics we created an analytical grid in reference to Rorschach's parameters of analysis.

We studied the protocols of three homosexual women and were able to understand the feminine as a process rooted in the primary object relationships, in which the maternal and the feminine

take on a structure-inducing role in terms of the ♀♂ relationship or «function α», as well as the paternal and the masculine – elements of continuity and expansion, elements of differentiation, elements that sexualise, and elements of complementarity; and in which the structure of the feminine is progressively formed in a logic of «internal circularity» that supposes the initial distancing of the girl from the primary object in order to assert herself as a differentiated Self – construction of the Identity of Self, «Self» and «Self As» (the Other as similar, but not as equal), the «primary maternal» space, so that, later on, she can pursue the construction and consolidation of her feminine adult sexual Identification, supposedly heterosexual, the space of the «primary feminine» and of the «Self With» (a space for the Different and Complementary). The relationship comprises certain defence mechanisms, from which we emphasise the «projective identification» as a process of emphatic binding and communication, a dynamics that conveys the signification and interpretation of life and emotional experiences in the midst of the precocious object relationship, which is reactivated in the future construction of the feminine adult sexual identification and in the context of the Rorschach response.

Thus, we were able to observe that the feminine, the «secondary identity» and the «Self With» of the subjects are poorly constructed and consolidated, far from the logic of the different and complementary, because they essentially show a self-centred character to relationships, marked by mirroring and duplicity, contained in the «primary maternal», without any kind of circular movement, in which the primary object has precariously performed its container function. The paternal object displays a tendency to keep itself at a distance, in a passive attitude, in terms of affection, and this happens with maternal connivance – the failure of «psychic bisexuality».

So, if the subject's first life experiences, its «primary identification», the «Self» and the «Self With» are compromised, they will inevitably interfere in the «secondary identity» that is to come, that is to say, in the «primary feminine», thus making it possible for more schizoid and oral manifestations to surface – these manifestations are more in line with the so-called «manifest homosexuality», in which major anguishes emerge, «bodily anguish» and «death anguish» – or manifestations of a more anal character or in which there is oral-anal/anal-oral oscillation, much more associated with a less archaic homosexuality, the «proto-oedipal homosexuality», in which the conflict appears at the level of intense «castration anguish».

Key words: Feminine; Maternal/Feminine; Feminine homosexuality; Identity of Self/ Primary Identification; Sexual identification/Secondary Identification; Thought; Mechanism of Thinking Thoughts; Symbolism; Rorschach.

- INDÍCE

1 – INTRODUÇÃO ... 11

2 – PENSAR O FEMININO ... 19

2.1 – Introdução ... 20

2.2 – A evolução histórica e mitológica do conceito de feminino ... 21

2.2.1 – Síntese ... 42

2.3 – As teorias psicanalíticas clássicas da sexualidade como ponto de partida para a compreensão do feminino ... 44

2.3.1 – Freud e os seus “discípulos” ... 44

2.3.2 – Síntese ... 62

2.4 – A Reestruturação das concepções face ao Feminino em Freud e seus “discípulos” ... 64

2.5 – As Teorias Clássicas e Contemporâneas apologistas da Identidade Feminina enquanto Estrutura ou Qualidade Psíquica ... 66

2.5.1 – Os pensadores da Escola Inglesa ... 66

2.5.2 – O pensamento de Mélanie Klein ... 70

2.5.3 – O pensamento de Winnicott ... 79

2.5.4 – Os pensadores mais actuais do feminino ... 81

2.5.5 - Síntese ... 97

2.6 – Discussão e Conclusão ... 100

3 – COMPREENDER O FEMININO NA SUA EXPRESSÃO HOMOSSEXUAL ... 104

3.1 – Introdução ... 105

3.2 – A etimologia e definição da homossexualidade feminina ... 108

3.3 – A homossexualidade feminina ao longo da História ... 117

3.4 – O enquadramento das tipologias de homossexualidade segundo Freud, Socarides e J.-M. Quinodoz ... 122

3.5 – As visões evolutivas da psicanálise face à homossexualidade feminina - Da lógica perversa à lógica estrutural ... 129

3.6 – Da «Bissexualidade Psíquica» à escolha de orientação sexual definitiva ... 141

3.7 – Discussão e Conclusão ... 170

4 – O OBJECTIVO DE ESTUDO ... 175

5 - O RORSCHACH ENQUANTO MÉTODO ... 179

5.1 – Introdução ... 180

5.2 - Pensar as vicissitudes evolutivas do Rorschach - Dos primórdios à actualidade ...	182
5.3 - O contributo dos diversos autores ...	184
5.4 – Novos ventos de mudança – Os contributos das reformulações metodológicas de Emília Marques e da teoria de Bion ...	189
6 – O RORSCHACH ENQUANTO INSTRUMENTO E MÉTODO ...	199
6.1 – As potencialidades simbólicas do Rorschach - Da percepção à projecção ...	200
6.2 – As particularidades dos processos de «Instrução», «Inquérito», «Inquérito aos limites» e «Prova de escolhas» ...	204
7 – AO ENCONTRO DOS SUJEITOS ...	206
- Sujeito A ...	207
- Sujeito B ...	210
- Sujeito C ...	211
8 – OS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE ...	214
8.1 – Introdução ...	215
8.2 – Primeiro nível ou método de análise ...	219
8.3 – Segundo nível ou método de análise ...	231
8.4 – Terceiro nível ou método de análise ...	232
8.4.1 - A expressão do simbolismo do feminino em mulheres lésbicas no Rorschach a partir do construto «materno-feminino» ...	232
8.5 – Síntese ...	247
9 - A ANÁLISE DOS PROTOCOLOS DE RORSCHACH ...	252
9.1 – Protocolo A ...	253
9.2 – Protocolo B ...	269
9.3 – Protocolo C ...	287
9.4 – Discussão Geral dos Potocolos A, B e C ...	299
10 – CONCLUSÃO ...	316
- BIBLIOGRAFIA ...	327

- ANEXOS ... 335
 - Protocolo **A** ... 336
 - Protocolo **B** ... 338
 - Protocolo **C** ... 342

1 - INTRODUÇÃO

1 – INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui uma dissertação inserida no seio do Mestrado de Psicopatologia e Psicologia Clínica. A escolha da temática da tese deriva do interesse pessoal pelas diferentes expressões do feminino e igualmente pela necessidade clínica em compreender o feminino em pacientes homossexuais, área em que a existência de estudos parece precária. Se a literatura sobre o feminino e a homossexualidade isoladamente parece abundar (especialmente no masculino), a conjugação de ambos os temas é menos comum e actualizada, daí a pertinência pessoal-académica da escolha.

O objectivo prioritário prende-se com o revelar como a partir do processo resposta Rorschach é possível conceber como no feminino, na dinâmica da Identificação sexual ou na consolidação do «feminino primário», o processo do pensamento e de simbolização são largamente determinados pela estruturação e qualidades do materno e do feminino enquanto padrão de uma relação continente-conteúdo - ♀♂.

Optou-se por estudar o feminino na sua articulação dinâmica e dialéctica de relação do materno-feminino - par ♀♂, em mulheres homossexuais, uma vez que consideramos a construção da identidade secundária ou do «feminino primário» como um processo que nos permite compreender como ao longo do desenvolvimento da mulher esta conseguiu interiorizar, elaborar, gerir, negociar e reactualizar os elementos do materno e do feminino (elementos mobilizadores das qualidades continentes materna e paterna, do feminino e do masculino) no contexto das relações que foi estabelecendo com parceira/s; o trabalho do aparelho mental conceptual, no sentido da construção do «Ser», do «Ser Como» e do «Ser Com», ou da consolidação da «bissexualidade psíquica», ou ainda, da passagem da «posição esquizo-paranóide» à «posição depressiva», do «processo primário» ao «processo secundário»; como processos transicionais e expansivos ao encontro de «O»/realidade última, de novos objectos, de novos símbolos e significações.

Pretende-se pois estudar o feminino na homossexualidade feminina numa abordagem transformacional, procurando-se observar e compreender os movimentos adaptativos dos sujeitos na estruturação da sua Identidade do Eu e conseqüente e progressivamente na consolidação da Identificação Sexual definitiva e adulta.

Como base para aceder a tal objectivo, parte-se das conceptualizações associadas à teoria Kleiniana e pós-Kleiniana, defensoras de um espaço interno povoado de bons e maus objectos a serem integrados progressivamente pelo trabalho do pensamento e pelo labor do «luto» enquanto actividade reparadora e elaborativa; processo que deriva por sua vez, das estruturas do

materno e do feminino no seio das relações objectais primárias supostamente continentais e para-
excitantes, exercitantes da «função α » e da «capacidade de rêverie»; sem descuidar no entanto, as
teorias antecedentes, preconizadoras do «recalcamento», da castração, da «inveja do pénis», do
«masoquismo»..., logo, introdutórias da noção da falha, do negativo, como elementos a serem
resignificados e resimbolizados através igualmente do trabalho do pensamento.

Na lógica de continuidade do pensamento Kleiniano e pós-Kleiniano, surgem Didier Anzieu
(1974), Chabert (1987) e Esther Bick (1968), para os quais impera desde os primórdios um «Pré
Eu Corporal» ou uma «pele psíquica» que constituem as primeiras representações do corpo,
corpo simultaneamente físico e psíquico; que no início é sentido como parcial, fragmentado,
desrealizado (espaço onírico, de delírio, de alucinação e de intenso prazer), especular, numa
lógica da «posição esquizo-paranóide», onde impera o «princípio do prazer», o «processo
primário» e os mecanismos de defesa da «clivagem», da «identificação projectiva», da
«projectão» e da «introjecção», e progressivamente palco do trabalho do pensamento e do
«duto», corpo reparado, resimbolizado, ascendendo-e à «posição depressiva», ao «princípio da
realidade», ao «processo secundário» por via da função continente do objecto primário e dos
processos terciários na acepção de Green (1988), a um corpo enquanto unidade narcísica, uno,
total, onde se integram as qualidades positivas e negativas do objecto primordial numa lógica de
ambivalência, partindo-se para novas experiências, novos encontros, novos objectos,
enriquecedores e expansivos.

Incindindo sobre Hanna Segal e Bion, estes transmite-nos igualmente a ideia essencial que
remete para a importância do objecto maternal como condição para a conquista de um aparelho
para pensar os pensamentos flexível evoluído e adaptativo.

Assim, passa-se da pré-concepção enquanto universo de sensações e emoções desprovidas de
sentido, proto-pensamentos ou elementos β à «realização», sendo que esta última terá que ser de
natureza negativa, de modo a permitir a consciência da ausência do objecto e da não satisfação
total do sujeito por este (introdução do «princípio da realidade» e enfraquecimento do
«princípio do prazer») ou frustração, dando espaço a seu tempo ao pensamento, o qual só dará
origem a um aparelho de pensar os pensamentos propriamente dito ou a elementos passíveis de
serem utilizáveis pelo pensamento e pelo sonho mediante várias realizações negativas.

No seio desta teorização, o materno e o feminino deixam de ser considerados apenas como
meras instâncias de diferenciação sexual, para passarem a ser concebidos enquanto dimensões
associadas ao desenvolvimento das primeiras relações objectais, concomitantes identificações e
impacto/conflito estético do bebé no psiquismo da mãe (Meltzer); em que é suposto predominar
uma relação comensal, transformadora e empática, a qual permite o desenvolvimento dos
vínculos L, H, K – Amor, Ódio e Conhecimento e/ou dos respectivos equivalentes negativos (-

L, - H, - K – tripé pulsional negativo), o desintoxicar dos elementos evacuativos e sem sentido, das angústias intensas dos primórdios indiferenciados e o aprender pela experiência, em que sujeito e objecto crescem emocionalmente através do conhecimento mútuo.

De acordo com as considerações de Florence Guignard, o materno constitui-se enquanto espaço do conflito pulsional primordial, em que as pulsões do bebé sofrem uma mudança catastrófica nos primórdios, dirigindo-se ao corpo materno; materno este supostamente transformador e continente; enquanto que o feminino, concretamente o «elemento feminino puro» estrutura-se posteriormente, constituindo o «Ser», a «Existência», a identidade do sujeito, a univalência Eu/outro, em que o sujeito se diferencia progressivamente do outro e se confronta simultaneamente com o estar só, com a solidão, com sentimentos de perda, de «luto», de culpabilidade face ao objecto danificado em fantasia - segundo o ponto de vista de Winnicott. Assim, passa-se do «materno primário», do «Ser» e «Ser Como» ao espaço da triangulação, do desejo amoroso e sexual pelo outro diferente e complementar, ao «feminino primário», ao «Ser com», à heterossexualidade e à feminilidade.

O Roschach constitui o método e técnica escolhido para aceder ao objectivo de estudo, para tal foi sujeito a reformulações para que a informação captada fosse o mais representativa possível de «O» do sujeito.

Assim, recorre-se às concepções da Escola Francesa, que tem como representantes máximas Nina Rausch de Traubenberg e Catherine Chabert, bem como aos trabalhos de Emília Marques, os quais constituem uma reformulação de concepções ligadas às teorias Kleinianas e ao modelo das transformações preconizado por Bion (1965/1984) e aplicado pela autora à prática do Rorschach.

Assim, relativamente à mulher homossexual pretende-se compreender a partir do Rorschach como se reactualizam os primórdios da sua relação e problemáticas com o objecto primário no seio de uma relação com uma parceira, com o técnico e o próprio Rorschach; como se reencontra o sujeito com as dimensões do materno e do feminino, tendo-se acesso por sua vez, a partir dessas dimensões, à natureza do trabalho do pensamento por si edificado e como o sujeito se posiciona no seio de novos conteúdos, novas relações, novas experiências, que exigem imperiosamente, novas articulações, novas transformações, novas elaborações e novas vinculações afectivas a partir dos primórdios interiorizados como um padrão de representações e de funcionamento interno.

Segundo o ponto de vista das autoras anteriormente identificadas, a situação de resposta Rorschach, situação de encontro entre sujeito-técnico-mancha-instrução despoleta uma vivência

de caos emocional, de turbulência interna e de mudança catastrófica que conduz o sujeito a tomar mão de mecanismos adaptativos, tais como a «identificação projectiva» e a «clivagem», os quais fazem emergir no sujeito a necessidade de «transformação-criação» (Marques, 1992) e de resignificação simbólica destes sentimentos através do trabalho do pensamento, o que apenas se torna viável graças à suposta capacidade continente do técnico, que acolhe, transforma e atribui um sentido às respostas e à expressão do psiquismo do sujeito a partir da subjectividade do seu próprio psiquismo, num aqui e agora contextual, sem desejo e sem memória (q.b.), mas intersubjectivo.

Desse modo, o processo resposta Rorschach pode ser comparado ao processo do pensamento, assim como ao processo do materno-feminino; isto é, uma dinâmica de organização e transformação projectiva viabilizada a partir dos espaços internos do materno e do feminino, uma vez que a percepção da mancha equivale à captação de sensações ou impressões sensoriais, a uma pré-concepção, que o sujeito procura transformar através de uma resposta ou concepção, dando conta do trabalho ao nível do pensamento operado e da forma como foi capaz de decodificar o seu pensamento através da palavra.

A resposta é então um novo objecto recriado, emergente a partir da reformulação das relações do passado e dotado de uma multiplicidade simbólica, palco simultâneo de separações e integrações, de ganhos e de perdas, logo urgindo sempre um «luto» e reparação.

O feminino na homossexualidade feminina, captado a partir dos processos evolutivos de Identidade do Eu e de Identificação sexual, permite-nos averiguar a natureza do papel do materno e do feminino enquanto estruturas continentais na emergência do pensamento simbólico e abstracto e consequentemente enquanto responsável pela evolução progressiva do «Ser», do «Ser Como» ao «Ser Com»; finalmente o encontro com o diferente e complementar, relação objectal carregada de intenso desejo amoroso e erótico, relação heterossexual.

Os diferentes cartões possuem solicitações fantasmáticas e simbólicas múltiplas e ricas, dando conta de várias representações emocionais reactualizadas e reconstruídas no aqui e agora – nível de integração das imagos parentais, do «casal parental combinado»; natureza do materno e do feminino, assim como do paterno e do masculino; a imagem do corpo – corpo físico e corpo psíquico; identidade do Eu e o investimento da imagem de si; reconhecimento da diferença anatómica entre os sexos e respectivos modelos de identificação; relações de objecto de amor e de ódio, etc...

Segundo Chabert (1983), os processos reactivados no seio da situação Rorschach através de estímulos exteriores têm o seu alicerce na relação com o objecto primário, no espaço do «materno primário», espaço interno, logo, constitui-se como um processo intensamente

regressivo e potencialmente desintegrativo, mas igualmente progressivo e virtualmente integrativo dos modelos identificatórios, pois sugere um vaivém constante entre o passado e o presente, uma problemática de diferenciação fundamental, donde sobressai a marca da personalidade do sujeito, dos seus pontos vulneráveis, de «O».

Desta dinâmica emerge um conjunto complexo de representações arcaicas face ao corpo, à diferenciação entre Eu VS mãe/Outro, Interior VS Exterior, Superfície VS Profundidade, Figura VS Fundo, etc...

Assim, quando se analisa um protocolo deve-se ter sempre em atenção a dinâmica do funcionamento do sujeito na sua lógica de diferenciação entre espaços díspares, mas supostamente complementares, capacidades estas flexíveis, transitivas, adaptativas, estruturantes e construtivas - mundo interno VS externo (averiguar os mecanismos de elaboração e de integração da realidade externa no sistema interior de pensamento do sujeito), realidade VS fantasia... (devendo prevalecer a emergência da realidade, sem no entanto abdicar-se totalmente do espaço imaginário), procurando-se averiguar igualmente os contornos e os limites na abordagem formal, o posicionamento do sujeito face ao eixo central de simetria, a natureza dos conteúdos como expressão do mundo fantasmático e latente do sujeito...

O Rorschach permite pois aceder às qualidades psíquicas do sujeito, as quais são enriquecidas se prevalecer um movimento potencial criativo e transformador de procura de conhecimento global, do sujeito por si mesmo e na relação com o outro diferente, mas complementar; de aprender pela experiência e de procura da verdade última.

De modo a investigar os parâmetros aludidos ao longo desta introdução utilizamos os protocolos de três sujeitos do sexo feminino, de 21, 26 e 36 anos de idade, que se identificaram como homossexuais e que possuíam relações afectivas actuais com mulheres; procurando-se compreender o que uma mulher procura noutra mulher quando a escolhe como objecto privilegiado de escolha afectiva e sexual.

*

Num primeiro momento, procedemos a uma perspectiva evolutiva histórica e mitológica do simbolismo do feminino, logo de seguida, passámos a uma panorâmica da evolução do feminino ao nível do saber psicanalítico, em que se destaca, ora o pensamento de Freud e dos seus seguidores, em que sobressai a «inveja do pénis», o «complexo de masculinidade» e a «angústia de castração» como elementos remetentes para a falha, para o negativo, processos que exigem o trabalho transformador e simbólico do pensamento, ora as concepções mais recentes de Mélanie Klein, Winnicott e Florence Guignard, as quais relacionam o materno e o feminino enquanto estruturas ou qualidades psíquicas, como elementos que estão na base da estruturação do «Ser»,

do «Ser Como» e do «Ser Com», do «materno primário» e do «feminino primário», assim como na base do processo do pensamento e da capacidade de simbolização e de abstracção.

Num segundo momento, incidimos sobre o feminino na homossexualidade feminina, dando particular ênfase aos autores Stoller, Christian David, Colette Chiland, Joyce McDougall, Jean Bergeret, J.-M. Quinodoz e Socarides e ao processo de estruturação da identidade secundária enquanto processo transformacional, em que os objectos primordiais (materno-paterno) jogam um papel essencial enquanto modelos identificatórios e responsáveis pela qualidade de pensamento edificado pelo sujeito e pelo acesso ao feminino em relação plena com o masculino.

De seguida, procedemos à apresentação dos objectivos de estudo, em que associamos as teorias até então desenvolvidas sobre o feminino e o feminino na homossexualidade com o trabalho do pensamento e a dinâmica transformacional do processo resposta Rorschach.

Num quarto momento, debruçamo-nos sobre o Rorschach enquanto método inscrito nos modelos do pensamento e de transformação/significação, o qual viabiliza o acesso à natureza do organizador do materno-feminino e do pensamento em mulheres lésbicas.

Posteriormente, exploramos o Rorschach enquanto instrumento, dotado de dimensões objectivas e subjectivas, perceptivas VS projectivas.

De seguida, apresentamos os sujeitos, concretamente em aspectos relacionados com a idade, grau de iniciativa da vinda à sessão de psicologia, relacionamentos afectivos, aspectos diversos apresentados espontaneamente pelo sujeito nas sessões ou aquando do processo avaliativo (elementos verbais e não verbais)...

No momento posterior, procedemos à operacionalização dos eixos de análise para as respostas Rorschach que nos permitiram aceder aos objectivos concretos do estudo. Os eixos foram estruturados num quadro síntese e são os seguintes apresentados: a construção da imagem/representação de si (imagem corporal; identidade e investimento da imagem de si; reconhecimento da diferença dos sexos; modelos de identificação), a representação das relações (imagem materna; relações de objecto de amor VS ódio) e os processos de comunicação, transformação e simbolização (operacionalidade do Aparelho Mental Conceptual).

De seguida e antes das conclusões finais, procedemos à análise do protocolos, de forma individual e colectiva.

Após a análise dos protocolos, foi-nos possível chegar às seguintes conclusões:

↳ O processo resposta Rorschach permitiu verificar uma intensa fragilidade tanto ao nível da construção da «identidade primária» como da «identidade secundária», identidades estas interdependentes;

↳ Esta fragilidade remete claramente para a falência do continente relacional materno-feminino e materno-paterno, que conduz a uma relação de natureza narcísica, em que o sujeito parece “colado”/fixo ao «materno primário», ao «Ser Como» em espelhagem e mesmidade - Igualdade, à «bissexualidade psíquica», não se viabilizando um espaço para um terceiro (com a cumplicidade materna e paterna) para o masculino – diferente e complementar, elemento expansivo da mente, espaço do «feminino primário», do «Ser Com».

↳ O organizador materno-feminino não se revela operante na sua «função α », na capacidade de transformação e de simbolização, dando conta da precariedade do aparelho mental conceptual em fazer emergir o «Ser», o «Ser Como» e o «Ser Com» evoluídos e adaptados; promovendo o devir homossexual definitivo e defensivo e não meramente transitório, prevalecendo a puerilidade, a indefinição, passividade e desvitalização sexual.

2 – PENSAR O FEMININO

2 – PENSAR O FEMININO

2.1 - Introdução

O feminino gera desde logo uma certa controvérsia, uma vez que é comumente assumido ao nível do senso comum como tendo a mesma conotação que mulher e mãe. No entanto cientificamente é ponto de unanimidade que feminino não é sinónimo de mulher, nem de mãe, assim como mulher também não é sinónimo de mãe. Algumas qualidades exclusivas são socialmente atribuídas ao feminino, tais como um sexto sentido, a maternidade, a qual é considerada o ponto máximo do feminino, se esta não ocorre em determinada mulher é vista como sinal de inferioridade face às demais mulheres. Estes são de facto aspectos que pairam no imaginário colectivo, mas no entanto, podemos considerá-los bastante redutores.

Algo que nos parece óbvio é o facto de nem todas as mulheres serem femininas e de carácter factual, nem todas as mulheres serem mães.

O feminino tem sido ao longo dos tempos alvo de uma multiplicidade de significações, frequentemente contraditórias e divergentes entre si, que nos geram alguma apreensão, mas que consideramos estarem ao serviço de uma tentativa de demarcação clara das especificidades entre o feminino e o masculino.

Dos simbolismos que emergem do feminino podemos reter os seguintes – objecto destrutivo, temível, pouco afectuoso; mas igualmente, atraente, sedutor, erotizado e sexualizado, e por fim, objecto amante, continente, fértil e poderoso.

A compreensão do feminino em plenitude exige a sua interligação ou associação com os conceitos de materno, e por sua vez, com os conceitos de masculino e paterno; pois o feminino constrói-se no seio da dinâmica entre estas dimensões.

Ao longo deste capítulo, interessa-nos compreender, quer a evolução histórica do simbolismo e das representações do feminino, quer os construtos teóricos psicanalíticos acerca do feminino e acerca do materno, uma vez que ambos os conceitos constituem a base do aparelho mental conceptual, logo do ser pensante e a base que funda e estrutura a unidade do Ser, responsável pela identificação primária e posterior identificação secundária.

Para tal, iremos recorrer essencialmente às teorias psicanalíticas Kleinianas e pós-Kleinianas, pois estas exploram e fundamentam estes conceitos e viabilizam a compreensão dos mesmos enquanto qualidades psíquicas. No entanto, para que as teorias acima mencionadas sejam contextualizadas e melhor compreendidas urge partir das considerações freudianas.

2.2 - A evolução história e mitológica do conceito de feminino

Ao longo da história, encontramos uma multiplicidade de olhares sobre o feminino em diversos contextos do pensamento e da sua expressão - na literatura, na pintura, nos mitos (Filosofia, Antropologia), na religião, Psicanálise, etc., e é nesses domínios que vamos procurar encontrá-la na sua dimensão representativa, sendo dada especial ênfase; num primeiro momento, aos contributos históricos e mitológicos, e num segundo momento, ao pensar psicanalítico.

Empreender uma caminhada sobre o simbolismo do feminino ao longo dos tempos, desde a Antiguidade aos nossos dias, constitui uma tarefa complexa, mas extremamente interessante.

Antes de mais, o feminino surge impregnado da visão masculina do mesmo (é ele que o constrói e divulga, criando inevitavelmente estereótipos, preconceitos, resultado de resistências latentes, que levam a uma “pseudo-imutabilidade” histórica das representações), que contém em si uma “deformação” (transformação) do que constitui a mulher em si, motivada pela relação entre os sexos e pela dinâmica da sua conflituosidade ou defensibilidade. A visão masculina do feminino é inevitavelmente pautada pelo que de impensável e interdito permanece latente face à relação entre os dois pólos.

Não é no dito do homem que encontramos toda a verdade do simbolismo que este empreende face à mulher, do impacto que a relação constitui para si, mas precisamente no “não-dito” (“idioma genuíno/autêntico”), nesta região que permanece oculta e cujas profundezas torna-se um enigma desafiante a descobrir.

O simbolismo do feminino surge assim, como uma formação substitutiva de representações/imagens que se encontram no inconsciente acerca do mesmo (“inconsciente colectivo”), mas que por via da censura, defensibilidade, moralidade, conflituosidade, processo primário (representações primárias), apenas parte é filtrado – a parte que é possível “ver”, observar, pensar, porque não desorganizativa, destruturante para a Psique masculina e feminina.

Pensar o feminino implica ainda e necessariamente pensar igualmente o masculino, assim como o materno e o paterno, uma vez que este se constrói na relação com os demais.

A visão do feminino surge inicialmente sob a mão da imagem e discurso oral, somente mais tarde pela mão da linguagem escrita, sendo que todas estas formas se afastam do que permanece autêntico no inconsciente, instituindo um novo olhar, “mascarado”, dissimulado, interdito. Todas estas formas de expressão surgem portanto, muito antes de ser dado à mulher o direito ou esta reclamar o direito a ter voz sobre si mesma – afirmação do “Eu”. Até lá, é o homem que fala em “nós”, mesmo quando se refere a “elas”, quando assume a voz por elas.

Várias questões surgem de momento como evidentes: *Como ver o feminino sob a névoa da transformação simbólica empreendida pelo homem que o descreve e lhe dá voz? Como saber o que realmente se esconde por detrás deste simbolismo (dinâmica)? Que feminino é este que não consegue afirmar-se suficientemente para poder representar-se histórica e psicologicamente a si mesmo? Afinal, que olhar feminino surge ao longo da história sobre o próprio feminino? Os olhares que se constroem psíquica e historicamente sobre o feminino serão monossémicos ou polissémicos, coerentes ou contraditórios, estagnados, constantes ou evolutivos? Como foram realmente construídos os modelos do feminino (e do masculino, materno e paterno) que nos chegam hoje e nos são familiares; que mecanismos históricos e psíquicos estão nos bastidores dessa construção?*

Estas são algumas questões prementes, cujo desvendar iremos procurar avidamente responder na medida do possível, naquilo que nos parecer viável, pois parece-nos de antemão provável permanecerem espaços em aberto, inalcançáveis na sua totalidade (em profundidade), o que nos parece até natural, porque a história é densa e o campo psicológico é em certos pontos impenetrável.

*

Partamos pois do mito da criação do Homem e vejamos como surge o simbolismo do feminino na mesma.

Parece-nos óbvio o carácter mitológico e portanto simbólico, do casal Adão e Eva (nome que deriva de Mãe de todos), descrito nos escritos religiosos (Bíblia, Yahwiste [Deus Jeová]), havendo claramente uma “moralidade” a retirar à luz do que a sociedade de então constituía (Médio Oriente).

“Então Javé Deus modelou o homem com a argila do solo, soprou-lhe nas narinas um sopro de vida, e o homem tornou-se num ser vivente... (...) Não é bom que o homem esteja sozinho. Vou fazer para ele uma auxiliar que lhe seja semelhante... (...) Então Javé Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou então uma costela do homem e no lugar fez crescer carne. Depois, da costela que tinha tirado do homem, Javé Deus modelou uma mulher...” (Livro do Génesis, cap. 1, 2, In «Bíblia Sagrada»).

A ideia que ressalta é a de que a mulher é criada somente em função da solidão do homem no mundo (enquanto complemento afectivo; isto porque os animais, estes criados antes da mulher, não se proporcionam companhias plenas para o homem), bem como da necessidade de expansão do ser humano à face da Terra (reprodução; multiplicação).

A mulher é assim criada a partir do homem (para colmatar a sua incompletude), sendo uma extensão de si «de carne e osso» (costela), com o objectivo de ambos se constituírem «um só

corpo», unidos pelo amor no acto sexual de acasalamento, que pressupõe evidentemente a existência do casal.

No acto sexual em si não parece existir qualquer malefício, este é um aspecto puramente secundário – o consumo do fruto proibido «*agradável de comer e tentador para o olhar*» (III, 6) não possui qualquer transgressão à priori, desde que não interfira com o bem estar de outrém.

A transgressão está no facto do Homem querer ascender ao que é do domínio transcendental, de Deus – o ser capaz de distinguir e conhecer para além do bem, o mal, condição basilar do ser inteligente, adquirindo uma sabedoria que não era suposta para si. A transgressão dá-se no “cair na tentação” de ir pelo que a serpente apela – comer o fruto proibido da «Árvore-do-discernimento-entre-o-bem-e-o-mal», é a morte anunciada do homem (a morte do seu lado bom, despido do conhecimento mundano).

Conhecer implica não só ter a noção de, mas também ir ao encontro de, saborear, envolver-se com o mal, criando uma certa cumplicidade com o mesmo. O ser humano adquire a «malícia», sabe da existência da mesma em si, nos seus impulsos, e sabe que não pode escapar-lhe (à tendência para tal, pois o impulso é irresistível); passando também a ter a noção exacta do mal implícito quer nas pessoas, quer nos seus comportamentos.

O «mal» é portanto, algo que faz parte da natureza mais arcaica do homem, à qual ele não consegue, nem pode escapar. Trata-se da consciência da natureza «maléfica» universal do Homem pelo próprio Homem, da perda definitiva da sua “eterna” ingenuidade, que o fazia ser um ser “bom”, mas “ignaro”. Mas também se trata da consciência da impotência do Homem perante as diversas facetas da vida.

O pecado é aqui cometido pela mulher e é ela que alicia o homem para o mesmo, de forma tentadora, sedutora. Ela transgride e faz o homem transgredir – ela é um objecto pecador, logo ameaçador.

A partir de então, a visão *naïf* do mundo não tem mais espaço; a nudez, a sexualidade, a maldade, são um “peso” para o homem, um “peso” que acarreta e do qual não se consegue despir, pois é condição da sua natureza. É ele que constrói a sua própria “infelicidade”, e não há forma de lhe escapar. Nesta construção, o homem tem medo do castigo, que Deus o puna pela sua condição, pelo “pecado” capital, pelo desejo.

Temos desde logo, uma imagem dupla da mulher: por um lado, ela existe apenas para colmatar uma lacuna existencial do homem – o estar só e sentir-se só (se num primeiro momento, poderá parecer um objecto meramente acessório para o homem, num segundo momento, revela a importância que a mulher possui para o mesmo, a sua (inter)dependência); por outro lado, ela é responsável de todo o mal da humanidade, objecto em quem não se deve confiar, perigoso.

A Igreja enquanto órgão superior de expansão de representações “sagradas” (porque mobilizadoras da autoridade interna de cada ser humano) encarregou-se ao longo dos séculos

por transmitir uma imagem da mulher como um ser desprovido de alma, essa dimensão sobrevalorizada pelo campo religioso, como fonte de acesso ao transcendental, ao Divino.

Em Aristófanes/Platão, a concepção face aos sexos surge do seguinte modo: primordialmente não existia apenas o homem e a mulher, mas ainda uma terceira condição, a do andrógino (condição que suscitava desejo, mas igualmente temor, sendo este sentimento o que leva a transformações, mudanças, à separação e individualidade), que seria a união num só ser do homem e da mulher, portador dos dois órgãos sexuais e de quatro pernas e quatro braços, o que fazia com que estes seres tivessem uma mobilidade e capacidades globais extraordinárias. Tais aspectos, constituem como que uma surpresa para os Deuses, que sentem que estes seres são dotados de um poder ameaçador ou incontrolável, que urge pôr fim. É então que Zeus decide dividir os andróginos em duas partes, dando espaço ao Homem como hoje o conhecemos, bípede. Mas esta divisão deixou os novos Homens algo incompletos, com uma necessidade incansável de procurar a outra metade perdida. Assim, a metade masculina procura incansavelmente a sua parte feminina complementar, enquanto que a metade feminina procura inevitavelmente a sua parte masculina perdida, ambos movidos por um desejo de união integradora, uma nostalgia de fusão interdita.

Quando se encontra a metade perdida, então encontramos o amor, a necessidade de proximidade constante/regular, evitando-se a todo o custo a separação. Trata-se de uma necessidade do diferente, que ao ligar-se complementa-se. É a procura do outro “Eu”, de um *alter ego* (eu auxiliar, eu complementar), de um «parceiro», de um «companheiro».

Na antiguidade parecem proliferar uma variedade complexa de simbolismos face ao feminino, que advêm da representação face à *mulher mortal* e da representação face ao *deus feminino* (Deusa). Mesmo dentro destes dois grupos de concepções imperam registos diferenciadas do feminino.

Debruçando-nos sobre Ártemis (Deusa e virgem da caça; também conhecida como a Diana de Versalhes), esta apresenta características que nos fazem pensar que na Deusa muitas vezes as características associadas ao divino (masculino?) suplantam as características associadas ao feminino/mulher mortal, por exemplo, de acolhimento do sofrimento alheio. Este aspecto parece-nos claro, quando Ártemis não acolhe o sofrimento de Hipólito quando este padece vítima da maldição do seu pai. A esta não lhe é permitido derramar lágrimas, nem ter manifestações de afectividade próxima, criar qualquer vinculação significativa, como se a uma Deusa, não fosse permitido manifestações femininas comuns. Mas a questão do feminino não é clara, fazendo interrogarmo-nos nos seguintes termos: *Deusa (Theá) é tão somente o feminino gramatical de Deus (Theós) ou na Deusa, o feminino tem um papel preponderante, significativo? Vejamos ...*

Para os estóicos, o género parece constituir um simbolismo das características do divino, isto é, para eles apenas existe um deus – Zeus, não havendo nem deuses machos, nem deuses fêmeas, mas designações que se atribuem de acordo com as funções de cada deus. Essas funções remetem para uma única potência, a qual pode ter dois sexos – quando assume uma postura activa, estamos perante uma potência masculina, quando assume um registo passivo, estamos perante uma potência feminina. A potência recebe pois designações diferentes de acordo com as funções exercidas pela mesma.

Como refere Jean-Pierre Vernant “*os deuses helénicos são Potências e não pessoas*”, o que faz com que “*uma potência divina só tenha existência através da rede de relações que a une ao sistema divino, no seu conjunto*” (*O que é uma deusa?*, In «Modelos femininos do mundo antigo» (1990/1993), pp. 47).

Nos vários registos estudados historicamente, podemos verificar que existem deusas, mas o seu lado divino não se expressa no feminino. *Então, o que definirá e caracterizará uma deusa relativamente a um deus? Porque será que dizemos deusa e não deus?*

No Hino Homérico encontramos os seguintes versos esclarecedores: “*Théos: divino genérico para além da diferença entre os sexos; Théa: uma divindade feminina*”, o que nos faz pensar que a definição de deus está para além da classificação do masculino e do feminino e que na definição de deusa está implícita a carga do feminino, mas esta carga é na generalidade polissémica e nem sempre tão óbvia e clara como poderíamos supor encontrar e decodificar.

O caso de Hera e das deusas virgens são um bom exemplo do anteriormente aludido.

Na história de Hera, podemos verificar que esta assume várias funções/papéis ou simbolismos femininos. Ela é sinónimo de esposa madura, de renovação da virgindade (anual) e simultaneamente, a encarnação das diferentes idades da mulher (pois existem três santuários a ela dedicados, em que em cada um deles, Hera assume idades diferenciadas: rapariga jovem, mulher desabrochada/madura e viúva).

Quanto às deusas virgens, estas embora todas possuidoras do atributo da castidade, nenhuma dessas assume o mesmo tipo de simbolismo – Atena, constitui uma virgem guerreira, cheia de força; Ártemis, uma virgem caçadora, de natureza selvagem, mas simultaneamente protectora dos partos e Héstia, guardiã dos homens, quer no âmbito do lar, como ao nível da cidade.

Uma deusa não é, sem dúvida alguma, uma mulher comum. A beleza parece ser um dos atributos da deusa, tão desejado pela mulher mortal, no entanto, a dimensão materna, esta na generalidade das deusas, parece ausente. Em Hera a falência da maternidade é clara: ela empreende maus tratos a Hefesto; em nenhum registo surge explicitamente o seu amor pelo seu

filho Ares (por sinal parecido consigo); esta afasta Zeus na concepção dos filhos parecidos com ela, etc.. Perante estes aspectos, torna-se difícil compreender em profundidade a natureza do seu casamento, que é suposto e tido como protegendo. Relativamente às virgens, estas também parecem distanciar-se da condição feminina em algumas situações, pois parecem revelar-se insensíveis à atracção do desejo, entre vários outros aspectos.

Vejamos de seguida uma referência à dualidade anteriormente apresentada: “*Em primeiro lugar, a filha de Zeus portadora da égide, Atena de olhos garços. Ela não se compraz com os trabalhos de Afrodite de ouro: são as guerras que ela ama, e os trabalhos de Ares – lutas e combates; compraze-se também em trabalhos nobres. Ela foi a primeira a ensinar os artesãos que vivem na terra a fazer carros sumptuosos e carroças ornadas de bronze; (...) Afrodite, a sorridente, nunca pôde também submeter às leis do amor a turbulenta Ártemis das flechas de ouro: esta aprecia a arte do massacre das feras na montanha; (...)*” (O que é uma deusa?, In «Modelos femininos do mundo antigo» (1990/1993), pp. 44)

A própria Ártemis possui uma imagem algo contraditória, por um lado impera a imagem masculina de caçadora (que protege as parturientes, mas se for preciso também as agride até à morte com a força das suas flechas; agredindo também todo o homem que ouse olha-la nua nos seus banhos naturais), mas por outro lado, ela é a mais erotizada das deusas. Por seu lado, Atena parece ser a menos sexuada das deusas; Héstitia, uma deusa misógina, que ousa entrar no domínio exclusivo dos homens.

No mundo das deusas, o feminino é múltiplo, imperando uma pluralidade; trata-se de generalizar ou desindividualizar – “as deusas”.

A expressão e simbolismo do feminino parece pois significativamente mais complexa nas deusas (entre os deuses) do que na mulher mortal de então, sendo que a condição feminina “plena”, tal como a concebemos actualmente no mundo Ocidental, parece pertencer essencialmente à mulher humana mortal.

Para além da referência pertinente das deusas, importa aludir as Ninfas, grupo situado entre as deusas e as mulheres humanas (mortais). Como tal, são seres algo indeterminados, sendo bons exemplos das mesmas as Górgonas, Equidna (uma espécie de monstro feminino que vive longe, quer dos deuses, quer dos humanos), as Erínias, etc..

Importa ainda a referência a Gê, Terra monstruosa, imensa, indeterminada, onde imperam as Grandes Mães. Gê ou Geia constitui em si mesma, várias aspectos/dimensões simultaneamente: mãe, avó, parteira. É a “*Grande Deusa*”, a “*Terra Mãe personificada*”, ela é o símbolo do feminino, a metáfora da mãe humana, mortal.

A mãe é fortemente venerada pelos gregos, para eles ela existe e assume várias designações – Mêter, “Grande”, Dindyméne (de Díndimos), “Mãe dos deuses”, “Terra” (“a Grande Mãe dos deuses, Terra, a Negra”), “Grande Mãe, Deusa venerável” ou “venerável Mãe”, e ainda, “Cibele, Mãe dos deuses” (as últimas três expressões reportadas a Píndaro), etc.. A sua origem e inspiração parece ser asiática, micénica.

Dentre todas estas designações torna-se algo complexo compreender se todas elas são variações de uma mesma grande deusa materna, ou se se referem eventualmente a deusas diferentes.

Nas várias designações que imperam – Mãe, Mães, Grande Deusa, Grande Deusa Mãe, Deusa, alguns pontos parecem constantes: a Mãe significa a origem (Neolítico, Paleolítico), ela é a própria origem, o reino original, o princípio; a Mãe parece pertencer ao contexto universal, não existem limites na sua territorialidade; Ela se torna inteira/integra pela sua função maternal (*metra* – local do materno no corpo das mulheres); Ela constitui um corpo ilimitado (“lei do material-corporal” segundo Bachofen), e é neste facto que constitui o seu poder (ilimitada). Não hajam dúvidas de que a Grande Mãe é uma realidade, uma realidade enquanto “*coisa mental*” (Jung) ou “*ideia dominante*” (Bachofen), ou ainda, um “*conceito*” (segundo Pierre Lévêque); em suma, a Mãe é tudo ou o todo, ou melhor ainda, a “*Ideia reguladora de tudo*”, Ela é omnipresente, una, múltipla..

Para os Gregos, da Mãe advém as duas estirpes – os Homens e os deuses, ela é a base de tudo e de todos, o “supra-sumo”. E o cunho/demanda da Mãe surge nas várias deusas aludidas pelos gregos, enquanto pontos de referência de retorno à mãe (regresso ao estado primitivo) ou simplesmente como pontos de sobrevivência desta origem (da Mãe).

Vejam os vários exemplos, de todos eles as Deusas Virgens são um bom exemplo da sobrevivência da Mãe, mesmo quando nada parecia antever.

Atena recusa o casamento, mas é designada por “*mãe, senhora e guardiã*” do solo ático, ela recebe ainda a epiclese de Mêter pelo facto de ter concedido a fecundidade aos casais em período de oligantropia; Hera, por sua vez, apesar de ser comumente tida como pouco maternal, passa em algumas situações como Mãe.

Esta busca constante pela Mãe, parece-nos constituir uma busca pelo Eterno Feminino. Segundo Carl Gustav Jung (1875-1961) e Erich Neumann, autores que se debruçaram sobre o simbolismo da Mãe ao longo dos tempos, esta não é mais do que um arquétipo, isto é, uma imagem interna, interiorizada na Psychê, ela é o centro da organização psíquica, a base da unificação do homem. Ela é uma espécie de fantasma poderoso, com uma enorme capacidade de resistência e poder reconciliador (contentora, consoladora originária). Ela é também expressão inconsciente da nostalgia dos primórdios indiferenciados (simbiose; anaclíase), da Mãe e dos Filhos unidos num só, em que tudo parecia perfeito, a-conflitual, a homeostasia perfeita.

Mas Jung vai ainda mais longe na concepção da deusa-mãe, para o autor esta constitui a origem sobrenatural do mundo, sendo este conceito inato na mente do ser humano, mesmo antes deste nascer, ou seja, um arquétipo. O arquétipo diz respeito à memória herdada dos nossos antepassados, ao chamado “inconsciente colectivo”, que acaba por se expressar através de um conjunto de símbolos e “padrões instintivos”, que constituem o próprio arquétipo. Somente ao longo do desenvolvimento da criança esta poderá adequar este arsenal inconsciente de representações arquivadas (e disponíveis, actualizáveis) à realidade que vai vivendo, procedendo aos reajustes necessários. Segundo Jung o primeiro arquétipo, aquele que envolve a criança mais profundamente e se prolonga mais tempo ao longo da sua vida, é precisamente o da Grande Mãe ou Grande Deusa.

Esse processo apresentado por Jung é descrito em narrações míticas dos primórdios do mundo de uma forma profundamente interessante e rica. Esse tende a surgir como a consciência que emerge do caos primordial ou então como o somatório de todas as forças potenciais, personificado por Ouroboros, uma serpente que morde a sua própria cauda, instituindo um círculo sem fim, um retorno sobre si mesma infundável. Sob a égide deste círculo emanam/movimentam-se um conjunto de pares/dicotomias aparentemente opostas e inconciliáveis: masculino-feminino (simbolizados pelo círculo boca-útero que alberga a cauda fálica da serpente), produtivo-destrutivo, consciente-inconsciente, etc..

Nenhuma destas polaridades se distinguem inicialmente (nem sequer se poderá portanto falar em polaridades), nem em termos históricos (mitológicos), nem na mente da criança, constituindo-se enquanto totalidades caóticas. À medida que o tempo passa, as polaridades distingue-se nitidamente, dando espaço a opostos complementares, a uma classificação baseada em entidades boas e entidades más (a instauração do outro, do diferente), em entidades masculinas e entidades femininas.

Para o autor, a Humanidade, assim como a criança criam progressivamente na sua mente mítica três tipos de representações face à mãe: “*mães boas*” (Sofia símbolo de sabedoria; Virgem Maria); “*mães más*” (Górgona de olhar petrificante e cabelos emaranhados; as sanguinárias Sekhmet e Anath) e ainda, outro tipo de representações da mãe, desta feita, simultaneamente poderosas e ameaçadoras – as deusas ambivalentes, que são boas, mas também más, positivas, mas também negativas, como é o caso de Hera, Afrodite, entre outras.

Assim e para o autor Erich Neumann (estudioso de Jung), a figura da Grande Deusa, a imagem da mãe por excelência, prevaleceu primordialmente antes de qualquer representação do Pai (na Terra ou no Céu).

Em Freud, o poder da mãe, do matriarcado primitivo é basilar na vida da criança; mas quando se refere à Grande Deusa, este revela-se céptico e refere que esta pode ser uma formação compensatória do patriarcado triunfante, uma forma de “desalfandegar” a cultura dos pais,

sendo a Mãe portanto, sob este ponto de vista, uma construção secundária. Este ponto de vista, como é claro concluir, demarca-se do ponto de vista de Jung já aludido e também de Rank, que consideravam que existia uma mãe primitiva, a partir da qual emanavam representações ulteriores.

O adjetivo “Grande” parece expressar a *“superioridade do símbolo sobre toda a realidade”*. Ela é imutável, *“o nome do que reina para além dos nomes”*, Ela não tem de remeter necessariamente para uma maternidade efectiva.

Quando nos reportamos à Mãe, esta é símbolo do feminino singular que se torna genérico, sendo o plural colectivo.

Assim, o feminino (singular ou plural, genérico ou colectivo), só se poderá captar no impessoal ou “transpessoal”, sendo muito provavelmente o símbolo do impessoal feminino. Sendo este impessoal algo próximo do primordial, torna-se unificador, *“o feminino em acção como fenómeno reconciliador do mundo”*.

Como especifica Bachofen, nas culturas da Mãe, o que está presente é o *“carácter de sublimidade arcaica (...) sem considerações individuais”*.

A individualidade das deusas é suprimida, sendo que a identidade de determinada deusa é muitas vezes restringida a qualquer outra e esta outra a uma Mãe, fazendo-nos pensar que no mundo do feminino, as deusas são intermutáveis entre si (metamorfoses, equivalências, analogias), o que nunca acontece no mundo dos deuses masculinos.

Pandora é um bom exemplo de deusa que condensa em si esta “Mãe”, esta origem, o seu nome reenvia para *“uma dadora universal”*, sendo inevitavelmente associada à *“Terra-Mãe”*.

A Mãe ou Mães são edificantes, independentemente das suas qualidades mais bondosas ou temíveis, pois as mães têm sempre este valor construtivo, havendo uma pulsão para a Mãe poderosíssima, que está para além de todas as evidências históricas, concretas.

O poder da Grande Deusa está para além de todos os deuses, há um domínio da divindade feminina, isto é, antes de um “Deus-Pai” existe um “Deus-Mãe” (segundo Marie Moscovici), embora este aspecto possa ser discutível, pois para alguns autores (Walter Burkert), o que parece predominar é um politeísmo e não um quase-monoteísmo da Grande Deusa.

Debruçando-nos agora em Devi, Deusa devotada pelo Hinduísmo (Índia), é possível verificar outros simbolismos interessantes associados à Deusa. Devi é bondosa e terrível, omnipresente, sendo que o aspecto masculino da divindade é extremamente valorizado. Ela é a *“Mãe do mundo”*, embora não possua filhos; é antes de mais esposa e só secundariamente mãe. É de natureza bissexual, podendo revelar-se virgem (em momentos de retirada no seu templo) ou guerreira (pois derivando do macho, ela lhe retribui), como forma de libertar o deus puro da impureza que advém do combate com os demónios.

Na continuação da análise do feminino na Antiguidade interessa reportarmos de momento de forma aprofundada a um autor que se debruçou entusiástica e aprofundadamente sobre a temática – Johann Jakob Bachofen (1815-1887; jurista suíço), o qual escreve «*Das Mutterrecht*» («*O direito materno*»), que incide basicamente sobre esta época que ele concebe como o reino do “direito materno”, do poder da mulher, da ginococracia.

Se o que o autor descreve é pura “factualidade” histórica ou mitológica, é algo amplamente discutido, mas permanecendo um “beco sem saída”; o que nos interessa aqui é que ainda assim “o mito é uma «projecção» de um passado real” (Jane Harrison, pp. 579).

O cenário protótipo que o autor toma por base é o do Egipto (como modelo da generalidade histórica da época), por forte influência da obra «*Ísis e Osiris*» (tratado escrito em 120 D.C.) do filósofo Plutarco, este por sua vez, imbuído numa intensa influência platónica.

Para Bachofen, as origens da humanidade foram caracterizadas sob o primado de uma única força simbólica – a Mulher, a Mãe, a Terra (símbolo de fertilidade). A Mulher é vista apenas enquanto corpo materno que gera, à semelhança da Mãe-Terra, Mãe original. É pois a era do triunfo da maternidade, em que a «matéria», as «leis físicas» da existência estão acima de tudo. A própria mulher é concebida sob o signo da matéria, ela é matéria bruta em si (hýle), sendo-lhe associadas várias designações - «mãe», «ama», «lugar» da gestação, «sede», etc..

Nesta concepção, há como que uma redução da mulher-mulher e da mulher-sujeito/pessoa à sua dimensão material/física/fisiológica de gestadora.

Assim, subsistem dois princípios vitais, concomitantemente ligados e radicalmente distantes – o princípio feminino, simbolizado pela Deusa Ísis, e o princípio masculino, representado por Osiris (simultaneamente irmão e esposo de Ísis). De salientar, o facto curioso do próprio nome de Osiris ser uma conjugação entre “Os” e “Íris”; portanto, o nome masculino constitui-se tomando em si a designação do princípio feminino, revelando a sua (inter)dependência.

O princípio feminino é o que se ergue e impõe para além do masculino, remetendo para a «Mãe», símbolo da Terra fértil, produtiva; ela é o «receptáculo» corporal, a «matéria passiva» dos nascimentos, a que alimenta e envolve tudo e todos no seu seio. Este princípio basilar pauta o «matriarcado», o poder das mães, o «direito materno», a «ginococracia», nesta época longínqua, mas determinante na história do Homem.

O matriarcado refere-se tanto à superioridade da mulher (na família e sociedade), bem como à preponderância da ascendência materna (filiação matrilinear que remete para o facto do direito de sucessão ser reservado à mulher).

Para Bachofen, a história dos povos, à semelhança da história particular dos indivíduos, necessita imperiosamente de uma “mão” firme que os conduza/ dirija, “mão” simultaneamente apaziguadora e limitadora (autoritária) – a da Mãe.

O princípio masculino, por sua vez, é consubstancializado na representação de algo que dá forma e energia ao mundo feminino. Este constitui a energia activa, a «virilidade fecundante», «humidificante», a “semente” que dá espaço ao ser nascente. É essencialmente da ordem do espiritual puro (não corporal), da imaterialidade.

Para o autor, a relação “apaixonada” entre estes dois princípios é pautada por uma dinâmica conflitual, que nada mais é do que espelho da própria vida da humanidade.

Bachofen considera a Antiguidade como a infância do género humano, tendo sido claramente caracterizada por duas formas sequenciais e díspares de maternidade.

A primeira fase de maternidade (fase da maternidade primitiva; denominada por *Hetärismus*, que significa hetera, cortesã) era caracterizada pelo telúrismo, ou seja, pelo desregramento, ausência de limites e restrições no âmbito da sexualidade, reinando uma espécie de manifesta «promiscuidade animal», ditada por um sensualismo desenfreado, que não se coadunava com os preceitos do casamento, mas da “leviandade”. Os frutos da fecundação são essencialmente frutos materiais maternos, já que a identidade paterna subjaz no caos sexual. O «desejo afrodítiano» (derivado de Afrodite que concretiza os seus desejos sem quaisquer amarras a nada [nem ao casamento], nem a ninguém), a liberdade sem limites, é o que dita as condutas dos seres, de vivência nómada, sendo alheia a esta existência o «direito privado» (posses individuais).

Em termos simbólicos, a resistência a uma união durável entre a mulher e o homem é personificada pela figura de Górgona, que representa por sua vez, a parte nocturna da lua.

A imagem associada a esta primeira fase de maternidade no plano humano é transposta metaforicamente para o reino natural pelo autor, dando-nos a visão de uma flora densa, espontânea, sem entraves de qualquer ordem, que cresce ao sabor de uma fertilidade caótica. É pois o primado do «direito natural puro», do “materialismo desordenado”, em que a mulher é vista como perigosa, ameaçadora.

Na segunda fase da maternidade, entramos nos meandros de um «*materialismo ordenado*», no estágio «*cerealífero-conjugal*», em que a agricultura fundamenta a importância e continuidade do casamento. Embora alguns aspectos característicos da fase anterior ainda persistam (lei natural; materno material), importa realçar os novos ventos da mudança: a lei do «direito materno conjugal» e uma moralidade instituída e superior.

Neste estágio, o poder da Terra de algum modo começa a esvanecer-se, a Mãe já não possui um estatuto universal, sem limites e auto-suficiente, ela necessita imperiosamente do contacto com o “diferente” – o homem.

Agora a mulher imita a Terra sempre que se devota fielmente ao homem, dando-lhe frutos exclusivos e com identidade bem definida.

Neste estágio, tudo ocorre sob o signo da Deusa Deméter e da sua filha Core, a primeira associada à fertilidade da Terra e instituidora do casamento, da «monogamia» («monogamia demeteriana»), a quem a mulher deve jurar fidelidade conjugal.

Apesar do homem começar a ter nesta fase algum protagonismo, no entanto, não devemos esquecer que a mulher continua a ter o seu valor supremo, radicado essencialmente no facto desta se associar à Terra cerealífera, a qual é esfera sagrada, onde se movimentam procedimentos «mágico-religiosos» aspirantes a uma agricultura fértil, à volta da qual gira toda a vida do Homem de então.

A religiosidade que cerca a agricultura é toda ela essencialmente exercida pela mulher, a qual assume aos olhos da humanidade um poder e autoridade superiores.

É a essa fase demeteriana que Bachofen associa o «matriarcado positivo», a verdadeira ginecocracia, em que a Mãe domina sobre a família e o Estado.

A passagem de uma fase a outra, do Heterismo de Afrodite à ginecocracia de Deméter, passando pelo «Amazonismo», constituiu um imperativo de sobrevivência da mulher, um grito emergente em busca de uma mudança vital a caminho da civilização. Esgotada da selvajaria sexual primitiva empreendida pelo homem (que se supunha a ele próprio como mais potente em termos físicos), que a “consumia” sexualmente até à exaustão mesmo em plena vivência da maternidade, a mulher reclama os seus direitos e luta avidamente pelos mesmos, tornando-se naquilo que Bachofen designa de Amazona.

A Amazona tenta resistir determinantemente ao homem, fazer-lhe frente a todo o custo.

Esta é pois uma passagem fundamental à evolução da humanidade, em que a mulher caminha para uma maternidade organizada no contexto do casamento e passa de um registo de funcionalidade nómada a sedentária.

Para Bachofen, todo este espaço temporal que preencheu o matriarcado constituiu um nível primitivo, simples e inferior do desenvolvimento da humanidade, que dá lugar a um nível mais complexo, civilizado, superior. Este nível impera graças à disposição inata da mulher para a religião, para o sobrenatural, o divino, o irracional. Estamos perante um matriarcado fortemente religioso: Grande Mãe, Grande Deusa, Deusa Mãe, Terra Mãe.

Somente o patriarcado (advento do reino do Pai, do «direito paterno») vem marcar uma passagem fundamental na história da relação entre os sexos, só este marca um progresso, um

avanço, uma expansão: não é só o homem que passa de criança a adulto, é a própria humanidade que cresce, e se torna ela mesma madura, responsável. Esta transição, no entanto, não se efectua num ápice, mas progressivamente ao longo de um conjunto de fases, que correspondem simbolicamente ao percurso do Sol: na primeira fase, o homem, ainda menino, encontra-se sob o domínio materno; na segunda fase, este busca activamente uma mulher para realizar a sua paternidade em plenitude, um outro diferente, mas complementar, sendo religiosamente denominada a fase de «paternidade dionisiaca», pois Dioniso rege-se pela lógica de Deméter; finalmente, entra-se num período de oscilações, de avanços e retrocessos, de movimentos progredientes e regredientes.

Nesta última fase, dá-se como que um regressar às teias do heterismo, das Amazonas, o que revela segundo Bachofen «a dificuldade da natureza feminina em comportar-se com moderação e medida» (Georgoudi, Stella, «Bachofen, o matriarcado e a antiguidade: reflexões sobre a criação de um mito». In História das Mulheres, pp. 574), uma «bestialidade», bem como a fragilidade da instauração do poder do Pai.

Para que o poder paterno vingue urge que este se liberte definitivamente das amarras femininas e se torne puramente espiritual ou divino, o que só é possível graças ao Estado Romano e ao Apolo de Delfos.

Segundo Bachofen (sob forte influência Hegeliana), a passagem de um primado a outro dá-se mediante um «modelo cíclico», o qual é concebido como o encontro voraz entre dois princípios opostos, o «princípio masculino» e o «princípio feminino», donde emanam toda uma imensidão de pares antiténicos – matéria VS espírito, terra/lua VS Sol, escuridão VS luz, ocidente VS oriente, morte VS vida, etc.. A passagem marca a conflituosidade entre uma ordem social antiga para uma ordem social nova.

*

Face ao descrito anteriormente, compreende-se a força do anonimato da mulher real/mortal ao longo da história, e é de tal modo este anonimato da mulher (apenas existe no domínio da vida privada) forçado pelo poder do homem a vários domínios (centramento na vida pública marcada pelas dimensões política, social, religiosa, etc.), que esta apenas começa a fazer parte das estatísticas (recenseamentos) no séc. III D.C.

Quem não faz parte das estatísticas, que existência possui no imaginário de quem valoriza o recenseamento dos homens – o homem, ele próprio?!

No entanto, importa reforçar o seguinte: se por um lado a mulher real, quotidiana é “esquecida”, não lhe é dado poder nem voz, nem importância manifesta, por outro lado, impera uma dimensão em que a mulher surge de uma forma idealizada, símbolo inspirador de causas

políticas (símbolo da República Francesa), símbolo divino de protecção do Homem (Deusas; Virgens).

Parece-nos que as representações face ao feminino real e feminino ideal surgem de uma forma clivada, algo inconciliável, não integrada. Mas a natureza deste feminino ideal, remete certamente para alguma forma de valorização, de poder percebido pelos homens face ao feminino real, nem que seja numa dimensão profundamente inconsciente, de tal modo, que lhes suscita a “negação maciça” da sua importância. *Será receio do seu poder efectivo, receio de depender da sua dimensão protectora/contentora, afectiva, receio deste objecto intensamente sedutor e portanto, sentido como desviante e desviador?*

Ao longo do tempo parece existir manifestamente uma dominação masculina, o que nos faz pensar no seu pólo oposto, na subordinação, submissão (passividade) feminina. *Mas o que é que ela realmente “mascara”? Afinal, que poder é esse do homem e até que ponto a mulher não terá ela também algum poder (mais do que aquele que o homem nos querera revelar explicitamente)? Será ela vítima, ou esconder-se-á sob este manto (por receio ou “estrategicamente” por conveniência ou “ganho secundário”)? Que “prazer” poderão estar a ocultar? Ou será a sua vida apenas dever? O homem e a mulher não farão parte do mesmo “sistema a dois”, nem que de forma implícita, inconsciente?*

“O difícil é encontrar o seu lugar exacto e reencontrar a comunicação consigo mesmo. O todo está numa certa coalescência das coisas, na reunião de toda esta pedraria mental em torno de um ponto que está precisamente por encontrar.

Eis o que eu penso do pensamento:

CERTAMENTE A INSPIRAÇÃO EXISTE.

E há um ponto fosforescente onde toda a realidade se reencontra, mas transformada, metamorfoseada – e por quê? – um ponto de mágica utilização das coisas. E eu acredito nos aerólitos mentais, nas cosmogonias individuais.” (Artaud, Antonin (1991). «O Pesa-Nervos». Lisboa: Hiena Editora, pp. 56).

Tal como Antonin Artaud concebe e situa os verdadeiros conteúdos manifestos nas profundezas do pensamento, também é aí (no inconsciente do homem e da mulher e na sua confluência) que se poderá encontrar as teias que envolvem a concepção do feminino, num determinado ponto fulcral que faz colidir a realidade, reconstruindo-a sob um novo olhar, cujo véu se solta e nos deixará ver além da densa névoa o que nos poderia parecer inexistente.

Ao longo do tempo, a mulher real é definida pelo homem em função dos deveres que lhes são atribuídos, parecendo a sua vida resumir-se aos mesmos. Embora os deveres mudem com o tempo, a sua lógica tende a permanecer.

Jean-Jacques Rousseau refere-se à panóplia de deveres femininos do seguinte modo: *”Agradar (aos homens), ser-lhes útil, fazer-se amar e honrar por eles, criá-los quando jovens, cuidar deles quando adultos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida agradável e doce, tais são os deveres das mulheres em todas as épocas, e o que lhes deve ensinar desde a infância”* (Duby, Georges e Perrot, Michelle. *«Escrever as História das mulheres»*).

Estes deveres parecem-nos sugerir um forte papel maternal, um papel de utilidade familiar e social, uma lógica centrada no bem estar do homem, independentemente do bem estar da mulher (lógica de privação pessoal). Dela se espera que se mantenha virgem, não havendo espaço para exibicionismos corporais sexualizados, apenas o rosto se poderá revelar. Mas a mulher é sentida como de natureza dúbia: simultaneamente frágil, doentia, irreverente, havendo que a controlar. Ela poderá ser objecto tanto de temor como de atracção irresistível.

Durante muito tempo, a sua acção é uma acção em função do homem, ela actua mas parece-nos uma actuação especular, enquanto porta-voz da palavra do homem ou expressão agida das suas (pre)ocupações, anseios.

Vejamos como a mulher é concebida no olhar de Schopenhauer, de Napoleão e de Chamfort, olhares que a submetem a uma segunda condição.

“O simples aspecto da mulher revela que não é destinada nem aos grandes trabalhos intelectuais, nem aos grandes trabalhos materiais. Paga a sua dívida à vida não pela acção mas pelo sofrimento: as dores da maternidade, os inquietos cuidados da infância; deve obedecer ao homem, ser uma companheira paciente que o conforte. Não é feita para grandes esforços, nem para dores ou prazeres excessivos; a vida para ela pode decorrer mais silenciosa, mais insignificante, mais serena que a do homem, sem que ela seja, por temperamento, melhor ou pior. O que torna as mulheres particularmente aptas para cuidar, para dirigir a nossa primeira infância, é o facto delas mesmas se conservarem pueris, frívolas e de inteligência acanhada; conservam-se toda a vida umas crianças grandes, uma espécie de intermediárias entre a criança e o homem. (...) Por isso a natureza deu à mulher, como a qualquer outra criatura, armas e instrumentos necessários para lhe assegurar a existência e só durante o tempo indispensável, porque a natureza neste caso, procedeu com a sua costumada economia: assim como a formiga fêmea, depois da sua união com o macho, perde as asas que lhe seriam inúteis e até perigosas no período de incubação, assim também a maior parte das vezes, depois de dois ou três partos, a mulher perde a beleza, sem dúvida pela mesma razão. (...) Quanto mais nobre e perfeita é uma coisa tanto mais lenta e tardiamente se desenvolve. A

razão e a inteligência do homem só atingem pleno desenvolvimento aos vinte e oito anos; na mulher a maturidade do espírito dá-se aos dezoito anos. Por isso só tem uma razão de dezoito anos, estritamente medida. É esse o motivo por que as mulheres são toda a vida verdadeiras crianças. Só vêem o que têm diante dos olhos, agarram-se ao presente, tomando a aparência pela realidade e preferindo as ninharias às coisas mais importantes.” (Schopenhauer. *Ensaio acerca das mulheres*, In «Metafísica do amor», Lisboa: Cadernos culturais, Editorial Inquérito, pp.73-75).

“As mulheres não têm categoria” (Napoleão I)

“São feitas para negociarem com as nossas fraquezas, com a nossa loucura, mas não com a nossa razão. Há entre elas e os homens simpatias de epiderme, e muito poucas simpatias de espírito, de alma e de carácter. As mulheres são o sexus sequior, o sexo segundo, a todos os respeitos, feito para se conservar à parte e no segundo plano. Certamente, deve-se-lhes poupar a fraqueza, mas é ridículo prestar-lhes homenagem, o que até nos avilta aos seus olhos. (Chamfort)

Só muito lentamente a mulher é reconhecida e valorizada enquanto mulher, enquanto pessoa, tomando voz, a palavra da sua afirmação relativamente plena.

É através da arte (teatro – Shakespeare, Henry James, Racine, Balzac, etc.; escrita privada ou epistolografia; escrita religiosa; poesia; romance; etc..) que a mulher anseia fazer-se ver, ser visível, não escondendo a sua real identidade, mas revelando-a publicamente aos olhos da sociedade. Esse acesso é longo e difícil, pois a mulher tem de lutar avidamente até ter direito aos meios de expressão básicos a que desde muito cedo o homem tem direito (à linguagem verbal e não verbal), bem como a áreas impensáveis, como a ciência.

Mas o seu discurso permanece muitas vezes mediatizado pelo controlo do homem que o relata ou descreve. O mundo do homem parece pois ser um campo sagrado, em que a aproximação da mulher gera o conflito do permitido e proibido, fronteiras nem sempre fáceis de perceber.

As áreas de expressão da mulher chegam-nos muitas vezes aos nossos olhos repletas da metamorfose operada pelo interdito de muitas manifestações (contestação; ousadias sociais, etc..). *Como conseguir ler sob uma “linguagem outra”, uma “linguagem das aparências”?*

Durante quase toda a história e mesmo até início do séc. XX reina o essencialismo, a metafísica entre os dois reinos sexuais remete pois para uma diferenciação essencialmente natural entre os sexos.

Até aos sécs. XVII-XVIII, o prazer sexual da mulher era atribuído ao clitóris, não existindo palavra para designar a vagina, a qual era considerada como o sexo masculino virado do avesso.

É somente a partir do séc. XIX/XX que por via do feminismo a mulher se afirma, mas ainda aí não se pode esquecer a relação das suas manifestações (palavra, acções...), senão em relação a um outro fundamental nas suas relações, vida – o homem. *Do que é que ela fala quando procura afirmar-se? Afirmação em relação a quem e em que circunstâncias psicológicas, sociais?*

Ao longo do tempo, embora a mulher tenha empreendido um movimento de progressiva luta de reconhecimento e libertação, nem sempre este é conseguido efectivamente, verificando-se oscilações e ambivalências (ou clivagens?!) no que diz respeito à sua aceitação social enquanto mulher, feminino e pessoa.

Vejamos alguns exemplos: Aquando da Revolução Francesa a mulher encontra-se no seu apogeu em termos de valorização, pois esta é integrada no seio da relação dos sexos, e é esta relação que segundo Michelet constitui a harmonia das sociedades, o motor da história (ênfase na família enquanto estrutura de parentesco e sexualidade, aspecto francamente valorizado a partir do séc. XIX); é o apogeu do matriarcado (mas este parece não ter passado de um ideal sem concretas manifestações na vida real), mas simultaneamente, subjaz em termos antropológicos (influência de Bachofen) uma visão da mulher bastante contrastante com a visão do homem, essa é vista na sua dupla representação (natureza dual) de objecto maternal e selvagem (sexual, pecador); mais tarde, a mulher é como que excluída de todo o domínio científico, público e político, sob o impulso positivista (mas de uma forma artística ela permanece estampada nas paredes dos locais de culto), sendo muitas vezes objecto de sarcasmos desvalorizativos, de considerações piedosas.

Mas a história enquanto ciência (história enquanto ciência do Homem/social – história temática, não meramente factual, mas essencialmente “emocional”, social) começa cada vez mais a incidir sobre uma história do quotidiano social, das mentalidades e comportamentos “banais”/comuns, sendo que em 1968 (E.U.A.), sob o impulso da valorização das minorias, das margens sociais, começa-se a valorizar cada vez mais o domínio feminino e este ganha voz e afirmação.

É assim que se inicia a História da mulher, da mulher-pessoa, da mulher-ser psicológico, da mulher-mulher (ser feminino), com direito a um passado, presente e futuro, ao desejo (o que quer ser e fazer) e acção social. Finalmente são elas que lutam e agem para se conhecerem a si mesmas e se definirem e afirmarem perante o outro, a sociedade. São elas que começam a (re)construir a sua própria história.

Nesse processo, elas tiveram dificuldade em se situar, em se pensarem a si mesmas, em se encontrarem no meio de representações contraditórias elaboradas ao longo do tempo pelo homem. Também elas sentiram o peso da confusão mental em conseguir separar o “trigo do joio” – *em que medida elas eram elas mesmas (aquilo que representavam de si mesmas) ou a influência da contestação face às representações masculinas delas mesmas (revolta)?!*

No decurso do séc. XX, Simmel (filósofo e sociólogo) debruça-se sobre a diferenciação entre os dois sexos da seguinte forma: para ele as relações entre os sexos são basicamente hierárquicas e assimétricas. O sexo masculino constitui o humano universal, que regula quer o masculino particular, quer o feminino particular. A mulher possui uma relação com a sua feminilidade de carácter intrínseco ou centrípeto, esta não depende do sexo masculino, auto-define-se *per si*.

“*Uma mulher é mulher em si; um homem é homem na sua relação sexual com a mulher.*” (Collin, Françoise. *Diferença e diferendo*, In «História das mulheres – O séc. XX», pp. 317).

O homem, por sua vez, possui pois uma relação com a sua masculinidade que é de carácter centrífugo, pois só se poderá definir enquanto tal, na relação com um outro diferente – a mulher, o seu lado complementar.

A individualidade da mulher consolida-se na sua feminilidade, estas estão interligadas, e são independentes de outrem. Assim, quando a mulher procura um homem procura essencialmente um indivíduo, enquanto que o homem necessita do recurso à mulher, à sua feminilidade para poder afirmar a sua própria virilidade, sexualidade. Um homem não é homem sem o provar sexualmente na relação com uma mulher, de tal modo, que o recurso socialmente aceite à prostituição é um bom exemplo disso mesmo.

A mulher é desse modo, como que instrumentalizada para satisfazer uma necessidade de afirmação sexual do homem.

Assim, quando quer que a mulher procure a sua libertação, esta parece enfraquecer mediante as exigências masculinas implícitas.

Para Simmel, a harmonia entre os dois sexos parece algo difícil de alcançar, cada um tem uma forma específica de viver a sexualidade, parecendo a alienação de um sobre o outro, algo meramente inevitável.

Assumindo o autor que a cultura vigente é a masculina, *como poderão as mulheres após a sua libertação inserir-se nessa cultura? Criarão outra cultura (feminina?!), ou integrar-se-ão na cultura masculina? Qual será o “ponto óptimo”? Existirá a possibilidade de um “ponto óptimo”?!?*

Vejamos as vantagens e desvantagens da afirmação feminina para Simmel. Para o autor, essa poderia reverter positivamente num acréscimo de subjectividade, no entanto, reforça que não podemos esquecer que a mulher é um ser essencialmente virado para o seu próprio primado, fechada na sua “concha”, pouco aberta ao exterior e insuficientemente inclinada sobre o outro (como ocorre com o homem).

Em suma, para Simmel impera uma cultura masculina, em que o dualismo sexual subsiste sob a lógica simbólica do masculino, em que o individual do homem é universal e o individual da mulher é apenas individual, particular.

Um autor que seguiu a linha de pensamento de Simmel foi o espanhol Ortega Y Gasset (filósofo), no entanto, este excede-se na sua posição essencialista e sexista sobre a diferenças entre o homem e a mulher, marcando não uma evolução do saber, mas sim um claro retrocesso. Ortega concebe a mulher como um ser claramente inferior ao homem, uma inferioridade que é para ele «constitutiva». A mulher é claramente um ser repleto de ambiguidades, confusões e incertezas desconcertantes, que deve precisamente aceitar a sua inferioridade, sem quaisquer ambições de ascender a uma igualdade com o homem, mas sim viver em função do mesmo, pois a sua verdadeira missão é “dissolver-se” no outro, para bem do outro e não tanto de si. Tudo é visto um tanto sob a perspectiva do benefício masculino, como se a mulher não tivesse direito a ter uma existência para si, antes de ter uma existência para o outro sexuado (ou em paralelo). Mesmo a existência para o outro, não se verifica numa lógica de alteridade, mas sim numa lógica “egoísta”, em que o homem utiliza a mulher como objecto/produto do seu bel-prazer ou satisfação. A mulher só se evidencia enquanto (pseudo)complemento do homem naquelas características que remetem mais para usufruto do mesmo: beleza curvilínea, «voluptuosidade», ser com uma capacidade desmedida para amar..

As diferenças entre os sexos são concebidas por Ortega como expressão de uma formação cultural (ponto de vista que marca, sob o nosso ponto de vista, uma evolução), em detrimento da teoria biológica (já que esta nos mostra a indiferenciação sexual primitiva do embrião, que poderá direccionar-se posteriormente de forma não tão precisa como poderíamos supor de antemão, dando origem a mulheres com características masculinizadas e origem a homens com características efeminadas).

Perante as considerações anteriormente expostas, depreende-se que em nenhum momento Ortega se revela sensível à natureza da dinâmica de poder instituída entre o sexo masculino e feminino e ao quanto a mulher luta (ainda que se revele a mor das vezes uma luta sem ganhos claros e práticos) pela sua justa afirmação enquanto ser e mulher. O autor considera ainda, que o

cunho social que justifica a diferença entre os sexos, é amplamente instituído sob a convivência da própria mulher. *Será assim realmente?! Talvez em parte..., mas será assim até a um nível tão profundo? Não seria uma forma de “masoquismo” extremista, perpetuado até à exaustão, de forma que acabaria por perder sentido?!*

Vejamos uma descrição de Ortega sobre a mulher e o que esta simbolizava para si:

“Em presença da mulher, nós, os homens, pressentimos imediatamente uma criatura que, no plano próprio da humanidade, é de uma posição vital bastante inferior à nossa. Não existe nenhum outro ser que possua esta dupla condição: ser humano e sê-lo menos que o homem.” (Collin, Françoise. *Diferença e diferendo*, In «História das mulheres – O séc. XX», pp. 318).

Max Scheler surge distanciando-se um pouco de Ortega em certos pontos, evidenciando um novo olhar sobre o masculino e feminino. Para o autor, a tecnologia actual (sistemas de produção, fundamentados nos meios e fins a alcançar e sustentados, por sua vez, numa enorme vontade de rendimento capitalizável) poderá pôr em risco as potencialidades do feminino a vários níveis, concretamente a sua enorme capacidade natural de ligação ao outro através da «simpatia», do afecto, da sexualidade, da procriação. Todas estas capacidades das mulheres existem *per si, à priori*, e manifestam-se e irradiam espontaneamente, sem quaisquer “artifícios” associados.

Scheler alerta para a necessidade de existir uma «fusão cosmovital», em que a realidade afectiva (a importância do mundo feminino sobre o plano comum da humanidade e ecologicamente) funcionasse paralelamente à realidade instrumental moderna, podendo mesmo transpor-se amplamente a esta.

Para Scheler, a diferença entre os sexos não constitui uma mera questão de âmbito psicológico, mas transcende-o até ao âmbito social.

Vladimir Jankélévitch evidencia-se com uma representação das relações algo baseada nas de Scheler, mas vai além desse, com muitas construções pessoais, que vêem as relações entre os sexos marcadas por um distanciamento significativo, mas inerente ou natural às relações.

De um lado, encontramos o masculino, considerado o génio do espírito, o reino da virilidade, que possui capacidades construtivas/edificantes (arrisca e empreende), e se destrói é para voltar a construir ou a reconstruir, sempre numa lógica de dinamismo, mobilização do espaço externo; de outro lado, encontramos o feminino, concebido como o génio da vida, da constância, da continuidade, da protecção, da conformidade à lei (mais na lógica da legalidade do que da legitimidade) e da beleza em si.

O feminino é pois, a «forma sem força», enquanto o masculino constitui a «força sem forma», tornando-se assim ambos complementares, necessários um ao outro, para existir um verdadeiro

“encaixe” dos sexos e representações. Esta concepção de complementaridade reenvia para a relação entre os sexos como um espaço de «tensão contraditória e de ambivalência».

2.2.1 - Síntese

Da análise da representação evolutiva do simbolismo do feminino há a sublinhar que esta não se constitui, nem nunca se constituiu, enquanto universal, única, mas reina e sempre reinou, uma polissemia representacional que deve ser vista na sua enorme riqueza enquanto expressão da complexidade da Psique do Homem, tanto na sua dimensão individual, como na sua dimensão cultural, social ou colectiva.

O feminino na sua relação com o masculino surge repleto de similaridades, mas igualmente de divergências, contradições, oposições, confusões, que parecem dar conta de uma complementaridade entre sexos por vezes difícil de integrar – ora a relação se imbui de atracção e de proximidade, ora de afastamento e necessidade imperiosa de separação, pelo receio de que a relação possa fazer perder aspectos da identidade do Eu e da identificação sexual (o mito de andrógino é um bom exemplo disso mesmo).

Mas à medida que caminhamos na História, verifica-se que a mulher ocupa um espaço privilegiado no imaginário colectivo (do homem), independentemente da postura manifesta face à mesma; sendo que conforme se dá a tomada da humanidade enquanto civilização, assim como a evolução das dimensões sociais, culturais e económicas das diferentes sociedades, torna-se cada vez mais importante tornar claro as especificidades do feminino e do masculino, a afirmação das suas semelhanças e das suas diferenças; processo esse que implica constantes reafirmações e reformulações do feminino e do masculino e da sua inter-relação em direcções e simbolismos diversificados (movimentos de oscilação regressivo-progredientes), que acima de tudo visam demarcar incisivamente as diferenças.

Assim, ao longo da história, por vias dos mitos e dos ritos encontramos um feminino associado, quer ao pecado, transgressão, descontrolo, irreverência, selvajaria, morte (mulher caçadora, guerreira...) - feminino este ameaçador, objecto de desconfiança e de perigo; quer à fragilidade, astenia (doença), passividade, dever e irracionalidade (desprovido de alma); a base da solidez familiar, protector, guardião, mas também alvo de atracção, erotismo, sexualidade.

Quanto ao masculino, este aparece como aquele que dá forma e energia ao mundo feminino, sendo energia activa, o símbolo de virilidade fecundante (semente), o espaço do imaterial; ainda, aquele que deseja o feminino e a complementaridade com o mesmo, mesmo que negando e dissimulando insistentemente estas necessidades (desde Adão) e tomando mão da dominação, do poder, da contrariação, da humilhação, da onipotência sobre o feminino.

O materno é palco de fantasias em redor do corpo fecundo e fértil, à semelhança da “*Mãe terra*” – o materno é pois a matéria que envolve e contém tudo e todos, que alimenta, nutre. Constitui-se enquanto espaço edificante e construtivo independentemente das suas qualidades (suposta e evolutivamente boas → más → ambivalentes).

A partir da mãe, não só a criança, como a própria humanidade conseguem evolutivamente ascender a polaridades ou opostos complementares – Eu VS outro, inconsciente VS consciente, feminino VS masculino..., com passagem do caos afrodisíaco, do Amazonismo (contextos do patriarcado), ao espaço da moral, em que se abre caminho para o diferente (para um terceiro elemento estruturante da mente do feminino porque separador da fusão materna e instaurador da noção da realidade), para o papel do homem enquanto paterno (patriarcado). Este processo é pautado por conflitos que geram oscilações entre registos evoluídos e registos precários de uma forma cíclica, mas tendencialmente progrediente.

Recorrendo às palavras de Maria Emília Marques acerca da função do pai “(...) *paterno, ele cumpre o papel de separador, reparador e mediador, papel que permite a transição, a continuação, a continuidade e a realização, nem que para tal seja necessário o recurso à força, isto é, ir contra.*” (*Feminino, fecundo e finito, Expressões nos Rorschach de adolescentes*. In *Análise Psicológica* (1996), 1 (XIV), pp. 49).

Por fim, consideramos esta incursão pela História como extremamente fecunda nas considerações sobre o feminino *per se* e tanto mais, que nos parece abrir vias de compreensão face à contextualização das teorizações psicanalíticas sobre o feminino, pois estas apesar de científicas não conseguem divorciar-se totalmente da influência do contexto social e histórico da época em que foram edificadas.

2.3 - As Teorias Psicanalíticas Clássicas da Sexualidade como ponto de partida para a compreensão do Feminino

2.3.1 - Freud e os seus “discípulos”

A Psicanálise surge no início dos séc. XX (por Freud, 1910) como uma nova ciência, a ciência do inconsciente por excelência, dando-nos a noção de um continente até então oculto à percepção humana, de um novo estrato do real.

Desde logo, uma questão se impõe: *Qual o contributo que a Psicanálise oferece em pleno séc. XX à visão do feminino e à representação da relação entre o feminino e o masculino, e entre este e o materno e paterno? Trará novos ventos de mudança? Destacar-se-á das visões do feminino anteriores advindas do impacto dos mitos, dos ritos? Se sim, em que aspectos concretos?*

Ainda: Em que medida é que a descoberta do inconsciente e o seu impacto nas representações conscientes vai influenciar as visões do feminino? Desbravará o inconsciente concepções “mascaradas” do consciente face ao feminino e masculino? Será possível a travessia desta «caesura»? Veremos...

De qualquer modo e numa perspectiva evolutiva, estamos pela primeira vez na História em contacto com um domínio da mente – o inconsciente, que nos poderá descodificar as infinitas representações culturais, sociais face à mulher, ao homem, ao feminino, ao masculino, ao materno e ao paterno; assim como contextualiza-los enquanto dimensões da psique humana.

Se algo nos poderia alguma vez aproximar das “origens possíveis” (porque imensamente inter cruzadas pela defensibilidade natural do Homem) [«O» ou «verdade última» na acepção Bioninana] das representações sociais acerca da feminilidade, este algo parece-nos ser pois o inconsciente, terreno denso, superpovoado de complexidade, mas não deixando de ser o enigma a seguir avidamente (pelos cientistas e por nós).

Mas importa frisar que para além do inconsciente, a sexualidade foi também a grande inovação de Freud, a qual consideramos importante referenciar e explorar na medida em que contribui, à sua maneira, para a compreensão das teorias contemporâneas da feminilidade.

Com Freud, a sexualidade sai do campo privado para a “praça pública”. Essa foi vista com dissabor pela sociedade de então, que a concebia como algo transgressor, uma vez que a sexualidade começava a não ser exclusividade do casamento, nem sinónimo de procriação

(lemas do modelo Cristão-Judaico normativo), mas sim uma verdadeira “perversão”, em que as marcas da autonomia, do desejo e do prazer estavam directamente associadas.

Se na época era tolerável a associação freudiana da sexualidade à etiologia das «doenças nevrosas» (por via do inconsciente), a associação dessa ao prazer era impensável, um escândalo na ordem do dia. Apesar de tudo, perversão ou talvez não, a liberdade sexual (assim como o poder intelectual) continuam a ser considerados sob uma perspectiva social um terreno de exclusividade masculina, embora Freud tenha procurado explorar activamente o campo da sexualidade feminina e difundido a existência do prazer sexual feminino (e os consequentes estragos psíquicos da sua “camuflagem”).

Freud vem pois pensar a sexualidade sob uma nova lógica: no lugar do divino vem descortinar os “ocultismos” e subtilezas do inconsciente e no lugar do terreno cultural, vem encontrar e explorar activamente a moralidade interna.

A moral sexual estava então imbuída nas noções divinas ou transcendentais de bem VS mal (mal este construído pelo próprio homem face a si mesmo, destruindo o desejo em si), sendo facilmente alvo de punição social quando tida como “transgressora” ou “libertina”.

Freud procurou em toda a sua obra que a sexualidade/prazer, assim como o lugar do desejo, se deslocassem do âmbito religioso e dos alvos da punição moral cultural; ideal esse que lhe valeu uma enorme coragem e solidão, e que somente viria a ser reconhecido universalmente após a sua morte.

Segundo o autor, toda a cultura ocidental da época estava marcada pelo “sufocamento das pulsões” (alienação), não havendo espaço para o prazer sexual, o que motivava e acentuava o medo de viver e o temor face à morte («angústia de morte»).

O que Freud nos vem dizer é que a sexualidade é o “forte” que nos ajuda a dar espaço ao vazio interno, permitindo ver a vida com outros olhos, com um olhar colorido, emocional, afectivo e que imbuídos na liberdade de Ser, no amor, nos sentimos mais fortes perante a morte (podendo até esquece-la por momentos) e o “negativo” da vida (que teima em acordar a voz da morte, das nossas limitações).

Vimos então o epicentro da teoria psicanalítica residir na estruturação edipiana do inconsciente, a qual é de natureza transcultural, em que a família nuclear toda ela faz uma aprendizagem da sua realidade sexual e concomitantemente da natureza dos seus papéis/identificações feminino e masculino, materno e paterno. Esta aprendizagem possui nuances diferenciadas de acordo com o sexo da criança.

Assim, é a lei do pai e a constatação das características morfológicas da criança, que lhe permite aceder à maturidade sexual e ao simbólico.

Tanto os meninos como as meninas conseguem distinguir-se racionalmente (ao nível da consciência) de forma relativamente fácil sob o ponto de vista anatómico, biológico, desde tenra idade, o mesmo não acontece sob a perspectiva psicológica ou mental, processo este mais exigente, mais complexo e de natureza profundamente latente.

Tal como Freud considerava, esta fase precoce era quase inatingível - *“está perdida num passado tão brumoso, tão obscuro, tão difícil de ressuscitar que parece ter sucumbido a alguma repressão particularmente inexorável.”* (citado por Chasseguet-Smirgel, Janine (1975). In «A sexualidade feminina», Brasil: Editora Vozes pp. 55).

Relativamente ao menino, embora este não seja objecto privilegiado do nosso estudo, importa referir alguns aspectos significativos, uma vez que Freud parte do masculino para o feminino e também porque o feminino constrói-se sempre em relação ao seu oposto complementar – o masculino.

“Examinando as primeiras formas mentais assumidas pela vida sexual das crianças, habituamo-nos a tomar como tema das nossas investigações a criança do sexo masculino, o menino.” (Freud, Sigmund (1925). «Algumas consequências psíquicas da distinção anatómica entre os sexos», Imago Editora, pp. 310).

Inicialmente na vida do menino, este acredita que tanto ele como a menina possuem um pénis, sendo este um órgão universal.

O «complexo de Édipo» demarca-se pela intensa paixão do menino face à mãe, pelo intenso desejo de a satisfazer libidinalmente com o seu pénis (tal como imagina que o pai faz com a mesma) e pela rivalidade face ao pai, o qual inveja por possuir a mãe.

Nesta fase, o pénis é um órgão que confere ao menino um forte prazer por via da manipulação masturbatória, sendo o centro da sua vida psicosexual, mas a “ameaça verbal”, a proibição do acto pelos adultos fá-lo temer a perda do mesmo.

Quando se depara com a vagina de uma menina, o menino pensa que esta é dotada de pénis só que este ainda não se desenvolveu como é suposto existir nas mulheres adultas, proeminente. Somente quando descobre que a mãe não é dotada naturalmente de um pénis, sente a ameaça e a consequente «angústia de castração», pois acredita que pode ser realmente castigado, severamente punido pelas suas fantasias masturbatórias e ficar igual às mulheres, sem o seu precioso pénis. É altura do término do «complexo de Édipo» pela ameaça de castração (em que a criança aceita a “lei da proibição”), em que a criança se afasta do objecto materno, mesmo

tendo que abdicar deste enquanto objecto sexual. Sendo assim, o «complexo de Édipo» no rapaz constitui uma «formação primária», pois antecede a «angústia de castração».

Assim, somente a partir da renúncia face à mãe enquanto objecto sexual e do reconhecimento da “lei paterna”, cessa o amor edipiano e o menino encaminha-se face à constituição e afirmação da sua identidade masculina.

“Quando um menino pela primeira vez chega a ver a região genital de uma menina, começa por demonstrar irresolução ou falta de interesse; não vê nada ou rejeita o que viu, abrandando a expressão dele ou procura expedientes para colocá-lo de acordo com as suas expectativas. Somente mais tarde, quando possuído de alguma ameaça de castração, é que a observação se torna importante para ele; se então a relembra ou repete, ela desperta nele uma terrível tormenta de emoção e o força a acreditar da ameaça de que havia rido até então.” (Freud, Sigmund (1925). «Algumas consequências psíquicas da distinção anatómica entre os sexos», Imago Editora, pp. 313-314).

No caso das raparigas, entramos nos meandros do complexo de Electra, esta terá de se desvincular do objecto inicial materno para aceder a um objecto do sexo oposto (em primeira instância o pai, mais tarde um namorado, um companheiro).

Sendo assim, a menina terá comparativamente ao rapaz, um trabalho suplementar e de natureza mais sofredora, pois terá que se separar, de se distanciar do seu objecto original para poder caminhar na trajectória da sua feminilidade, o que para o rapaz se torna desnecessário (o seu objecto original é simultaneamente aquele que terá de conquistar no percurso da sua masculinidade).

“Nas meninas o complexo de Édipo levanta um problema a mais que nos meninos. Em ambos os casos, a mãe é o objecto original...” (Freud, Sigmund (1924). «A dissolução do complexo de Édipo», Imago Editora, Vol. XIX, pp. 217).

A problemática pré-edipiana na rapariga é pois marcada pela necessidade de troca de objecto, concretamente libertação da fixação/dependência à mãe, bem como pela “troca” (passagem; transposição) de órgão, isto é, passagem do clitoris à vagina. Passagens que exigem maturidade psíquica, o acesso à sublimação, à simbolização.

Este processo provoca inevitavelmente angústia/sofrimento na rapariga, frustração, perda, o que podemos considerar actualmente como um factor positivo na tomada de consciência de si enquanto sujeito separado do outro e tomada de consciência de si enquanto sujeito que se posiciona libidinalmente face a um outro diferente, mas complementar – o sexo oposto.

Aludindo a uma citação oportuna de Nasio: “*A feminilidade é, definitivamente, um constante devir, tecido por uma multiplicidade de trocas, todas destinadas a encontrar para o pénis o melhor equivalente*”. (Nasio, J. D., *O conceito de castração*, In «Os sete conceitos cruciais da Psicanálise», Brasil: Jorge Zahar Editor, pp. 21-22; citado por Arantes Carvalho, Vilma, In «O querer feminino» – monografia apresentada no 2º. Ano do curso de Psicanálise, seminário “Complexo de Édipo”, Brasil, pp. 1).

Por vezes, o apego inicial à figura maternal poderá prolongar-se além dos quatro, cinco anos de idade, o que motiva Freud a defender a universalidade do «complexo de Édipo negativo» enquanto núcleo das neuroses, sendo o ponto de fixação da histeria e da paranóia feminina (esta comumente verificada em mulheres lésbicas).

Até à «fase fálica» impera pois, tanto nos rapazes como nas raparigas uma «bissexualidade inata», ou seja, uma ausência de percepção latente acerca da diferença entre os sexos.

A rapariga é considerada por Freud, não só diferente como claramente inferior ao sexo masculino, pois não lhe foi concedido por natureza um pénis, símbolo de superioridade, desenvolvendo por isso, a «inveja do pénis», frustradamente compensada pelo exercitar do seu clítoris (considerado na mulher como um equivalente fálico, uma espécie de pénis feminino). Desse modo, resta à mulher aceitar este “destino” que a natureza lhe concedeu, ou seja, aceitar não ser homem, embora esta ao se aperceber de que lhe falta algo existente no rapaz, pense ter sido punida, desenvolvendo simultaneamente um forte sentimento/«complexo de castração» (pénis castrado).

Entretanto, a menina percebe que a condição que lhe assiste é idêntica a todas as mulheres, desenvolvendo o desejo de ser rapaz.

Assim, Freud vai considerar o complexo de Édipo na rapariga como uma «formação secundária» (1925), algo que se instaura a partir da percepção da diferença (estruturante), que a faz sentir-se inferior, sofrendo o seu narcisismo um “golpe” profundo, o qual só poderá ser compensado idealmente pela «inveja do pénis»/«complexo de virilidade».

O «complexo de castração» é digamos o grande motor do «complexo de Édipo» na rapariga, e o sentimento de “insustentabilidade” face ao mesmo é o que lhe permite aceder mais tarde à posição ou condição feminina, por via de um intenso trabalho de resignificação da perda.

Freud considera que o «complexo de castração» em ambos os sexos “*inibe a masculinidade e encoraja a feminilidade*” e que as diferenças anatómicas entre os sexos é o que motiva o impacto deste fenómeno em cada um destes («Algumas consequências psíquicas da diferença

anatômica entre os sexos» (1925); citado por Chasseguet-Smirgel, Janine (1975), In «A sexualidade feminina», Brasil: Editora Vozes, pp. 16).

Freud vê assim a relação entre os sexos imbuída numa dissimetria, num dimorfismo, em que a libido que impera até à puberdade é essencialmente a libido masculina, não existindo outra, consubstancializando-se aquilo que se denomina de «monismo sexual fálico». Assim, o único órgão sexual reconhecido em ambos os sexos até à puberdade é o órgão masculino, isto é, o pénis, no rapaz, e o clítoris na rapariga. A vagina, enquanto órgão de sensações ao nível psíquico não existe, tendo o clítoris, enquanto órgão viril, um papel exclusivo na sexualidade da rapariga, conferindo à mesma um carácter masculino. Trata-se pois de uma fase de organização fálica da libido, de que a vagina se encontra excluída (Sigmund, Freud (1924). «O declínio do Complexo de Édipo»; citado por Chasseguet-Smirgel, Janine (1975), In «A sexualidade feminina», Brasil: Editora Vozes, pp. 13-14).

Então, no espaço que compreende a fase anteriormente referenciada não existe diferença real entre o sexo masculino e o sexo feminino, tal como não existe diferença entre a masculinidade e a feminilidade. Somente a partir da adolescência é que surgem os conceitos de masculinidade e feminilidade, a passagem da fase masculina à fase feminina..

Mas importa reportar à «inveja do pénis» tal como esta surge em Rado (1933), o qual desenvolve as suas concepções nas mesmas linhas de orientação de Freud; esse concebe esta fase da vida da rapariga como um tempo em que esta deseja o crescimento de um pénis em si, pénis este que permitirá, não só compensar a sua “falha anatómica natural” (dando-lhe um senso de prolongamento físico/psíquico) como permitirá concretizar o desejo do nascimento ilusório de um bebé externo (existe na Psique da rapariga a seguinte equação: pénis = órgão que faz bebés). A existência do pénis é concebida como algo que poderá proporcionar prazer à mãe, uma vez que este também concede prazer/satisfação à menina quando esta se masturba activamente, sendo que depositado na mãe dará origem ao nascimento de um bebé.

Mas vejamos como a «inveja do pénis» se poderá tornar num traço de carácter feminino sob a forma de ciúme. Não esqueçamos que a mãe, repleta de carga afectiva para a menina, ela é também alvo de forte rivalidade e de ambivalência.

A menina sente necessidade de agradar à mãe, mas simultaneamente nos meandros mais recônditos da sua mente, ela sente “raiva” desta, por esta a ter seduzido, por esta não lhe ter concedido um pénis e ainda pelo facto desta amar mais os outros filhos dotados de pénis (filhos reais ou imaginários) do que a ela. Neste clima de rivalidade, a criança afasta-se da mãe, sentindo uma mistura desconcertante de amor e ódio por esta e cessa a sua actividade masturbatória, dada a sua enorme decepção relativamente ao seu órgão viril.

Uma certa bissexualidade vem permitir à rapariga ajustar este “destino”, bem como o recurso à sublimação, embora por vezes, mediante um “peso” demasiado alto.

Esta vivência, embora sofredora para a criança, é necessária para o seu encaminhamento para a feminilidade («posição feminina» segundo Freud), pois é nesta fase que a menina se volta para o pai, numa tentativa de substituir a ausência de pénis por um filho, o que constitui o motor do Édipo feminino. No entanto, uma vez que o desejo de ter um filho não é correspondido, a rapariga vai-se lentamente afastando do pai, recorrendo à actividade de sublimação para poder viver a um nível simbólico o bebé (bebé-boneco) que o pai está impossibilitado de lhe dar.

Os produtos do inconsciente sobre a sexualidade parecem corresponder em certa medida ao que se verifica na influência social, verificando-se uma normatividade genital da ordem da heterossexualidade que vai ao encontro da lógica da família tradicional.

Dado a castração já estar consumada, a rapariga desenvolve um superego sob um clima de maior tranquilidade que o rapaz, fazendo com que o complexo de Édipo não termine bruscamente. São essencialmente os factores externos, tais como a educação, a vergonha (culpabilidade), o receio de deixar de ser amada que vão agir neste processo superegóico.

Retomando Freud, este considera não existir paralelismo entre o Édipo na rapariga e o Édipo no rapaz. Em “A sexualidade feminina” (1931), o autor procura investigar os fins sexuais da rapariga na sua relação com a mãe. Estes são activos ou passivos consoante as fases do desenvolvimento libidinal. Uma impressão recebida passivamente pela criança induz-lhe reacções activas, justificando o facto da rapariga tender a fazer na prática aquilo que ela própria sentiu na relação com a mãe. A criança reproduz no real a sua vivência fantasmática com a mãe, numa perspectiva de reconstrução, criatividade e não de mera imitação, “colagem”.

Ao activar o que previamente sentiu ou viveu na relação com a mãe, a menina sente a ilusão de dominar o mundo exterior (possuir poder), podendo mesmo esse processo conduzir à repetição de impressões penosas («compulsão à repetição» adaptativa).

Este é um verdadeiro processo de «sublimação»/simbólico, em que através de uma actividade fundamental na infância da criança, o brincar (forma por excelência da criança comunicar e vivenciar o mundo), esta completa/preenche o que foi vivido passivamente através da actividade, havendo neste processo uma relação significativa entre “actividade-passividade” e “masculinidade-feminilidade”. Trata-se de uma passagem que marca um crescimento em termos psíquicos, a possibilidade da (re)significação das vivências/experiências e conteúdos externos/internos.

Podemos concluir que as primeiras experiências sexuais da menina com a mãe são de natureza passiva, mas parte da libido se manifestará rapidamente de forma activa através do auxílio fulcral do brincar/jogo – por exemplo, “mamar no seio da mãe” será substituído por “um boneco/bebé ser alimentado pela menina”. Assim, proporcionar-se-á um processo de troca de papéis (facultada pela identificação psíquica a um modelo afectivo/emocional significativo para a menina – a mãe), a criança assume o papel de/da mãe e a mãe assume o papel de/da filha. A criança tem aqui a possibilidade de controlar simbolicamente as situações que até então eram somente do domínio da mãe, assumindo o poder. Neste processo, ela vai exercitando espontânea e entusiasticamente a sua futura feminilidade e maternidade (ideais), fazendo ajustamentos entre o seu ser e o ser da mãe, captando e interiorizando aquilo que se encaixa em si, que em si faz sentido. A criança imita a mãe, mas também reconstrói aspectos, colocando nessas funções “nuances” originais de si (traços).

Nesse processo “(...) é a actividade da feminilidade que se manifesta aqui”. (Freud, Sigmund (1931). «A sexualidade feminina», citado por Chasseguet-Smirgel, Janine (1975), In «A sexualidade feminina», Brasil: Editora Vozes, pp. 19).

Se as tendências activas da menina forem frustradas por parte da mãe favorecerá o primado das tendências passivas, e se esse processo for excessivo, a sexualidade da menina poderá de certa forma ficar comprometida, “inibida” ou “bloqueada”.

Neste processo global de procura de um “objecto de exploração”, a rapariga identifica-se à sua própria mãe e escolhe um bebé como substituto. O desejo pelo bebé pode ser entendido em várias vertentes: necessidade biológica, desejo pelo pénis e identificação ao objecto materno.

Segundo Wittels (1933), a maternidade surge como uma sublimação da masculinidade, portanto, essa constitui-se enquanto função activa, diríamos mesmo enquanto função simbólica, pois é pela “falha”/“falta” que se instaura a feminilidade e conseqüentemente a maternidade.

A teoria psicanalítica de Freud parece-nos pois reservar à mulher, à feminilidade um papel demasiado à luz do masculino (visão sexista), como se a mulher não pudesse ser morfológicamente tal como é em si, sem precisar de comparações “intrusivas” para garantir uma identidade psíquica e sexual própria. É de tal modo a sua convicção nessa premissa, que Freud se distancia de qualquer apologia da igualdade entre os sexos, contestando alguns movimentos feministas da época, como é o caso do feminismo de J. S. Mill.

Que necessidade (narcísica, defensiva) do homem (da mulher?!; de ambos?!) será esta a de ver a mulher à sua própria imagem? À semelhança de um espelho que teima em não se descolar para não deixar ver a realidade subjacente? Porque será que a mulher só poderá ser concebida psicologicamente pelo o que evidencia manifesta e anatomicamente ao olhar alheio? Porque

será que ao longo da história, assim como da Psicanálise (essencialmente nos primórdios) o simbolismo do feminino, a sua visão, tem permanecido um enigma algo complexo de penetrar e desbravar? Que teias se inter cruzam ao olhar representacional do Homem, para que se torne tão nebuloso conceber a mulher, o feminino enquanto espaço suficientemente despido dele mesmo, do masculino, ainda que não totalmente distanciado, com o risco de se perder a complementaridade necessária à sua visão?!

Será a esfera feminina impenetrável às estruturas sociais vigentes, pela sua complexidade, inacessibilidade, ou estas estruturas estarão demasiado arreigadas numa lógica masculina (inconsciente/"pseudo-inconsciente"), que torna o campo feminino num intenso nevoeiro?!

A esse propósito refere Lacan: "*Parte-se do homem para apreciar a posição recíproca dos sexos*" (Collin, Françoise (1995). *Diferença e diferendo*, In «História das mulheres – O séc. XX», pp. 324).

Por fim, até que ponto, o próprio Freud não é influenciado pela mentalidade sexista vigente no seu tempo e pela sua própria condição de homem, ser masculino? Eis por agora esta última questão, que de algum modo, nos parece pertinente e cuja resposta fica naturalmente em suspenso pela complexidade intrínseca, mas acresce apresentar ainda o ponto de vista de Florence Guignard (2002), a qual vê nas representações do feminino enquanto "castração" as seguintes marcas: "Logo percebi que se tratava de uma representação que exprimia a extrema dificuldade para cada um de nós, homem ou mulher, de se sentir suficientemente escorado por sua própria identidade sexuada para poder examinar, sem angústia, nem paixão, a identidade sexuada da categoria da qual não fazemos parte." (Adolescência e feminilidade, In «Cartas ao Objecto», Brasil: Imago Editora, pp. 121).

Este espaço da feminilidade é um espaço que permanece como um «continente negro» para Freud, que constrói e reconstrói a sua teoria, sem chegar a um termo conclusivo estável. Como o próprio refere e sugere simultaneamente:

«Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência da vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes.» (In Conferência XXXIII).

Portanto, a questão efectuada por Freud a Marie Bonaparte (e no fundo, a todas as mulheres): "*Que quer uma mulher?*" fica então em aberto, pois a sua elaboração da feminilidade deixa muitas portas abertas à procura de uma construção teórica e prática (metodológica) que lhe dê sentido e continuidade.

No término da sua carreira, Freud reconhece que a questão do feminino deverá ser repensada/reestruturada tendo em atenção a relação precoce mãe-bebé e a sua influência na construção da feminilidade (troca de representações psíquicas significativas; processo de identificação), aspecto este sobejamente actual, contemporâneo.

*

O fio de Ariadne é pois lançado e seguido entusiasticamente por um conjunto de autores vindouros, que seguem na mesma linha ou em linhas mais ou menos divergentes (Escola Inglesa; Escola Francesa), o pensamento de Freud.

Das várias escolas e autores importa reter em que medida se aproximam de Freud, e em que aspectos se enunciam como originais (seguidores) e o que trazem de novo, como se enunciam diferentes (Escola Inglesa; Escola Francesa). Mesmo face aos autores que se revelam distanciar-se do pensamento de Freud, *será que se poderá tornar possível alguma conexão com a sua teoria, nem que elaborada à posteriori, pelas nossas "mãos"/mente na actualidade?*

Os autores que seguem os trilhos de Freud são essencialmente J. Lampl-de-Groot, Hélène Deutsch, Ruth Mac Burnswick, Marie Bonaparte, entre outros.

O autor J. Lampl-de-Groot («Contribuição ao problema da feminilidade» - 1933) embora concordante de alguns pontos de vista freudianos, concretamente do monismo sexual, este considera que a desvalorização ou inferioridade narcísica sentida pela menina não se relaciona tanto com a diferenciação anatómica entre os sexos, mas essencialmente com a falha da função materna, com decepções e feridas que se criaram nesta díade, que promovem inevitavelmente uma falha narcísica primária na criança, atingido a sua identidade feminina, fazendo a menina desinvestir a libido materna e aproximar-se passivamente do elemento paterno como forma de compensação desta lacuna; sendo que somente com a maternidade esta ferida é reparada.

Assim, a «inveja do pénis» e o «complexo de castração» (o factor que mobiliza a menina para a vivência do «complexo de Édipo») constituem-se como processos secundários, embora a menina viva um «complexo de Édipo» negativo tal como o menino numa fase precoce.

Neste processo, a rapariga pode eventualmente permanecer ligada à mãe e não aceitar a castração; assim, ao voltar-se para o pai e ser por este decepcionada, pode regredir à situação anterior e assumir uma posição viril, o que em casos extremistas pode mesmo conduzir à homossexualidade.

Outra hipótese não rara nestes casos, é a tendência em procurar compensar o sentimento de inferioridade (pela castração) através de um super-investimento em actividades profissionais consideradas masculinas, entrando em franca competição/rivalidade com o homem, mas num

plano alheio ao pólo pulsional, sexual (frigidez). A mãe continua assim a imperar no psiquismo da mulher como objecto privilegiado de investimento.

Para Helen Deutsch (1925, 1930), defensora do desenvolvimento sexual infantil similar para o menino e para a menina até à fase fálica, fase esta promotora da constelação edipiana (ideias igualmente defendidas por Freud e Lampl de Groot), o masoquismo assume um papel básico no desenvolvimento do feminino.

Assim, o desenvolvimento da libido infantil na sua direcionalidade à escolha objectal heterossexual tem uma origem oral arcaica (primeira fase – oralidade), o que equivale a assumir que o padrão representativo da genitalidade feminina é a oralidade, logo da vagina, a boca. Desse modo, a rapariga estabelece de forma inconsciente uma equivalência entre o seio e o pénis, o que reenvia para a lógica inerente à teoria das relações sexuais orais e para os fantasmas orais de gravidez.

Na fase seguinte – «sádico-anal», o pénis torna-se no órgão dominante, enquanto que o ânus assume um papel de segundo plano. O coito (e as matérias fecais) é concebido como uma actividade sádica, activa, em que a criança tanto se identifica ao pai activo, como à mãe passiva (masoquista), sendo o fantasma da gravidez «infanto-anal».

De seguida, todo o corpo da rapariga é investido libidinalmente, verificando-se uma passagem do investimento libidinal clitoriano a vaginal, sendo o pénis o órgão responsável por esta fixação. É nesta altura que a vagina assume o lugar da boca, na sua função oral-passiva de sucção.

A função típica da vagina durante o acto sexual é pois para Deutsch de índole «passivo-receptiva», adaptando-se ao ritmo do homem.

Payne, autor contemporâneo de Deutsch, considera que se trata mais de receptividade do que de passividade e que em vez de se tratar de masoquismo trata-se da capacidade da mulher para tolerar e se adaptar às variações regulares da vida psico-sexual.

Neste processo evolutivo, o pénis como que assume o papel que outrora o clítoris assumiu na rapariga. No processo de penetração, essa como que identifica de forma funcional a sua vagina ao pénis do seu parceiro (a actividade orgásmica, caracterizada por secreção e contracção que se verifica no homem, verifica-se igualmente na mulher), o que permite ultrapassar o “trauma” da castração.

Considera-se que a vagina como que não existe sexualmente até ao momento da penetração do pénis pelo homem na puberdade (nesta fase a rapariga torna-se biológica e psicologicamente diferenciada do rapaz, dando-se a identificação do feminino ao passivo e do masculino ao activo, assim, como se torna viável a associação entre feminino e masoquismo e masculino e sadismo), sendo este o motor do despertar libidinal feminino, o responsável pela fixação libidinal na vagina.

Como auxiliares do pénis na tomada do prazer feminino encontramos, quer o corpo da rapariga, investido libidinalmente por esta, quer o clítoris, que permite a passagem para o investimento pulsional na vagina.

O autor Brierley, ao contrário de Deutsch, defende que a feminilidade depende mais da coordenação entre os dois órgãos referenciados, do que propriamente da substituição de um pelo outro.

A vagina assume desse modo e segundo Deutsch (baseada nas considerações de Abraham) uma posição essencialmente passiva, considerada feminina, que mais não é do que a transposição/"repetição" de algo outrora já vivido: "*repetição pós-ambivalente da fase pré-ambivalente oral, na qual se fundem sujeito e objecto*" (Deutsch, Hélène (1925). «A Psicologia da mulher relativamente à função de reprodução»; citado por Chasseguet-Smirgel, Janine (1975), In «A sexualidade feminina», Brasil: Editora Vozes, pp. 29).

Segundo Deutsch podem surgir dificuldades ou impasses na passagem clitoriana-vaginal, o que reenvia para a problemática inultrapassável da bissexualidade feminina.

Para Deutsch, após a experiência sexual feminina segue-se um sono pacífico, relaxante, típico de uma descarga sexual apropriada: um orgasmo especificamente feminino, que nada parece ter a ver com o orgasmo masculino, aliás única forma de orgasmo para esta autora.

A autora crê no seguinte: se adoptarmos como "normal" este modelo de gratificação libidinal por parte da mulher, então a frigidez não é tão predominante quanto se possa pensar. A insistência na existência de uma forma de satisfação sexual que não está plenamente de acordo com o "destino" natural da vagina é que conduz ao bloqueio do funcionamento "normal" da mesma.

Perante o pensamento de Deutsch sugere-nos interrogarmo-nos nos seguintes termos: *Que tipo de prazer é este o que a autora refere, se não brota da vagina? Que tipo de descarga tão apaziguadora poderá ser esta que se contenta apenas com os benefícios de um sono? Como poderá estar na intervenção do homem a exclusividade do "prazer sexual feminino"? Quanto à mulher, será que esta apenas se deixa embalar nos "braços" do homem ao sabor do seu desejo libidinal? E o campo das fantasias femininas, não terá conjuntamente com o motor de excitabilidade do pénis um papel primordial no despertar do desejo e conseqüente descarga sexual por parte da mulher?*

Assim e segundo a mesma autora, a sexualidade da mulher, a sua feminilidade, devem ser vividas sob um manto de passividade masoquista (lógica de passividade física e não propriamente de gratificação erótica através da dor), caso contrário, estamos perante mulheres consideradas masculinas. No entanto, não esqueçamos que tanto o menino, como a menina

tendem a canalizar-se activamente para uma relação objectal, o que torna confuso a passividade ser associada de forma tão inflexível à mulher e a actividade ao homem.

Deutsch assume assim o «masoquismo passivo feminino» como algo que precede a percepção da vagina enquanto órgão de sensações. A dificuldade em localizar as sensações vaginais e a sua qualidade gera uma certa confusão na rapariga, a qual procura solucionar esta questão através de duas vias: - a criança associa as tensões vaginais a outras tensões oriundas do interior do seu corpo, projectando a sua carga energética para órgãos que lhe são familiares, como a boca, o ânus, o canal uretal, etc...; - num segundo plano, a criança projecta a tensão em “objectos” externos, isto é, para um bebé e para um pénis.

O processo masoquista tende a formar-se a partir de uma tendência inicial de impulsos eróticos sádico-activos; estes consubstancializados no desejo de possuir um pénis são transpostos para o desejo objectal da criança em ser castrada/violada pelo pai e ter um filho do mesmo, a denominada «tríade masoquista» - castração = violação = parto.

Assim, podemos considerar o feminino como algo edificado a partir da castração; sendo o masoquismo consequência do processo em que a menina se sente castrada pelo elemento paterno, virando para si mesma toda a agressividade que advém desta constatação.

A ferida narcísica ligada ao facto da menina contactar que não possui um pénis e daí proceder a uma identificação ao pai como objecto sexual (masculino), conduz ao desenvolvimento do «complexo masculino na mulher» (conceito que tem origem em Abraham, 1922), o qual é estruturante da Psique, e promotor de processos simbólicos a ter em conta, tais como a sublimação. O «complexo masculino» puro dá-se quando a menina se fixa em exclusividade no investimento do clitoris, não demonstrando interesse em explorar a vagina, em desejar um bebé como substituto do pénis parental, alcançando uma atitude mais masculina em detrimento de uma atitude feminina, revelando uma provável escolha de objecto de cariz homossexual.

O «masoquismo passivo feminino» é assim considerado o produto do desvio dos impulsos activos que se associam ao investimento do clitoris, processo este que viabiliza a feminilidade; quando o processo desperta intensos receios no ego poderá conduzir a uma certa “anestesia” vaginal, à frigidez.

Segundo Deutsch “*Esse tipo de mulher está em vias de desaparecer; quando frígida, a mulher moderna se neurotiza*” («A significação do masoquismo na vida mental feminina», 1930; citado por Chasseguet-Smirgel, Janine (1975), In «A sexualidade feminina», Brasil: Editora Vozes, pp. 31).

O masoquismo é também uma forma de sublimação, uma (re)significação da impossibilidade de possuir um pénis, da inviabilidade de possuir um filho do pai, uma forma de acolher, de conter a falha narcísica (*à priori* parecendo desobjectivante), mas também e segundo Deutsch, uma forma de garantir a continuidade da raça. A mulher sujeita-se a abdicar do seu investimento libidinal

pleno (imposto pela moral social e cultural), apenas porque a sua função materna a compensa suficientemente. *Será este processo assim tão simples? Contentar-se-á a mulher suficientemente apenas com a satisfação da sua dimensão maternal, esquecendo-se da sua essência libidinal?*

Assim, o masoquismo atinge o seu auge nas circunstâncias do «complexo de castaço» (alcançado por volta dos quatro anos de idade), da desvirgindade e do parto, situações consideradas sofríveis, alvo de dor para a mulher.

Mas a autora vai mais longe, considerando que a maternidade é de carácter activo, logo de índole masculina, o que faz com que o investimento da mulher em crianças seja uma actividade considerada masculina e o seu papel maternal deve estar desprovido de investimento libidinal, já que “*As boas mães são mães frígidas*” («Contribuição ao problema da feminilidade» (1933); citado por Chasseguet-Smirgel, Janine (1975), In «A sexualidade feminina, Brasil: Editora Vozes, pp. 27).

Assim, a mulher é segundo Deutsch e partindo de considerações igualmente defendidas por Freud, uma espécie de “*berço transitório do plasma germinativo*”.

É de salientar o facto da autora frequentemente se contrariar relativamente à valorização ou não da frigidez, revelando-nos a oscilação das suas próprias concepções, não se encontrando estas totalmente estáveis, nem claras para nós.

Deutsch concebe ainda as actividades ligadas às funções femininas fundamentais para as mulheres, na medida em que permitem ultrapassar uma série de “traumas” importantes.

Assim, o coito assume uma variedade extensa de funções (consideradas por nós como instaurador da diferença, da alteridade): permite ultrapassar o “trauma” do desmame, o “trauma” da separação, permite a reconstituição da relação mãe-bebé/filho, a identificação do parceiro ao pai (o pai como que é fantasmaticamente “incorporado”, tornando-se no filho guardado no útero), a identificação da mulher ao filho gerado através de um processo de fusão (a criança representa parte do ego da mãe, ao mesmo tempo que o ideal do ego paterno e um objecto de investimento, quer narcísico, quer conflitual; a vagina é o receptáculo guardião do filho, representando inconscientemente o próprio).

O coito constitui ainda uma enorme fonte de prazer por via do facto de preceder o parto, acontecimento este sobrevalorizado pela autora, o qual constitui “*uma orgia de prazer masoquista*”, que “*traz em si o auge do prazer sexual*”. Assim, o coito atinge o seu ponto máximo, o “clímax”, no momento de dar à luz, o qual proporciona uma satisfação erótica equivalente à sentida pelo sexo masculino no coito.

O parto permite, por sua vez, o domínio/superação activo do “trauma” do nascimento da própria mulher outrora bebé recém-nascida.

Mas se o parto é tudo o que dissemos anteriormente, é também um processo em que se dá finalmente a dessexualização ou descatectomia da libido, tornando-se o bebé nascido numa sublimação para a mãe (a perda do pénis é substituída pelo bebé). A amamentação vem restabelecer a fusão/simbiose rompida pelo nascimento, constituindo simultaneamente a imagem do coito, em que o seio é um equivalente do pénis, favorecendo ainda na mãe a superação do “trauma” do seu próprio desmame. Assim, retoma-se o processo que inicialmente começamos por aludir, num ciclo que tende inevitável e naturalmente a repetir-se (circularidade).

A feminilidade, o ser mulher, pressupõe assim o atingir da função materna/reprodutora da vagina, deixando para trás necessariamente o investimento libidinal, sexual.

Na base da função materna é suposto estar a identificação à figura maternal, processo promotor do Super-ego e por sua vez, de um Ego ideal feminino. No entanto, se a introjecção do Ego ideal ligado à figura materna falha, a mulher desenvolve um intenso complexo de inferioridade («complexo de prostituta» - objecto sexual sentido como inferior).

Mas as falhas podem-se dar noutras direcções, concretamente pode-se desenvolver um Super-ego ideal em identificação ao pai e não à mãe, o que vai conduzir a uma sublimação das qualidades masculinas na mulher adulta.

A autora valoriza igualmente o brincar como uma forma de exercitar o desejo de maternidade por parte da menina. Nesta dinâmica, a menina oscila entre a actividade e a passividade, possui o desejo de que a mãe seja tão pequenina quanto os seus bonecos, sendo a qualidade intuitiva dos bonecos pautada pela natureza da identificação que a criança faz face à sua própria mãe intuitiva.

Importa salientar que à medida que a autora desenvolve a sua teoria, mais tende a conceber os processos da feminilidade à luz dos processos de tomada da masculinidade, luz essa que nos parece ofuscante, redutora. Assim, em 1960 a autora considera ainda o orgasmo como experiência exclusiva do homem, interrogando-se se a vagina foi criada para possuir uma função de teor sexual. O clítoris é concebido como o órgão de prazer sexual e a vagina como o órgão de reprodução por excelência. A transferência de sensações de um órgão para o outro, esta travessia tão importante, é operada pela intervenção activa do pénis, este órgão fixador.

Ruth Mack Brunswick («A fase pré-ediapiana do desenvolvimento libidinal» - 1940) surge com um conceito inovador, o de «mãe fálica» - aquela que possui um poder considerável e invejável

por via de possuir um bebé; sendo este aspecto amplamente desejado tanto pela menina como pelo menino. Desse modo, o desejo maternal precedente a «inveja do pénis», tendo esta uma origem simultaneamente narcísica e objectal

A raiz objectal associa-se ao vínculo afectivo que a menina tem à mãe, pois esta deseja possuir um pénis para possuir a mesma e só cessa este intuito quando a criança compreende que sem um pénis este processo é inviável e ela não o possui de facto.

Nesta fase de carácter pré-édipiano, a menina é concebida essencialmente como um menino, permanecendo numa atitude passiva, sendo o seu objecto de amor a fonte de toda a actividade (mãe não feminina, mas masculina), ao qual ela se tende a identificar e interiorizar o seu perfil. A identificação à mãe activa parece ser a forma mais arcaica de identificação do ser humano, a qual permite que a criança se torne ela própria progressivamente autónoma (somente na fase do Édipo), por um processo de interiorização das características da mãe.

A criança é nesta fase basicamente assexual, não possuindo qualquer percepção dos seus órgãos sexuais, da sua dimensão pulsional.

Na vivência do Édipo, a menina continua bastante ligada à mãe, a mãe é ainda dotada defensivamente da sua dimensão de «mãe-fálica», onnipotente e super-valorizada no seu perfil pela criança; somente quando descobre a castração, esta se vira para o pai (Édipo positivo passivo), tornando-se a mãe numa rival. Este é um verdadeiro processo traumático para a menina, que irá sentir insustentabilidade pelo facto da mãe não a ter dotado de pénis.

O Édipo deve pois ser concebido na sua triangulação, pois tanto a mãe como o pai assumem um papel essencial neste processo.

A menina acaba por possuir dois órgãos sexuais, assim como dois objectos, com os quais se tem de “confrontar” para se estruturar na sua feminilidade, enquanto que o menino somente terá de mudar de atitude, de passiva para activa, tendo o seu percurso de masculinidade relativamente facilitado.

Os estímulos pulsionais mobilizadores da masturbação aquando do Édipo remetem para o enorme prazer que a criança sente em ser tocada pela mãe, suscitando-lhe o desejo de reciprocidade, sendo igualmente a «cena primitiva» (em que os pais são vistos sem diferença sexual, logo imbuídos numa dinâmica de carácter oral, anal ou fálica), um bom contributo. A masturbação da menina pode também se associar nesta fase a uma certa sensibilidade vaginal por via do contributo anal.

Assim, até chegar à adolescência, as vivências pulsionais da criança passam por uma lógica de «pares antitéticos», ou seja, inicialmente na infância impera a emergência da transição «activo-passivo», assim como a transposição «fálico-castrado», sendo que a adolescência marca a lógica

do «masculino-feminino», a verdadeira acepção da tomada da masculinidade e feminilidade, as vias da heterossexualidade.

Em «A sexualidade da mulher» (1951), Brunswick procura investigar a etiologia da desadaptação da mulher à função erótica, centrando-se essencialmente sobre os factores de cariz biológico. Antes de mais, considera a mulher um homem que se encontra “detido” no seu desenvolvimento sexual e talvez por isso mesmo, a autora encontra tantos “handicaps” na forma da mulher viver a sua sexualidade e feminilidade.

A mulher é dotada de uma bissexualidade constitucional que de certo modo se torna num obstáculo no estabelecimento de uma sexualidade “normal”.

O «complexo de virilidade» é concebido como primário, tendo por base o clitoris, órgão considerado como de índole masculina. Este órgão parece ser o epicentro condutor da vida psico-sexual da mulher e o facto desta ter de renunciar ao seu investimento, parece ser o cerne das problemáticas sexuais da mesma.

Por último, Marie Bonaparte (1951), contrariamente a Freud, considera que surge muito precocemente na menina, aquilo que mais tarde dará origem ao erotismo vaginal.

Na «fase anal», o ânus e a vagina são como que confundidos sensorialmente, constituindo assim o erotismo anal (investimento cloacal passivo) o protótipo do papel que a vagina assumirá mais tarde na puberdade.

Durante a «fase fálica», a menina terá de fazer uma travessia entre o «Édipo negativo» e o «Édipo positivo», sendo que o tempo que permanece no primeiro não lhe permitirá canalizar para o objecto materno toda a sua agressividade, ficando esta e as pulsões libidinais dirigidas ao objecto paterno, mas apenas temporariamente, pois o masoquismo acabará por se instalar.

Assim, a agressividade irá auto-dirigir-se para o psiquismo da menina sob a forma de masoquismo, permitindo a passagem do «erotismo convexo masculino» (clitoriano) ao «erotismo côncavo feminino» (vaginal).

Ao longo deste processo, a menina tem que passar por três vias de acesso: uma «lei objectal», que equaciona a mãe ao pai, investimento este passivo e viabilizador de uma atitude genuinamente feminina; uma «lei pulsional» que equaciona o «sadismo-masoquismo; e finalmente, uma «lei zonal», que marca a passagem «clitóris-vagina», fundadora da feminilidade.

Até chegar à puberdade, a rapariga depara-se pois com um conjunto de obstáculos, os quais derivam do facto da libido ser quantitativamente menor na mulher do que no homem. Sendo assim, a evolução da rapariga exige menos gastos em termos de energia libidinal, o que terá consequências negativas sobre o seu desenvolvimento psico-sexual. Destas consequências destaca-se “a condição propriamente feminina da frigidez da mulher” e pela “condição

propriamente masculina da frigidez feminina” é responsável a intensa bissexualidade constitucional da mulher, que de certo modo, dificulta a sua adaptação à passividade feminina vaginal. Por outro lado, a civilização patriarcal, repressora da sexualidade feminina em particular, acaba por constituir “*a condição propriamente cultural e moral da frigidez feminina*”.

Portanto, as dificuldades em aceder à função erótica devem-se em particular aos condicionalismos biológicos ligados à bissexualidade constitucional/natural.

A mulher acaba por ser concebida como um homem detido no seu desenvolvimento pulsional, em que o renunciar ao investimento clitoriano se torna traumático, mas essencial.

O investimento na função reprodutiva pela mulher condu-la ao «vitalismo psicológico», ou seja, a um investimento (mesmo libidinal) na criança que se estende para além do período intra-uterino, indo para além do nascimento, envolvendo inclusive os meandros da família.

2.3.2 - Síntese

A teoria de Freud, assim como dos seus seguidores (nos pontos em que convergem), concebem o feminino essencialmente como um processo que nasce da bissexualidade psíquica inata e que se organiza nos meandros do desenvolvimento sexual infantil e não propriamente como uma estrutura psíquica ou um espaço psíquico a partir do qual se pode edificar os elementos do Ser pensante.

Impera pois um feminino visto à lupa do domínio sexual, do pulsional, do prazer e do corporal biológico (anatomia dos genitais; anatomia dos órgãos reprodutores). Um feminino sinónimo de passividade e de castração natural – a oposição impõe-se entre um órgão genital masculino e um outro castrado, o da menina. Tudo se reduz à lógica do masculino, não havendo feminino na infância; a consciência da vagina somente se dá na puberdade por via do tão valorizado órgão sexual masculino.

A mulher é radicalmente vista enquanto homem, homem detido no seu desenvolvimento psicosexual. Ela é por natureza passiva, receptiva, submissa. Esta condição fá-la desenvolver todo um conjunto de formações defensivas a partir das quais se desenvolve o seu feminino – a «angústia de castração», a «inveja do pénis»... O feminino é assim enquadrado numa dinâmica psíquica interna, ligado às circunstâncias da castração e sequente desenvolvimento do Édipo e do Super-ego.

Estes são os pontos comuns aos diferentes autores, pois os que surgem em divergência são essencialmente a ideia do feminino enquanto ferida narcísica (Lampl de Groot), enquanto derivado do masoquismo (Hélène Deutsch), o resultado da superação da inveja da «mãe fálica» (Brunswick) e a superação da bissexualidade feminina constitucional (Bonaparte).

Nas ideias apresentadas podemos verificar algumas oscilações de acordo com os autores que as defendem, no entanto, em todas elas é possível verificar alguns pontos que nos fazem pensar como a História se repete - embora Freud e os seus seguidores se debrucem essencialmente sobre as mulheres, a sua sexualidade e a sua feminilidade, estas dimensões só são possíveis de serem vistas à luz da sexualidade masculina, da masculinidade; encontrando-se a construção histórica e psicanalítica (muitas vezes indissociáveis) do feminino intensamente metamorfoseada pelo olhar moral sexista masculino próprio da época que o edificou e pelo olhar feminino “poluído”, intoxicado pelas representações masculinas.

Mas se estas concepções de feminilidade poderão ser alvo das críticas mais severas por parte dos autores contemporâneos, não podemos esquecer que foram o ponto de partida para o que hoje se defende cientificamente, a base de reestruturações e reformulações, como acontece em todo o saber científico.

Desse modo, chegamos ao ponto de verificar que o feminino de tal modo inserido na lógica do processo de castração, se impõe mais como uma ausência (não presença), defeito, negação ou falha do que como uma qualidade ou estrutura psíquicas.

Assim, importa compreender os mecanismos da castração, da inveja do pénis (lógica freudiana do «*ter ou não ter pénis*»), do masoquismo, do recalçamento, do deslocamento, etc..., à luz das teorias e formulações actuais sobre a construção ou estruturação do feminino, que os concebe enquanto aspectos estruturantes do psiquismo da criança enquanto ser pensante em devir.

Temos aqui um feminino que se funda sobre a “falha”, urgindo o labor do negativo, trabalho de resignificação e de simbolização, que exige a operacionalidade do pensamento.

Todos os mecanismos anteriormente referenciados reenviam pois para a falha, a qual terá de ser sujeita a um trabalho de abstracção e de transformação por um objecto contentor, pensante, para que não seja destrutiva, mas sim canalizada para dimensões criativas, que possibilitarão a estruturação do psiquismo e por sua vez do feminino. Esta estruturação só poderá ser viável graças à instauração de um «Aparelho para pensar os pensamentos» (Bion) por via da capacidade transformadora do objecto contentor - materno.

2.4 – A reestruturação das concepções face ao Feminino em Freud e seus “discípulos”

Um acontecimento deveras significativo no que diz respeito à temática do feminino foi o 29º. Congresso Internacional de Psicanálise em Julho de 1975 em Londres, o qual vem reestruturar as teorizações até então predominantes (partindo do pensamento freudiano), expandindo-se o saber psicanalítico, o qual nunca se deve encerrar.

Vários autores estiveram presentes nesta conferência, destacando-se os que consideramos mais pertinentes para a temática do feminino – Serebriany, Grossman, Wainrib, Danièle Brun...

Serebriany (1975) propõe a reformulação de alguns pontos do pensamento de Freud, concretamente o facto deste considerar que a bissexualidade inerente ao ser humano possui uma libido de carácter exclusivamente masculino; o autor propõe que se conceba a bissexualidade na sua dimensão psicológica e dual, como um masculino, mas igualmente como um feminino, que interferem ambos no processo de identificação do bebé, isto é, verificar e compreender como as reacções por parte dos pais ao sexo do bebé interferem na sua identificação feminina ou masculina em termos psíquicos.

Por sua vez, Grossman (1975) debruça-se sobre o processo de tomada de conhecimento sexual e as suas repercussões psíquicas para a criança – propósito epistemológico.

Para o autor, não se trata apenas de saber identificar o sexo da criança e de saber diferencia-lo do sexo oposto (algo que se processa por volta dos 15 meses), mas acima de tudo, apreender o seu significado ou sentido, captar a forma como se transforma a experiência real em algo interno. Este processo viabiliza a estruturação da imagem corporal que a criança possui de si mesma, mas igualmente, cria os alicerces do processo de separação e individualização da criança face ao objecto maternal (diferenciação Eu VS outro), dinâmica esta povoada por comportamentos masculinos e femininos. Os mecanismos deste processo são similares para ambos os sexos, o que apenas difere são os conteúdos que estão na base da significação atribuída.

Segundo o mesmo autor, os níveis de frustração e de agressividade associados à descoberta dos órgãos sexuais quando são maciços podem interferir desfavoravelmente no processo de separação-individualização (Margaret Mahler) e da estruturação e representação do Eu, atingindo o narcisismo da criança, fomentando a angústia de castração e a inveja do pénis, a qual é reavivada em cada fase de integração da diferenciação sexual (complexo de Édipo, adolescência, tomada da sexualidade adulta e definitiva).

Danièle Brun (1987) é uma autora que se posiciona na mesma linha de pensamento de Grossman, considerando a bissexualidade um fenómeno da esfera da realidade interior do

sujeito, de implicação essencialmente inconsciente. Baseada no pensamento freudiano considera ainda que a tomada de consciência da diferenciação anatômica dos sexos provoca em ambos os sexos um processo de denegação, semelhante ao recalçamento operado por ambos os sexos face à consciencialização do feminino (o recalçamento deve-se à confluência de representações bissexuais inconciliáveis).

Retomando o pensamento freudiano, este considera que a menina somente se identifica à mãe quando esta desiste da mesma enquanto objecto de amor; pegando nessa ideia, Brun chama a atenção para a importância da perda deste vínculo mediante a existência do pénis e consequente desilusão e direcção da menina para um terceiro - o pai; constituindo o pai, o paterno um elemento fulcral na constituição do feminino.

Assim, da conferência ressalta uma transposição do pensamento inicialmente radicado na interpretação do feminino como uma mera diferenciação anatômica (estruturação do corpo sexual e da imagem do mesmo), activa-passiva, pautado pelo falocentrismo, castração, masoquismo e radicada na bissexualidade constitucional inata, cujo destino seria a consolidação do complexo de Édipo e do Super-ego; para uma incidência no feminino como algo da esfera psíquica, com uma função interna, estruturado a partir da dialéctica da relação maternal precoce, mas não se fixando apenas neste círculo («princípio do prazer»), transcendendo para uma identificação às qualidades feminino-masculinas do casal parental – bissexualidade psíquica (fases oral e anal; com introdução do «princípio da realidade», da noção de intergeracionalidade; diferenciação Eu VS outro); podendo-se por fim, considerar o feminino como organizador das diferentes experiências numa lógica de diferenciação e estruturação psíquica, a base de estruturação e expansão do sujeito pensante, do universo mental conceptual (Torsti) – visão inovadora das potencialidades do feminino, mais da ordem do “*Ser ou não ser – eis a questão*” (Shakespeare) do que da ordem do “*ter ou não ter pénis*” (Freud).

O feminino passa a ser concebido numa lógica relacional objectal e objectalizante, em que os mecanismos de reparação e de sublimação estão activos, buscando-se novos objectos, novas relações, novas significações da experiência e verdade, processo que confere sentido à existência, à identidade do Eu subjectiva, à identidade sexual – do Ser, do Ser Como ao Ser Como.

No entanto, importa não descurar totalmente o pensamento de Freud e seus seguidores, pois a concepção do feminino como algo passivo encontra-se associada ao recalçamento, exigindo portanto um trabalho do negativo, de sublimação, de simbolização e de pensamento.

Os autores que vão desenvolver estas ideias inovadoras são essencialmente Mélanie Klein, Winnicott e por fim, a Escola Psicanalítica Francesa, sobre os quais iremos incidir de seguida.

2.5 - As Teorias Clássicas e Contemporâneas apologistas da Identidade Feminina enquanto Estrutura ou Qualidade Psíquica

2.5.1 - Os pensadores da Escola Inglesa

Relativamente aos autores que se destacam do pensamento freudiano e dos seus seguidores, pertencentes à Escola Inglesa (Karen Horney; Josine Muller; E. Jones; Winnicott; Melanie Klein...), estes defendem de uma forma global a estruturação edipiana, mas acrescentam uma nova visão da feminilidade, esta já não é vista como uma «formação secundária», mas possui uma individualidade desde a pré-genitalidade. Portanto, existe uma libido masculina, mas também uma libido feminina com as suas especificidades. Defende-se o dualismo originário dos sexos, não existe um sexo superior ou inferior ao outro, mas sexos diferentes, cada qual com a sua valorização própria. Fica para trás a ideia da mulher enquanto “homem falhado”.

Como nos alerta Erich Fromm, a mulher não é um homem castrado, a sua sexualidade é especificamente feminina e não de “natureza masculina” («A arte de Amar» (1966), pp. 48).

A «inveja do pénis» é concebida como o desejo de incorporar o pénis sob a forma de uma criança/filho (desejo “alo-erótico” do pénis) e não corresponde literalmente à ideia de desejar possuir o sexo oposto e à frustração imensa por não o possuir.

Karen Horney na sua obra «A negação da vagina» (1933) começa por aludir à construção da feminilidade na menina, a qual ocorre precocemente e não somente na adolescência, tal como Freud preconizava.

A autora alerta-nos para a questão de que o facto da mulher não se lembrar da vagina desde tenra idade não significa que esta não tenha existido enquanto órgão alvo de excitação e sensibilidade (aliás, é suposto a rapariga possuir um conhecimento intuitivo da vagina e do clítoris desde muito cedo, o que se revela por via onírica e dos fantasmas masturbatórios), o que a mor das vezes ocorre é o recalçamento destas experiências, o seu esquecimento defensivo, mas estes não significam ausência (os temores femininos face aos seus próprios genitais advêm do investimento nos mesmos, na vagina); este recalçamento deve-se essencialmente ao medo face à mãe pelas fantasias e desejos agressivos projectados e pela possível retaliação materna (e consequentes danos corporais), devendo-se ainda, à dinâmica dos desejos edipianos que fomentam uma ferida narcísica na menina.

Os temores da menina face à possível retaliação dos adultos relativamente ao seu próprio corpo é o que parece dificultar o seu trajecto da feminilidade, ficando esta relativamente condicionada, pois o movimento do clítoris para a vagina é inviabilizado, dando-se uma fixação clitoriana

(defensiva). Assim a frigidez poderá ser entendida enquanto resultado da repressão das pulsões vaginais e não propriamente um problema de passagem ou substituição de zona erótica.

Por sua vez, a «inveja do pénis» revela um forte desejo da menina em poder participar nos meandros de responsabilidade social em que o sexo oposto intervém e que comumente não lhe são legitimamente acessíveis, restando-lhe como alternativa o seu mundo interno dos sentimentos, a sua dimensão emocional. Assim, o sentimento de inferioridade sentido pela menina não constitui-se enquanto registo primário, mas dá-se sob forte influência cultural.

“A inveja primária do pénis na menina é, de facto, o desejo feminino de incorporar o pénis do pai por via oral, depois vaginal. O desejo de um filho não é nada mais do que o desejo de incorporar o pénis para fazer um filho. O desejo de um filho, ao contrário do que disse Freud, não é uma compensação pela falta do pénis, mas um desejo feminino em si.” (citado por Chasseguet-Smirgel, Janine (1975). «A sexualidade feminina», Brasil: Editora Vozes pp. 56).

Ernest Jones e Josine Muller (1925, 1932) consideram que a vagina é o primeiro órgão sexual a ser investido libidinalmente pela rapariga, sendo portanto, a zona erógena mais significativa para a mesma. A actividade masturbatória da rapariga favorece a estimulação da vagina, no entanto, essa tende a ser reprimida em benefício do próprio clítoris, favorecendo uma repressão dos impulsos vaginais, o que levará a uma ferida narcísica, aumentando a «inveja do pénis». Segundo Greenacre (1950; In «Narcisismo e Feminilidade» (2005), Lisboa: Climepsi, pp. 31) *“Uma vagina não descoberta é uma vagina denegada”*.

Somente quando a mulher investe libidinalmente a vagina, tende a ter uma auto-estima mais sólida e a «inveja do pénis» tenderá a esvanecer-se, caso contrário, esta última tenderá a aumentar consideravelmente.

Segundo Josine Muller, as mulheres que investirem demasiado no clítoris deve-se ao facto de sentirem um intenso «complexo de castração», correndo o risco de caminharem em direcção à frigidez.

Ernest Jones, por sua vez, vai debruçar-se sobre o desenvolvimento precoce da sexualidade, dando especial relevo à «fase fálica».

Para este, faz mais sentido falarmos em «construção defensiva secundária» do que propriamente em «fase fálica» enquanto sinónimo de fase do desenvolvimento psicosexual.

Para o autor, a «fase fálica» de Freud poderá ser subdividida em dois tempos distintos: - a fase «protofálica» (a-conflitual) e a fase «dêutero-fálica» (conflitual). No primeiro tempo, a menina, assim como o menino, acreditam na universalidade do órgão fálico em ambos os sexos, respectivamente pénis e clítoris; no segundo tempo, ambos os sexos acreditam que antes de

mais existe uma divisão entre «fálico» e «castrado» e não propriamente entre feminino e masculino. É essencialmente o receio de castração que permite a passagem de um momento ao outro.

Jones refuta parcialmente a ideia da existência de uma bissexualidade inata em ambos os sexos, a qual se torna difícil de concretizar.

Na sua obra «A fase fálica» (1932), o autor refere que a «fase fálica» de Freud, em ambos os sexos, não constitui uma fase normal do desenvolvimento, mas um «compromisso neurótico entre a libido e a angústia», relacionando-se esta com os desejos edípicos geradores de culpa. Ambos os sexos desejam castrar o progenitor do mesmo sexo para poder conquistar o progenitor do sexo oposto. Ambos temem, portanto a castração - castração externa por parte dos rapazes e castração interna, por parte das raparigas. Ambos têm um «complexo de Édipo positivo».

Um dos temores fundamentais para ambos os sexos que para agora consiste na possibilidade de abolição da sexualidade - a «afanisia». A rapariga, é segundo o autor, mais dependente face ao rapaz na satisfação da sua sexualidade, logo temerá a separação, a possibilidade de poder vir a ser abandonada por este, o que seria a concretização da «afanisia». A não satisfação dos desejos edípicos conduz ao receio da castração, gerando-se formações defensivas, tais como a culpa e o superego, as quais são mais de natureza interna do que propriamente de natureza externa.

Relativamente à construção do superego, o autor defende que este forma-se em virtude da culpabilidade nascente da falta e da possível «afanisia» (concretização dos desejos edípicos), da frustração que daí advém. É pois uma forma de controlar a angústia da criança, já que existem desejos que são difíceis ou mesmo impossíveis de serem satisfeitos. Em virtude do que se deseja nasce uma instância que nos faz crer que o que desejamos não pode ser satisfeito, porque é moralmente interdito, e a criança sente-se minimamente “aliviada”.

Precocemente, a mãe não é concebida nem como mulher, nem homem, mas essencialmente como fonte de objectos que a criança tende a cobiçar e a querer adquirir; sendo o pénis considerado como um objecto parcial pertencente à mãe e jamais expressão de amor ao pai. Somente no segundo semestre de vida, a personalidade do pai exerce influência, entrando-se em rivalidade com a mãe.

Perante as vicissitudes do Édipo a rapariga opta ou pela mudança de objecto (clítoris => vagina; pai => outros homens) ou pela mudança de desejo (identificação ao pai), podendo mesmo optar pela homossexualidade.

Esta última, poderá surgir em várias versões: - o desejo da mulher de ser um homem, continuando no seio dos mesmos (neste registo de relação o sexo da mulher é como que recalçado, havendo porém uma conservação objectal, que reenvia para uma forte identificação

ao objecto paterno, para o desejo de ser amada e reconhecida em termos másculos por este); - o desejo da mulher em se relacionar apenas com mulheres (que equivale a viver com as mulheres a sua própria feminilidade, feminilidade esta projectada do seu interior, representando o processo de incorporação do pai; vivência eminentemente narcísica e não propriamente de carácter objectal, em que a mulher nega inconscientemente o desejo de um pénis, na medida em que procura evidenciar a posse de um).

Jones discorda de Freud quando este considera que na «fase fálica» não existe por parte do menino e da menina qualquer consciência da vagina, referindo que este aspecto reenvia para uma formação defensiva homossexual da mulher (identificação sádica na «fase oral»).

2.5.2 – O pensamento de Melanie Klein

Melanie Klein, autora cujo pensamento é de maior importância para a compreensão da construção do feminino, sugere-nos que o início do complexo de Édipo na rapariga (igualmente no rapaz) surge muito precocemente (primeiro ano de vida e não no terceiro), concretamente na fase oral, mediante as primeiras frustrações orais (ligadas à amamentação) face ao objecto materno. Segundo a autora, a relação precoce entre mãe-bebé tende a influenciar todo o desenvolvimento emocional e sexual futuro da criança. Este aspecto, indica que todas as raparigas têm um conhecimento significativamente precoce da sua vagina, ainda que de forma inconsciente. Assim, a receptividade oral e vaginal da rapariga é antes de mais «primária».

Na fase oral dá-se uma transferência simbólica do seio ao pénis do pai, dada a frustração derivada do investimento no seio (o desejo pelo pénis é consubstancializado sob a forma de “incorporação” oral).

Simultaneamente brotam impulsos genitais face ao pénis, sendo que “*o desejo oral do pénis paterno torna-se o protótipo do desejo genital, vaginal desse pénis*” («A Psicanálise das crianças» (1932); citado por Chasseguet-Smirgel, Janine (1975). In «A sexualidade feminina» Brasil: Editora Vozes, pp. 44).

Assim, existe uma passagem directa da oralidade ao Édipo, em que a rapariga passa de um registo relacional oral com o seio a um registo relacional oral fantasmático com o pénis («fantasma de felação»), até chegar finalmente, a um registo pautado pela masturbação clitoriana, sendo este uma forma de satisfação substituta, subliminar.

Klein vai centrar as suas investigações sobre a problemática da «angústia de castração» na menina, processo esse que a autora considera conduzir à «inveja do pénis», não propriamente do desejo do “pénis pelo pénis”, mas do desejo por uma determinada “grandeza”/qualidade/natureza libidinal que lhe está associada. Assim, a «inveja do pénis» constitui uma «formação secundária».

No conflito edípiano, o temor principal da menina focaliza-se sobre o seu próprio corpo. Após a frustração oral da mãe, a menina afasta-se do seio e deseja receber satisfação do pénis paterno, sob a forma de «incorporação oral». Nesta altura, entram em jogo impulsos genitais relativamente ao pénis paterno, sendo a passagem do investimento no seio materno (frustrante) ao pénis o epicentro da conflituosidade edípiana precoce. O pénis é então visto como algo que a mãe retém no interior do seu corpo, o que favorece por parte da menina “ataques” sádicos ao corpo da mesma, numa tentativa de “ganhar” o pai. Estes “ataques” não se realizam indelevelmente, isto é, têm um “preço” para a menina – o temor da retaliação materna expressa na destruição dos seus órgãos internos.

Assim e segundo a autora “*o medo fundamental da menina está relacionado com o interior do corpo*” (1932) e não tanto com uma angústia de castração feminina (não possuir pénis); o que a menina teme é a representação do seu corpo atacado, o que equivale a imaginar os seus objectos internos amados destruídos. Esta lógica parece reenviar para uma profunda insegurança face às capacidades femininas da própria, quer face às capacidades maternas, advindas de uma frustrada identificação à mãe, segundo Bégoin. Estes medos podem levar a menina a fugir da sua feminilidade.

Importa reforçar que para a autora “*O Édipo da menina não se instala indirectamente graça às suas tendências masculinas, mas directamente sob a acção dominante dos seus elementos femininos instintivos.*” (Klein, Melanie (1928); citado por Chasseguet-Smirgel, Janine. In «A sexualidade feminina» (1975), Brasil: Editora Vozes, pp. 44).

Nesta fase, ocorre habitualmente uma «identificação paterna», de natureza «fálico-sádica» (imbuída numa forte agressividade de natureza homossexual) que poderá ocultar vários intuitos: antes de mais, a tão desejada incorporação do pénis do pai; a reparação da agressividade dirigida ao interior da mãe (destrutiva), e a recuperação do pénis que a mãe lhe roubou.

De qualquer modo, importa frisar que a identificação e relação da menina com o pai e com a sua dimensão superegógica, depende sempre e antes de mais, da relação desta com a sua própria mãe. Assim, o Super-ego constitui-se precocemente e a partir da interiorização das fantasias e dos conflitos emocionais associados à relação entre o bebé e o seio materno, numa lógica de ansiedade, culpa e depressão que conduz à promoção das primeiras relações objectais, carregadas de identificações e introjecções. Estas introjecções ligadas à formação do Super-ego vão influenciar a relação com os objectos paternos e igualmente o desenvolvimento sexual da criança.

Assim, o pénis pode ser alvo de idealização (investido de qualidades “mágicas”, onipotentes), mas também poderá ser alvo de agressão interna, dada a frustração que este pode provocar na menina, tornando-se numa representação ameaçadora e “perigosa”.

A «introjecção» do pénis forma o núcleo do superego paterno (em ambos os sexos), sendo o sadismo uma componente que o proporciona como “terrível”, favorecendo uma forte ambivalência.

Klein considera o superego na rapariga mais severo que no rapaz, o que pode conduzi-la mais tarde a intensificar o número das suas experiências sexuais, bem como motivar o receio de ser destruída, e o temor da eliminação da sua sexualidade (afanasia). Somente o coito ou a experiência da maternidade (saudável, com capacidade de amamentar de forma nutritiva) poderá dar-lhe de volta a segurança interna.

A escolha objectal feminina depende pois da elaboração dos temores corporais e sexuais infantis.

Se a mulher escolher um «bom pénis», este poderá securizá-la face aos seus temores corporais de origem precoce; garantindo o coito, não só a satisfação sexual, mas também o apaziguamento dessas angústias (viabilizando uma relação satisfatória e com probabilidade de se prolongar temporalmente); se pelo contrário, o pénis escolhido for um «mau pénis» (sádico), então este será susceptível de destruir o que de mau/persecutório foi «introjectado».

Para Klein, o «masoquismo feminino» constitui a outra face da moeda do sadismo, não contra si mesma, mas contra os maus objectos internos, podendo conduzir o sujeito a uma actividade sexual compulsiva.

Quando a mulher possui uma significativa incapacidade egóica em fazer diminuir a angústia, este processo poderá conduzi-la à frigidez, dado que tanto o pénis interior como o pénis exterior são temidos, sendo os impulsos destrutivos mobilizados.

Em suma, o receio da rapariga face ao interior do seu corpo (percepção de eminência de ameaça materna devido aos ataques anteriormente dirigidos ao seu corpo) pode levá-la a distanciar-se da sua feminilidade (por culpa), mas também é a única oportunidade que tem para lutar e caminhar em direcção à mesma, à sua natureza psíquica, através da reparação e sublimação, formas de atenuar o possível castigo.

*

Klein (1932) explorou a questão sexual da criança, mas vai mais longe, desenvolvendo um raciocínio anteriormente elaborado por Freud (1921), considerando a angústia como um derivado da «pulsão de morte» («angústia de morte»). A angústia, existente desde o início da vida, vai constituir uma condição fundamental para o desenvolvimento psíquico da criança, sendo igualmente a arqueologia de toda a patologia psíquica.

O conflito mental espelha os sentimentos, quer de desejo de amor, quer de ódio (pulsões sádicas), ligados ao vínculo com os objectos significativos.

É pois na angústia, na frustração, no negativo (Green) que se funda a possibilidade da constituição de um «Aparelho para pensar os pensamentos» (Bion), condição essencial à estruturação do psiquismo humano e consequentemente da feminilidade.

A autora vai interessar-se por investigar o desenvolvimento precoce, no seu primeiro ano de vida, dado que considera este espaço de tempo o protótipo de todo o desenvolvimento posterior. Considera a relação do bebé com o seio materno como a base de todas as relações objectais posteriores, denominando este momento por «fase do feminino primário», estruturante do psiquismo do bebé. É no seio destas primeiras identificações que nasce o feminino.

Elabora uma teoria do desenvolvimento e da estruturação da mente, fundada na lógica do mundo dos objectos internos, os quais interagem entre si, existindo uma ligação de vinculação

emocional, dando espaço a todo um conjunto de fantasias inconscientes, significados pessoais, representações (elementos-base do mundo interno).

Segundo Mancia (1987), o modelo Kleiniano da mente pode ser concebido como um modelo teológico, isto é, *“as imagens genitais, depositadas, durante a infância no espaço metafórico que é o nosso mundo interno, tornam-se em amos: deuses e diabos do nosso universo mental”*.

Para Klein, desde os primórdios da vida humana que o funcionamento mental (primitivo) possui uma determinada organização, não sendo totalmente desorganizado ou caótico, mas define-se pela qualidade ou natureza dos mecanismos de defesa utilizados, nesta fase essencialmente de carácter onipotente.

A vida psíquica organiza-se pois em termos funcionais e evolutivos em redor de duas posições fundamentais – a «posição esquizo-paranóide» (primeiros três meses de vida) e a «posição depressiva» (a partir do quarto mês e consolidada até ao fim do primeiro ano de idade).

Na «posição esquizo-paranóide» predomina a «angústia de morte», sendo esta um elemento destrutivo no sujeito, que fomenta por sua vez uma intensa angústia persecutória e a cisão do objecto em duas qualidades.

O objecto é pois sentido enquanto objecto parcial, unilateral, cindido ou dissociado em duas qualidades, que se excluem mutuamente; por um lado o objecto totalmente bom, idealizado, por outro lado, o objecto totalmente mau, persecutório.

Klein dá relevo ao efeito da agressão no psiquismo precoce, o qual é expresso em fantasias inconscientes oral-sádicas de devorar o seio e o corpo materno, e anal-sádicas de atacá-lo com excrementos. Este aspecto, gera no bebé temores persecutórios de ser punido, concretamente de ser devorado e envenenado.

O corpo materno é aqui um corpo fantasmático, dado que a sua imagem é a imagem das fantasias do sujeito, por isso, metamorfoseada pelas projecções das pulsões agressivas elaboradas pelo bebé.

Se este processo fracassar, conduz à desintegração ou fragmentação do objecto e do próprio ego, levando à fixação da libido nesta fase, e conseqüentemente, ao desenvolvimento da patologia psicótica.

Para além do mecanismo de defesa da clivagem, imperam ainda os mecanismos da projecção, da introjecção, da identificação projectiva, da idealização e da negação.

Destes vários mecanismos, importa aludir ao da identificação projectiva, o qual é primariamente utilizado na relação com a mãe, constituindo a base principal do processo de confusão mental.

Este diz respeito à capacidade onipotente da mente em se fazer libertar de uma parte do self, colocando-a noutra objecto, donde resulta uma confusão de identidade, uma indiferenciação entre sujeito e objecto, entre o interior e o exterior.

O sujeito ao expulsar uma parte de si no outro, identifica-se com o não projectado, bem como atribui ao objecto os aspectos projectados por si nele (aspectos desprendidos de si).

O sujeito visa assim o controlo do objecto, sendo este o modo por excelência de comunicar acerca do seu estado interno com esse.

O bebé ao expulsar sentimentos dolorosos de si, colocando-os na mãe, confere-lhe um significado persecutório, concretamente o temor de que esses sentimentos sejam reversíveis, ou seja, que retomem nele.

Em 1952, Klein reformula o conceito de identificação projectiva ao considerá-la como um fenómeno normal, essencial na comunicação empática com o outro. Apenas na sua qualidade e intensidade excessivas e defensivas se poderá interpretar a identificação projectiva enquanto fenómeno patológico. Portanto, Klein concebe a «posição esquizo-paranóide» como uma psicose infantil “normal”, ponto de fixação das psicoses do sujeito adulto.

Entretanto, a angústia persecutória vai-se esbatendo progressivamente, o que vai favorecer a implementação dos processos de integração. Passam a existir momentos de integração dos objectos dissociados, em que a introjecção do objecto bom (idealizado) fortalece o ego, o que permite tolerar melhor a angústia sem a projectar, sendo que a introjecção sobrepõe-se à projecção.

O padrão típico do conflito mental toma a configuração de uma luta constante entre a possibilidade de dissociar e de integrar os objectos, seja fora ou dentro do objecto. Assim, se anuncia a passagem à «posição depressiva», por via dos «processos terciários» segundo acepção de Green, ponto de partida para o desenvolvimento normal do Eu e consequentemente do feminino.

Enquanto se permanecer na «posição esquizo-paranóide», vive-se em colagem ao materno, na indiferenciação; se se der uma fixação nesta fase, então a «identidade primária» do sujeito fica comprometida, inviabilizando-se os movimentos do Ser Como em diferenciação (mas em mesmidade), e consequentemente, os movimentos em direcção à interiorização do diferente (mas complementar) nos esquemas mentais do sujeito, o Ser Com, a tomada da «identidade secundária», que viabiliza a relação do feminino com o masculino, a vivência plena do feminino numa lógica de heterossexualidade.

Na «posição depressiva» os objectos passam a ser, nem tão bons, nem tão maus como eram supostos anteriormente, ou seja, nem tão idealizados, nem sentidos como tão persecutórios. A mãe passa a ser um objecto total, distinguível do bebé, integrando simultaneamente em si

qualidades boas e qualidades más, aspectos idealizados e aspectos ameaçadores e persecutórios, mas todos estes com algum esbatimento na intensidade com que são vividos e sentidos.

A distância entre objecto interno fantasmático e objecto externo (realidade) esbate-se, sendo o vínculo com o mundo externo mais realista.

O Super-eu, existente desde os primórdios da vida é a instância que viabiliza a integração dos objectos ideais e persecutórios.

Estamos desta feita, perante um conflito baseado simultaneamente em tendências opostas, a saber a ambivalência, coexistência de amor e ódio face ao mesmo objecto. Os mecanismos de defesa são naturalmente menos onnipotentes face à fase anterior, sendo que os objectos se enunciam despidos da deformação das projecções efectuadas previamente.

O sujeito reconhece o seu amor e dependência face aos objectos paterno e materno, mas simultaneamente é invadido por um intenso ciúme pelo facto destes não lhe pertencerem totalmente.

Todo o sadismo previamente dirigido ao objecto expressa-se agora por via da culpa, que faz com que o sujeito tema a auto-aniquilação e a perda do objecto, o qual vai procurar preservar a todo o custo, devolvendo a sua integridade, reconstruindo os aspectos previamente danificados ou perdidos.

“A dor por ter atacado, em fantasia, os objectos do mundo interior solicitará sentimentos reparadores, medo de os perder e uma ânsia nostálgica de os reconquistar.” (Klein, Melanie, citada por Mancia, 1990, pp. 153).

Nesta fase, dá-se pois a perda de um objecto ideal, percebido agora como um objecto que não é totalmente bom, mas que possui pontos frágeis, imperfeições. O Super-eu vai permitir finalmente aproximar a criança da imagem dos pais bondosos e amados.

A grande angústia presente em todo este processo radica na angústia da perda do objecto total, em que o sadismo, embora menor, ameaça provocar o abandono do universo fantasmático da criança.

Quando ocorrem problemas na elaboração da «posição depressiva», no processo de luto face à perda de uma imagem ideal, de fusão com o objecto, então Klein fala-nos na possibilidade destes problemas poderem motivar a regressão a um registo de funcionamento próprio da posição anterior, ou constituir o ponto de fixação de futuras perturbações depressivas, inviabilizando naturalmente a constituição plena do feminino, pois este implica diferenciação, dor, elaboração e resignificação da dor sob a forma de símbolos alternativos.

O luto surge como a única via possível de superação da perda, o trabalho supremo da «posição depressiva». Esta tende a repetir o luto pelo seio que se operou precocemente, tornando-se numa

configuração psíquica que tende a repetir-se/reactualizar-se por toda a vida, sempre que surjam situações de perda, internas ou externas.

Assim sendo, é a perda da mãe como objecto intensamente amado e desejado que é revivida em cada perda do adulto.

A possibilidade que cada um de nós tem de fazer face e recuperar do luto depende do modo como resolveu precocemente a sua «posição depressiva».

O luto constitui a luta sofredora, mas libertadora (indutora de crescimento psíquico), criativa, reparadora contra o caos interno, única via de desenvolvimento psíquico. A descoberta de um objecto total constitui em si uma criação sublime por parte do sujeito.

Com a reparação, o mundo interno torna-se num espaço securizante, em que cada vez mais se confia nos objectos internos e em nós mesmos, havendo esperança e fé internas. Essa possibilita ao sujeito tolerar a perda, a culpa e responsabilizar-se pela perda. Surge a esperança de que nem tudo está perdido e também a aceitação da realidade psicológica, o que pressupõe o renunciar da onnipotência e do pensamento mágico. Significa aceitar a ideia da separação, a ideia de que se fica só, mas não abandonado. A reparação também implica a «integração do casal combinado» (parental), a aceitação da imagem do pai e da mãe unidos pelo coito, a existência de um terceiro (pai; mais tarde, um companheiro). O paterno vem pois marcar o «princípio da realidade» (afastando o sujeito da exclusividade do «princípio do prazer»), do «processo secundário» (antecedido pelo «processo primário»), quebrar a fusão entre bebé-mãe, e instituir o apelo ao diferente, mas complementar, objecto de desejo e sexuação, que permite a vivência da feminilidade em plenitude. O sujeito fica então disponível para o investimento em novos alvos libidinais. Daqui se pode deduzir que na menina, a posição feminina procede a posição masculina, o que de resto, é igualmente válido para os meninos.

Nesta passagem, que poderá ser concebida igualmente como uma passagem da «posição feminina» - mãe, para a «posição masculina» - pai, dá-se uma experiência de frustração (que motiva agressividade, culpa e reparação; dicotomias bom VS mau, interno VS externo; desejo e esperança em novos objectos; fomenta a estruturação do Super-ego na sua lógica persecutória, mas igualmente bondosa; facilita as identificações egóicas) que urge transformação e crescimento, activando o desenvolvimento de um aparelho mental conceptual ou aparelho para pensar os pensamentos segundo as concepções de Bion.

É a partir da frustração ligada ao desejo de satisfação total da relação primária, que se ergue o crescimento mental e o espaço do feminino.

A simbolização nasce assim do trabalho do luto, das frustrações, na medida em que permite recriar o objecto perdido dentro do psiquismo do sujeito (mãe), sendo a ausência deste substituída pelo símbolo do mesmo, uma abstracção, uma recordação.

Importa não esquecer que a vida é um suceder de perdas, sendo que a «posição depressiva» nunca é completamente elaborada, não é um estágio que se atinge e que fica funcional para toda a vida, ao contrário, põe-nos à prova a todo o momento.

Os trabalhos de Melanie Klein foram extremamente importantes para os estudos desenvolvidos posteriormente sobre o pensar. Sabemos que o pensar só poderá erguer-se a partir da perda e da sua superação ou luto, constituindo um elemento fundamental à constituição do Eu (Eu que se diferencia de um outro) e potencial feminilidade (que se constrói em relação a um outro diferente, sexuado e intensamente desejado). A «pulsão de morte» é pois o elemento propulsor da construção do símbolo e do pensar.

É a partir do trabalho de Klein sobre o simbolismo (teoria sobre os símbolos), que Hanna Segal vai desenvolver um artigo sobre a formação dos símbolos, este labor fundamental da perda e da estruturação de um «Aparelho para pensar os pensamentos», um «Aparelho mental conceptual» na acepção Bioniana.

Segal procura descrever o funcionamento do ego na sua relação com os objectos e a forma como esse influencia o processo de formação dos símbolos ou o funcionamento do simbolismo, para tal baseia-se nas formulações Kleinianas anteriormente apresentadas.

É de sublinhar que são as primeiras projecções e identificações operadas entre o bebé e a mãe que constituem o início do processo de formação dos símbolos, da potencial capacidade de pensar e de poder a vir a aceder ao feminino e à heterossexualidade.

Segal estabelece uma distinção entre a formação de símbolos na «posição esquizo-paranóide», a que dá a designação de «equação simbólica» e a formação de símbolos na «posição depressiva», que designa por «símbolo propriamente dito».

Nas equações simbólicas, o símbolo é confundido com o objecto, tornando-se no próprio objecto, sendo a equação a base do pensamento concreto (típico do pensamento esquizofrénico). A equação simbólica é utilizada ao serviço da negação da ausência do objecto ideal ou como forma de controlar um objecto persecutório, ameaçador.

O desenvolvimento das vicissitudes entre o ego e os objectos é gradual, da mesma forma é gradual, a passagem das equações simbólicas aos símbolos propriamente ditos, na posição depressiva.

Agora o ego luta contra a ambivalência de sentimentos (e não contra a clivagem), numa relação de objecto imbuída em culpa, no medo de perda do objecto, sendo que os processos de introjecção são mais intensos do que os de projecção, como veículo de retenção do objecto dentro do sujeito, como possibilidade de o reparar, restaurar, recriar. O pensamento torna-se cada vez mais realista.

A preocupação por parte do ego em salvaguardar o objecto da sua posse e agressão/destruição tem um preço alto, a inibição dos objectivos pulsionais, tanto agressivos como libidinais.

Esta condição é fundamental para a formação de símbolos, estes passam a representar os objectos ao invés de se equacionarem a estes, tornando-se disponíveis para proceder ao deslocamento da agressão e libido dos objectos originais para outros, restringindo a culpa e o medo da perda, ideia já anteriormente preconizada por Klein.

A posição depressiva vem pois permitir a resolução de conflitos anteriores não resolvidos, através da simbolização.

Quando se atinge este “estádio” de desenvolvimento, este não é estanque. A qualquer momento, se as ansiedades atingirem um nível bastante intenso, o sujeito pode regredir à posição esquizo-paranóide, recorrendo à identificação projectiva como forma de lidar com um nível de ansiedade maciço.

A formação de símbolos permite aceder à capacidade de comunicar, com o próprio (pensamento verbal) e com os outros. A comunicação interna permite a integração de desejos, ansiedades e fantasias existentes desde os primórdios da vida até aos estádios mais avançados do desenvolvimento, através da simbolização.

A partir de 1975, Hanna Segal debruça-se sobre a relação continente-conteúdo, fundada no entendimento recíproco entre mãe-bebé, em que a mãe confere um significado aos sentimentos desfavoráveis ou negativos expressos pelo bebé, assumindo um papel de continente (contentor; receptáculo; invólucro; «capacidade de *holding*» - Winnicott, 1962/1980), e possibilitando ao bebé desenvolver a sua capacidade de pensar.

Estas formulações aproximam-se do conceito de pensamento Bioniano, em que para se tornar possível o fenómeno da comunicação é fundamental existir um trabalho prévio ao nível dos pensamentos. Sem um aparelho para pensar este trabalho seria impossível. As concepções de Bion serão adiante exploradas quando oportuno e intrincadas com as concepções de outros autores considerados relevantes para o entendimento da estruturação do feminino.

A grande máxima radica na ideia de que a estruturação de um Aparelho para pensar pensamentos é fundamental para a estruturação do Eu e conseqüente construção do feminino.

Em suma, o feminino poderá ser concebido, não só como um conjunto de identificações ao objecto maternal primário, mas igualmente como uma componente que se constitui enquanto qualidade psicológica, responsável pela estruturação do desenvolvimento interno do sujeito.

2.5.3 – O pensamento de Winnicott

O autor Winnicott considera que tudo na vida tem a sua fundação no desenvolvimento emocional primário (as identificações primárias que advêm da díade mãe-bebé são o pilar das futuras identificações), tendo contribuído de forma decisiva para o desenvolvimento da teoria do materno e feminino. Defende, tal como Freud a “*predisposição em direcção à bissexualidade*” (Winnicott, 1971/1993, pp. 76).

Winnicott vem conceber conceitos que nos permitem uma compreensão sobre a estruturação do sentimento de identidade e sobre a construção da feminilidade. O autor, tal como Klein, mas contrariamente a Freud, considera que os elementos femininos precedem os elementos masculinos.

Para o autor e partindo da sua obra «Criatividade e as suas origens» (1971), existem dois conceitos básicos na construção da feminilidade (embora presentes em ambos os sexos) – os «elementos femininos puros» e os «elementos masculinos puros», os quais parecem possuir uma certa ilação com os conceitos de «posição esquizo-paranóide» e de «posição depressiva» em Mélanie Klein.

Os primeiros elementos dizem respeito a uma fase do desenvolvimento do bebé em que a estruturação mental é mais simples e arcaica, em que o bebé não se diferencia do objecto maternal (unidade sujeito/objecto; o objecto é o sujeito; reenvia para a noção de «objecto subjectivo»), em que a imensidão do mundo externo se confunde com a imensidão do mundo interno, urgindo a existência de um continente interno (e concomitante introjecção de um ambiente, desta qualidade ou função continente), uma «mãe suficientemente boa» («good enough mother»/«mãe aceitável» - 1960), um «objecto transitivo», que viabilize o relacionamento com o exterior e os objectos, a bissexualidade psíquica, fomentando ainda no bebé a ideia de que o objecto não é criado por ele, mas que existe *per si*. Nesta fase, não há distinção entre um dentro e um fora, ambos se encontram confundidos, esbatidos, difusos e as coisas são tão somente as coisas, sem qualquer simbolismo associado, sem qualquer transformação. Então, o feminino é antes de mais, tudo o que antecede o Ser (Annie Anzieu), uma espécie de «pulsão Big Bang original», a organização dos alicerces de um espaço psíquico posterior, que viabilizará a estruturação da identidade do sujeito, construções que necessitam da “mão” do elemento masculino para Ser e Vir a Ser; ou seja, o espaço do “being” (Ser), do Eu, do elemento excitável que permite a entrada do elemento masculino, elemento este da ordem do “doing” (Fazer). Assim, o «elemento feminino puro» enquanto noção de Ser constitui-se como a base do conhecimento e da existência, promovendo a noção de um dentro enquanto continente interno que articula mecanismos de projecção e introjecção, permitindo o relacionamento com o mundo a partir desses mecanismos.

Mas graças precisamente à função estruturante dos «elementos masculinos puros» (espaço mental mais específico e complexo), espaço do “não eu”, é possível ao universo dos «elementos femininos puros» se tornar num espaço de diferenciação, em que a diferença que se instaura dirige o Eu para o encontro consigo mesmo, na relação consigo e com o outro (capacidade de estabelecer relações, dualismos e circularidade temporal), em que o «objecto subjectivo» dá espaço ao «sujeito objectivo» ou à «objectivação do objecto». É o fim da «doença normal da mãe» segundo o autor em causa.

Assim, pela “mão” dos elementos masculinos, transformadores, criativos, é possível aos elementos femininos constituírem-se enquanto Ser, realização do Ser, desenvolvendo o sentido de existência e posteriormente o potencial de Ser Com, tão somente Ser na relação com um elemento diferente, sexuado, complementar.

Podemos então conceber a relação entre os dois domínios como a passagem da «pulsão inerte Ser» pela «realização Ser» até à pulsão feminina, ao conceito Ser.

Nesta passagem, o elemento masculino constitui-se enquanto elemento continente, elemento contendor de tudo o que antecede o Ser, transformando a perca no Ser, num senso de existência, porque diferenciado, permitindo aceder à estruturação de um Aparelho mental conceptual, em que o Ser se diferencia do Ser Com, desejando-o, e estabelecendo e elaborando a feminilidade.

Mas se ocorrer uma dissociação entre os elementos femininos e os elementos masculinos pode dar-se uma profunda dificuldade na integração da bissexualidade psíquica do sujeito.

Aspectos tais como a integração do coito parental (com a identificação a cada um dos pais), assim como a constância do objecto materno (introjecção do Eu auxiliar da mãe, fazendo com que a criança consiga estar só na ausência desta ou de um símbolo da mesma), permitem à criança adquirir a capacidade de estar só sem sentir só, perdida, abandonada.

A expansão do Aparelho para pensar o pensamento permite a transposição do materno/feminino para o paterno/masculino, até ao Ser Com. Esta passagem implica necessariamente a noção de perca, o luto pelo objecto primordial tão amado e idealizado, mas que não pode satisfazer por completo as necessidades do sujeito, nem sequer está ao alcance do que desejava, fomentando uma culpa que exige reparação, elaboração, através do trabalho dos elementos restauradores masculinos. Somente quando a reparação começa a instaurar-se e é bem sucedida, o sujeito se disponibiliza para a relação com um novo objecto, diferente, objecto conhecedor (aprender com a experiência), dando chance ao seu Ser de se estruturar na relação com o outro, de Ser Com o outro masculino, diferente, complementar, objecto de puro desejo, caso contrário instaura-se um «falso self» ou uma «pseudo-maturidade».

Tanto para Winnicott como para Klein, o feminino precede o masculino, sendo que este último é responsável pela construção, continuidade ou expansão da vivência do Ser.

Assim, a teoria de Winnicott distancia-se largamente dos pontos de referência freudianos.

2.5.4 – Os pensadores mais actuais do feminino

“A sexualidade é o agulhão mais poderoso de uma excitação a pensar, isto é, em primeiro lugar, a imaginar.”

(Green, André (2000). «As Cadeias de Eros – Actualidade do Sexual», Lisboa: Climepsi, Vértice 6, pp. 197)

O conceito de bissexualidade psíquica é defendido pelos diversos autores desde Freud como um factor estruturante do feminino, em que elementos femininos e elementos masculinos jogam um papel fundamental no desenvolvimento psicológico do sujeito – primeiro, na dinâmica da identidade do Eu, segundo, na dinâmica da identificação sexual.

Mas se este conceito é alvo de unanimidade entre os vários autores, a estruturação e desenvolvimento do feminino é palco para diversas opiniões e construtos.

Partindo de Freud, Hélèn Troisier (1993) e Claudette Lafond defendem a ideia do feminino enquanto elemento recalcado e por isso mesmo irrepresentável devido à ameaça de destruição do Eu ou/e de representações face ao objecto materno e sua qualidade subjacente.

Desse modo, podemos considerar o feminino como um elemento ameaçador ou um elemento excitável ao serviço da «pulsão de morte» (tendência auto-destrutiva e irrepresentável), mas igualmente, ao serviço da «pulsão de vida» (quando surge a necessidade de evacuar e transformar os elementos ameaçadores da mente em algo securizante e criativo).

Entrando nos meandros da Escola Francesa encontramos Annie Anzieu (1989), esta vai pegar na ideia apresentada anteriormente e desenvolve-a, surgindo assim o feminino como algo que precede o Ser, aspecto comum à mulher, mas igualmente ao homem, uma vez que o feminino viabiliza a edificação do aparelho mental, o qual parte das inter-conexões identificatórias materna e paterna precoces. Neste processo, o elemento maternal possui uma função essencial, uma vez que permite o Ser revelar-se pela metamorfose do feminino em maternal. O materno assume uma função para-excitante (pensamento próximo das considerações freudianas), enquanto que o feminino uma função excitante, elemento indiferenciado à procura de um continente acolhedor, com possibilidade de transformação fálico-masculina ou materno-reprodutiva. Nestas considerações, a autora aproxima-se de Winnicott, pois para este o Ser antecede o Ser Com, assim como para Anzieu, o feminino antecede o Ser, dimensão da ordem do impensável, mas que cria a emergência de vida no seio da actividade do pensamento.

Entretanto, Florence Guignard vai pegar nas ideias de Anzieu e passa a considerar o materno e o feminino como dimensões interiores do ser humano desde idade precoce, instâncias bissexuais

que denomina de «materno primário» e de «feminino primário», dimensões simbólicas ou metafóricas de espaços psíquicos promotores de uma «relação de intimidade» (1995), onde se jogam processos identificatórios. Segundo a autora “*a identificação é reconhecida pela psicandlise como sendo a expressão mais precoce de um elo emocional com outra pessoa*” (1988).

Mas ainda assim, a autora alerta-nos para o facto da feminilidade constituir um campo difícil de penetrar, pois quanto mais tentamos apreendê-la mais ela se esconde na “máscara” da palavra, mais parece fugir da sua essência.

“*Quanto mais tentamos circunscrevê-la, mais deformamos a sua própria natureza.*” (*Adolescência e feminilidade*, In «*Cartas ao Objecto*» (2002), Brasil: Imago Editora, pp. 104).

Ainda a propósito, Florence Guignard diz-nos o seguinte:

“*(...) quanto mais nos ocupamos da feminilidade, para tentar circunscrevê-la, defini-la, mais ela se esconde recobrando-se de palavras que a deixam oculta para sempre.*” (*Adolescência e feminilidade*, In «*Cartas ao Objecto*» (2002), Brasil: Imago Editora, pp. 102)

Florence Guignard recorre a vários autores para repensar a questão da feminilidade, critica alguns aspectos da Teoria de Sherfey e da Teoria de Freud, mas valoriza e pega em alguns que lhe parecem essenciais e vai basear-se de uma forma mais profunda nos trabalhos de Melanie Klein, Stoller, Green, Winnicott e Bion.

O centramento sobre o falo, a ideia de que todos nós começamos por possuir um embrião de cariz feminino e que o orgasmo feminino enuncia-se como um fenómeno idêntico ao orgasmo masculino, são pressupostos de Sherfey (1966) que Guignard refuta sem qualquer dúvida.

De Freud, importa reter que as teorias sexuais infantis pré-conscientes sobre a feminilidade entram em estreita conexão com o conhecimento da diferença entre os sexos e da existência dos pais unidos pelo coito, o que motiva um recalçamento fundamental.

O Édipo genital é pois um momento importante na medida em que permite, segundo Guignard, um «rearranjo das identificações primárias», o desenvolvimento profundo do espaço psíquico e aquando da sua resolução, a entrada na «genitalidade feminina psíquica».

A vagina é um órgão alvo de conhecimento inconsciente precoce e desde muito cedo que as pulsões genitais emergem no psiquismo da criança.

Importa de momento incidir sobre o autor Stoller, cujas concepções são extremamente importantes para Guignard e em parte constituíram um dos pontos de partida para o seu pensamento.

Para Stoller (1968, 1970), a consciencialização do sexo a que se pertence é um processo que se opera desde o nascimento da criança e embora tenha conexões biológicas, o que parece pesar mais neste processo é precisamente a influência da confirmação parental primária deste mesmo sexo. Defende ainda, que o sentimento da menina em se sentir feminina é independente da objectividade dos seus genitais.

É-nos possível compreender o que anteriormente referimos a partir dos estudos desenvolvidos pelo mesmo autor sobre a transsexualidade; estes permite-nos compreender precisamente que a criança quando nasce é um ser facilmente «maleável»/influenciável pela força das representações sociais, do meio, sendo-lhe atribuído um «género» sexual pela mãe (pais) que pode ou não coincidir com o sexo biológico real da criança.

Quando o género sexual atribuído não coincide com o género sexual real, aí entramos na forte possibilidade do encaminhamento transsexual, teoria esta considerada demasiado taxativa para Guignard, mas que de qualquer modo prova algo fundamental para o presente estudo – a importância fortíssima das primeiras identificações femininas na constituição da feminilidade e masculinidade e ainda, prova o papel das identificações, como ponto fulcral das relações primordiais e futuras.

Stoller critica Freud pelo facto deste basear as suas teorias da sexualidade essencialmente a partir da fase fálica, não tendo tido em conta o papel da mãe em fases mais precoces e a sua implicação, tanto no processo de Identidade do Eu, como no processo de Identificação sexual.

De facto, o processo primordial e fantasmático de identificações femininas parece de maior importância na constituição da feminilidade ou masculinidade da criança.

Antes de mais, Stoller pretende demarcar-se do «determinismo biológico», até então vigente (Freud e seguidores), que utiliza os termos «sexo» e «diferença sexual» como peças representativas. Introduce de forma clara a dimensão relacional, em que o homem e a mulher são peças de um puzzle recíproco e concebe as representações face à distinção entre os sexos como construções sociais.

A autora Joan Scott é tributária do mesmo ponto de vista de Stoller ao falar-nos na «organização social das relações entre os sexos» como algo que influencia a construção do feminino e do masculino.

Stoller chama a atenção para o conceito de «core gender identity» - «núcleo de identidade de género», o qual remete para o sentimento de se ser homem ou se ser mulher, podendo ainda este conceito ser concebido como os aspectos psicológicos e sociais do ser humano se representar como um homem ou como uma mulher, enquanto masculino ou enquanto feminino; aspectos que se desenvolvem precocemente por volta dos dezoito meses de idade.

Esta representação efectua-se ao longo do tempo, à medida que a criança cresce e toma noção da diferenciação entre as pessoas e entre estas e ela própria.

Assim, a identidade sexual (que é definida de forma biológica) adquire um significado/sentido social e psicológico que é o género.

Deste conceito, por sua vez emergem outros três – «identidade de género», «papel de género» e «orientação sexual». Todos estes conceitos constituem a unidade que é o gender, havendo uma inter-relação entre os mesmos. Entre os homens e as mulheres circulam diferenças biológicas, psicológicas, sociais e culturais que se inter-cruzam.

A primeira concepção, remete para o nosso conceito e sentimento internos de sermos homem ou mulher. Money (1992) reforçou a importância deste conceito, considerando que a orientação sexual parte da «identidade de género».

O segundo, o «papel de género» reenvia para a construção social aceite e vigente face ao que deve ser o homem e a mulher, isto é, refere-se a todo o conjunto de atitudes e comportamentos que uma dada sociedade considera adequados à mulher e homem (expectativas).

Finalmente, a «orientação sexual» tem a ver com a escolha sexual que cada pessoa efectua e que é suposto socialmente ser relativamente ao sexo oposto, o que na realidade nem sempre assim ocorre.

Paralelamente a este conceito, Stoller desenvolve em 1968 o conceito de «feminino primário», o qual vem introduzir a ideia de que o feminino é primário tanto para os meninos como para as meninas, uma vez que o primeiro objecto promotor de identificações é a mãe, um objecto feminino.

Assim, para Stoller o desejo do pénis pela menina, ou o repúdio do feminino pelos meninos constituem-se essencialmente enquanto processos defensivos.

Mas retomemos a Florence Guignard e comecemos pelos primórdios da vida do bebé, onde se encontram os alicerces da possibilidade anteriormente aludida.

Para a autora, o espaço psíquico e mental das crianças ergue-se a partir da capacidade de pensar da mãe exercida ao nível do espaço do «materno primário».

Assim, em todos os bebés (independentemente do sexo) as configurações identificatórias primordiais, responsáveis pelo espaço de intimidade psíquica do bebé com os seus objectos internos, bem como das respectivas fantasias originárias, rodam em volta de dois conceitos de Guignard elaborados a partir de 1987 (no seu livro «O feminino e o maternal») - o «materno primário» (vigente nos três primeiros meses de vida, emerge como o espaço das fantasias ligadas ao ciclo de vida intra-uterino e das fantasmas da castração) e o «feminino primário» (característico dos três aos seis meses de idade, em que imperam as fantasias ligadas aos primórdios da vida, caracterizadas pela confusão mental, dispersão dos objectos e fantasias de sedução).

O espaço do «materno primário» emerge desde o nascimento da criança, constituindo em si as representações inconscientes da relação do bebé com o mundo que o rodeia e com o objecto maternal, face ao qual vai desenvolver uma forte omnipotência e um controlo ilusórios, bem como as primeiras relações identificatórias baseadas nos mecanismos de defesa da identificação projectiva normal e a cisão (clivagem). Esta fase faz-nos claramente remeter para a «posição esquizo-paranóide» de Mélanie Klein, uma vez que estamos perante um processo de natureza similar.

Guignard fala-nos das contrapartidas maternas, como pautadas pelo «masoquismo materno» e pela paixão amorosa, aspectos que ligam fortemente a mãe ao seu bebé, mesmo que estes laços se fundam em «mal-entendidos narcísicos» maternas.

Mas o encontro entre o bebé e sua mãe não é totalmente novo, imperando uma relação espaço-temporal e afectiva de estranheza fascinante e enigmática face a alguém minimamente familiar, de um mundo ou dimensão diferente (espaço de vivência amniótica, espaço proto-mental), mas que deixou marcas ou referenciais, donde emergem os mecanismos de defesa da «introjecção» e «projecção» como mecanismos psicofisiológicos potencialmente inatos.

O impacto do novo mundo é de tal forma intenso, pela sua estranheza e beleza, que Meltzer defende que o bebé tende a canalizar todas as suas pulsões e fantasmas originários de vida intra-uterina e de castração para o objecto maternal, a fim deste lhe conferir um significado, uma imaginação criadora e não o deixe perdido no império ilusório do sensorial.

O nascimento marca então o «conflito pulsional primordial» por via de todo o processo anteriormente referenciado e remete o bebé para um «conflito estético» (Meltzer, 1988) que marca a sua relação mais precoce com a mãe, sua *rêverie*.

Meltzer fala-nos no nascimento enquanto situação traumática («mudança catastrófica» Bion), que motiva um forte desejo por parte do bebé em regressar ao útero protector da mãe, mas também como uma situação despoletadora de um conflito de qualidade estética, de deslumbramento estético. Por um lado, impera uma tendência regressiva por via do apego a uma dimensão já conhecida, familiar, de cariz protector, por outro lado, impera o receio, estranheza face a um novo mundo, que simultaneamente induz desejo de o conhecer, atracção pelo impacto da sua beleza – impera pois um conflito a transpor.

Este é um conflito que tende a reactualizar-se ao longo da vida, um conflito de tendências díspares.

Neste processo, marca presença fundamental a «capacidade de *rêverie*» da mãe, que perante a evacuação/expulsão violenta e maciça do sofrimento ou mal estar por parte do bebé, terá de abarcar/conter os elementos projectados (por via da “intuição materna”) – os denominados «elementos β » (“resíduos” psíquicos, “elementos-fantasmas”, «terror sem nome», qual “lixo”

psíquico de carácter eminentemente pulsional, inúteis ao pensar e indutores de forte frustração; elementos excitantes segundo a acepção de Annie Anzieu) e transformá-los simbolicamente em «elementos α », atribuindo um sentido/significado lógico, dentro do pensamento emocional e criativo, dentro da comunicação interpessoal empática; evitando a todo o custo a reintrojecção/reincorporação dos mesmos elementos pelo bebé, o que seria intensamente intoxicante e entrópico ao desenvolvimento do seu psiquismo e posterior diferenciação Eu VS Outro e consequente constituição da feminilidade por parte da menina.

“Se a projecção não for aceite pela mãe, o bebé sente que se retirou da sensação dele, de estar morrendo, o significado que esta possui. Consequentemente, reintrojecta não um medo de morrer, agora tolerável, mas um pavor indefinível, sem nome.” (...) “A consciência rudimentar não consegue suportar a carga nela depositada, o estabelecimento, interno, de um objecto-que-não-entende-propositadamente, com o qual se identifica.” (Bion, 1962, pp. 134)

Assim, através da «capacidade de *rêverie*» e da «função α » maternas (conceitos de Bion) é possível a travessia dialéctica entre dois mundos distintos («sistema meta primário» de Pierre Luquet; «duplo limite» de André Green) que garantem a estruturação da vida psíquica, a «instalação de um funcionamento básico» (Guignard, 1987), a «invariância» do psiquismo do sujeito, dinâmica esta fundada entre um espaço psíquico baseado na tensão e sofrimento (provenientes da «cesura do nascimento») e do contacto com um mundo novo, estranho, mas intensamente enigmático/sedutor/belo), um espaço de «coexistência libidinal» (Freud), espaço este de incompletude, infinito, irrepresentável (porque ainda ninguém significativo e saudável psiquicamente o dotou de representação, sentido), incognoscível, ininteligível, carregado pelos mecanismos de defesa da clivagem, da identificação projectiva, da recusa da realidade e apego ao «princípio do prazer»; e um espaço transformado pela capacidade pensante e desintoxicante do objecto materno, qual «pensador-continente», espaço agora finito, representável, simbolizável, alvo de compreensão e disponibilidade internas (ressonância interna), espaço potencial de «pensamento verdade contida», espaço de feminilidade materna, a partir das identificações primárias («materno primário»).

Esta passagem é uma passagem do negativo, em que a criança se encontra num «pavor indefinível, sem nome» (Bion, 1962), num estado de frustração evacuativa (carregado de afectos que tendem à espoliação), em que o Eu é o espelho bidimensional do objecto, uma espécie de “tábua rasa”; ao afirmativo, em que os estados emocionais são metabolizados, alfa-betizados pela capacidade imaginativa e pensante da mãe.

O espaço do materno é o espaço dos elementos estruturantes do sentimento de Ser, resultando este da transformação do feminino em maternal.

Assim, a frustração é palco da «angústia de morte» (Melanie Klein) ou da «angústia sinal» (Freud), carregada do «terror dos objectos mortos» (Meltzer) que pede um encontro com a «verdade», verdade esta que gera um potencial de profunda angústia. A verdade constitui em si uma «situação crítica» (Bion), que apela ou resulta de uma «mudança catastrófica» (Bion), paradigmática de toda a angústia humana. No entanto, a verdade absoluta («O») nunca poderá ser alcançada ou contida pelo pensamento, pois seria insustentável para o Aparelho de pensar os pensamentos pela dor incalculável que produziria. Uma certa dose de “falsificação” ou de “mentira” é essencial para conseguirmos abarcar alguma verdade (significativa), com o risco de um excesso de verdade (a verdade na sua total abrangência) destruir a possibilidade da constituição de um Aparelho mental conceptual e cairmos nas amarras do parasitismo, sem possível alcance estável da feminilidade.

No espaço do «materno primário», dá-se um deslocamento motivado por duas forças conflituais, dois extremos a integrar - *«um fora muito percebido»* e cada vez mais perceptível por via do desenvolvimento psico-motor (um cada vez maior controlo do corpo na sua relação com o mundo, cada vez mais explorado e atingível, absorvido ou inteligível) do bebé e *«um dentro-a-ser-imaginado»* com a ajuda da capacidade vindoura de simbolização, que permite um contacto cada vez maior e de melhor qualidade com o mundo interno e seus “objectos-população” (bons e maus objectos na acepção Kleiniana).

O espaço «materno primário» permite ainda ao bebé, por via das *«fantasias originárias de sedução e da cena primária»* (desejantes e instauradoras de impossibilidades frustrantes), o encontro com o espaço do outro, da alteridade, da diferença, que é o mesmo espaço da tomada de “percepção” inconsciente da solidão, do estar só no mundo, só perante si e os outros (mas não necessariamente internamente abandonado), mas também o único espaço possível de liberdade.

Só pode ser livre quem realmente se diferenciou do outro em termos mentais, o que acarreta naturalmente sofrimento, dor, a instauração do «princípio de desprazer» (pois o “cantinho” acolhedor da mãe, desta mãe que tudo parece satisfazer, tudo parece ser ao mais alto nível, tem progressivamente os seus “dias” contados); mas permite abrir o caminho para a constituição de um Eu, da equidade, da feminilidade.

Com a intensificação das pulsões genitais advindas das fantasias primordiais anteriormente referidas, e mediante a capacidade defensiva de introjecção, o bebé acede ao «feminino primário». Para tal, a inveja não deve prevalecer sobre a mãe carregada de desejo e de valor sexual/erótico, cujos conteúdos corporais internos são extremamente desejados. A menina vai-se

confrontando com o lado feminino e materno do objecto materno, tendo um processo de elaboração mental a resolver, uma passagem fulcral a realizar psicicamente.

Como refere Florence Guignard:

“(...)... o feminino primário pode ser definido como o espaço psíquico ocupado, no infans, pela representação inconsciente da configuração correspondente à des-idealização do par mãe-bebé, o fim da lua-de-mel da “doença normal da mãe” – que, embora normal, não deixa de ser uma doença.” (Adolescência e feminilidade, In «Cartas ao Objecto» (2002), Brasil: Imago Editora, pp. 138).

A menina tem pois todo um trabalho de luto a resolver, o qual relaciona-se com a inevitável rejeição de ser dotada de um pénis (cujas representações só bem mais tarde poderão ser satisfeitas por via da relação sexual com um objecto masculino), o que favorecerá uma tomada inconsciente de identificações masculinas e paternas. A sua afirmação dar-se-á exactamente mediante uma negação do par fálico-castrado, sob a forma de um «menino gorado».

À medida que o «masoquismo primário» (- K ou entropia da função epistemofílica, ódio do conhecimento da realidade; Bion) tende a esvanecer-se, surge a feminilidade.

Relativamente ao «feminino primário» (Guignard) ou à «fase feminina primária» (segundo Melanie Klein, 1932) [4, 5 meses de idade – predomina a relação oral de sucção], esta caracteriza-se pelo trânsito identificatório às figuras parentais (bebé e pais devem constituir-se como um triângulo unitário, com fluidez libidinal “inter-nutritiva” psicicamente) pela constituição de uma «unidade originária» satisfatória, em que a mãe se deve enunciar enquanto «continente feminino vivo», desejante do seu bebé e disponível para o amar e o bebé enquanto um «contido masculino vivo», securizado, potente, com vigor para viver psicicamente.

É pois deste alicerce identificatório («primeiras identificações femininas») que nasce a capacidade de comunicação entre mãe-bebé e entre bebé-mãe e também a capacidade de comunicar consigo mesmo através da palavra (a seu tempo) – «pensamento verbal», o que exige um trabalho complexo e latente ao nível do pensamento, viabilizando a «feminilidade psíquica» em ambos os sexos.

Melanie Klein vai contextualizar a «fase feminina primária» no âmago da «posição depressiva», fase de reorganização das relações da criança, quer ao nível narcísico, quer ao nível objectal, em que a culpabilidade urge um trabalho de luto e de reparação, logo de simbolização.

“É o lugar primeiro do desejo do Outro, da ausência, do negativo, do abandono recíproco e por conseguinte, da potencialidade do processo de luto.” (Guignard, 1995).

Segundo Bion, a relação mãe-bebé deve repousar sobre o desenvolvimento dos vínculos L (amor ou pulsão da libido), H (ódio) e K (desejo de conhecer ou pulsão epistemofílica),

essenciais ao aprender com a experiência e ao conseqüente crescimento psíquico das duas entidades implicadas na relação.

Retomando os caminhos da identificação primária, esta é considerada por J. Chasseguet-Smirgel como a «feminilidade assintónica» ou a «genitalidade primeira», uma espécie de feminilidade inicial que constitui os alicerces do Complexo de Édipo e da intercomunicação inconsciente, a qual Stoller designou de «identidade de género não-conflitiva».

O «feminino primário» instaura-se aquando da perda do objecto devido ao desmame, situação claramente conflitual em termos pulsionais e que se dirige em duas direcções díspares, a saber, uma relacionada com os objectos parciais («coisa em si»; «objecto concreto» - Bion) que advém do investimento sádico face ao corpo materno (o prazer de sucção aumenta à medida que a perda do seio “todo poderoso” e idealizado é óbvia); outra relacionada com a canalização do investimento do seio perdido para o pénis enquanto objecto de desejo, processo que se opera sob a égide da força das pulsões genitais iniciais, dando espaço à elaboração da perda, restauração, sublimação, simbolização, processos reparadores.

Assim, a vagina constitui-se enquanto “*lugar do pai*” e o útero o “*lugar do bebé não nascido*”.

O masoquismo instaura-se entretanto como defesa contra a perda do objecto, ficando sob o domínio da «pulsão de morte».

O brincar surge para a criança como o lugar onde tudo poderá ser possível, onde a falha, onde a frustração, poderão ser elaboradas, dando espaço a componentes simbólicas reconstrutivas. O brincar permite ainda um espaço de recuperação, actualização e reformulação das identificações narcísicas e objectais primárias, onde os modelos significativos se vão actuando e ajustando ao Ser e ao potencial Ser Com, permitindo a aproximação da potencial feminilidade da menina.

Neste sentido, o relato do sonho surge um pouco como a experiência do brincar, um espaço de resignificação, de simbolização e de elaboração onde a marca da construção do feminino está lá mesmo que bem mascarada.

De Freud a Guignard, podemos ver como se situam as fantasias de carácter masoquista nas suas três cadeias associativas:

- o ser castrado, o ser desmamado, dando origem à perda do primeiro objecto radicado no pénis corresponde em Guignard ao ser castrado por via da perda do seio (o desmame enuncia a disponibilidade biológica da mulher para esperar outro filho); - o ser cingido ao coito, despoletador das pulsões genitais primordiais («censura da mulher amante» segundo D. Brauschweig & M. Fain), corresponde ao não retirar prazer desta identificação aos pais unidos pelo coito (o conceito de D. Brauschweig & M. Fain anteriormente apresentado reenvia para o facto da mulher se permitir viver uma relação com um terceiro e de sentir prazer sexual com os

seus órgãos genitais), e finalmente, o dar à luz, à função de mãe para-excitação, que viabiliza os processos de simbolização, corresponde a dor profunda da separação face ao objecto maternal (no primeiro tempo feminino a mãe exerce a função de para-excitação a ser introjectada pelo bebé).

Nestas três fantasias estão presentes os mecanismos de defesa da introjecção e da identificação com o estado mental psicosexual do objecto materno, as quais derivam ainda da retomada do funcionamento da feminilidade da mãe.

A passagem enunciada evidencia em si o trabalho de luto, o deslocamento de investimentos narcísicos a objectais, do «processo primário» ao «processo secundário» de funcionamento mental.

O «feminino primário» constitui também o espaço do desejo do Outro-do-Outro, espaço de perda, de ausência, do negativo, de abandono mútuo, de exclusão que exige luto e reparação (elaboração da «posição depressiva», conceito de Klein), de forma a que a bissexualidade psíquica relativa ao sexo real da criança se mantenha equilibrada.

É precisamente esta conjugação, do materno enquanto seio e do masculino enquanto pénis, intensamente investidos de desejo pelo bebé, que faz com que o «feminino primário» constitua o motor da organização do espaço psíquico.

Nesta fase, o mecanismo de defesa da «introjecção psíquica» é o mais predominante, sendo essa fase igualmente «o limiar da posição depressiva», a fonte da possibilidade do luto psíquico, a possibilidade de reparação/elaboração psíquica da perda do seio.

Quando a reparação não se torna possível dá-se um retorno à «posição-esquizo-paranóide», uma regressão, que poderá ser transitória ou alvo de fixação, sendo o último caso indutor de patologia psíquica grave da ordem da psicose, onde a construção da feminilidade poderá ficar fortemente comprometida e anunciar-se como um «anti-significado».

Na psicose existe um ódio intensíssimo à «verdade-da-realidade», à percepção da dor, ao negativo, construindo-se um «anti-mundo» defensivo carregado de mentiras meio-verdades, delírios e alucinações, que ao não quererem ver sempre acabam por ver alguma coisa sob cortinas fragmentárias.

A propósito sugere-nos o seguinte poema de Florbela Espanca, “Angústia”:

*“Tortura do pensar! Triste lamento!
Quem nos dera calar a tua voz!
Quem nos dera cá dentro, muito a sós,*

Estrangular a hidra num momento!

*E não se quer pensar!... e o pensamento
Sempre a morder-nos bem, dentro de nós...
Querer apagar o céu – ó sonho atroz!
O brilho de uma estrela, com o vento!...*

*E não se apaga não... nada se apaga!
Vem sempre rastejando como a vaga...
Vem sempre perguntando: «O que te resta?...»*

*Ah! Não ser mais que o vago, o infinito!
Ser pedaço de gelo, ser granito,
Ser rugido de tigre na floresta!»*

Nestas situações, o tripé pulsional L, H, K entrará em franca entropia, não sendo possível aceder a um continente desintoxicante e promotor do crescimento do conteúdo, mas sim aos valores negativos do tripé – L, – H e – K, “poluentes” do psiquismo, obstáculos potentes a uma comunicação entre mãe-bebé, sendo o falhanço do «masoquismo primário».

A relação predominante será baseada no comensalismo, parasitismo ou na simbiose, com o proliferar de formulações falsas por parte do elemento supostamente pensador, inviabilizando qualquer «barreira de contacto» entre registos negativos e o simbólico, o imaginário (Lacan), as «representações imaginativas» (Bion), o pensamento da verdade, o pensamento. A caesura entre o consciente (manifesto) e o inconsciente (latente), bem como os conceitos de espaço e de tempo não encontram condições para se desenvolverem, pois todos implicam percepção da diferença, de sequências espaço-temporais.

A relação que perdura é uma relação intoxicante com um «claustrum» (Meltzer, 1984), relação não transformadora, «tela-beta», em que o tempo é eternamente presente, repetição, lembrança metonímica (ou ausência de capacidade mnésica), em que o que a criança vê e faz é tão somente o que vê e faz, sem qualquer trabalho de transformação acrescido. Reina a falta de percepção de dualidade, ou seja, de realizações de dualidade (exemplos: mãe-bebé; seio-bebé; dois olhos; dentro-fora...).

O «pensamento-para-outro» e o «pensamento-para-um-outro-de-mim» não são possíveis de se estruturarem, assim como o «vector transgeracional da função paternal» e o «vector geracional da relação amorosa» também não. Só sendo dotados de um nível significativo de capacidade para tolerar o desconhecido, as incertezas, a dor, a denominada «capacidade negativa» (Bion),

mantendo a atenção flutuante «sem memória nem desejo» (Bion), é que podemos nos encaminhar para a verdade, alterando as representações que possuíamos da realidade.

Quando a reparação se torna uma realidade, então o bebê encontra-se potente para proceder a deslocamentos de investimentos e os pais, agora mais tranquilos, tendem a restabelecer a sua vida de outrora.

Assim, a castração («rocha do biológico» segundo Guignard) posiciona-se na barreira entre a «equação simbólica» (Hanna Segal) «pênis-bebé-fezes» (objectos-fragmentos, objectos parciais) e a bissexualidade psíquica, aqui entendida como dualidade plena e fecunda entre «continente-contido» ou entre fêmea-macho, «feminino-masculino», «caesura» essencial ao nascimento de «símbolos propriamente ditos» (Hanna Segal), de um «Aparelho para pensar o pensamento» ou ao nascimento de um «Aparelho mental conceptual» que permita aceder a um «funcionamento criativo», o aceder à vivência plena da feminilidade. É a passagem do pulsional ao simbólico («imaginário» - Lacan), da matéria inerte à matéria viva, da magia à verdade.

Existem pois para Guignard dois tempos do feminino: um «primeiro tempo do feminino» ligado ao «masoquismo primário» e um «segundo tempo do feminino» ligado ao «Édipo inicial», em que a «posição depressiva» (Klein) possui um papel restaurador fundamental.

O desabrochar da potência sexual genital na adolescência e a sua consolidação no fim da adolescência/início da vida adulta, exige pois um trabalho de passagem entre uma relação de objecto parcial e o aceder a uma relação de objecto total (sob os alicerces da possessividade pré-genital) baseada no amor genital, em que o Eu se diferencia claramente do Outro, em termos da passagem de um investimento narcizante do objecto a um investimento do outro enquanto objecto de desejo, objecto complementar e diferente.

Só renunciando à posse dos órgãos genitais do objecto materno interno e primordial – útero e vagina (fruto de uma anterior introjecção identificatória e de um investimento pulsional auto-erótico) é que a mulher pode aceder à sua vida sexual adulta e heterossexual, elaborando um «duplo luto erótico», que a encaminha para a posse do seu próprio útero, através de uma gravidez, em que o seu bebê «(...) vai ocupar o lugar de onde o sujeito foi banido para sempre.» (Guignard, Florence (2002). *Adolescência e feminilidade*, In «Cartas ao Objecto», Brasil: Imago Editora, pp. 116), o lugar dela própria mulher-bebé, ligada ao seu objecto materno. Portanto, é no término da adolescência, passagem para a vida adulta, que se instaura a «maternidade psíquica», compreendida aqui também na sua acepção de «tempo para pensar», momento para elaborar o universo psíquico povoado de objectos internos, (re)significando-os, dotando-os de um valor criativo, de uma mais valia simbólica face aos primórdios da vida psíquica.

Guignard alerta-nos para o facto do órgão mais investido e específico do investimento sexual adulto ser habitualmente aquele cuja reatualização auto-erótica se torna mais difícil. Se imperar um registo sexual infantil com o objecto interno, de carácter pré-genital, auto-erótico, o desenvolvimento da feminilidade, a gravidez, dependerá da natureza dos objectos maternos e femininos com os quais a mulher enquanto fêmea e enquanto mãe, está em identificação narcísica, o que poderá dificultar ou facilitar este processo.

Nesta fase, a rapariga interioriza funções outrora pertencentes ao objecto materno, num processo de maleabilidade/flexibilidade psicodinâmica, de circularidade, de renovação, ficando disponível para a sua utilização na relação consigo mesma e com o outro (novos objectos de investimento) – a «função α » (Bion), que reenvia para a capacidade de se enunciar enquanto «continente» ou «factor seleccionado» que contém um «conteúdo» e que transforma os seus «elementos β » em «elementos α » (função para-excitante); elementos inicialmente desprovidos de sentido, com a marca do caos, da falta, da frustração, do negativo, do «terror sem nome» (elementos sensoriais à espera de um aparelho que os pense, de uma oportunidade estruturante e simbolizante; proto-pensamentos; espaço de «coexistência libidinal» segundo Freud), desintoxicando-os do seu “não sentido” e atribuindo-lhes um sentido, um significado suficientemente tolerável para o «contido»/«conteúdo», de modo a poder aceder à construção de um «Aparelho para pensar os pensamentos» (elementos oníricos; conceitos), que lhe possibilite, por sua vez, pensar a sua feminilidade em conexão com a masculinidade desejante e complementar, pensar a possível maternidade em conexão com a paternidade.

Para além da «capacidade α », acresce igualmente a interiorização da «capacidade de *rêverie*» (Bion), capacidade que é função da própria estrutura inconsciente da mãe e que reenvia para o estado de devaneio/paixão da mesma face ao bebé, que vincula a mãe ao mesmo através dos «cuidados maternos primários» (Winnicott) e que transposta a rapariga/mulher para a relação com um outro diferente, o que significa a disponibilidade para investir nas relações significativas de forma genuína/autêntica.

Portanto, o pensamento ou a capacidade de pensar tem a sua génese na experiência emocional com o objecto primordial, capacidade esta que tende a ser interiorizada pela criança e utilizada ao longo do tempo em benefício da mesma e das relações objectais com novos objectos.

O universo do «feminino primário» permite uma reorganização dos investimentos relacionais objectais e narcísicos da criança, assim como a organização de relações-de-relações que se podem e devem instaurar entre o espaço do «materno primário» e o espaço do «feminino primário», consubstancializando-se as identificações por via do mecanismo de defesa da identificação projectiva, que funda a estruturação do ego. O ego constitui-se desse modo mediante o trabalho do feminino.

Guignard considera que o feminino (assim como o masculino) como um estado de espírito, na medida em que antes de mais deriva do processo de identificação a um outro primordial e a um outro diferente.

O feminino é pois o espaço de construção e elaboração do Ser Com, por via da ajuda do espaço materno.

Ao longo da vida, no contacto com novos objectos vão sendo reactivadas e renegociadas as experiências primordiais com o materno e com o feminino; *como se reactualizam estas relações; que lugar ocupam no Aparelho mental conceptual da mulher e que contributo actual têm na consolidação do feminino*, são aspectos primordiais neste estudo.

Esther Bick é uma autora que com o seu conceito de «pele psíquica» (1968) se aproxima do pensamento de Florence Guignard, na medida em que considera que a «pele psíquica» não é mais do que o espaço das identificações às capacidades psíquicas continentais da mãe, este espaço considerado estruturante na capacidade de pensar e na capacidade de construção do feminino. A pele é então um elemento responsável pela estruturação do mundo interno da criança, que deve funcionar enquanto elemento continente ou «função α » e ser integrador das diferentes partes da personalidade.

O contacto com a pele da mãe permite ao bebé estabelecer conexões com as vivências pré-natais através de um canal comunicacional pré-verbal, emergindo afectos não verbalizáveis de forma somática.

Quando este elemento é falente na sua função (ausência de continente epidérmico estruturante), então o bebé é confrontado com um estado temido de catástrofe (experiência precoce de não integração – possível desintegração psíquica), de despedaçamento, à semelhança de uma queda infinita no espaço, um extravasamento incontrolável do interior psíquico.

“O distúrbio na função primordial da pele pode levar ao desenvolvimento de uma formação de “segunda pele”, mediante a qual a dependência do objecto é substituída por uma pseudo-independência, pelo uso inapropriado de certas funções mentais, ou talvez, talentos inatos com o propósito de criar um substituto para esse continente epidérmico.” (citado por Hinshelwood, pp. 410).

A esta tendência Esther Bick designou de «identificação adesiva», em que o bebé se apega em “colagem” à mãe como forma de se conservar íntegro psiquicamente. A relação entre bebé e mãe é pautada pela bidimensionalidade, pela “colagem” superfície a superfície, sem existir esboços de qualquer diferenciação entre ambos, sem qualquer conceito de profundidade.

Uma forma de fazer face a este estado é organizar fantasias onipotentes face ao objecto; em que o bebé num primeiro momento se vai centrar na sensação de ser seguro, contido (fantasia de

estar a mamar no seio materno) e num segundo tempo, o pensamento já poderá substituir essa sensação, mantendo o self unificado, integrado, consistente.

A sensação de catástrofe, constitui a experiência básica primordial, o foco da existência, da qual todos procuramos fugir activamente através do trabalho do pensamento. Este surge assim em vantagem do desenvolvimento.

O conceito de «pele psíquica» da autora aproxima-se fortemente do conceito de «Eu-pele» proposto por Didier Anzieu (1974) ou do conceito de «envelope psíquico» desenvolvido por colaboradores seus.

Segundo Anzieu, o bebé adquire a percepção da pele como uma superfície ou limite quando experimenta o contacto do seu corpo com o corpo da sua mãe, aquando do contexto de uma relação securizante de «attachment». Os cuidados que a mãe naturalmente exerce sobre o seu bebé produzem uma estimulação involuntária da epiderme do mesmo; este recebe inicialmente estes gestos como uma excitação e posteriormente como uma comunicação empática, em que a massagem corporal dos cuidados e afectos se transforma em mensagem.

Este contacto primitivo entre a díade, de corpo a corpo, permite ao bebé adquirir a noção de limite entre um interior e um exterior, bem como um sentimento básico de confiança, que lhe garante a integridade do seu envelope corporal, bem como o domínio progressivo dos orifícios corporais.

O «Eu-pele» funda-se assim em três funções essenciais da pele:

- Função de saco que retém no seu interior o “bom” (cuidados maternos; verbalização afectuosas da mãe com o seu bebé...);
- Função de uma superfície que marca o limite com o mundo exterior, sendo a barreira que protege a criança das agressões externas;
- Função de um espaço primário que proporciona trocas objectais.

A partir desta origem epidérmica e proprioceptiva, o Eu adquire a possibilidade de estabelecer barreiras e trocas significativas.

Para Anzieu, o «Eu-pele» constitui uma condição essencial de acesso ao pensamento, uma vez que viabiliza a elaboração de um espaço mental, bem como a articulação das representações das palavras com as representações das coisas.

Em 1986, o autor concebe relativamente ao «Eu-pele» («pré-eu corporal») um duplo envelope: um que recebe a excitação (envelope para-excitante segundo Freud), o outro, que recebe as significações, a denominada «superfície de inscrição».

O primeiro envelope interpõe um écran-barreira entre o mundo externo e o mundo interno (realidade psíquica), uma espécie de escudo simultaneamente flexível e firme; o segundo

envelope constitui um suporte de projecção de imagens tácteis e visuais, película de sinais sensoriais e cinestésicos, que podem tornarem-se conscientes ou associar-se a pulsões, das quais eles se tornam os representantes, e serem conseqüentemente transpostos para a pré-consciência. Ambos os envelopes têm pois uma função filtrante.

Para Anzieu, o desenvolvimento do aparelho psicológico e do Eu, passa pela diferenciação progressiva de ambos os envelopes e pelo estabelecimento de articulações, mas com as devidas distâncias; somente a partir desta construção é possível abrir-se vias para o espaço de feminilidade.

2.5.5 - Síntese

Os autores que se destacam do pensamento freudiano vêm conceber o feminino, tal como o masculino, como derivados do feminino, desenvolvendo-se ambos a partir da relação primária (relação seio-bebé).

Com Klein e Winnicott, o feminino deixa de fazer parte exclusiva do campo sexual ou corporal, para passar a ser concebido enquanto qualidade ou estrutura psíquica, que se ergue a partir da dialéctica da relação objectal materna primária e que evolui, através da capacidade continente desse mesmo objecto, acedendo à capacidade de re-significação, de simbolização, à emergência de um aparelho mental conceptual, com capacidade transitiva e introdução do elemento masculino, essencial neste processo de encaminhamento heterossexual.

A partir de Winnicott dá-se o privilegiar dos elementos femininos, os quais conferem sentido à existência, estruturando, quer a «identidade primária» - Ser e Ser Como, quer a «identidade secundária» - Ser Com; por via da capacidade de transição, essencial à evolução do pensamento e da escolha sexual adulta e definitiva.

Vários autores irão desenvolver o pensamento anterior, procurando encontrar novas ilações e articulações.

À medida que passamos de autor para autor e nos integramos nas suas teorizações, é-nos pois possível estabelecer uma articulação entre os conceitos de materno e de feminino e os processos do pensamento; constituindo os primeiros conceitos dimensões internas do sujeito responsáveis pela edificação do Eu e da escolha sexual do sujeito, independentemente do sexo da criança.

Annie Anzie, a qual levanta a questão pertinente da distinção entre o Ser e quem cria o Ser, o que nos situa ao nível duma modalidade de relação do tipo «continente-conteúdo» (Bion), em que o conteúdo é o Ser, que necessita das capacidades transformadoras do objecto materno continente, que é o mesmo que estabelecer uma relação entre um pensamento e a emergência de um aparelho para pensar os pensamentos.

O feminino constitui-se assim enquanto um conteúdo, uma pré-concepção do Ser, um pensamento ainda sem pensador, mas à procura de um continente materno que atribua sentido e significação às experiências do feminino, estabelecendo-se uma relação transformadora e simbólica, dando lugar finalmente aos conceitos, às realizações do Ser; assumindo as experiências do feminino um sentido específico e significativo em termos emocionais e cognitivos, resultando daí uma concepção aberta a novas vivências, expandido a abrangência de significação do Ser e do aparelho para pensar os pensamentos, por via posterior de um objecto masculino.

Na mesma continuidade de pensamento, a autora Florence Guignard compreende a natureza e estruturação do feminino a partir dos conceitos de «materno primário» e de «feminino primário», os quais se associam, por sua vez, com o processo de desenvolvimento do pensamento do sujeito desde idade precoce.

O espaço do «materno primário» é o universo das identificações primárias operadas pelo Ego e o espaço da emergência de integração dos elementos difusos típicos da «posição esquizo-paranóide», através da capacidade continente do objecto materno que consiste na desintoxicação e transformação do caos, dando espaço à emergência de integração numa fase seguinte, isto é, o espaço em que o Ser surge através da transformação do feminino em maternal; enquanto que o «feminino primário» remete para as identificações secundárias, em que reinam as tendências elaborativas e reparativas características da «posição depressiva», realizando-se finalmente o Ser na relação com o objecto diferenciador, primeiro o pai, posteriormente um elemento do sexo masculino enquanto amante.

O pensamento surge quando o sujeito se apercebe enquanto Ser e feminino, quando brotam sensações e emoções que são sentidas como novas, urgindo neste momento, um contentor que os pense e lhes dê significado.

Então, o feminino constitui-se enquanto espaço de elementos excitáveis ou elementos β tendentes à evacuação e o materno enquanto espaço de elementos para-excitantes ou «função α » («materno primário»), que transforma de forma comunicativa empática todos estes elementos em elementos pensáveis, viabilizando-se enquanto elementos utilizáveis, quer pelo pensamento, quer pelo sonho. Neste processo, o ego vai interiorizar as capacidades continentas do objecto maternal transformando-se em Ser, ficando com esta capacidade disponível para ser utilizada em novos objectos, abrindo-se espaço ao «feminino primário», ao feminino. A partir daqui, existe a necessidade de entrada de novos e fecundos elementos excitantes, novas experiências e realizações – o masculino, elemento diferente e complementar, que permite a passagem do Ser, do Ser Como ao Ser Com (Winnicott), expandindo-se a existência em direcção ao paterno/masculino e evitando-se o encerramento no «materno primário», no Ser Como em mesmidade e colagem; na globalidade este processo marca a transformação do pulsional em simbólico.

Por fim, importa salientar o pensamento de Esther Bick (preconizadora do conceito de “pele psíquica”), assim como de Didier Anzieu (defensor da concepção “Eu-pele”), os quais vêm atribuir ao elemento pele, ao sistema proprioceptivo, uma dimensão psíquica elementar de comunicação e de mensagem que se funda nas trocas afectivas e empáticas precoces entre mãe-bebé (continente epidérmico) e que se constitui como espaço de pensamento e de elaboração da feminilidade. Esta dinâmica é o que confere a integridade corporal e psíquica, a diferenciação entre o Eu e o outro, o mundo interno e o mundo externo, o sentimento de segurança, de apoio e de constância maternal.

Quando se dá a falha do continente epidérmico emerge uma relação pautada pela colagem ou adesividade ao objecto, que irá situar o sujeito ao nível do «materno primário», numa lógica da «posição esquizo-paranoide» e inviabilizará o processo do «feminino primário», o luto próprio da «posição depressiva», o ascender a um pensamento evoluído, assim como ao feminino evoluído, heterossexual.

Em suma, podemos assumir como fundamental o papel estruturante do objecto maternal como elemento que permite que o outro se constitua enquanto Eu a partir de si mesmo - Eu-pensante, Eu-pessoa, Eu-objectalizante, que por via da qualidade intuída da relação mãe-pai, permitirá o ascender ao Eu-sexual, Eu-feminino-heterossexual, desde que a natureza do paterno e do masculino seja disponível, presente em termos psíquicos, diferenciadora, complementar e sexuada, logo, expansiva e promotora de um espaço de pensamento e criatividade; tudo isso a partir da capacidade promotora ou facilitadora do objecto primário.

2.6 – Discussão e Conclusão

O conceito Freudiano de feminilidade inata está essencialmente associado à pretensa masculinidade inicial na rapariga – monismo sexual/sexismo, enquanto que os autores que se destacam da sua teoria, defendem a existência de sensações vaginais precoces no desenvolvimento da rapariga, aceitando a feminilidade como um processo de oscilação entre a passividade e a actividade, de acordo com as necessidades prementes da criança.

Assim, só muito recentemente os psicanalistas começaram a procurar no desenvolvimento da rapariga uma «identidade nuclear feminina», a qual não é determinada pela «inveja do pénis», mas nascente muito precocemente na fase oral (e consolidada na puberdade).

As sensações corporais, bem como as fantasias primordiais da criança (auto-centramento interno) constituem os primeiros alicerces do devir da sua feminilidade e da função materna.

A visão do feminino numa lógica de receptividade e de castração e o masculino enquanto elemento activo e fecundador, reenvia-nos para a visão do feminino enquanto elemento resultante do trabalho do negativo, da falha, do recalçamento, elementos conducentes às concepções posteriores sobre o desenvolvimento de um aparelho mental conceptual.

Actualmente, continua-se a defender a existência da bissexualidade psíquica inata em ambos os sexos como aspecto que posteriormente se desenvolve na direcionalidade do feminino ou do masculino, da heterossexualidade ou homossexualidade.

Cada vez mais se tende a privilegiar o papel ou qualidades psíquicas do objecto materno na estruturação psíquica da menina (e do menino) nos primórdios da sua vida, essencialmente no primeiro ano de vida (a mãe enquanto modelo emocional/afectivo e cognitivo significativo), a relação de objecto primordial como inspiração de identificações que vão interferir na construção do Eu e da feminilidade – primeiro do Ser, da existência, seguindo-se do Ser Como e posteriormente do Ser Com (Winnicott).

Nesta fase, a mãe é antes de mais uma fonte de objectos internos (bons e maus objectos, digeridos através de mecanismos potentes de identificação projectiva, introjecção, incorporação, evacuação, cisão/clivagem, etc.. – Mélanie Klein), os quais a criança procura dominar e apropriar-se.

A mãe não é um homem, mas um espaço de possível crescimento cognitivo e psíquico/emocional; através da sua «função maternal primária» (Winnicott), da sua «*rêverie*» e

da sua «função alfa» (Bion) é possível à criança ser acolhida na sua perda e sofrimento, contida e aceder a progressivos elementos estruturantes da capacidade de pensar e estruturar a sua feminilidade como um «conceito» interno.

O que inicialmente era desejado, mas impossível de aceder pela criança, gerando frustração por uma «realização negativa» (perda), vai viabilizar a construção de um pensamento substituto e criativo face à realidade inicial, passando-se da «pré-concepção» à «concepção», reconstrutiva do desprazer e frustração, que permite à criança controlar a sua raiva e dor e encaminhar-se para a sua potencial feminilidade, sem danos psicológicos colaterais.

É esta ausência, este negativo, esta falta e abandono que vão criar a emergência do trabalho de luto, sem o qual a feminilidade ficaria em lençóis de uma pseudo-feminilidade.

Assim, passa-se da «posição esquizo-paranoide» à «posição depressiva», sendo esta última fase precisamente a fase do luto, da reparação do objecto maternal fantasmaticamente destruído e destruidor e a fase da ambivalência, da instauração do pensamento simbólico, do diferente, do masculino, da heterossexualidade e da feminilidade.

Inicialmente, o pénis é sentido como um objecto parcial, ainda pertencente ao reino materno, somente aquando do segundo semestre de vida, é que a bebé consegue ver o pai enquanto objecto total e daí desenvolver um amor feminino por este, rivalizando com a mãe (objecto separado, simultaneamente estranho e familiar, instituidor da diferença, da falha).

O «complexo de Édipo» é pois mais precoce do que habitualmente se defendia; este emerge por via da imagem dos pais unidos no coito, o que é impensável para a criança, alvo de forte repressão ou recalçamento interno, que tem de ser resignificado e por isso mesmo indutor da construção de um Aparelho Mental Conceptual.

Quando ocorre a repressão da feminilidade, esta não parece constituir uma formação defensiva face à falta peniana, mas resulta basicamente dos temores de retaliação da criança face à mãe e hipotéticos danos corporais que daí possam advir.

Assim, passamos evolutivamente do centramento na interacção pulsional da díade e tríade objectal/relacional, característica em Freud, à contemporaneidade, defensora das «pulsões-afectos», da interacção dos princípios do prazer-desprazer e da realidade, instauradores do negativo como fonte da capacidade para pensar os pensamentos e a própria feminilidade.

Todas as experiências de aprendizagem significativa da vida do ser humano vão-se pois intrincar na dinâmica do materno e do feminino enquanto espaços internos que existem desde os primórdios do ser humano; assim, existe por um lado, o «materno primário» (espaço das

identificações precoces com o objecto maternal supostamente continente e transformador dos elementos caóticos/difusos/clivados em elementos úteis ao pensamento e sonho; viabilizando a interiorização na criança da «função α » e de um aparelho para pensar os pensamentos, aparelho de construção de símbolos) e do «feminino primário» (espaço da «angústia do estranho», da noção da existência do Ser, espaço da diferença, da sua tolerância e interiorização; espaço de perda do objecto primário e da sua restauração), [conceitos de Florence Guignard], como uma «mudança catastrófica», mas salutar e imprescindível, em que «movimentos regredientes» e «movimentos progredientes» (PS \leftrightarrow D), movimentos de desintegração e movimentos de integração, balançam as tendências naturais da mulher (do ser humano em geral) e da sua defensibilidade, caminhando-se da identidade do Eu à identificação sexual definitiva e adulta - heterossexualidade, a feminilidade estruturante; nascendo concomitantemente o desejo de expansão da mente, de viver novas experiências, de conhecer, criar e recriar novos objectos, enriquecidos e enriquecedores, alargando-se o espaço interno através do elemento masculino.

Neste processo, segundo os autores Esther Bick e Didier Anzieu e de uma forma geral, a pele constitui-se enquanto elemento mediador e integrador das vivências externas ao nível do psiquismo, permitindo instaurar através das trocas corporais continentes, estáveis e constantes entre a mãe e a criança um espaço interno pensante, um espaço de comunicação empática, de mensagens significativas, espaço de interiorização das qualidades emocionais maternas enquanto padrão inspirador de funcionamento psíquico da criança, capaz de operar progressivamente relações diferenciais e circulares, um espaço de estruturação do Eu e da identidade sexual - feminino.

Para finalizar, sugere-nos o conceito de «cadeia erótica» de André Green (2000) como forma de compreender a sexualidade actualmente, tanto na sua versão masculina, como feminina.

Consideramos que o seu ponto de vista é questionador e integrador das concepções dos autores clássicos e contemporâneos que se debruçam sobre a temática da sexualidade – a sexualidade como uma cadeia erótica constituída por uma variedade de formações heterogéneas, concretamente – pulsões (moções pulsionais), que favorecem a descarga no acto/acção; o prazer VS desprazer; o desejo (imbuído em representações inconscientes e inconscientes e em estados de expectativa e de busca); os fantasmas (que proporcionam os cenários da realização do desejo) e a sublimação (carregada de linguagem erótica, amorosa e simbólica).

Importa compreender o elo da cadeia que o sujeito poderá accionar em cada momento e as possibilidades elaborativas do mesmo; ou seja, verificar a dinâmica entre os movimentos eróticos e o psiquismo no seu todo.

Há ainda a frisar, a importância do carácter objectalizante e desobjectalizante que poderá estar associado a este processo.

A «função objectalizante» é transformadora dos investimentos; a «função desobjectalizante», por sua vez, acciona os processos de desligação (acepção Freudiana), retirando as qualidades do objecto, desapropriando-o da sua essência e singularidade, desvinculando-o.

Um dos aspectos constantes da sexualidade humana e portanto, da sexualidade feminina, constitui a pressão pulsional sexual, que não se impõe como mero desafio biológico, somático, mas enquanto domínio poderoso de elaboração imaginativa ou espaço de pensamento, de transformação criativa.

Assim, a sexualidade estimula constantemente o pensamento, a imaginação, e incita à acção (pensamento sexualizado); o mesmo parecendo-nos ocorrer com o feminino, espaço do pensamento e de praxis no seio de uma relação com o diferente, o masculino, a partir da capacidade continente do objecto materno.

3 - COMPREENDER O FEMININO NA SUA EXPRESSÃO HOMOSSEXUAL

3 - COMPREENDER O FEMININO NA SUA EXPRESSÃO HOMOSSEXUAL

3.1 - Introdução

Neste capítulo propomo-nos compreender como é que o feminino se expressa no seio de uma escolha de relação lésbica.

Pretendemos concretamente compreender o que é que uma mulher procura noutra mulher, quando a escolhe como concretização dos seus desejos sexuais, pulsionais e como objecto privilegiado do seu amor, afecto.

Este objectivo concreto, faz-nos pensar nos conceitos de Sandor Ferenczi de «homoerotismo subjectivo», que reenvia para *o que o sujeito sente ser* e para o conceito de «homoerotismo de objecto», o qual remete para *o que o sujeito procura na escolha de objecto* que empreende, no que diz respeito a *elementos femininos e masculinos* (1985).

Pretendemos caminhar até às origens afectivas/relacionais e pulsionais profundas que constituem o fundamento latente da vivência mais ou menos manifesta da homossexualidade; compreender o papel do materno e do feminino enquanto estruturas ou qualidades psíquicas, assim como do paterno e do masculino na construção da identidade do Eu e na consolidação da escolha sexual da mulher homossexual e da sua feminilidade; e como se operacionalizou o trabalho do aparelho de pensar os pensamentos neste processo, a capacidade de transição e de simbolização do sujeito.

Estes objectivos exigem, entre vários aspectos, a definição da homossexualidade; o remeter para o palco histórico e antropológico evolutivo das experiências homossexuais femininas e o seu enquadramento dentro da estruturação da feminilidade; para a sua classificação em tipologias; o reenviar para a relação precoce da díade mãe-criança (não esquecendo o papel fundamental do pai no sentido da construção de uma triangulação), para a “teia” complexa de identificações que se operam entre estes dois sujeitos e a sua influência na construção do feminino e na escolha de objecto de carácter homossexual...; objectivos estes situados no seio do pensamento psicanalítico. Implica ainda, o reportar a duas componentes organizacionais fulcrais – aos meandros da *corrente económica e pulsional narcísica* e aos meandros da expressão da *corrente económica e pulsional sexual e objectal*; concretamente compreender em que moldes se processa a passagem evolutiva deste dois registos. É fundamental compreendermos as componentes narcísicas e objectais do funcionamento subjectivo imaginário ou criativo da mulher homossexual.

Consideramos que ninguém escolhe livremente a sua «neosexualidade», a sua homossexualidade, tanto mais se atendermos ao facto de que se vive numa sociedade predominantemente heterossexual, cuja moralidade é repressiva face a qualquer “desvio” à norma. Portanto, *neste processo parece não haver consciência de escolha*.

Bem sabemos que a “máquina moral”, o sistema que dita a norma está repleto de equívocos, de “falso pudismo” e que mesmo aqueles que ditam a norma e que fazem parte do sistema regulador das representações sociais e pessoais, muitas vezes fogem imperativa e defensivamente à mesma.

De facto, é difícil moldar o Homem mediante imperativos morais, quando os seus desejos, representações e escolhas pessoais estão bem para além de uma “falsa” moral, que não assume o que camufla, que deturpa as identidades e não assume a natureza do homem; urgindo uma incidência baseada mais sobre os primórdios da existência da criança e das suas identificações globais.

O direito à escolha sexual e objectal está em cada um de nós para além de qualquer imperativo social, ainda que até certo ponto não nos possamos/consigamos divorciar totalmente deste, pois significaria cair no caos (social e psíquico).

Parece-nos de antemão existir muitos estilos de homossexualidade, muitas formas de a viver e sentir, assim como muitos estilos de heterossexualidade. *Poderemos então falar em homossexualidades (sem esquecer no entanto, que todas se ligam por um fio de características comuns)?* Deixemos no ar uma questão que poderá ser pertinente, mas que não deixa de ser polémica, controversa.

Provavelmente algumas considerações abrangentes acerca da homossexualidade feminina poderão revelar-se demasiado redutoras, porque demasiado generalizáveis.

Sabemos que a abrangência é necessária como um factor de orientação na compreensão dos fenómenos, um modelo estruturante, importa no entanto, que esta não seja demasiado restritiva, suficientemente “cega” para não ver ou compreender o essencial, ou para não conseguir abarcar com as originalidades dos casos.

Desse modo, urge pensar a homossexualidade, assim como a heterossexualidade na sua dimensão plural, pois as variações na estrutura psicosexual são tão vastas que somente assim fará sentido.

Quando se pensa em homossexualidade feminina e se procura empreender uma investigação sobre a temática, facilmente somos invadidos por uma imensidão de documentação sobre a homossexualidade masculina, que se destaca largamente face à exiguidade do material encontrado acerca do lesbianismo. Este facto, leva-nos a interrogar, *porque é que algo do foro*

feminino parece mais uma vez ficar relegado para um segundo plano, para um pseudo-esquecimento?!

No entanto, consideramos que a documentação encontrada nos permite ainda assim fazer ilações fecundas face à compreensão do feminino na homossexualidade feminina.

3.2 – A etimologia e definição da homossexualidade feminina

A etimologia da palavra homossexual provém do termo grego “homo”, que significa “mesmo”, remetendo para a lógica da homogeneidade.

Homossexual é aquele que toma como objecto do seu amor e investimento libidinal alguém do mesmo sexo.

O termo em questão é de natureza neutra, pois poderá ser utilizado quer no caso masculino, quer no caso feminino. É pois um termo sem género sexual definido *à priori*.

Por vezes, impera uma certa confusão face à origem do termo “homo” situando-se erradamente o mesmo como latino, o qual adquire uma acepção distinta e sexista: “homem”.

Muitos autores, numa tentativa de valorização da condição homossexual feminina procuram designá-la de lesbianismo, pois consideram o termo mais específico e afirmativo. Talvez seja uma tentativa de diferenciar os meandros do feminino face aos meandros do masculino, o que historicamente não tem sido efectuado com clareza. Trata-se de dotar o universo feminino, seja ele de que natureza for do protagonismo que legitimamente merece.

As próprias mulheres homossexuais possuem na sua generalidade uma certa preferência pelo termo lesbianismo, o qual é valorizado e utilizado por estas mulheres como forma de evidenciar e afirmarem a sua homossexualidade, a sua identidade, sem que esta possa ser confundida simbólica e semanticamente com a dos homens, tornando-se num termo especial e específico para elas, não deixando dúvidas sociais face à sua identidade.

O termo lesbianismo remonta aos meandros da Grécia antiga, concretamente à ilha de Lesbos onde em Eressos nasceu e viveu há cerca de 612 A.C. uma mulher com características distintas – Safo.

Pensamos constituir uma mais valia neste estudo reportar à vida desta autora como forma de compreendermos de forma mais profunda o sentido da palavra lesbianismo e algumas características associadas ao mesmo.

Safo era poetisa, com um estilo poético fortemente expressivo, emocional e apaixonado dirigido essencialmente às mulheres pela temática explorada.

Esta vertente da sua vida foi então desenvolvida em Mitilene, cidade onde estudou várias áreas e consolidou a sua personalidade e estilo próprio – retórica, poética e dança.

Safo pertencia à aristocracia da época (mais democrata em Lesbos do que em qualquer outro local da Grécia, onde inclusive as mulheres beneficiavam dos mesmos direitos que os homens, privilégio aliás raro na época e em qualquer época histórica), o que lhe permitia favorecer de

direitos não concedidos às mulheres comuns do povo e ter como princípios e pretensões concretas a liberdade e o amor à cultura de uma forma geral.

Mas em Atenas, cidade bem mais conservadora, o “espírito aberto” de Safo não era bem visto, sendo-lhe associadas características pejorativas, pois nesta cidade somente as prostitutas tinham acesso à cultura e à vida social de então.

Safo tem sido ao longo dos séculos considerada uma mulher de encanto natural, de espírito forte, indomável, dotada de uma visão particular da vida e comportamentos destituídos de inibições e preconceitos.

Platão considerou-a a “Décima Musa”, uma divindade, tendo venerado a sua obra.

“Dizem que há nove musas, que falta de memória! Esqueceram a décima, Safo de Lesbos.”
(Platão)

Sólon foi outro autor que ficou grande apreciador de poesia e concretamente de Safo depois de ter ouvido o seu neto recitar alguns poemas da autora, perante os quais refere: *“Agora poderei morrer em paz”*.

A vida de Safo não foi linear, teve pontos altos e baixos, de paixão e luta, de prazer e sofrimento. Acima de tudo afirmava-se tal como era, o que lhe custou uma retirada para Sicília pelas supostas críticas políticas empreendidas face a Pítaco, governante de então que não simpatizava com a autora, provavelmente mais por imperativos morais e de demarcação de poder do que propriamente por imperativos de natureza política.

Aliás, Safo era conhecida como alguém que poderia até dominar feras com os seus intensos olhos negros, tal era o seu simbólico carisma natural – sedutora, incisiva.

Mas nem sempre Safo se valorizava na justa medida que os outros faziam face a si mesma. Desse modo, expressões tais como *“cabecinha oca”* ou *“coração infantil”* faziam parte da sua representação.

Safo amou e rejeitou homens (Alceu, poeta famoso na altura foi um dos pretendentes de Safo, que esta rejeitou), teve filhos (dois varões e uma menina) e amou igualmente mulheres em distintas fases da sua vida.

Fundou em Metilene (depois de ter ficado viúva de um industrial milionário, que a deixou a ela também milionária) uma academia ou escola literária para mulheres jovens (pertencentes a famílias abastadas), cujo intuito prioritário era a veneração de Afrodite (símbolo de beleza, da vida universal e do amor, inspiradora de imensos poemas), de Eros e das Musas. É de salientar que toda a mitologia ligada a Afrodite (muito influenciada pelas crenças religiosas provenientes

da Ásia Menor) subsistia em paralelo com um intenso culto face à “Mãe Terra”, sobrevivente há séculos.

Apesar da pujança e ostentação a que estava habituada até então e que assumia estar dependente (“... *necessito do luxo como do sol.*”), parece que os desígnios da alma, da arte falaram mais alto e motivaram a sua dedicação fervorosa à referida academia. Mas a verdadeira inspiração parecia ser o sexo feminino e a exaltação da alma e do desejo face às mulheres.

No currículo da escola reinava para além da poesia, a música, a ginástica e a dança como actividades fundamentais.

Safo mantinha com estas jovens uma relação de intensa proximidade emocional, só se desligando das mesmas quando estas saíam para casar, altura em que Safo compunha as odes nupciais especialmente dirigidas às suas “companheiras” (em grego: heteras, hetairas) especiais e únicas.

Safo era considerada uma valiosa mestra nas diferentes artes que ensinava empenhadamente, mas a arte que mais lhe dava prazer era a arte de “inspirar amor” às suas heteras, o que começou por levantar suspeitas de excesso de proximidade emocional e de ideologia “homossexual” por parte dos pais, o que anunciou desde logo a derrocada da academia.

Átis, a sua companheira preferida, foi a primeira a ser retirada da escola pelos pais que não viam nos hábitos e nos costumes da escola princípios saudáveis e socialmente morais.

Na Grécia antiga a homossexualidade era valorizada essencialmente na sua expressão masculina, simbolizando uma manifestação suprema de amor; na sua versão feminina era algo inconcebível.

Toda esta situação foi vivida por Safo com dor e desilusão - a queda da escola, mas acima de tudo, o sofrimento pela perda de Átis, por quem sentia uma intensa paixão expressa em moldes de fatalismo: *“seria bem melhor para mim se tivesse morrido”*.

Safo escreve então acerca da paixão e perda de Átis nos seguintes termos: *“doce e amargo tormento”*, tendo ainda escrito o *“Adeus a Átis”*, considerado até à actualidade um dos mais encantadores versos líricos da história da poesia, onde a passagem do tempo surge carregada de resistências, de nostalgia, como se desejasse viver numa eterna adolescência, na fase da adolescência em que as escolhas sexuais e objectais ainda estão indefinidas – o voltar atrás para não pensar num registo mais evoluído e permanecer “colado” ao objecto.

“A Átis

Não mintos: eu me queria morta.

Deixava-me, desfeita em lágrimas:

"Mas, ah, que triste a nossa sina!

Eu vou contra a vontade, juro,

Safo". "Seja feliz", eu disse,

"E lembre-se de quanto a quero.

Ou já esqueceu? Pois vou lembrar-lhe

Os nossos momentos de amor.

Quantas grinaldas, no seu colo,

— Rosas, violetas, açafreão —

Trançamos juntas! Multiflores

Colares atei para o tenro

Pescoço de Átis; os perfumes

Nos cabelos, os óleos raros

Da sua pele em minha pele!

[...]

Cama macia, o amor nascia

De sua beleza, e eu matava

A sua sede" [...]

Cai a lua, caem as plêiades e

É meia-noite, o tempo passa e

Eu só, aqui deitada, desejante.

— Adolescência, adolescência,

Você se vai, aonde vai?

— Não volto mais para você,

Para você volto mais não."

(Pignatari, Décio (1996). «31 Poetas, 214 Poemas». São Paulo/Brasil: Companhia das Letras)

Vejamos ainda os seguintes versos alusivos às representações de Safo face às mulheres, onde nos parece claro a sua homossexualidade latente, em que as mulheres surgem como um espelho da figura materna figurada em Afrodite e de si mesma. Portanto, Safo espelha-se em Afrodite (mãe toda poderosa) e procura desdobrar este espelho pelas amantes, num registo relacional

especular, adesivo, narcisista, em que o diferente parece ser destrutivo/destruturante para a sua dinâmica psíquica interna (homem):

“A uma mulher amada

Ditosa que ao teu lado só por ti suspiro!

Quem goza o prazer de te escutar,

quem vê, às vezes, teu doce sorriso.

Nem os deuses felizes o podem igualar.

Sinto um fogo subtil correr de veia em veia

por minha carne, ó suave bem querida,

e no transporte doce que a minha alma enleia

eu sinto asperamente a voz emudecida.

Uma nuvem confusa me enevoa o olhar.

Não ouço mais. Eu caio num langor supremo;

E pálida e perdida e febril e sem ar,

um frémito me abala... eu quase morro... eu tremo.

(Fontes, Joaquim (1991). «Eros, Tecelão de Mitos». São Paulo/Brasil: Estação Liberdade)

(Safó referindo-se a uma amante enamorada por um homem; com ciúmes)

“Semelhante aos deuses parece-me que há-de ser o feliz

mancebo que, sentado à tua frente, ou ao teu lado,

te contemple e, em silêncio, te ouça a argêntea voz

e o riso abafado do amor. Oh, isso - isso só - é bastante

para ferir-me o perturbado coração, fazendo-o tremer

dentro do meu peito.

Pois basta que, por um instante, eu te veja

para que, como por magia, minha voz emudeça;

sim, basta isso, para que minha língua se paralise,

e eu sinta sob a carne impalpável fogo

a incendiar-me as entranhas.

Meus olhos ficam cegos e um fragor de ondas

soca-me aos ouvidos;

o suor desce-me em rios pelo corpo, um tremor (...)”.

(Fontes, Joaquim (1991). «Eros, Tecelão de Mitos». São Paulo/Brasil: Estação Liberdade)

(Safo confidencializa com a mãe acerca do tormento que constitui o amor por um homem)

“Mãe querida, já não tenho força para mover a agulha no bastidor,

ferida como estou de amor por um jovem... e a culpa é de Afrodite.”

(Pulquério, Manuel (2001). *A alma e o corpo em fragmentos de Safo*, In «Máthesis», Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Letras, 10, pp. 155-187).

Nestes poemas, é-nos evidente a relação especular de intensa vivência narcísica, sendo a imagem da mãe toda-poderosa e primordial que subsiste na mente. Safo tanto se relaciona amorosamente com as mulheres como com os homens, o que nos dá conta do vaivém de indefinição sexual; sendo que destas experiências sobressai uma imagem “negativa”, desvalorizada do elemento masculino.

Relativamente às mulheres dedicou uma infinidade de poemas comumente considerados sublimes e sinceros, transparentes, que revelam claramente, ora o intenso gozo da paixão, ora o peso da dor de estar enamorada. Em ambas as situações, o «desdobramento narcísico» está sempre presente; mas o “perigo” ameaça o psiquismo, uma vez que as relações não se substituem, somente as pessoas; sendo que o que outrora se viveu com alguém, jamais será vivido de igual modo, restando a ilusão.

“Tenho uma filha linda de aspecto semelhante às flores douradas,

Cleide, a minha querida, que eu não trocava por toda a Lídia ou pela amável...”

(Pulquério, Manuel (2001). *A alma e o corpo em fragmentos de Safo*, In «Máthesis», Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Letras, 10, pp. 155-187).

Nesta citação, ressalta como claro a ideia do desejo pelo retorno à díade mãe-criança (a filha, assim como a amante, constituem substitutas deste elo maternal), indiferenciada e dessexualizada.

Relativamente ao enamoramento de Safo pelas mulheres e neste caso muito particular por Ísis, esta auto-analisa-se e interroga-se se não estará a ficar “louca” tal como Alceu pelos seus rapazes bonitos, aos quais não consegue compulsivamente escapar; ou então, estará porventura a fugir às responsabilidades da maternidade, encontrando uma fuga; ou estará apaixonada pela sua filha, quem considera poder representar o seu próprio reflexo e daí procurar mulheres como substitutas ou duplas – eis um sentido crítico que existia algures em Safo.

Os questionamentos de Safo parece-nos surgir na continuidade das interpretações elaboradas por nós anteriormente, importando reforçar apenas o facto da maternidade poder acentuar ainda mais esta componente, pelo seu forte carácter regressivo (aspecto defendido por Brazelton, T. Berry e Cramer, Bertrand G. (1993). «A Relação mais Precoce – Os pais, os bebés e a interacção precoce», Lisboa: Terramar), a tendência ao desdobramento narcísico. A mulher centra-se na fase em que ela própria foi bebé, mas bebé de uma mãe de quem não deseja separar-se (relação simbiótica, aditiva) e agora adulta, procura este eterno e apaziguador sentimento de protecção maternal em outras mulheres e até na própria filha, elemento que simboliza-se ela mesma.

Todas parecem ser substitutas de todas, não no sentido evolutivo, mas no sentido metonímico, de repetir o passado sem qualquer possibilidade criativa para o presente ou futuro. É a “colagem” psíquica a um modelo emocional e relacional interiorizado (relação anaclítica; simbiose), é a «compulsão à repetição» patológica que dita os comportamentos e não propriamente a busca simbólica do feminino estruturante.

Infelizmente, grande parte da obra de Safo acabou por se dispersar ou desaparecer após a sua morte, tendo sofrido novamente um “abalo” aquando da Idade Média e do poder inquisidor da Igreja, que fez desaparecer através do fogo outro tanto da sua obra, por a considerar um sacrilégio. Somente no séc. XIX, dois arqueólogos ingleses resgataram ocasionalmente parte da obra de Safo em Oxorinco, concretamente sarcófagos envolvidos em tiras de pergaminho, contendo cerca de seiscentos versos da autora, os quais vêm confirmar inequivocamente o seu valor e talento.

Em plena vida adulta (média idade) e segundo uma lenda de Ovídio, parece que Safo voltou a amar os homens, dando este aspecto conta dos vaivéns de investimentos afectivos e sexuais da poetisa, de uma certa indefinição quanto às escolhas “objectais” empreendidas por si e da frustração

qualidade da identificação primária. Mas eventualmente, poderá também revelar “positivamente” a expressão de uma tentativa de aceder a algo distinto e edificante (complementar, desejante), à «posição depressiva» de Mélanie Klein, à feminilidade estruturante.

Conta então a lenda que Safo se enamora de um homem chamado Faon, o qual não corresponde aos seus sentimentos, o que motiva o suicídio trágico desta num rochedo de Leuca. Se este relato corresponde ou não à realidade dos factos, não sabemos, mas o que importa é que nos pretende comunicar que Safo é uma mulher sem capacidade de conter em si os sentimentos e desejos emergentes; quando estes não se concretizam é o “fim”, a desorganização de si, o vazio, a dispersão, o «buraco negro» (Grotstein, 1999) a “descolagem” insustentável do objecto primário eternamente amado e falsamente substituído por outros objectos. O outro é equivalente ao Eu e vice-versa, o que faz com que à menor falta do outro, o Eu instaure um “acting out” defensivo como expressão da insustentabilidade face ao desamor – uma reacção ao simbólico “corte do cordão umbilical” maternal.

A função α parece ser um modelo que não foi por esta interiorizado a partir da identificação projectiva da mãe, da sua empatia face à filha.

Outra história remete para a recusa de Safo em aceitar o pedido de casamento empreendido por outro homem, devido ao facto de não se considerar enquanto mulher à altura de um pleno casamento (pelo sentimento de desvitalização do corpo feminino e da capacidade reprodutiva). Ressalta o desejo por uma imagem intacta de uma mãe-mulher-filha “bela/s” ou idealizadas, tal como nos primórdios da existência, fora desta imagem nada parece fazer sentido.

Receio de amar o diferente? Regressão como registo mais confortável e ilusoriamente a-conflitual?!

Parece-nos que de algum modo, o amor para Safo constitui uma experiência efémera, que deixou ao longo do tempo marcas demasiado “sangrentas” para que ela em plena adultícia ouse partir para um novo objecto. Este objecto é do sexo masculino; *até que ponto este não será pela sua natureza, um objecto ainda mais ameaçante, pela diferença e complementaridade, que lhe exigirá sem sombra de dúvida um maior esforço de consolidação da sua feminilidade e da elaboração psíquica da relação primária maternal (relação de colagem, cujo envelope se encontra rasgado)?*

Parece-nos que a alusão a Safo é preste em nos elucidar face à natureza do feminino na mulher lésbica. Existe na sua história, o espelhar de tantas outras histórias, do passado, do presente, actuais, daí a sua pertinência.

O Feminino de Safo ficou preso no «materno primário», ao Ser Como em igualdade, sem capacidade evolutiva de se erguer enquanto Eu/Ser, muito menos enquanto Eu na relação com o Outro, diferente e complementar; não ascendendo ao «feminino primário», ao Ser Com.

A capacidade de pensar de Safo parece ter ficado desde os primórdios barrada pela ausência de capacidade continente materna, não promovendo a interiorização desta função pela própria Safo e a sua utilização na relação com os demais; sendo assim, Safo terá ao longo da vida uma necessidade imperiosa de retomar aos primórdios indiferenciados, a uma relação de teor narcísica, onde reina os mecanismos próprios da «posição esquizo-paranóide» e uma intensa nostalgia.

Assim, o feminino enuncia-se enquanto conteúdo “tela-beta”, incapaz de se mover numa lógica de bissexualidade psíquica e de dualismos – feminino-materno, materno-paterno e feminino-masculino.

3.3 – A homossexualidade feminina ao longo da História

Procedamos então a uma breve resenha histórico-evolutiva das experiências homossexuais femininas essencialmente no contexto da sociedade ocidental, não descurando no entanto algumas alusões oportunas a outras sociedades, concretamente às sociedades primitivas; vejamos como são representadas estas experiências e que importância adquirem no seio da vivência pessoal e relacional de quem as vive e da sociedade que as integra.

Ao longo da história podemos encontrar uma variedade de “nuances” simbólicas acerca do feminino na vivência homossexual feminina, que reflectem entre vários aspectos e em menor ou maior grau a sua aceitabilidade social pelos sujeitos heterossexuais, bem como a natureza das relações precoces em cada sujeito.

Antes de mais, é necessário sublinhar o facto da homossexualidade surgir temporalmente em quase todas as culturas, ora sendo alvo de aceitação, ora sendo alvo de rejeição.

A primeira referência histórica a uma mulher lésbica parece remontar a 2300 anos A.C., concretamente a Enheduanna, sacerdotisa suméria que entoava fervorosamente cantos à sua amada Inanna (Enheduanna considerava-se inclusive esposa de Inanna), que surgia nos mesmos como uma mulher fisicamente repleta de beleza e sensualidade. À própria Inanna era atribuída a responsabilidade de organizar os rituais e cerimónias lésbicas.

Igualmente no Código Hammurabi surge a descrição de uma mulher – Salzikrum, como um misto de mulher-homem, que usufruía de direitos privilegiados face ao comum das mulheres de então, podendo possuir várias esposas, adoptar filhos.

Em alguns países da época pretérita, como a Jugoslávia e a Albânia (em certas zonas), bem como na Itália antiga, o lesbianismo era amiúde aceite.

Em certas regiões montanhosas e de carácter selvagem de Cabíria, onde escasseava a existência de homens, o lesbianismo das “sbraie” surge claramente como uma alternativa - um meio de sobrevivência afectiva, relacional e pulsional/sexual.

Na cultura oriental, como por exemplo na China, surgem-nos alguns relatos da experiência lésbica através de Ying Shao, a qual descreve-a nos seguintes termos: *“quando duas mulheres se relacionam entre si como marido e mulher se denomina essa situação como dui shi.”*

Eram também registados fora da corte casamentos grupais de lésbicas e mesmo até ao séc. XX, prevaleceram as “Associações da Orquídea dourada”, que promoviam cerimónias de casamento e troca de presentes entre “esposas” e “maridos” e permitiam inclusive o direito à adopção de crianças, usufruindo as mesmas dos direitos de herança supostos a qualquer sujeito social.

É curioso verificar como a lógica das relações entre estas mulheres eram um tanto concebidas como a lógica das relações heterossexuais, como se assim tudo fosse mais facilmente aceitável

em termos pessoais e sociais. É a própria natureza «bissexual» de todo o ser humano que se torna igualmente mais facilmente tolerada.

Esta aceitabilidade, no entanto, está também não raras as vezes associada a um certo isolamento ou distanciamento geográfico das mulheres lésbicas face ao poder central da Lei, passando estas como que um tanto despercebidas, relegadas para um segundo plano.

Um papiro egípcio do segundo século A.C. revela-nos a homossexualidade como um costume ancestral entre os deuses.

O Cristianismo vem ao longo de uma longa caminhada histórica considerar a homossexualidade como um vício satânico (se constitui um vício trata-se necessariamente de algo supérfluo na vida da mulher ou do homem, um pecado), uma manifestação demoníaca, contrária aos desígnios de Deus, contrária à sua Lei, aos seus supremos princípios ou desígnios.

“Vimos as mulheres atentar contra a natureza ao cometerem actos vergonhosos com outras mulheres.” (Anselmo, São. *Epistola aos Romanos*, 1:26).

No Velho Testamento, concretamente em Sodoma e Gomorra, a homossexualidade surge como um pecado e excomunhão.

Durante a chamada “Idade das Trevas” (idade média), onde o cunho da Inquisição ditava as regras, a homossexualidade era considerada uma forma de heresia, podendo mesmo o seu praticante ser queimado na fogueira.

Essas representações subsistem numa elite que se evidenciava exactamente contrária ao que fazia às escondidas daquele que punia. Sabemos actualmente que na Igreja sempre subsistiram inúmeros casos de homossexualidade escondida, camuflada, alheia ao olhar social, praticada precisamente por aqueles que a puniam perante o povo.

Homossexualidade que se impunha como única forma de sobrevivência sexual num mundo pautado pela divisão sexista homem-mulher, que em muitos domínios geográficos não se cruzavam, sendo portanto, uma forma exclusiva de “sobrevivência” sexual; mas também homossexualidade que se revelava espontânea e genuinamente.

Na lei romana, a homossexualidade feminina era especialmente ignorada.

Em pleno séc. XIX, numa fase recente da história do Homem a homossexualidade era ainda considerada pelo saber psiquiátrico como uma «degenerescência».

Podemos concluir que até meados do séc. XX, e essencialmente na sociedade ocidental, a homossexualidade em quase todas as culturas foi representada como um desvio face aos valores e normas de conduta vigentes.

Entre os anos 30 e 60 do séc. XX, os trabalhos levados a cabo no seio da psicanálise sobre a perversão, pouco ou nada contribuíram para o ultrapassar do estigma face à mesma, pois os próprios psicanalistas considerados perversos, especialmente os homossexuais, foram impedidos de exercer a sua profissão nas sociedades inscritas na IPA (International Psychoanalytical Association) e mesmo passados alguns anos, em 1972, aquando da libertação da homossexualidade enquanto doença mental e em 1987, quando esta é banida dos manuais classificadores da doença mental como um registo perverso; mesmo depois de todo este processo, os mesmos psicanalistas continuaram a ser alvo de um olhar estigmatizante e redutor, que não lhes permitia exercer a sua praxis.

Que direito terá qualquer ser humano e mesmo um psicanalista, que em circunstância alguma, deixa de ser antes de mais um ser humano, com sentimentos, uma infância, um historial pessoal, escolhas amorosas, para negar o direito de ser psicanalista a um colega só por este ser homossexual?

Estiveram também os psicanalistas durante muito tempo com dificuldade em aceitar neles mesmos a sua parte bissexual e homossexual? Talvez seja difícil aceitar nos outros aquilo que em nós possa existir por muito subtil e natural que seja, mas que se revela moralmente impensável (eficaz censura interna).

Somente em 1974, no apogeu da ideologia democrática dos países considerados modernos, a homossexualidade acabou por ser considerada uma forma de sexualidade dentre as demais, já não considerada uma perversão ou um desvio. Essa transição deveu-se ao esforço da APA (American Psychiatric Association), que em 1987 aboliu definitivamente o termo perversão, passando a substituí-lo pelo termo parafilia, que desta feita já não engloba a homossexualidade, mas que remete para o conjunto de práticas sexuais em que o outro assume a função de fetiche, de objecto ou animal e em que o corpo do próprio pode ser palco de fixação. Este termo revelava-se pois uma novidade pretensamente descarregada de preconceitos e de estigmas.

Sabemos que não fará sentido a permanência de uma classificação da homossexualidade que a reduza a estigmas moralizadores de “doença mental”, de perturbação mental ou desvio, no entanto, há que compreender as profundezas desta vivência e bem sabemos que essa nem sempre é emocionalmente pacífica, mas interna e externamente conflitual.

Assim, em 1987 da DSMIII (Manual Diagnóstico e Estatístico dos Distúrbios Mentais editado pela APA) já não consta qualquer alusão da homossexualidade no catálogo das denominadas novas parafilias.

A razão desta mudança, deve-se ao facto da existência por parte da comunidade psiquiátrica de um desejo profundo e genuíno de valorizar a homossexualidade enquanto vivência e praxis legítima, como qualquer outra de índole afectiva e sexual, ou a imperativos políticos (já que nos anos setenta/oitenta do séc. XX, a proliferação de homossexuais nas elites políticas norte-americanas era cada vez mais proeminente e urgia uma reformulação das representações sociais, das mentalidades com o eventual prejuízo do sucesso político dessas camadas dirigentes, com o risco de uma “contra-propaganda” política e de uma falência dos valores morais de um país que sempre se pautou por auto-idealizações inabaláveis e um certo conservadorismo, mais que não seja latente)?

Talvez impere de ambos os lados o desejo de mudança, o qual consideramos de qualquer modo compreensível e legítimo.

Aboliu-se o termo, pretende-se mudar a conotação ou representações ligadas à homossexualidade; *mas em que dimensão fica afinal a homossexualidade de quem a vive?* Sim, porque esta é a homossexualidade que verdadeiramente interessa a quem a vive, a quem a investiga ou a quem a procura enquadrar num “setting” clínico.

É esse ponto que nos interessa descortinar, investigar – o campo das vivências da mulher lésbica na sua individualidade.

De facto, é fácil constatar ao longo da história o peso cultural nas representações e simbolismo da homossexualidade, seja feminina, seja masculina, o que motiva dois autores contemporâneos – Geza Roheim e Georges Devereux, preconizadores da Etnopsicanálise, a defenderem o «relativismo cultural» universal das representações face à problemática em questão.

Segundo Fisher: *“This pattern suggests that in approaching the problem of homosexuality today, it is not enough to deal with the so called “instinctual” and interpersonal factors; social factors must be taken into account as well.”* (Socarides, Charles W.. «Homosexuality, American Book of Psychiatry», *New York: Silvano Ariete and Eugene B. Brody Editors, chapter 14, pp. 294*).

Entretanto, com a falência dos modelos terapêuticos “normalizadores”, entra-se numa nova vaga de pensamento e prática clínica do desejo, em que o que é mais importante são as escolhas sexuais dos sujeitos, independentemente da natureza das mesmas. A homossexualidade já não é vista na comunidade clínica como um desvio à norma, nem vivida pelos seus protagonistas

como um “pecado”, um “vício satânico” e a Lei ocidental já não é teoricamente punitiva face ao que cada um escolhe como modalidade ou fonte de prazer sexual e de realização afectiva; no entanto, sabemos que a vivência da homossexualidade pelo próprio, pela família a que pertence e pela comunidade ou sociedade em que se encontra integrado, não se revela ainda assim totalmente pacífica, desprovida de impasses e de conflitos.

Por fim e à laia de conclusão, vimos mais uma vez que o feminino esteja associado à heterossexualidade (como foi analisado no capítulo II, ponto 2) ou à homossexualidade, este assume várias nuances simbólicas, ora lineares, ora aparentemente contraditórias.

Também ao nível da homossexualidade o feminino surge associado a conteúdos de masculinidade, paternidade, actividade, poder (essencialmente em sociedades que concebem a relação homossexual à semelhança da relação heterossexual, em que existe a mulher e o homem/marido), mas igualmente de beleza e amor – principalmente nas sociedades primitivas e orientais.

Quanto mais nos aproximamos das sociedades ocidentais, essencialmente daquelas em que o poder e mentalidade da Igreja impera, o feminino, assim como a própria relação homossexual, surgem carregados de representações desfavoráveis e negativas; antes de mais, é considerado algo anti-natural, um pecado, expressão satânica, demoníaca, uma heresia, uma excomunhão, urgindo, por isso mesmo, castigo severo.

Mas não é apenas a Igreja que discrimina a homossexualidade, no próprio meio psicanalítico, assim como no meio da psiquiatria, a homossexualidade é vista como uma «degenerescência» e «perversão» até a uma altura bem recente da história. Somente nos últimos vinte anos se tem reunido esforços para alterar representações e mentalidades face à homossexualidade, seja feminina ou masculina, procurando-se atribuir e expandir uma versão mais humana desta condição, anulando a ideia de «perversão», de desvio à norma, para a qual a APA – “*American Psychiatric Association*” tanto tem contribuído.

3.4 – O enquadramento das tipologias de homossexualidade segundo Freud, Socarides e J.-M. Quinodoz

Consideramos útil empreender uma incursão sobre a classificação da homossexualidade desde Freud, Socarides a Quinodoz, como ponto de partida para um maior aprofundamento sobre o feminino na homossexualidade.

Embora as tentativas classificatórias possam regra geral parecer um registo superficial ou até mesmo redutor, não deixam, no entanto, de prevalecer desta classificação aspectos que importa ter em atenção em aprofundamentos posteriores neste estudo.

Rado concebeu o termo «padrão standard» relativamente à pretensa unidade homem-mulher, precisamente para aludir ao acto de penetração masculina face à mulher (sem que o orgasmo seja o objectivo máximo do acto), bem como ao potencial de reprodução inerente a esta união. A homossexualidade (assim como outro tipo de parafilias) surge assim como um desvio ao «padrão standard» instituído, evidenciando uma certa ou significativa incapacidade de corresponder à performance esperada socialmente.

No entanto, no ser humano o factor motivacional, seja de origem mais ou menos inconsciente, parece-nos adquirir um papel essencial na escolha de objecto, de um objecto que antecipe uma concretização de experiência satisfatória ao nível pulsional, libidinal e afectivo; aspecto que contrasta claramente com o ponto de vista de Rado.

Na tentativa de classificar a homossexualidade, deparamo-nos desde logo, com uma imensa teia de complexidade de expressões da mesma, o que nos sugere uma análise profunda e cautelosa. Parece-nos fazer todo o sentido pensarmos em homossexualidades (tipos de..) e não tão somente em homossexualidade, pois poderíamos cair em reducionismos.

Freud (1904) concebeu inicialmente uma classificação da homossexualidade bastante generalista, baseada quer em motivações de carácter consciente, quer de carácter inconsciente. Existem genericamente três tipos de homossexualidade para Freud - «inversão absoluta», «inversão anfigénica» e «inversão contingente».

O primeiro tipo, refere-se à *escolha exclusiva de objecto sexual do mesmo sexo*. São indivíduos incapazes de travar relacionamento sexual ou de nutrir qualquer tipo de preferência ou agrado pelos indivíduos do sexo oposto. O segundo tipo, caracteriza-se pela *ausência de exclusividade na escolha de objecto sexual*, o qual tanto poderá ser do mesmo sexo ou do sexo oposto. Este tipo de homossexualidade faz-nos pensar num certo balanceamento da identidade sexual do sujeito (homem ou mulher), a qual se encontra deficitariamente definida, ficando presa a uma

certa bissexualidade psíquica intransponível. Conforme as angústias operantes em cada momento, o sujeito balanceia num vaivém defensivo - regride ou progride em termos de escolha de objecto.

E finalmente, o terceiro tipo de homossexualidade refere-se ao *acto praticado em circunstâncias em que o acesso ao sexo oposto está inviabilizado*.

Socarides propõe outro tipo de diferenciação face aos tipos de homossexualidade existentes, baseando-se nos mecanismos de defesa próprios a cada expressão, assim como ao tipo de identificação primária empreendida. Esta classificação tende a ser mais profunda e abrangente.

Distingue basicamente cinco tipos de homossexualidade – «tipo proto-edipiana», «tipo edipiana», «tipo situacional», «tipo variante» («variational») e finalmente, o «tipo latente». Vejamos em que moldes se expressa essa diferenciação entre os vários tipos de homossexualidade:

- Homossexualidade do «Tipo Proto-Edipiano» (assemelha-se ao conceito de «inversão absoluta» de Freud) - neste tipo de homossexualidade a *fixação* ocorreu precisamente na fase proto-edipiana do desenvolvimento psicosexual, isto é, entre o nascimento e os três anos de idade, logo as suas raízes são de carácter inconsciente, bem arraigadas e tendentes à inflexibilidade transformadora.

A «identidade de género» tende a estar severamente perturbada, destorcida, assentando numa *identificação à mãe enquanto objecto odiante e odiado*, representação esta que urge ser rejeitada pela menina. Toda a vivência sexual é invadida pelo impacto da persistente «identificação feminina primária» (pautada ao longo da vida por um registo de sentimento perservativo de feminilidade), que não viabiliza a caesura ou travessia da fase de «*separação-individualização*» à constituição de uma *identidade separada* face à mãe (e a todo os outros).

A mulher adquire ressonância identificatória com a sua parceira, jogando a relação perfeita mãe-criança, atenuando deste modo a sua angústia de castração. Trata-se apenas de um mero jogo infantil, que ajuda a mulher na gestão das angústias primordiais ou infantis.

Ao nível da fase fálica, a travessia do Édipo é pautada por intensos medos face a ambos os progenitores, derivados da convicção da *rejeição parental* (devido a ser uma menina) e da *retaliação maternal* (reverso das fantasias de ódio face à mãe). Desta «identificação secundária» resultam desejos femininos passivos face à mãe e uma *intensa identificação masculina*, que faz com que a futura parceira seja *uma espécie de «boa mãe» protegida, aquilo que não se teve, mas que se gostaria de ter tido e que se revela imperioso preservar, ainda que a um nível ilusório*. Este processo provoca intensas angústias (mecanismos de incorporação e projecção maciços; medo de invasão/intrusão maternal, de dissolução e de perda dos limites do ego/Self), as quais tendem a ser atenuadas por uma contínua procura de presença de alguém (parceira),

pela própria vivência homossexual e pelo «*acting out*», sugerindo no sujeito um senso de existência egóica minimamente estável (pseudo-estável).

Somente enquanto a vivência homossexual estiver activa, os medos paranóides e de incorporação são banidos da mente, deixando alguma paz na mente do sujeito, embora esta tenha o seu tempo contado, pois é continuamente ameaçada.

Este tipo de homossexualidade tende a ser «ego-sintónica», uma vez que as angústias anteriormente aludidas conseguem *ser reprimidas* (compromisso repressivo, repressão ou «mecanismo de Sachs»), vindo à consciência apenas os aspectos ou vivências da sexualidade infantil que possam ser toleráveis pelo sujeito, e estes são muito subtis e precários, pois esta consciência poderia desorganizar internamente o sujeito, desencadeando mecanismos pouco controláveis pelo mesmo.

Neste tipo de homossexualidade, o nível de psicopatologia poderá ser considerável. Entendamos a concepção de patologia, enquanto estado de sintonia somático-psíquica (o corpo e a mente estão em constante relação, dialéctica). A falência desta função ou ancoragem, poderá dar espaço à vivência de angústias intensas e invasivas, não elaboradas pelo objecto materno e conseqüentemente, muito mal digeridas pela criança, que não encontra dentro de si (por vezes somente fora de si) mecanismos “contentores/continentes” para fazer face às mesmas. Este tipo de falência, o seu significado mais profundo e as suas conseqüências podem ser facilmente identificados na homossexualidade do «Tipo Proto-Edipiano».

Poderá inclusive verificar-se a invasão de patologia psicossomática, em que não havendo mais hipóteses da mente fazer face às angústias destrutivas (mentalização; elaboração mental), opera o corpo em seu lugar, como um último grito ou solução (pseudo/im)possível. Aqui existe claramente uma *falência da relação somático-psíquica*, esta torna-se numa dicotomia ou dialéctica inoperante, como as restantes dicotomias básicas.

Em extensão ao que anteriormente se aludiu, sugere-nos referir algo elementar, mas que nos poderá fazer pensar: a própria reprodução do ser humano passou por uma evolução fundamental e qualitativa. Inicialmente a reprodução operava-se de forma *assexuada*, isto é, uma única célula era dividida em duas células idênticas (processo especular, metonímico, pouco criativo). Posteriormente, a reprodução evoluiu para um registo *dir-se-ia relacional*, em que de duas células diferenciadas resulta uma outra também ela única, com especificidades só suas. Estamos perante um processo criativo, metafórico, que revela a base do desenvolvimento.

Portanto, o *relacional* está em todos os processos elementares do ser humano, até mesmo no processo biológico da reprodução e também ele passou historicamente por um processo evolutivo.

No indivíduo psicologicamente perturbado a um nível profundo, parece-nos que o relacional não foi muito além da componente reprodutiva, pois a partir do momento em que é suposto a

mãe criar laços com o bebé (desde o desejo pelo mesmo, gravidez...), esta dialéctica não foi operante, dificultando ou mesmo inviabilizando o seu desenvolvimento global (do “EU”), e por consequência o desenvolvimento duma feminilidade diferenciadora.

- Na Homossexualidade do «Tipo Edipiano» falha a *resolução do complexo de Édipo* («Édipo negativo»), resultando uma intensa *angústia de castração*, processo esse que fomenta uma *regressão* temporária e oscilante a estádios anteriores do desenvolvimento psicosexual, concretamente aos conflitos orais e anais (regressão parcial proto-edipiana).

A par da regressão podem surgir outros mecanismos de defesa mais arcaicos, no entanto, quando estes surgem são de natureza intermitente e não induzem um apego à pré-geritalidade.

Nesta conjectura psíquica, a mulher assume o papel do homem face à mãe (mãe onipotente que gera intensa ansiedade) e consequentemente face à sua parceira. Portanto a «identificação secundária» é processada face ao pai do sexo oposto, conduzindo a mulher a uma *identidade sexual feminina deficitária*. No fundo, o que aqui ocorre é apenas o reverso da identificação sexual normal só que em direcção ao pai do mesmo sexo.

Normalmente, os desejos são amplamente temidos e de natureza inconsciente. A culpa e a vergonha preenchem os conflitos do ego e do super-ego, tanto consciente como inconscientemente.

O acto homossexual poderá então ser concebido como uma busca de dependência, de segurança e de poder através da sedução de uma parceira intuída como poderosa/onipotente.

Em fases de depressão face à perda, a necessidade de amor, de admiração e de força/poder oriundos de uma parceira intensificam-se.

Pode ocorrer intensificação ou oscilação/”remissão” de determinadas dimensões psíquicas, tais como a auto-estima, o auto-conceito, a identidade feminina; secundárias ao sucesso noutras áreas da vida, de carácter não sexual; ou seja, os sentimentos de sucesso podem *sublimar* as fantasias ou até a necessidade de relações sexuais com parceiras do mesmo sexo.

No entanto, a vivência homossexual não assume o carácter mágico de restituição simbólica do «Tipo Proto-Edipiano», obedecendo a um padrão sexual menos estereotipado e inflexível, em que os sintomas podem mesmo ser vividos como «ego-distónicos», havendo casos em que a escolha heterossexual poderá ser uma escolha consciente e assumida.

- Homossexualidade do «Tipo Situacional» (corresponde ao conceito de «inversão contingente» de Freud) - é exercida por pessoas que se sentem motivadas pelo relacionamento heterossexual, proporcionando-se em ocasiões em que um parceiro do sexo oposto não está durante um período significativo acessível, sendo portanto um comportamento conscientemente motivado (ex.: práticas em meio militar, prisional, trabalho em regiões isoladas de pouco ou nenhum

acesso ao sexo oposto..). O padrão sexual é amplamente flexível, sendo que mudando as circunstâncias da homossexualidade pontual, volta-se à heterossexualidade.

- Homossexualidade do «Tipo Variante» («variational») - este tipo de homossexualidade independentemente da época histórica e da sociedade ou da cultura que a promove, tem como objectivo a *preservação/estabilidade da ordem social*.

É regida por regras próprias, não sendo admitidas quaisquer alterações à lei proclamada. Por exemplo, na *Grécia ancestral* a homossexualidade só era permitida sob a forma de pederastia, e na condição de ser somente por um determinado período da adolescência. Reinavam os chamados «sentimentos homossexuais», sentimentos de admiração e afecto pela juventude masculina. É um tipo de homossexualidade que é altamente flexível e oscilatório, pois o sujeito apresenta igualmente interesse pelo sexo oposto, podendo optar conscientemente pelos relacionamentos heterossexuais ou/e homossexuais quando assim preferir ou se sentir motivado. Pode verificar-se ainda este tipo de homossexualidade quando num relacionamento heterossexual, o homem não revela uma performance sexual que corresponda às necessidades sexuais da companheira (por impotência ou qualidade frustrada da potência). Esta poderá recorrer às práticas homossexuais como forma de satisfazer as suas necessidades libidinais e simultaneamente manter uma expectativa social (manter o casamento).

- Homossexualidade do «Tipo Latente» - poderá ser do tipo “proto” ou edipiano propriamente dito, *não inclui vivência sexual orgásmica, manifesta*, mas subsiste essencialmente a um nível inconsciente ou latente (nível intrapsíquico).

O nível ou intensidade da latência depende de um conjunto variado de factores, tais como: *a força da fixação e da repressão* (na homossexualidade «proto-edipiana»); da intensidade da regressão e severidade da ansiedade (no «tipo edipiano»); do nível de aceitabilidade do ego/Self, do super-ego e do ideal do ego face às fantasias homossexuais inconscientes emergentes; da força e do poder da agressão e da libido, etc..

Este tipo de homossexualidade está repleta de desejos infantis universais que radicam no facto da criança desejar o pai do mesmo sexo e querer apropriar-se do sexo e atributos do sexo oposto. Assim, o sujeito irá desenvolver o sentimento de ódio face ao seu próprio sexo, o sentimento de destrutibilidade invejosa face ao sexo oposto, assim como uma «angústia de morte» invasiva do pólo sexual.

Embora seja comum o sujeito possuir um intenso nível de elaboração de *fantasias homossexuais inconscientes* e de *actividade onírica*, estes tendem a ser sujeitos a uma intensa *negação do seu significado*, a qual poderá ser mais ou menos inconsciente (ou mesmo consciente).

Mesmo quando estas fantasias se tornam conscientes, o sujeito tende a abster-se de as concretizar com alguém.

Pontualmente, existem os indivíduos que, sob o forte impacto da ansiedade acabam por transitoriamente passar ao acto homossexual, tendendo seguidamente a voltar à latência, mais estabilizadora para eles.

Mas estas fantasias poderão nunca passar do nível inconsciente, não dando espaço à sua concretização prática, sendo que a mulher poderá inclusive, como é bastante comum, casar-se e ter filhos (correspondendo às expectativas dos fortes imperativos sociais ou culturais), mesmo que a vivência heterossexual algures dentro de si não encaixe plenamente em termos de consistência, significado, prazer. Estas mulheres tendem a viver uma heterossexualidade significativamente limitada, “pobre” em termos de feminilidade, muito frequentemente pautada sob um quadro de fantasias homossexuais emergentes, as quais tendem a ser melhor concretizadas como “pano de fundo” de excitabilidade na experiência ou vivência masturbatória, à qual tendem a recorrer.

Estas mulheres são “verdadeiras” homossexuais, apenas por força da defensibilidade psíquica a vivência homossexual tende a ser restringida a meras fantasias ou exercícios sexuais de passagem; sendo apenas quando socialmente as regras e leis até então vigentes enfraquecem o seu poder interditor e “castrador” e a moralidade perde força na mente colectiva, aí sim, *vimos muitas vezes a latência homossexual passar ao manifesto*, com um libertar de fantasias, vivências e práticas sexuais até então travadas a alto preço na vivência da mulher homossexual. É a possibilidade da mulher se encontrar consigo mesma, de finalmente poder ir ao encontro de si, daquilo que é mais emergente na sua natureza psíquica. Não se encontra mais enclausurada numa “mentira”, a verdade vem ao de cima, e mesmo que a homossexualidade agora manifesta seja igualmente defensiva, dá-se de algum modo um crescimento psíquico nessas mulheres.

Vários autores aludem ainda a outro tipo de homossexualidade – a Homossexualidade Manifesta, para se reportarem aquela que é vivida em plena consciência.

Segundo J.-M. Quinodoz, as necessidades pulsionais dessas mulheres não alcançam em fantasia ou oniricamente, um grau de satisfação tão intenso como acontece na homossexualidade de cariz latente. Estas mulheres necessitam mais de *descarregar* do que obter propriamente satisfação pulsional das parceiras (funcionalidade). No fundo, este tipo de homossexualidade equivale aos tipos de homossexualidade «proto-edipiano» e «edipiano» segundo Socarides, em que a mulher está consciente da sua escolha e recorre ao outro como mero suporte.

Sintetizando o que anteriormente referimos e procurando estabelecer ilações com a estruturação do feminino, podemos conceber o seguinte:

- No presente estudo interessa-nos essencialmente os tipos de homossexualidade «proto-edipiano», «edipiano», «latente», «manifesto» e a «inversão anfigénica»; uma vez que os

restantes tipos são registos circunstanciais ou por imposição social, não se constituindo como verdadeiros tipos de homossexualidade;

- Verificamos que a falência da função continente materna é tanto maior quanto mais nos aproximamos dos tipos de homossexualidade instaurados ou fixos mais precocemente, como é o caso do tipo «proto-ediipiano» e «latente» (nível mais arcaico) – ambos tipos «manifestos», o que irá interferir com a formação do Ser, da identidade do Eu (Ser ou Não Ser) e consequentemente do Ser Com, da identificação sexual com o diferente, desejado e amado de forma complementar.

É a prisão no «materno primário», sendo os mecanismos próprios da «posição esquizo-paranóide» os que imperam, intoxicando o sujeito na sua capacidade pensante e de simbolização, inviabilizando o acesso ao feminino heterossexual, ao «feminino primário».

No entanto, apesar da massividade dos mecanismos, o sujeito sente-se em harmonia com a sua escolha homossexual, o que é facilmente compreendido, pois o colocar em cheque a natureza da sua relação homossexual seria pôr em causa os primórdios da relação com a mãe, relação pautada por mecanismos destrutivos, onnipotentes, pela indiferenciação, portanto, aspectos impensáveis.

O tipo «ediipiano» e «latente» (nível mais adaptativo) – igualmente ambos tipos «manifestos» de homossexualidade, embora mais evoluídos, revelam ainda assim a dificuldade em fazer face às vicissitudes do Édipo, da tomada do «feminino primário» e do Ser Com, pois a invasão das «angústias de castração» deixam o sujeito preso à «posição depressiva», sem capacidade de elaboração do luto face ao objecto maternal onnipotente e invasor, conduzindo-o a uma identificação defensiva ao sexo oposto, em vez de uma complementaridade com o mesmo. Esta dinâmica de funcionamento é pautada por movimentos frequentes regrediente-progredientes, de oscilação oral-anal (esta instabilidade no seu extremo parece representar o que Freud denominou de «inversão anfigénica» ou impasse da bissexualidade psíquica), que fazem com que o sujeito nem sempre se sinta identificado com a sua escolha homossexual, alvo de inconstância e impasse.

3.5 - As Visões evolutivas da Psicanálise face à homossexualidade feminina – Da lógica perversa à lógica estrutural

Antes de mais urge falar do lesbianismo remetendo-nos para as teorias clássicas que o classificam dentro do conjunto vasto das perversões.

Provavelmente falar em perversões (pluralidade) e não somente em perversão ou perversidade nos remeterá mais facilmente para a dimensão vasta de entidades que reinam neste domínio, que se enunciam como particularmente singulares, porque únicas, originais e sugéneres. Desta pluralidade apenas nos interessa retirar o que nos ajudará a compreender a homossexualidade feminina, nosso objecto concreto de estudo.

Freud e a sua teoria estrutural da perversão era defensor da singularidade da mesma (embora tendo sofrido variações posteriores a caminho da pluralidade – 1905), a pluralidade brota essencialmente das concepções psiquiátricas e sexológicas do fim do séc. XIX.

O campo das fantasias e vivências consideradas perversas é extremamente amplo e as considerações e simbolismos sobre a temática também têm sido ao longo da história vastos e complexos, variando de acordo com as sociedades, as épocas, as mentalidades.

Existe domínios em que a perversão é valorizada, essencialmente no seio dos meios artísticos (por exemplo: a perversão tem estado ao longo do tempo associada às diferentes formas de arte erótica, tanto no Ocidente como no Oriente), mas existem outros domínios em que esta é severamente rejeitada, implicando conflito, impasse e sofrimento para quem a vive; no fundo, este último domínio é o da sociedade comum em geral (civilizada), marcada por uma forte repressão moral face a tudo o que se impõe como escapando ao habitual, à normatividade (ainda que esta seja muitas vezes apenas um conceito meramente estatístico), porque ameaçador da coerência e estabilidade social e civilizacional.

A palavra perversão remete etimologicamente para o termo latim *pervertere* (perverter), tendo sido inicialmente utilizada pelos autores ligados à fundação da sexologia, bem como pelos psiquiatras em pleno séc. XIX (concepções diferencialistas), com uma conotação de *práticas sexuais desviantes* face a uma norma social, sexual, moral e jurídica. O perverso era então considerado essencialmente como um ser «tarado» e «degenerado».

Das perversões faziam parte toda uma vasta panóplia de registos – a pedofilia, a pederastia, o sadomasoquismo, o fetichismo, o travestismo, o narcisismo, o auto-erotismo (masturbação), o incesto, a zoofilia, a cropofilia, a necrofilia, o voyeurismo, o exibicionismo, as mutilações sexuais e igualmente a homossexualidade, etc...

Numa pesquisa imediata e recorrendo às considerações de Jean Laplanche e J. B. Pontalis (In «Vocabulário de Psicanálise», Editorial Presença, 1990, pp. 288-291) o termo perversão no domínio da psicanálise remete para o campo da sexualidade e enuncia-se face a um contrário, a normatividade, que é supostamente a heterossexualidade, considerada natural. Esta caracterização nem sempre se enuncia como estável, nem sempre é alvo de consenso geral pelos vários autores e pela própria sociedade na sua versão de senso comum ou sabedoria popular. Ao termo perversão estão associados os chamados «desvios do instinto», constituindo um comportamento pré-existente, tendencialmente inflexível tanto face ao objecto quanto face à realização das fantasias internas.

Num segundo tempo, indo em busca dos primórdios, o termo perversão surge pois na Psicanálise através de Freud que o retoma de autores ligados à psiquiatria e o institui a partir de 1896; no entanto é na sua obra “*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*” (1905), numa altura em que o tema fervilhava socialmente, que o autor associa o termo a uma continuidade na fase adulta de características ou «disposição perversa polimorfa», típicas da sexualidade pré-genital infantil, pois toda a sexualidade infantil é por natureza perversa. Nesta fase, a sexualidade está vincada pelo efeito das pulsões parciais, provenientes da difusão de prazer oriundo das várias zonas corporais erógenas (não existe fixação genital “normal”/natural). A perversão constitui a vivência da sexualidade infantil em estado bruto, sem mediação, “selvagem”.

Assim sendo, podemos considerar a perversão ou «inversão» (ou «comportamento desviado», também assim designado por Freud) como resultado das vicissitudes da energia sexual, que se enuncia enquanto barreira à sexualidade genital “normal”, à genitalidade estruturante que viabiliza o acesso à feminilidade, ou dito de outra forma, como a continuação ou reaparecimento de uma sexualidade parcial, uma regressão, um retornar a um ponto de fixação prévio da libido, aos primeiros estádios do desenvolvimento libidinal (segundo a teoria das fases de organização da libido ou teoria do desenvolvimento psicosssexual de Freud).

Assim, a perversão constitui-se mediante uma estrutura arcaica que precede inclusive a aquisição da linguagem.

A sexualidade perversa é alheia a alguns mecanismos próprios à neurose e essenciais ao crescimento do sujeito enquanto ser sexual (daí se considerar a neurose como uma «perversão negativa» ou «negativo da perversão) – ausência de limites face ao incesto (não existem barreiras para a sua imaginação), inoperância do recalçamento da sexualidade infantil e da sublimação. Se não se recalca e não se sublima, não se sente, nem vive a falha, logo a capacidade e necessidade de simbolização e abstracção deixam de fazer sentido, pois estas apenas emergem perante a percepção/intuição de falha, ausência; a perversão é pois defenida em relação a um processo de negatividade e no seu destaque face à neurose. A partir daqui é-nos

viável deduzir a ineficácia do aparelho de pensar os pensamentos, no sentido da constituição do trabalho de luto necessário à passagem de uma sexualidade arcaica e cingida ao objecto primário a uma sexualidade evoluída, que se impõe face a um objecto do sexo oposto, intensamente desejado pelas suas capacidades amantes, mas igualmente eróticas e sexuais.

A sexualidade torna-se num «acting out», uma «compulsão à repetição» patológica, sem a mediação do «processo secundário».

A sublimação constitui como que um “regulador pulsional” ao serviço da civilização, logo a sexualidade sem esse travão construtivo expande-se livremente, sem barreiras.

Trata-se de uma sexualidade sem limites, que se instaura e desenvolve enquanto desvio face a um objecto, a um alvo, a uma pulsão e a uma fonte ou órgão; distinguindo assim Freud dois tipos de perversões, as do objecto e as do alvo.

A homossexualidade insere-se no universo das perversões do objecto (outros exemplos: incesto; pedofilia; auto-erotismo, etc.), em que se verifica uma fixação apenas num único objecto humano, com o qual se estabelece uma relação de carácter sexual, não havendo disponibilidade para mais nenhum objecto (douta natureza, claro).

Nas perversões do alvo (exemplos: zoofilia; fetichismo; travestismo, etc.), as relações sexuais e toda a sua trama fantasmática se ergue face a um objecto inanimado, sendo as fontes de prazer de natureza variada, de carácter visual (exibicionismo; voyeurismo), relacionadas com a hiperestimulação exclusiva de uma determinada zona erógena (exemplo: a boca que dá espaço ao *cunnilingus* ou ao *fellatio*) ou dos órgãos sexuais propriamente ditos, ou ainda, ligadas ao prazer de auto-sofrer, de fazer sofrer o outro ou ambas as tendências conjugadas (exemplos concretos: masoquismo; sadismo; sadomasoquismo).

Posteriormente, em meados dos anos vinte, Freud passa a entender as perversões ou inversões como processos resultantes igualmente da organização edipal internalizada e das fantasias ligadas à cena primitiva, associadas à representação do «casal parental combinado» (Melanie Klein).

O autor procura esclarecer em que é que baseia a sexualidade genital “normal”, aspecto nem sempre óbvio para o próprio autor; no sentido de melhor se compreender a perversão:

“A pulsão sexual falta à criança, instala-se no momento da puberdade, em estreita relação com o processo de maturação, manifesta-se sob a forma de uma atracção irresistível exercida por um dos sexos sobre o outro, a sua finalidade seria a união sexual, ou pelo menos actos que para isso tendam”. (In «Três ensaios sobre a teoria da sexualidade», 1905, pp.33).

Sabemos que essa normatividade nem sempre é tão óbvia e “pura” quanto nos poderá parecer num primeiro olhar e habitualmente costuma estar povoada de fantasias e práticas que poderemos considerar de carácter perverso, concretamente consubstancializadas no «prazer preliminar» ou na sintomatologia de carácter neurótico.

As tendências perversas enquadram-se pois habitualmente na “constituição normal”, no ser humano comum, não sendo tão peculiar quanto se poderia supor.

A sexualidade dita normal (que em Freud não se resume nem ao mero consenso social, nem à prevalência de um determinado comportamento sexual num dado grupo social), parece não constituir *à priori* um factor constitucional da natureza humana, pois o homem não tem de se interessar sexualmente em exclusividade pela mulher, nem esta se motivar em exclusividade pelo homem (bissexualidade psíquica), outras alternativas se inter-cruzam, carecendo de uma fundamentação científica sólida na medida do possível.

Assim, para Freud a homossexualidade é vista como uma variante da vida sexual, não tendo que ser obrigatoriamente separada, distanciada dos outros grupos sexuais, uma vez que todos nós já fizemos uma escolha desta natureza no nosso inconsciente. No fundo, toda a sexualidade humana poderá ser considerada perversa, uma vez que ao longo da vida subsistem sempre traços dos primórdios da nossa existência, ligada ao «lucro do prazer» associado a outras pulsões e não propriamente a uma actividade concreta.

Continuando na busca de sentido para as escolhas de carácter homossexual femininas, e incidindo sobre a possibilidade destas constituírem um sintoma, vejamos o que encontramos mais recentemente na história da Psicanálise.

Joyce McDougall (1986), considera que o mais importante é o facto das pessoas viverem ou não as suas experiências eróticas ou escolhas objectais como «*ego-sintónicas*», sendo ou não estas consideradas pelos outros como perversas. Se existir um encaixe psíquico de realização sexual e objectal, que permita ao sujeito sentir-se bem consigo mesmo e com os outros, este aspecto parece ser o de maior importância.

Uma determinada forma de sexualidade só poderá ser considerada problemática se a pessoa que a vive a sentir com sofrimento, dor e conflito, ou seja, de forma «*ego-distónica*», à margem de um encaixe identitário, da coerência psíquica.

A autora possui pois uma visão algo distinta de Freud: de facto é comum os heterossexuais descreverem uma infinidade de cenários eróticos que nada mais constituem do que prelúdios do acto sexual em si e das fantasias correlacionadas (exemplos - masoquismo, adoração...), mas habitualmente essas experiências não costumam ser indutivas de conflito psíquico, não podendo portanto ser consideradas perversões na verdadeira acepção do termo. Habitualmente os homossexuais seguem as suas vivências dentro da lógica de continuidade anteriormente apresentada, enquanto os denominados “heterossexuais desviantes”, quando acedem a comportamentos desviados ou à homossexualidade, revelam-se pouco motivados para prosseguir a sua conduta dentro desta lógica.

A mulher homossexual tende a integrar o “desvio” da sua sexualidade como uma versão da sua sexualidade adulta, no seio de uma relação adulta sentida como significativa.

Somente quando estes prelúdios constituem em si não propriamente preliminares mas actos praticados de forma regular e compulsiva, fonte de intensa e exclusiva satisfação, aí sim poderemos considerá-los como expressões da perversão (fixação).

A homossexualidade feminina (assim como os desvios sexuais de uma forma global) devem ser compreendidos no inter-cruzamento dos seus aspectos quantitativos (economia sexual – natureza do funcionamento da actividade sexual) e qualitativos (dinamismo da estruturação psicosexual) com o fenómeno das identificações primordiais.

Para McDougall, o sistema de identificações e «contra-identificações» (pautado pela força das representações e introjecção de objectos, imagos que constituem como que personagens no nosso teatro interno), é o que influencia fortemente a qualidade ou ausência de qualidade ego-sintónica das escolhas e práticas sexuais significativas adultas.

Somente em 1927 (In «Fetichismo»), Freud começa a associar a predominância da “recusa” constante (reconhecimento e repúdio face à castração materna) e a cisão do ego (dissociação que equivale num plano global a reconhecer a realidade e noutro plano, o da identidade sexual, a negá-la), como elementos base dos mecanismos de defesa da estrutura perversa. Estes mecanismos são considerados naturais nos primórdios da existência, somente a sua predominância ao longo da vida marca a estrutura perversa.

A perversão enuncia-se então essencialmente enquanto estrutura, mecanismo de defesa e não enquanto incapacidade constitucional de síntese ou uma espécie de degeneração.

Freud passa assim temporal e teoricamente de uma visão descritiva da perversão sexual nas suas várias manifestações para uma visão da perversão fundada num *modelo de organização do ego* pautado pela força destrutiva da clivagem, introduzindo em meados de 1923/1924 (obras: respectivamente «A organização genital infantil» e «A perda da realidade na neurose e na psicose») o conceito de «renegação», ambos mecanismos tendencialmente psicóticos. A «renegação» relaciona-se com o facto das crianças negarem a ausência real do pénis na menina; processo este de índole psicótica que se destaca do recalçamento típico do funcionamento neurótico, que recalca em função das exigências do Id.

A psicose demarca-se enquanto reconstrução da realidade alucinatória, em que a “consciência”/intuição de conflito foi abolida pelo risco de destruição psíquica, o que não ocorre na neurose, em que o recalçamento se opera precisamente face à imponência de um conflito impensável, sendo o recalque uma forma de o resimbolizar, sublimar.

Desse modo, podemos considerar que a perversão encaixa-se numa estruturação tripartida, com moldes de «renegação», desmentindo com toda a força a castração, porque impensável,

constituindo uma intensa e profunda fixação nos moldes de operar e fantasiar da sexualidade infantil, com registos defensivos arcaicos, primitivos, impossibilitadores do crescimento do Eu, do Ser, do Ser Como (similar, mas não igual, equivalente), do «materno primário» enquanto possível contentor a conter um conteúdo a caminho da construção da feminilidade, do «feminino primário», do Ser Com, relação dinâmica com o masculino, novo objecto expansivo e contentor; marcando ainda a falência da capacidade progrediente e adaptativa do aparelho para pensar os pensamentos no acesso ao feminino (aparelho sem capacidade de passar do pulsional ao simbólico).

A nova formulação de Freud vem demarcar o papel e impacto fundamental da atitude ou comportamento latente do sujeito humano frente à realidade da diferença sexual, questionadora de diversas dimensões do sujeito, não apenas da sexual, mas antes de mais, da sua existência enquanto ser distinto do outro.

Lacan e os seus seguidores franceses, concretamente Guy Rosolato, Wladimir Granoff, François Perrier, Jean Clavreul e Piera Aulagnier, vêm finalmente desapropriar a perversão do terreno dos desvios, integrando-a definitivamente no campo da estrutura. Esta transição acaba por trazer benefícios a vários níveis – a perversão é concebida como uma entidade alvo de possível “curabilidade” e os próprios psicanalistas homossexuais outrora vedados de exercer a sua profissão, são agora libertados, não constituindo uma ameaça para a sociedade.

Lacan foi um autor que se considerava a ele próprio como um perverso e pensava que ninguém melhor do que um perverso para compreender a perversão e as suas vicissitudes.

O autor foi mais do que qualquer autor, particularmente sensível à questão do Eros, da libertinagem, do desejo, do gozo e do carácter homossexual do amor, para não falar de outras naturezas, como a bissexual, fetichista, polimorfa ou mesmo narcísica.

Para este autor, a perversão anunciava-se como uma provocação ou ousadia face à lei instituída, um certo frenesim e “adrenalina” de ir contra o vigente, o proibido (anti-moralidade; ir contra os valores instituídos pela lei maternal e parental).

Em 1962, Lacan no seu artigo *Kant com Sade*, vem associar o mal (na acepção sadiana) ao bem (na acepção de Kant), considerando que a estrutura perversa se edifica num desafio pessoal, isto é, na vontade de se constituir enquanto objecto de gozo doado a Deus (figura proibitiva por excelência; instituidor da suprema moralidade; mas também figura simbólica do poder parental, o qual se deseja desafiar moralmente), anulando e chacoteando a lei ao máximo das possibilidades.

Concomitantemente, persiste um desejo latente do sujeito em se anular no mal absoluto, aniquilando-se triunfalmente. Eis as marcas pesadas da vivência da estrutura perversa, onde prazer e dor, destruição e ilusão de controlo e triunfo sobre o mal, acabam por destruir o próprio

sujeito e inviabilizar qualquer tipo de saída reparadora, construtiva do Ser, do Ser Como e do Ser Com, do «materno primário» e do «feminino primário», da maternidade e da feminilidade.

Assim, a homossexualidade é concebida como uma perversão enquanto estrutura, espaço onde joga um papel fundamental o objecto primário, a mãe, mas igualmente o pai e toda a trama de identificações que estes favorecem e sugerem na criança ao nível da identidade do Eu e da Identificação sexual, do feminino.

Segundo Stoller, a mãe do perverso vive sob a lógica fálica, que não percepção, muito menos aceita em si a castração (falha; negatividade). Como forma de compensação atribui ao filho o lugar do falo, super-protégendo-o e enquadrando-o numa intensa gratificação narcísica, que inviabiliza ou dificulta a tomada de diferenciação entre o eu e o outro, entre o dentro e o fora, assim como a percepção das diferenças sexuais (entre o feminino e o masculino) e seus simbolismos intrínsecos.

Assim, a mãe do perverso constitui-se enquanto obstáculo à alteridade e equidade da criança, à sua distinção do outro, à introdução de um terceiro, necessário à diferenciação. Não é dado espaço ao pai para entrar na relação; nem para realizar o seu papel de interditor, de objecto que introduz proibições, o “não”.

A diferenciação entre os sexos e a sua (re)significação não se viabiliza, assim como a passagem do tempo é eterno presente ou “simples” ausência de passagem de tempo, anulador da geracionalidade.

O desejo do perverso tem o intuito máximo de identificação com o objecto materno, a aliança com a mãe fálica “toda-poderosa”, defensivo do próprio desejo de receber o pénis e ao mesmo tempo, verifica-se uma identificação intensa à atitude castradora do objecto maternal face ao elemento masculino, ao pai, ao pénis.

A desvalorização e o relegar para um segundo plano (ou “nenhum” plano, pseudo-plano!?!; sombra) do papel do pai pela mãe é tanto mais intenso quanto mais este se divorciar do seu próprio papel de objecto diferenciador, dando espaço a uma ausência real e imaginária de si no universo interno dos filhos. O pai é muitas das vezes cúmplice no processo, distanciando-se ou distanciando os filhos de si, de forma mais consciente ou inconsciente.

Portanto, os processos normais de alteridade, de discriminação, da monossexualidade e da mortalidade estão banidos, negados da lógica perversa.

Assim, a mãe do perverso é por vezes comparada à mãe do psicótico, essencialmente por via da característica de indiferenciação entre os espaços psíquicos do Eu e do Outro, do dentro e do fora.

Enquanto que no universo perverso a tónica reside na lógica fálica do *Ter VS Não Ter*, em que o filho se integra num par incestuoso, num sistema de existência/ser enquanto complemento da mãe, ocupando o espaço do falo imaginário; no universo psicótico entra-se na lógica do *Ser VS Não Ser*, anterior à trama da diferenciação, em que o filho nada mais é do que um apêndice, uma extensão ou um prolongamento do objecto maternal, parte do seu “ser”, logo não existindo para a mãe enquanto ser diferenciado de si.

Trata-se de dois seres banhados na confusão mental das águas da simbiose parasitária, não edificante, destrutiva e não construtiva do ser. O ser de ambos equivale ao “não-ser”, à impossibilidade de ser para a vida, para o desejo, para a construção de uma identidade sexual bem definida e distinta do outro oposto e complementar, para a estruturação do feminino e do masculino, do materno e do paterno.

Em ambos os perfis de mães parece que a falência na instauração normal do Édipo não favoreceu ou impossibilitou mesmo uma solução simbólica para a sua sexualidade, uma saída com sucesso para sua feminilidade, havendo uma clara problemática ou impasse a este nível, que motiva o actuar da recusa da sua castração sobre o filho, através de um maciço processo de projecção.

Este processo motiva a perversão ou as perturbações graves da identidade sexual.

“A perversão é o resultado de uma dinâmica familiar que introduzindo o medo força a criança a evitar o enfrentamento da situação edípica na qual, todavia, ela já se encontra imersa, o desfecho do conflito edípico não seria, portanto, a dissolução do mesmo pela via do recalçamento, mas sim a sua evitação, o que adiará ad infinitum o seu desfecho, mantendo-o suspenso.” (Stoller)

Na relação dos pais com a criança, e muito especialmente na relação da mãe com o seu bebé, bebé que cresce e que é fortemente influenciado pelo modelo materno precoce (modelo emocional e cognitivo), são essencialmente os aspectos silenciosos e inconscientes ligados aos conflitos e desejos sexuais da mãe que jogam profundamente na relação.

Assim, é de forma inconsciente que a mãe comunica genuinamente o nível e qualidade do seu desejo pela criança e essa comunicação por vezes revela o impensável, deixando o bebé nas teias da confusão e conflito internos, a sua psique como um mapa cujas coordenadas se tornam difusas, pela ausência de um continente orientador.

Nem sempre o bebé real corresponde de facto ao bebé imaginário concebido nas profundezas da mente da mãe e por muito que esta tente esconder perante si ou perante o bebé esta realidade, essa tende sempre a vir ao de cima, a ser intuída, sentida, mesmo que não pensada.

A criança capta as mais ínfimas e indeléveis subtilezas representacionais que brotam da mente da mãe, mesmo os aspectos que a mãe não ousa sequer pensar, imaginar dentro de si mesma; o

bebé sente antes de pensar e este sentir “proto-pensar” não ajuda na caminhada para o pensamento, para a estruturação do aparelho mental conceptual, aspecto essencial à construção da feminilidade auto-realizada.

De facto, é a mãe o objecto que nomeia em primeira-mão as zonas erógenas do seu bebé, comunicando simultaneamente das mais diversas formas o seu investimento narcísico e libidinal ou contra-investimento face ao bebé.

Algumas mães tendem a negar literalmente a existência e funcionalidade dos órgãos sexuais ou de certas zonas corporais do bebé, o que se reverte desfavorável para a estruturação e vivência da sua feminilidade (identidade sexual).

A natureza da descarga sexual e dos investimentos em zonas corporais, bem como as proibições de natureza sexual vividas pela mãe na sua infância, podem motivar na mesma uma *contra-identificação* e um *contra-investimento* face à criança, que faz com que esta construa uma imagem corporal frágil, alienada (de um corpo que não consegue ser, desejar ou mesmo diferenciar-se, em casos defensivos mais extremos) ou mesmo “mutilada”, desprovida de erotismo.

A própria mãe quando criança passou muito provavelmente pelo mesmo sentimento de corpo atingido, o que faz com que esta sinta e idealize o filho mesmo antes deste nascer como uma extensão narcísica e libidinal de si (consciente ou inconscientemente).

Esta representação do corpo poderá levar a criança ao longo do seu crescimento a criar o seu próprio território, uma espécie de palco ou teatro erótico, numa tentativa ávida de se proteger, de “auto-cura”, de fazer face à ansiedade de castração, mas igualmente, como forma de conseguir lidar com a imagem introjectada do seu corpo, de um corpo destruído e como forma de digerir um senso terrífico de morte psíquica e física eminente. Impera o medo da perda da representação corporal como um todo, assim como o terror da perda de identidade egóica.

Num registo desta natureza, surge um faló desprovido do seu valor simbólico, um faló que a qualquer momento se poderá cindir em duas imagens opostas, inatingíveis.

O pensamento de Joyce McDougall («Teatros do Eu», 1992 – Cap. XI, pp. 203-206) vem em continuidade do pensamento de Stoller, no entanto, esta autora procura aprofundar ainda mais esta temática; para McDougall no imaginário do perverso impera uma mãe idealizada e intacta; no fundo uma mãe “cristalizada”, uma mãe que não permitiu crescer a criança porque ela própria não cresceu, uma mãe tela-beta, que fomenta uma «identificação adesiva».

Quando uma mãe aceita a sua própria condição de castração, ela própria favorece na criança uma saída simbólica para o processo do Édipo, uma ligação ao pai, resultando daí dois mecanismos básicos – o recalamento e a consciência e aceitação da diferença (um terceiro; a lógica de dicotomias e de circularidade espaço-temporal). O oposto, conduz a criança a um centramento numa intensa satisfação libidinal, pautada simultaneamente por fortes mecanismos

de clivagem, de identificação projectiva, de negação da realidade e de recusa da castração, donde resulta a iminente ameaça de perda narcísica, a inacessibilidade ao conflito edipiano e o “acting out” sexual.

Tal como surge bem explícito no filme “*A Cidade de Deus*” (Meirelles, Fernando (2003); Brasil: New Age): “*Malandro não ama, malandro deseja*”; assim, na perversão o prazer surge elevado a defesa contra as angústias mais primárias, contra a tomada de consciência do outro e do Eu, como uma forma continuada de cobrir a intolerância à frustração – tudo é coberto e (pseudo)solucionado pela ilusão momentânea e inadiável do prazer.

A autora refere-se pois ao jogo perverso como algo processado em torno da castração, a castração negada através do “acting out” “lúdico”, em que o outro é ilusoriamente refeito e completado por si mesmo.

Todo este processo se dá porque antes de mais a castração é invasiva de todos os meandros da vida mental da criança – castração primária, que ameaça o corpo na sua integridade, a vida psíquica da criança; esta é sentida sobre a figura materna, sobre a figura paterna, inevitável e consequentemente sobre o próprio – a castração narcísica, e sentida ainda na sua forma pré-genital.

A inacessibilidade ao conflito edipiano faz sentir o perverso como um estranho dentro de si mesmo, uma espécie de “mentira”, que acarreta um intenso sofrimento inconsciente, um “preço” bem alto, fazendo com que o perverso apenas se sustente a si mesmo pela ilusória gratificação narcísica (“prazer-dor perverso”). Como refere a própria Joyce McDougall:

“Poder-se-ia dizer que as crianças são prisioneiras dos desejos e dos medos inconscientes dos seus pais. Mas nem todos os prisioneiros querem fugir! A criança incestuosa quer crer que é apoiada no seu desejo de castrar o pai, de possuir magicamente a potência fálica”. («Teatros do Eu», 1992 – Cap. XII, pp. 217).

Assim, McDougall concebe as escolhas da mulher e do homem homossexuais como a melhor solução possível que o adulto foi capaz de encontrar no seu trajecto existencial face às comunicações parentais contraditórias relativamente à sua identidade de género, à sua performance sexual e à sua feminilidade.

A emergência da perversão como estrutura em ambos os sexos pode ser compreendida enquanto forma defensiva de não cair nas teias da psicose, uma vez que a recusa se processa face à diferença sexual e não face à distinção Eu VS Outro ou sobre a negação da realidade.

Na solução perversa Eros triunfará sobre a morte enquanto conseguir “sobreviver” através da reparação, ainda que esta apresente contornos de ilusão ou mania.

Joyce McDougall (1982) vai entretanto denominar e enquadrar este tipo de “carácter” e a natureza e intensidade do seu investimento dentro das «novas

sexualidades»/«neosssexualidades», vividas no contexto das «novas realidades» que constituem o espaço possível e ilusório na tentativa de encontrar uma solução para o conflito primário da relação mãe-criança.

A autora, uma das representantes célebres da perspectiva da Psicologia do Self, considera que a estrutura tripartida – neurose, psicose, perversão (defendida por Freud), revela-se insuficiente na sua tentativa de explicar plausivelmente os distúrbios sexuais no contexto das diversas perturbações narcísicas do Eu. Os termos de «neosssexualidades» ou «sexualidades aditivas» como conotativos da sexualidade perversa, pareceram-lhe bem mais adequados às formas de vivência da sexualidade dependente, adesiva, aditiva, à semelhança de uma “droga/toxicomania”, da qual o sujeito não se consegue separar, devido ao peso da fixação e da “colagem” ao objecto (fusão pautada pela indiferenciação). Ainda assim, esta modalidade de vivência da sexualidade parece a única via para evitar o desabar do sujeito para a “loucura” ou descompensação psíquica, permitindo o acesso à “cura”, à auto-realização, à criatividade, ainda que tudo isso seja vivido imperiosamente num registo de “pseudo-vivências” ou “proto-vivências”.

Segundo a autora, neste tipo de registo funcional, o sujeito concebe a sua própria mitologia (alheia à mitologia edípica), as suas próprias regras e leis. É ele próprio que se dita a si mesmo, que estabelece as directrizes do seu pensar e agir, pensando tudo controlar, quando na realidade nada parece estar ao seu alcance, pois a sua precocidade deixou-o cair em meandros da ilusão que tapa a realidade, mas muito mal tapada, deixando a descoberto “buracos”, frechas, que o faz sofrer sem mesmo ter consciência de tal, pois trata-se de um prazer-sofrer, de um sofrer-prazer. Não há consciência do sofrimento, pois o prazer imediato frequentemente o tapa.

Por fim, importa reter as seguintes ideias:

- A homossexualidade enquanto perversão sexual, passa evolutivamente enquanto aspectos da sexualidade infantil que perduram na vida adulta e são considerados “normais” (Freud), a uma fixação considerada conflitual e defensiva (Joyce McDougall);
- A homossexualidade, assim como as perversões, começam por ser considerados fruto de uma ausência de recalçamento (contrário da neurose; lógica do Ter VS Não Ter) - Freud, aspecto elementar na elaboração do luto, do processo de pensamento e de simbolização, constitutivos da estruturação do feminino; a um fenómeno que se radica numa fase ainda mais precoce do desenvolvimento do sujeito (lógica do Ser VS Não Ser – Modelo da organização do Ego) – Freud, Lacan, Stoller e Joyce McDougall, nos primórdios das identificações parentais, em que os desejos e representações dos pais, assim como as suas soluções pessoais para o feminino/masculino jogam um papel fundamental na estruturação do Eu e na identificação sexual da criança, logo do feminino;

- O prazer do homossexual é assemelhado a uma dependência - «neosssexualidade», em que o mesmo permite relegar todo o conflito e angústias ligadas aos primórdios da relação mãe-criança para uma dimensão alternativa, nem sempre eficaz, mas ainda assim a única solução viável.

3.6 - Da «Bissexualidade Psíquica» à escolha de orientação sexual definitiva

Na perspectiva de Socarides e recorrendo à evolução da espécie humana podemos verificar um movimento progrediente: a escolha de objecto heterossexual é o resultado da *diferenciação sexual* operada há cerca de dois milhões e meio de anos no desenvolvimento do homem. Esta evolução, começou por radicar apenas na *capacidade reprodutiva* (terreno biológico) para mais tarde incluir algo de natureza predominantemente humana, a *capacidade de sentir prazer sexual*, capacidade criativa, que tece as teias da representação e do significado fantasmático do outro dentro do psiquismo de cada um de nós (operações do pensamento evoluído; reflexivo e elaborativo; labor da fantasia e da imaginação) e igualmente o impacto do campo social em cada mente particular (terreno do psiquismo pessoal e colectivo).

Verificamos pois uma evolução que vai da força ao sentido, do económico ao simbólico, do corpo (já não entendido meramente na sua função biológica, mas enquanto *significante*) ao objecto (experiências sublimadas – desejo).

Segundo o autor Jean-Didier Vincent, a estruturação específica do Homem radica entre vários aspectos (exemplo: consciência do homem enquanto ser mortal), na interligação entre o desejo e o prazer; mas de um prazer procurado.

Esta evolução partiu pois, da fusão não sexualizada de uma única célula em duas idênticas (simétricas), passando para a reprodução baseada no encontro de duas células diferenciadas, dando origem a uma terceira inconfundível – diferenciação de órgão. A esta última etapa, sucede o destacar do desenvolvimento de dois indivíduos separados, reciprocamente adaptados, quer sobre o ponto de vista anatómico, quer sobre o ponto de vista psíquico, neurológico, endócrino, etc., que representa inequivocamente a relação entre mãe-bebé e as suas (dis)sincronias ou (in)continências, processo fundamental no futuro desenvolvimento da constituição do Ser e da constituição do feminino e da feminilidade.

Esse processo é exclusivo do reino humano – em nenhuma outra espécie animal, este vínculo ou «*attachment*» é tão importante no futuro do sujeito.

É relevante notar que a evolução do homem caminhou no sentido da relação, da dialéctica entre os seres, sempre no sentido do diferente, mas complementar. Tanto ao nível do processo reprodutivo, como ao nível da escolha de objecto, parece que a diferença é um imperativo; a diferença que contribui para dar origem a novos frutos, indissociáveis, fecundos, únicos.

Assim para Socarides, as relações identificatórias primárias são essenciais no posterior desenvolvimento do feminino ou do masculino.

Tal como já Freud preconizava, os padrões da sexualidade humana não são de natureza inata, mas concebidos pelo Homem; diríamos edificados mediante uma estruturação possível face aos processos identificatórios precoces.

Ainda segundo o mesmo autor, os objectos de necessidade são os únicos que se revelam como inatos, sendo os objectos de desejo fruto da criação do Homem; do seu poder fantasmático e representacional.

A escolha de objecto homossexual, à semelhança da escolha de objecto heterossexual, resulta basicamente de comportamentos adquiridos ou aprendidos e não de comportamentos inatos (influência cromossómica, genética) ou instintivos (à semelhança do que acontece com o comportamento animal).

“*On ne naît ni homme, ni femme, on le devient*” (Beauvoir, Simone de; 1949)

Segundo Socarides, todos os seres humanos ao longo das suas vidas são chamados *a perpetuar a lógica da combinação macho-fêmea/homem-mulher*, aspecto que não só reenvia para *imperativos de ordem anatómica* (no sentido de que o ser humano constitui-se enquanto entidade biológica emergente, resultante de um processo evolutivo apelante à sobrevivência e não enquanto ser que realiza escolhas meramente por imperativos “instintivos”), mas também para *imperativos de ordem cultural normativos* (sociais; baseados entre vários aspectos nas raízes profundas da unidade familiar).

Embora seja de salientar o peso da teoria genética para muitos autores, sabemos hoje que um único gene nunca poderia *per si* só comandar os comportamentos complexos dos seres humanos, onde *factores sociais* intervêm de forma intensa (rede complexa de representações inter-históricas e colectivas (moral), que intersectam no imaginário pessoal de forma intensa (metafísica invadida por expectativas pessoais e sociais, criando conflitos internos e externos).

Segundo Colette Chiland (*De l'essence du féminin*, Psychologie Clinique et projective, Dunod, nº. 2, 1995, pp. 143-160), o masculino e o feminino, vão para além do par reducionista macho e fêmea, constituindo um par contrastante, mas interdependente. Cada qual constitui-se enquanto *estatuto social interiorizado* e ajustado à realidade corporal individual (representações e expectativas sociais ajustadas às representações singulares de cada sujeito; o cunho social faz com que as escolhas do sujeito não sejam totalmente livres, mas influenciadas por diversas personagens significativas do tecido relacional ou social). Trata-se de um processo que vai para além da mera aprendizagem, um processo de «interpretação de mensagens», logo com o cunho da singularidade criativa de cada sujeito.

Por vezes, as mensagens parentais referentes à identidade do Eu e à identidade sexual dirigidas à criança são confusas e conflituais, fazendo com que esta as capte e interprete como questões

sem saída, procurando uma solução por si mesma; solução esta radical; caso tenha como pano de fundo a homossexualidade (consciente e agida).

Assim, quando os medos infantis inconscientes são maciços e invasivos da personalidade da criança e da sua alteridade, podem descaracterizar o padrão de realização libidinal vigente macho-fêmea/masculino-feminino, encaminhando a criança para uma escolha homoerótica ou perversa.

No seu texto sobre a escolha de objecto feminina e masculina (1914), Freud refere que o tipo feminino de escolha de objecto (homossexual) não comporta uma sobre-estimulação sexual, mas deriva essencialmente duma *escolha de objecto narcísica*, em que a mulher não ama senão a si mesma, não busca amar, mas essencialmente ser amada; não constituindo portanto nos seus primórdios um pleno amor objectal.

Para Joyce McDougall, o sujeito como se “cola” ao outro, numa fusão pautada pela indiferenciação, o que equivale a conceber a *relação homossexual feminina* como uma relação de *investimento essencialmente narcísico e não propriamente objectal*, uma vez que é a imagem do próprio e da mãe que se procura nostalgicamente no outro (tal como vimos no exemplo de Safo).

Freud empreende uma diferenciação entre a escolha masculina de objecto – escolha por escoramento (apoio, amparo), em que a mãe que alimenta constitui o protótipo da escolha objectal e a escolha feminina de objecto – escolha de objecto narcísica.

Em 1897/1899, Freud refere a Fliess as tendências “homofílicas” encontradas em alguns dos seus pacientes. Freud começa por nos alertar que *não existe uma pulsão especificamente homossexual*.

Freud traça-nos o percurso histórico-evolutivo da libido (progressão) [In “*A noção da libido narcísica*” – 1915] – a passagem metabolizante e transaccional das diferentes etapas da *libido de natureza narcísica* (distinguindo dois momentos essenciais: «*libido narcísica primária*» - investimento no ego, tomando como objecto o próprio, e «*libido narcísica secundária*» - parte do investimento é dirigido aos objectos, mas o investimento essencial continua dirigido ao ego, havendo pois uma retracção da libido objectal sobre o ego) até à *libido objectal*, a única de carácter eminentemente *sexual*. Passa-se assim, do auto-erotismo para o homoerotismo, até ao alcance do heteroerotismo.

É de salientar, que para Freud poderá existir uma base de suporte relacional no modelo homoerótico ou narcísico.

Existe nos primórdios da vivência entre a mãe-criança uma «sedução originária» ou uma sedução primitiva, que reenvia para um estado de «dissimetria actividade-passividade» no

contexto da díade. Freud contextualiza esta sedução como universal, sendo de carácter pré-genital e narcísico, precedendo a psicogénese da sedução edipiana. Assim, podemos considerar que o primeiro destino homossexual consiste na tentativa de enriquecer a libido narcísica, “jogar” com o amor que circulou precocemente na relação com o pai do mesmo sexo, amar o próprio corpo.

A resolução das conflituosas proto-edipiana e edipiana, esta última marcada pelas vicissitudes da triangulação, em que um terceiro surge como a emergência do pólo objectal/relacional a interiorizar, assim como a natureza das identificações primária e secundária, são alicerces fundamentais na futura saída para a feminilidade da mulher.

No entanto, o prazer pré-genital poderá em situações de maior gravidade invadir o ego do sujeito, sendo qualquer possibilidade de aceder a mecanismos mais evoluídos reprimida («mecanismo da repressão»); podendo também ser designado por «Sachs mechanism»).

Neste percurso, não podemos esquecer que a «bissexualidade psíquica» está presente em qualquer criança, uma vez que é suposto possuir e interiorizar aspectos de dois pais de sexos diferenciados (um modelo de masculino e um modelo de feminino) e portanto persistir ao longo do tempo um *duplo desejo inconsciente* (a integração da bissexualidade pressupõe a concomitância da libido narcísica e o estar apto a oferecer ao outro sexo o que “falta” em si mesmo, tornando-se o sujeito em objecto de desejo do outro – complementaridade; assim como, o desejo de ser do sexo oposto viabilizará o investimento na via amorosa, a identificação ao desejo e prazer do outro no acto sexual).

Segundo Joyce McDougall (*L'homosexualité dite inconsciente*, Rev. Franç. Psychanal., 3, 1984), no âmbito da bissexualidade, em que imperam natural e espontaneamente desejos homossexuais, estes devem ser integrados na vida sexual e social adulta, o que vai depender de múltiplos condicionantes – do inconsciente de ambos os pais combinado; da natureza do “jogo” das primeiras transacções entre a díade mãe-bébé; do impacto do modelo amoroso, da visão da sexualidade e do sexo transmitidos pela dupla parental e na interpretação pessoal efectuada pela criança face ao seu lugar ou posicionamento na vida sexual (concretamente: a possibilidade de pertencer à ordem sexual e a sua organização psíquica face ao irrealizável); da natureza do investimento da mãe face às zonas erógenas da criança e suas funções (fortemente impactante nas representações que a própria criança vai descobrir e construir face aos objectos de desejo), etc..

Segundo Freud, o acto sexual tende a não ser totalmente satisfatório, pois nenhuma relação com um parceiro poderá satisfazer na íntegra as diferentes tendências sexuais do Homem – homossexuais e heterossexuais (bissexuais); sublinhando que qualquer relação chama ao

presente o poder fantasmático de quatro elementos (pais, sujeito e parceiro), os quais são intensamente investidos na sua componente heterossexual e homossexual.

Lacan na mesma continuidade da aceção de Freud, refere que “*A relação sexual não existe*”, o que equivale a dizer que a relação com a parceira, vai muito para além da objectividade da mesma, esta está revestida do poder reactualizante das imagos parentais primárias.

Portanto, as pulsões homossexuais podem ser consideradas como componentes integrais e fundamentais à sexualidade humana, as quais deverão ser transmutadas na vida adulta sobre a forma de sublimação das mais diversas formas (através das relações de amizade com as outras mulheres; da arte; do trabalho, etc.).

A «bissexualidade psíquica» é concebida segundo Christian David (In «*La bisexualité psychique*», 1975) de uma forma inovadora: como um factor estruturante da psique que viabiliza o equilíbrio ou integração entre as tendências femininas e as tendências masculinas em cada sujeito, independentemente do seu sexo.

O autor fala em «mediação bissexual», no sentido de reforçar o carácter dialéctico do conceito – relação entre o feminino VS o masculino; o erótico VS o destrutivo; etc..

Este conceito constitui como que um continente integrador de dicotomias essenciais à estruturação do psiquismo e igualmente da feminilidade.

Na continuidade da exploração da presente temática parece-nos oportuno apontar dois factores etiológicos da homossexualidade feminina de considerável consenso entre os diferentes autores (dos clássicos aos mais recentes): *o desejo e a fixação pelo sujeito do mesmo sexo como espelho da relação/amor homossexual primário* (a homossexualidade feminina reaviva *por regressão o que num nível infantil foi vivido na relação maternal*, sejam os prazeres, sejam os temores ou conflitos; numa lógica de jogo partilhado a dois - “mãe-filha”), bem como, *a fuga à heterossexualidade resultante dos temores ligados à «angústia de castração»*.

Estes dois factores podem no entanto coexistir, sobrepor-se um ao outro, dando conta do quanto a *fixação na mãe* (Julia Kristeva) possui uma dupla função – uma função tranquilizadora, securizante, apaziguadora de angústias de castração ou ainda de angústias mais primitivas, portanto protectora, e uma função de satisfação libidinal ou sexual (podendo as duas funções adquirir pesos diferenciados embora coexistindo).

Não esqueçamos algo fundamental – todas as mulheres tiveram *uma relação ou amor homossexual primário*, os quais poderão dar lugar a um amor de carácter heterossexual caso os conflitos próto-edipianos e edipianos tenham sido bem sucedidos. Se o inverso ocorrer, então

verifica-se uma *regressão* no sentido da transição da relação objectal com o pai para uma relação de identificação e narcísica com a mãe.

A resolução eficaz ou não do complexo de Édipo e do «complexo de castração» é pois fortemente decisiva na saída para a heterossexualidade e feminilidade saudável.

Na homossexualidade, a *repressão* dos processos ou complexos acima descritos parece decisiva para se conseguir alguma estabilidade emocional; assim procura-se através da vivência homossexual atenuar ou evitar o despoletar das angústias ligadas a estes complexos (securizando-se assim o sujeito), por forma a não invadirem intrusivamente e bloquearem a vivência do prazer sexual.

Segundo alguns autores, a homossexualidade feminina parece derivar de um núcleo psíquico mais arcaico comparativamente ao que sucede no caso da homossexualidade masculina; essa remete essencialmente para um *erotismo oral*, enquanto que a homossexualidade masculina parece remeter para um erotismo de natureza anal.

Igualmente, Jones (In «The early development of female sexuality», 1927) atribui significância aos factores pré-genitais e à agressividade oral na génese da homossexualidade feminina.

Segundo Abraham (1920), a analidade constitui um parâmetro fundamental na *estruturação positiva da feminilidade*, o qual não se encontra na generalidade presente no processo do devir homossexual feminino.

De um modo geral, a homossexualidade feminina, tal como acontece na homossexualidade masculina, possui uma “*função reparadora*”.

Ao longo dos diferentes estádios/etapas sexuais fulcrais (puberdade; menstruação; penetração; gravidez; dar à luz, etc.), a *conflitiva proto-edipiana e edipiana* tende a ser reactivada, urgindo uma solução reparadora e reactualizante dos processos psíquicos, a qual poderá ser bem sucedida, encaminhando a mulher no caminho de uma feminilidade bem sucedida (objectalizante, diferenciadora, resignificada/resimbolizada); assim como, se os conflitos primitivos “enfraqueceram” a função feminina (pela oscilação; pelos limites pouco sólidos, etc.) pela ansiedade e culpabilidade excessivas, a homossexualidade pode emergir como a solução possível. Talvez não propriamente a desejada, mas sublinhamos, a possível; pois o que somos não é mais do que a expressão do que nos é possível defensivamente ser. A solução (defensibilidade) que ainda assim permite a “sobrevivência psíquica” à luz de ansiedades/angústias arcaicas/primitivas e destabilizantes.

Na homossexualidade raramente o sujeito deseja perder as suas soluções eróticas, a sua própria homossexualidade, mesmo que em certas situações esta se encaixe num quadro de conflito latente.

A vivência da homossexualidade verifica-se não raras as vezes sob uma ténue superfície («superfície de contacto»), uma “pseudo-superfície” de fragilidade psíquica (porque não se constitui como uma verdadeira superfície intermutante, inter-comunicativa), mas ainda assim a única a que o homossexual se poderá agarrar na sobrevivência psíquica, amorosa e sexual, com o risco de perder o único sistema de coordenadas de sobrevivência a que está habituado a saber lidar, utilizar, o que seria uma verdadeira experiência de castração (destruturante?!).

Portanto, este processo de cenários eróticos intrincados, serve não só para salvaguardar o sentimento de identidade sexual que acompanha o próprio prazer sexual no acto ou experiências sexuais, como igualmente, se revela ele mesmo, como técnica de sobrevivência psíquica, na medida em que permite preservar o sentimento de identidade subjectiva.

A personalidade do homossexual é suficientemente frágil para que ao mínimo desvio possa se “descaracterizar” para um registo de menor qualidade psíquica, um registo mais arcaico ou primitivo.

A sexualidade feminina têm sido concebida por Socarides como mais complexa do que a masculina, uma vez que as mulheres não se desenvolvem directamente a caminho da feminilidade, estas passam por um processo de atitudes masculinas, desde a infância até à puberdade, que mais não são do que um “*jogo de fictícia masculinidade*” («complexo de masculinidade») que permite “digerir” mentalmente a sua culpa e ansiedade face ao «medo de castração» («consequências da experiência da masturbação»; consequência da percepção das diferenças físicas entre os sexos). A visão de um pénis pode igualmente despertar na rapariga o temor da violação, procurando afastar-se da relação heterossexual e hipoteticamente aproximar-se da relação homossexual.

Freud (In «Female sexuality», 1931) considera que se a rapariga assume uma afirmação masculina determinada/profunda, com a concomitante fantasia e esperança de adquirir um pénis, e se esses desejos forem extensíveis na idade, então, o desejo/fantasia de ser um homem eleva-se acima de tudo, podendo resultar numa escolha de objecto de cariz homossexual.

Segundo o mesmo autor, a identificação ao pai sugere uma espécie de regressão ao narcisismo, que por via da incorporação oral canabalística do objecto, pode fazer a mulher caminhar para um registo melancólico.

Ainda na mesma obra, o autor apresenta as três soluções básicas para a questão da castração e do Édipo na menina, que se relacionam com a inibição da função sexual, da própria feminilidade, bem como com o despoletar do «complexo de masculinidade».

O caminho em direcção à feminilidade parece ficar desde logo barrado à menina pela própria incapacidade da mãe de ter alguma vez encontrado uma solução nesta área para si própria.

O complexo de masculinidade torna-se na solução perversa da menina que em função da recusa não parece ter outra saída. Esta pretensa masculinidade quando ameaçada expressa-se por uma intensa auto-afirmação.

Até bem tarde a menina luta pela esperança (ou ilusão) de conseguir aceder a um pénis, de “ser um homem”, sendo este intuito o epicentro da sua vida em termos de fantasias.

O que ocorre com a menina é antes de mais uma recusa e não propriamente um recalçamento estruturante, pois essa percebe a diferença, mas nega-a.

Segundo Freud, o complexo de masculinidade é pois algo que poderá conduzir a rapariga à homossexualidade manifesta, activamente vivida e fantasiada, sendo que a negação maciça do sexo biológico é o ponto extremo habitualmente encontrado em mulheres lésbicas de aparência mais masculinizada. Eis uma forma da menina se manter presa à identificação primária com a mãe fálica, formando um par incestuoso (já que possui o falo imaginário), sentindo uma menor ameaça de perda do seu afecto, que pode ser restringida ao máximo das suas possibilidades.

O assumir de uma atitude masculina não aproxima a mulher do homem, mas pelo contrário, afasta-a do possível prazer que poderia obter de uma relação objectalizante e complementar com o mesmo. Por norma, a mulher lésbica tende a sentir receio/medo e repugnância face aos genitais masculinos, sentindo apenas desejo pelos genitais femininos (havendo mesmo casos em que a dimensão genital não é a mais importante e procurada na relação entre duas mulheres; mas sim a dimensão da ternura e o contacto corporal assexual; constituindo este registo segundo Freud, a busca de uma “*simples efusão sentimental*”).

Nos casos em que a mulher experimenta a penetração, esta pode ser vivida com pouca intensidade ou mesmo sem qualquer sensação prazerosa (como se se encontrasse “anestesiada” libidinalmente = frigidez), havendo mesmo casos em que essa pode ser vivida de forma intrusiva/invasiva e dolorosa.

Em todos os casos, parece-nos que existe um ponto em comum: a rejeição massiva do elemento masculino subjectivo interiorizado no seio do mundo psíquico feminino. O que é rejeitado a um nível interno, tende também a sê-lo a um nível externo, uma dimensão expressa-se inevitavelmente noutra.

Desse modo, Freud concebe a trajectória da sexualidade feminina como bem mais turbulenta que a masculina, uma vez que a menina terá que abandonar o seu objecto primário homossexual a caminho da heterossexualidade, enquanto que o menino já se encontra desde os primórdios da vida inserido numa lógica heterossexual.

Em ambos os sexos a mesma questão se coloca face ao papel dos pais, estes devem constituir-se enquanto interditores da realização fantasmática dos desejos mágicos e onnipotentes dos filhos, que nada mais criam na criança do que uma satisfação ilusória, que inviabiliza qualquer subjectivação ou simbolização da castração, do conflito edípico e a realização possível e saudável de desejos e fantasias.

O distanciamento psíquico tem de se operar entre a mãe e a criança para que a mente da criança se constitua *per se* enquanto Eu separado, autónomo, com possível acesso ao «materno primário» e ao «feminino primário», ao Ser, ao Ser Como e ao Ser Com, à feminilidade em plena relação com a masculinidade.

A homossexualidade feminina surge segundo Mélanie Klein (In «Envy and Gratitude», 1957) como uma questão de gratidão e inveja, se o pénis é desejado, mas não invejado demagogicamente, a sua incorporação irá constituir uma preparação para a *receptividade genital*.

Mas se a inveja e ódio forem predominantes, então as fixações tendem a ser precoces, reenviando para a *identificação narcísica com objectos parciais* (reparação do outro enquanto «objecto-Eu», enquanto imagem especular narcísica), o que previne o estabelecimento da «identificação introjectiva» e das identificações edipianas. A mulher tende a desejar SER e TER o que a outra inveja.

Quanto mais o pénis for invejado, mais difícil é tê-lo enquanto *objecto de amor* numa fase em que o seio é abandonado pelo mesmo. A intensidade da inveja do pénis tende a ser proporcional à inveja do seio; os sentimentos prévios face ao seio são agora transferidos para o pénis.

Predominam mecanismos de defesa primitivos, tais como a clivagem, a idealização, o controlo onnipotente do objecto, a explosão das ansiedades paranóides e depressivas, bem como a identificação projectiva maciça.

O sujeito tende a não elaborar mentalmente a imagem do corpo sexuado, o qual é sentido como um corpo parcial, “monstruoso”, “doente” (senão mesmo “morto”), atingido ou atacado e vivido de forma persecutória. O «attachment» homossexual enuncia-se desse modo como um amor de natureza “canabalística”.

Tudo isso, poderá igualmente ser vivido pela parceira, caso falhe a reparação através do acto sexual do dano fantasmático. Será então a queda de ambas no abismo psíquico.

Segundo J.-M. Quinodoz (1986), embora a identificação ao pénis do pai seja um aspecto que se possa associar à generalidade de casos de homossexualidade feminina manifesta, esta nem sempre está presente, podendo ser igualmente uma questão de *identificação com o bebé*, o que remete para uma problemática mais primitiva.

A lógica de identificação ao bebé reenvia para uma demarcada indiferenciação entre o seio e o pénis, entre a mãe e o pai na cena primitiva.

A homossexualidade manifesta dá pois conta da falha operada na integração das pulsões homossexuais na estrutura psíquica, face à qual a criança tem de procurar uma defensibilidade de forma a fazer face à ameaça de castração e face à ameaça/perigo de morte psíquica.

Retomando o papel do homem/pai, este possui pois um papel fundamental na vida da mulher lésbica, a qual vive em constante luta interna face ao mesmo. Esta luta radica nos sentimentos de culpa face à mãe e no medo de desapontar/desiludir e ser rejeitada pelo pai, caso ela opte por escolher o mesmo como suporte e objecto de amor.

A rapariga espera que o pai entre os vários aspectos apresentados anteriormente, possa ainda satisfazer os seus desejos sexuais infantis, o que constitui para ela um eminente perigo de carácter masoquista.

Se o pai rejeitar este papel solicitado pela filha, a rejeição poderá constituir um verdadeiro *dano narcísico* para ela.

A solução para tal rejeição tem pois um “peso” demasiado alto – o retorno ao objecto primitivo, à mãe, representada mais tarde pela figura da parceira homossexual. Esse processo dá-se uma vez que a rapariga está convencida de que se o pai não a ama, mais nenhum homem irá ama-la, logo resta o objecto maternal como escolha de objecto – escolha de objecto homossexual.

Mas esta viragem, peca pelo facto de nem diminuir o nível de culpabilidade, nem a *ameaça de perda do objecto*.

Então, a mulher projecta precocemente a sua feminilidade face à mãe, e posteriormente face a uma parceira, que nada mais representa do que a própria mãe e igualmente ela própria, enquanto imagem especular da mãe. Mas se falamos em feminilidade, somente de «feminilidade narcísica» se poderá tratar e não propriamente de “feminilidade objectalizante”, pois esta não caminha em direcção a um outro diferente e complementar, mas sofre uma inflexão no sentido regrediente arcaico. Quanto maior é a identificação da mulher ao objecto maternal primário, maior será o seu desejo por parceiras que rejeitem qualquer valorização ou contacto com o sexo oposto – as parceiras que correspondam a este desejo são as parceiras ideais.

Estas mulheres não possuem a capacidade *per si*, de realizar a passagem progressiva/progrediente da unidade primitiva e infantil «mãe-criança» (teoria da causalidade proto-ediipiana) a um estado de individualismo, equidade e alteridade – serem elas próprias um “Eu” separado, que consegue funcionar psíquica e criativamente por si mesmas. Neste tipo de registo psíquico, é comum verificar-se uma fixação parcial, com tendência à regressão a um estado relacional primitivo, em que o sujeito tende a sentir uma ameaça de aniquilamento, senso de fragmentação e perda dos limites do ego/Self.

Estamos perante um jogo de relacionamento entre «mãe e criança», em que a figura do pai surge excluída, *não se criando portanto um espaço para um terceiro interditor, diferenciador*; elemento estruturador de uma base de diferenciação do “Eu” face ao outro, do mundo interno face ao mundo externo, do Ser e do Ser Com, logo conseqüentemente da própria feminilidade. A possibilidade de conjugação de qualquer tipo de dicotomias, diferenciadoras, mas passíveis de ancoragem, de sintonia, caesura e coexistência (síntese elaborativa), fica de algum modo ameaçada.

Vejamos um exemplo da expressão da homossexualidade feminina, concretamente o caso apresentado por Freud na sua obra paradigmática dentro do tema («Psicogénese de um caso de homossexualidade feminina», 1920). Trata-se de uma moça em plena puberdade que face ao nascimento de um irmão, fica profundamente decepcionada face ao pai, verificando-se uma *identificação defensiva/estratégica ao pai* e uma *escolha objectal amorosa e libidinal face a mulheres mais velhas, puras equivalentes maternas*.

Esta saída está dotada de excelentes “ganhos secundários” para a moça, que assim, no que diz respeito ao seu próprio desejo maternal (actual e infantil reactivado), decepcionado pelo pai (sugerindo-lhe um senso de vingança, agressão e triunfo) e reactivado em termos de rivalidade/competição sentida face à mãe, não terá mais que se confrontar com a problemática em questão.

A agressividade ilusoriamente dirigida ao pai é extensiva a todos os homens de uma forma global, assumindo a mulher ela própria este papel como querendo fazer sobressair a lógica de que não necessita deles para nada, ela a si mesma se vale enquanto “homem”.

É de salientar, que embora este conflito e remar a uma direcção não esperada pelos pais tenha surgido apenas na puberdade, estes não são mais do que a *expressão ou repetição de uma experiência infantil idêntica* («*compulsão à repetição*»; reactualização defensiva e patológica).

Neste tipo de casos, em que a frustração dos desejos edipianos está presente e é profunda, é comum a mulher proceder a uma identificação com o pai, portanto, a uma identificação masculina, em que assume uma relação masculina activa com as parceiras, as quais não são mais do que apêndices/equivalentes maternos, a quem a homossexual procura ser uma perfeita «realizadora de desejos do complexo feminino de castração» (na acepção de Abraham). Este tipo de homossexualidade feminina aproxima-se à lógica geral associada ao Tipo II de Homossexualidade Masculina concebida por Otto Rank.

Segundo Winnicott, este processo também reenvia para a falência do fenómeno transicional, em que o bebé vai progressivamente substituindo a ausência da mãe pelo investimento noutros objectos. A mãe não se revela enquanto constelação introjectiva estável, fazendo com que a criança não possa identificar-se a uma imagem “útil” e sólida.

Trata-se de uma falha catastrófica, pois inviabiliza a construção de um senso de identidade sexual e de identidade do self.

A sexualidade tenderá a tomar a forma dramática da compulsão, mantendo-se no exterior a auto-imagem (imagem narcísica) de eminente desintegração. O acto sexual ajudará a digerir a raiva infantil face à representações internalizadas dos pais.

O acto sexual se revelará enquanto uma espécie de droga atenuadora ou até mesmo negadora dos sentimentos de violência, de raiva, de perda das fronteiras do ego e da morte eminente. O cenário sexual, todo o seu mistério e deslumbramento ilusório, bem como o outro (e o controlo

exercido sobre o mesmo), constituem-se como contentores (pseudo) ou reservatórios das partes malélicas do sujeito, de toda a sua agressividade primitiva.

Criou-se desse modo um “curto-circuito” na elaboração da castração fálico-edipal, um afastamento da problemática da «separação-individualização» (Margaret Mahler, 1968) e do sadismo infantil, criando-se uma barreira de morte iminente face a todos esses processos emergentes e saudáveis, não dando espaço ao aceder da posição depressiva (Mélanie Klein), mas sim um posicionamento esquizo-paranóide, intoxicante e destruturante.

O outro que não se enuncia propriamente como um verdadeiro outro, constitui ainda assim, a única hipótese do sujeito se sentir existir (sendo).

Mas Otto Rank também nos descreve algumas associações entre a homossexualidade feminina e o Tipo I de Homossexualidade Masculina, concretamente a tendência por parte de certas mulheres em se identificarem ao pai e escolherem como objectos de amor raparigas jovens, que nada mais são do que símbolos delas mesmas numa idade mais precoce, tratando-as da mesma forma como desejariam de ser cuidadas pelo pai, isto é, altruisticamente.

Tanto no Tipo I como no Tipo II de Homossexualidade, a ambivalência está fortemente presente.

*

Consideramos fundamental incidirmos de momento sobre a adolescência, pois parece ser uma etapa fulcral no que diz respeito à confirmação da escolha de objecto, do feminino, e portanto da revelação da homossexualidade. Esta etapa constitui-se como uma oportunidade única para uma saída saudável ou para uma saída (retorno?!) perturbada para a feminilidade e heterossexualidade.

É uma fase que apela aos *(re)arranjos psíquicos das vivências pré-genitais e edipianas*, urgindo uma *transicionalidade* ou *unificação progressiva* (integração; articulação) das *dinâmicas narcísicas e agressivas/violentas* e das *dinâmicas de carácter sexual ou objectal*, agora emergentes como saída para a feminilidade.

É pois nesta fase que se vai sentir o impacto psíquico e comportamental da qualidade das relações precoces, tanto com o objecto materno, como com o objecto paterno

Assim, o narcisismo (o amor ao próprio) enuncia-se como um estado normal do desenvolvimento, que prepara a puberdade e supõe viabilizar a transição necessária entre o autoerotismo e o amor objectal. Como tal, o narcisismo na puberdade/adolescência não influencia a escolha de objecto futura por um sujeito do mesmo sexo.

Se esta síntese for operante, então resulta o primado do reino objectal, de cariz sexual e relacional/afectivo, em que o objecto se encontra face a um outro diferente, desejado e complementar.

Portanto, é suposto que na adolescência se proporcione o *(re)encontro com outra mulher*, que permitirá o reforço da introjecção pulsional, o reforço do potencial identificatório e igualmente o reforço e conquista final e definitiva da identidade feminina já em construção. Portanto, no seu culminar dá-se um *preenchimento identitário e narcísico dos prazeres fantasmáticos da heterossexualidade*, uma assimetria e complementaridade próprias da relação genital. Ambas as raparigas tendem apenas a procurar satisfazer uma *curiosidade mútua* no sentido de se iniciarem ambas na lógica de funcionamento heterossexual.

A cumplicidade própria à homossexualidade na adolescência (numa lógica de «*le creux commum*» segundo Catherine Ternynck [*Clinique de l'homosexualité féminine à l'adolescence*, In *Adolescence*, 19, 1, 2001, pp. 299]) tende a satisfazer os segredos, as confidências, os sucessos e insucessos na relação mesmo com o sexo oposto; tudo no sentido de reprimir, tanto quanto possível, a corrente fantasmática face à diferenciação dos sexos, à angústia de castração, que a seu tempo serão elaborados e darão acesso à feminilidade definitiva.

Basicamente existem três tipos de aspirações na homossexualidade feminina na adolescência, ainda que essas não sejam conscientes e manifestas – a partilha de amor, o desejo anaclítico e o elo identificatório. Sendo assim, quando uma mulher ama outra mulher, esta é investida enquanto objecto libidinal, enquanto objecto de escoramento (apoio/amparo) e como objecto narcísico.

O período breve mas intenso de fixação à amiga (mãe), serve para conservar uma parte excessiva de sentimentos homossexuais inconscientes (pautado pelo recuo enérgico de carácter homossexual) e simultânea e progressivamente, para o desenvolvimento normal de sentimentos heterossexuais manifestos (estado do incesto).

A amiga representa muitas vezes uma versão rejuvenescida das primeiras pessoas amadas, ou seja, uma interligação ou “mistura” entre o sujeito e a mãe.

Pelo contrário, se este processo for alvo de conflitos paralisantes, então estamos perante *fixações* que vão restringir a dimensão afectiva e relacional à pobreza criativa, travando a evolução sexual a caminho da feminilidade e fomentando a procura da homossexualidade como escolha de objecto definitiva.

Freud (1914) fala-nos das *fixações a formas de satisfação libidinal precoces* (etapa homoerótica), que mais não são do que *registos essencialmente narcísicos*.

Se o sujeito continuar numa posição relacional «homoerótica», este irá procurar um objecto com função essencialmente narcísica, alguém que se possa oferecer como imagem ou espelho de si

mesmo. A própria satisfação sexual/libidinal dar-se-á por *contemplação especular* e não será de natureza verdadeiramente sexual, apenas funcional.

Contudo, não devemos esquecer que na adolescência, esta etapa que tudo (re)organiza ou desorganiza (dependendo dos mecanismos defensivos das vivências infantis anteriores), etapa sintetizadora, ela é pautada por *movimentos defensivos regredientes e progredientes* (Ps ↔ D na acepção Bioniana), sendo natural ocorrer uma “*fase transitória narcísica*” (funcional), que visa a manutenção de um objecto idealmente especular (ideal infantil), necessário às vicissitudes do crescimento (para uma maior securização interna de passagem ou transição). Nesta fase, dá-se a *integração das satisfações libidinais auto-eróticas infantis* (primitivas), *a necessidade da integração de fixações narcísicas mais tardias* (próprias da segunda infância e da latência) e *a emergência de uma corrente libidinal, verdadeiramente sexual e objectal*, marcando o primado organizacional e estrutural da personalidade adulta e da escolha de objecto definitiva.

Segundo Freud (In «Três ensaios sobre a teoria da sexualidade», 1910), a mulher passa duas vezes por um «estado de narcisismo transitório» - existe uma fase precoce em que a pulsão sexual se fixa de forma intensa numa mulher (neste caso, na mãe); posteriormente na puberdade, a rapariga busca uma amiga especial que lhe seja semelhante e procura amá-la como a sua própria mãe a amou enquanto criança.

Para Kestenberg (1984) [citado por Ternynck, Catherine; *Clinique de L'homosexualité féminine à adolescence*, In *Adolescence*, 2001, 19, 1, pp. 297], a homossexualidade tem assim um valor estruturante no decurso da «crise da adolescência» (conceito de Erik Erikson). A busca de proximidade afectiva face a uma amiga permite *novas introjecções femininas* (reintrojecções fecundas e elaborativas), em que o outro serve de espelho a uma dupla aprendizagem (investimento especular) – a partir da outra a rapariga aprende os reflexos de si mesma e a absorção de um outro Eu mesma.

A rapariga amante ama ela mesma na outra, sendo alternadamente amante e amada, mas este processo é no entanto e segundo Fain pautado pela censura, que nos dá conta da tensão edipiana subjacente e portanto da potencial virtualidade genital.

A propósito refere Deutsch (1944): «*En amour (...) tout acte individuel d'homosexualité exprime un espoir hétérosexuel non satisfait*».

Face a uma adolescência, sentida de forma inquietante e carregada de estranheza (pela emergência de novas forças – pulsionais e objectais), o encontro homossexual de natureza especular, vem permitir um sentimento de tranquilidade, de pacificidade e o *reforço da trama narcísica deficitária* (falhas na função maternal primária).

A homossexualidade adquire o seu carácter transicional quando a fragilidade identitária é maior, constituindo-se enquanto metáfora ou substituição de uma «*maternage*» ou função maternal insuficientemente internalizada; sendo também uma oportunidade de experimentação (ensaio), reflexão e definição que viabiliza a *introjecção das qualidades femininas da mãe*. A amiga enquanto um outro, alivia a estranheza das novidades da adolescência, estabiliza o vaivém identitário, ajuda na integração das situações de separação e de perda (viabilizando progressos na aquisição da «permanência do objecto»), afastando-a do potencial psicotizante.

Segundo Cahn (1991) [citado por Ternynck, Catherine; *Clinique de L'homosexualité féminine à adolescence*, Adolescence, 2001, 19, 1, pp. 297], os fantasmas pré-edipianos e edipianos, bem como as novas forças genitais se conjugam para entrar em eventual colisão com as possíveis lacunas narcísicas, silenciosas mas latentes.

Embora esta dimensão especular seja importante, esta poderá esconder alguns perigos/ameaças em termos psíquicos se não forem devidamente reparados – a tendência para o caminhar para uma ligação fusional, a nostalgia da simbiose original e a confusão de experiências.

De facto, a “especulação” poderá fomentar a tendência homossexual definitiva, mas na maioria dos casos possui um efeito impulsionador da heterossexualidade e da construção elaborativa da feminilidade saudável.

Jean Bergeret (In «*Homosexualité*» ou «*homoerotisme*» à l'adolescence, Adolescence, 2001, 19, 1, pp. 35-50) concebe a adolescência como uma passagem evolutiva por dois tipos de identificação – uma «identificação primária» e uma «identificação secundária», que mais não expressam do que o processo que anteriormente identificamos.

Assim, na fase de «identificação primária» ressalta o narcisismo do sujeito, em que o outro é considerado idêntico, um outro “Eu mesmo”, uma personagem a que o sujeito se liga (cola?!) ou por mera *imitação* (processo metonímico), ou por *duplicação* (o outro enquanto duplo e espelho de si mesmo) ou mesmo e a um nível ainda mais profundo, por *fusão* (simbiose).

Jean Bergeret faz ainda corresponder a esta fase transitória o que ele denomina de «primeira forma de homoerotismo» na adolescência, em que por força da «crise da adolescência» é natural verificar-se um reforço defensivo do “falismo narcísico”.

A fase de «identificação secundária» é progressivamente instalada, sendo o outro sentido como um verdadeiro outro, diferenciado, complementar e investido enquanto verdadeiro objecto sexual e objecto afectivo-relacional. Dá-se o primado do pólo genital, o acesso à heterossexualidade e portanto à feminilidade.

Esta passagem, de uma identificação primária a uma identificação secundária, faz-nos pensar na passagem estrutural proposta por Mélanie Klein, da «posição esquizo-paranóide» à «posição

depressiva», processo esse que exige um conjunto de “lutos” estruturantes, pautados pela dor do crescimento, mas libertadores se bem sucedidos.

A adolescência constitui pois, uma fase de hesitações primárias e secundárias naturais, a caminho de uma solução secundária definitiva e estruturante da feminilidade; o acesso ao imaginário corporal e comportamental.

Winnicott (1945) concebe a relação da adolescente com a amiga como uma possibilidade de desenvolver o sentimento da sua própria pessoa/Eu no seio do seu próprio corpo, sendo então concebida a homossexualidade nesta fase da vida, como uma *prova de personalização*, algo vitalizante - «homossexualidade transitiva».

Emerge pois uma tendência à *actividade auto-erótica compartilhada*, que é o reflexo dos pólos narcísico e libidinal agora despertados e vividos pela própria e a amiga.

A amiga constitui um elemento que favorece uma passagem integrativa da ordem do diferenciar das componentes pulsionais parciais, da erotização confusa à redefinição da topografia dos orifícios erógenos, que permitirá o diferenciar da zona oral da zona anal, essa última estruturante da *configuração vaginal*.

A amiga permitirá ainda, a reunião ou síntese do que até então se encontrava clivado, fragmentado ou difuso, assim como, o reencontro com o que se perdeu (elaboração dos vários lutos).

A relação possui o intuito da «metabolização/alfabetização» dos elementos β (Bion), na sua forma de impressões sensoriais, de tensões indiferenciadas ou mal diferenciadas de origem pré-genital (sensorialidade pré-genital desordenada e confusa), em elementos α (sensibilidade erógena feminina), portadores de sentido/significado e por isso mesmo, abrindo espaço à *representação vaginal reconhecida* e ao *desejo genital feminino*. Este constitui um verdadeiro processo de *redefinição sensorial e erógena*, necessário à construção da feminilidade. Passa-se de um registo incidente na percepção objectal baseada na prova da realidade à criatividade subjectiva.

Jean Bergeret descreve-nos ainda outras duas formas de homoerotismo que podem surgir na adolescência e que dão conta da defensibilidade de carácter patológico ou perturbado, podendo dar espaço a uma escolha de carácter homossexual.

Assim, quando o narcisismo não foi um mecanismo de mero reforço de passagem, este pode instalar-se enquanto “patologia narcísica” – «segunda forma de homoerotismo».

Este tipo de homoerotismo poderá ser concebido como uma «defesa anti-depressiva» (fixação relacional homoerótica) face às carências afectivas e libidinais da infância precoce e concomitantes quantidades intensas de libido narcísica; o que permite restaurar a *ilusão de*

poder narcísico. O outro constitui um verdadeiro modelo de complemento narcísico, um duplo narcísico idealizado em espelho ao serviço da reparação possível da falência operada precocemente na identificação primária.

Nestes casos, o investimento homossexual constitui uma forma de lutar contra à ameaça de perda da identidade, do Eu. A vida psíquica tende progressivamente à “paralisia”, à pobreza criativa (carregada de defensabilidade primitiva e maciça – «identificação projectiva», «idealização» e projecções persecutórias»), que torna a relação naquilo que Deutsch referiu em 1932 como sendo uma «imobilização narcísica obstinada», uma relação fixa na dependência.

A «terceira forma de homoerotismo» remete para uma funcionalidade de carácter psicotizante (pré-psicótica) ou mesmo psicótica. O sujeito não possui qualquer capacidade de se reconhecer como um sujeito distinto do outro (negação), sendo o epicentro das suas (pseudo)coordenadas internas o exterior ou o real. O objecto que impera é de carácter “incestuoso” (Recamier), o qual não é investido enquanto parceiro sexual ou potencial objecto (negação interna da problemática objectal e sexual), mas como um ídolo (clivado) com o qual o sujeito pretende ilusoriamente fundir-se.

O sistema do pensamento encontra-se invadido pelo *triunfo narcísico* (face às angústias derivadas de um objecto sádico e agressivo), fomentando formações imaginárias metonímicas, portanto, paralisantes do crescimento psíquico, criativo, simbólico, pensante.

É o ponto extremo da *falência ao nível da função imaginária do modelo objectal*, assim como da *elaboração funcional dos processos identificatórios precocemente bloqueados*. O sujeito não se constitui enquanto Eu, logo não se constitui enquanto sujeito de feminilidade.

*

Vejamos por fim como poderá ser vivida a relação entre duas mulheres lésbicas e como a relação entre estas poderá estar carregada de nuances reactualizantes do seu passado primitivo com o objecto materno, passado este embrenhado numa menor ou maior defensabilidade, nas teias de diferentes níveis de gravidade psicopatológica e que inevitavelmente interfere na construção do feminino.

A homossexualidade feminina poderá pois emergir como expressão de estruturas psicopatológicas, em que a homossexualidade não é mais do que a ponta do “ice-berg”, uma das expressões das mesmas – neurose, estados-limite, psicose paranóide.

O grande desafio da sexualidade humana reenvia pois para o fazer face às suas origens na angústia da alteridade, da diferença, havendo um balançar entre a «angústia de castração» e a «angústia de morte». Cada sujeito negocia psíquica e defensivamente as suas próprias soluções nesta oscilação.

A homossexualidade poderá ser bem sucedida na tentativa de construir uma dupla barreira que possibilitará que a problemática fálico-edipiana, bem como o terror da morte e do vazio psíquicos fiquem retirados da consciência.

A homossexualidade enquanto «acting out» dos mecanismos internos (inveja destrutiva) e adição afectiva e sexual, é tanto mais intensa e inevitável quanto mais primitiva a natureza dos conflitos.

Freud chamou inclusive a atenção da comunidade científica do seu tempo para o aspecto acima referenciado e para o facto de alguns sintomas neuróticos ou psicóticos poderem ser a expressão de homossexualidade (conflito homossexual interno), sendo uma forma de evitar uma maior “descompensação”.

No entanto, o lado supostamente patológico associado à homossexualidade raramente ou quase nunca é reconhecido pelos próprios homossexuais (ausência de consciência mórbida) e não constitui razão *sin qua non* para os fazer ir a uma consulta; pois não há desejo algum em mudar face à natureza da sua escolha de objecto, nem existe o desejo de uma passagem à heterossexualidade.

Quando surgem no setting terapêutico, as suas queixas remetem para sintomas de depressão, angústia persistente, sentimentos de insucesso, impotência e de insatisfação na vida pessoal e profissional, etc., mas nunca ou raras excepções face à sua homossexualidade.

Situam-se face à sua homossexualidade como algo “normal”, lutam pela singularidade da sua escolha sexual, reivindicando os mesmos direitos sociais que os heterossexuais (direito ao casamento, à maternidade, à adopção, etc..).

Nesta luta subjaz alguma “cegueira” psíquica: a incapacidade de compreender empaticamente a importância fulcral de uma dupla identificação para a criança; que expressa a não aceitação e integração da diferença nos esquemas mentais do homossexual.

Os homossexuais tendem a criticar destrutivamente os pontos de vista e mentalidade dos heterossexuais, mas sem dar conta, sub-repticiamente, acabam por adoptar as mesmas representações e projecções; para não falar do facto dos homossexuais não reconhecerem o facto dos heterossexuais poderem ser alvo de perturbações sexuais, tanto ou mais do que eles mesmos.

Esta “cegueira” vai ao ponto dos homossexuais radicarem a sua sexualidade como alvo único da natureza, do terreno biológico, logo algo social e pessoalmente inquestionável e sem ponta de responsabilização pessoal, afastando-se do carácter subjectivo subjacente à mesma, mais ameaçador e angustiante – o carácter narcísico e incestuoso da escolha.

Retomando a questão psicopatológica da homossexualidade, consideramos existirem duas grandes *linhas de defensibilidade* na homossexualidade feminina, as quais operam de acordo com o nível de fixação (mais ou menos precoce).

Retomando aos autores perante esta temática, Freud procurou situar a homossexualidade feminina no seu todo enquanto *defesa contra o conflito neurótico*, mas o autor Jean-Michel Quinodoz, vem-nos apelar a uma defensibilidade mais arcaica na maioria dos casos de homossexualidade feminina manifesta, isto é, as vivências homossexuais femininas enquanto manifestações psicóticas subjacentes (*Female homosexuality patients in psychoanalysis*, Int. J. Psycho.-Anal., 1989, 70, pp. 55-63), em que as fixações situam-se no estágio oral como forma de gerir a excessiva ansiedade ligada ao desmame e à separação da mãe.

Autores tais como M. Bouvet, P. Aulagnier e O. Kernberg vêm na continuidade do pensamento de Quinodoz e enfatizam a importância das fixações pré-genitais no futuro da criança.

A homossexualidade poderá constituir uma defesa contra *ansiedades paranóides* conducentes ao *delírio* (em função do pânico ou terror resultante da retaliação psicótica, da fantasia de poder atacar ou ficar presa no seio materno) [a um nível mais arcaico].

Nos registos de natureza limite e psicótica, a missão da parceira reenvia não tanto para o preenchimento do sentimento de valorização, como ocorre no narcisismo, mas mais propriamente para o ressegurar do *sentimento de existência*.

Estamos perante uma relação (relacionamento) que não constitui um pleno amor de objecto.

O carácter do pensamento segundo Freud (1919) tende a ser «animista», uma vez que resulta da super-estimulação narcísica dos processos psíquicos, o que equivale a um pensamento sem capacidade de se pensar, de se simbolizar.

Bychowski fala-nos de algumas características da estrutura psíquica que se encontram na homossexualidade e na esquizofrenia, concretamente ausência de firmeza nos limites do ego (ego primitivo), que dificultam naturalmente o processo de identificação do sujeito a um outro estruturante. A organização libidinal, também ela é pautada pelo “infantilismo” ou puerilidade, ou seja, por mecanismos bastante primitivos, pouco evoluídos.

É comum nestes sujeitos, em que existe um nível de patologia maciço, emergir medo de aniquilação pessoal (desrupção psíquica; desintegração da personalidade – em casos de natureza mais severa) e de desintegração corporal, a crença na aniquilação ou dano corporal por intervenção de forças externas; sentimentos de intrusão ou invasão claustrofóbicos e paralisantes, não dando espaço a qualquer criatividade nos vários domínios da sua vida (ex.: medo de ficar preso em túneis, em caves; medo de ficar submerso por água e afogar-se, etc.); etc..

Todos esses aspectos são reveladores de um objecto primário invasivo, onnipotente, não-continente, confusional, “Beta-intoxicante” e dependente, que não se presta a modelo de identificação primária ao nível emocional/afectivo e cognitivo, com possibilidade de

interiorização, reformulação e actuação nos relacionamentos futuros do bebé. O nível de estruturação do ego é tão primário, que a diferenciação aos diferentes níveis não se opera, muito menos a potencialidade da feminilidade.

Os pensamentos de matar a mãe são assim mais intensos e incontroláveis, irrompendo com brutal força e com concomitantes medos de retaliação e do efeito de ricochete

Joyce McDougall (1964) considera as relações homossexuais a este nível, como uma tentativa de escape ao perigo *da identificação simbiótica com a mãe*, em que a filha se encontra inoperante em se separar da mãe ou em se identificar com a sua genitalidade, procurando preservar o pai através de uma identificação de cariz melancólica, de forma a manter a coesão egóica.

A *identificação ao pai* pode significar vários aspectos: - a suprema posse do seio materno, o seu ataque, ou mesmo, a tentativa de reparação de carácter onnipotente e maníaca (embora falhada e profundamente sofredora); - ainda, quando se possui a fantasia mágica de possuir o pénis todo-poderoso e onnipotente, pode constituir uma forma de ataque ao pai, procurando competir com o mesmo, o que gera inevitáveis sentimentos latentes de vazio, depressão, de “pobreza” de feminilidade e de possível privação da maternidade, não viabilizando *o acesso à identificação genital com a mãe*.

Socarides concebe a vivência homossexual, nestes casos, do «Tipo Proto-Edipiano» (segundo a sua própria classificação) como equivalente aos efeitos de uma droga/adicção (refere-se inclusive ao ópio), no sentido do seu *poder restaurativo mágico* («*The optimum “fix”*») e do seu *carácter reactivo “explosivo” ou impulsivo*, sem mediação (sem auto-contenção e transitoriedade).

Na mesma continuidade de pensamento surge a caracterização da autora Joyce McDougall quando fala em «neosexualidades» ou «sexualidades aditivas» para se referir à vivência perversa, onde se inclui naturalmente a homossexualidade, em que o sujeito opera a sua homossexualidade de forma inevitável e como forma de criar uma dependência necessária (mais equilibrada ou mais fusional, simbiótica) ao seu equilíbrio interno na relação com um outro “falso outro” é sentido e vivido à semelhança da dependência de uma droga.

O desejo homossexual visa o idêntico («desejo vital»), em que a recuperação do Eu depende do outro («Eu-sexo»), vivido como atingido, danificado).

A praxis sexual impõe-se enquanto emergência de alívio de sentimentos destrutivos que ameaçam a «extinção do Self».

Aqui, as vivências homossexuais são puramente «egocêntricas» - a necessidade de ternura e de reciprocidade emotiva e afectiva, não são mais do que *a expressão de desejos infantis não*

realizados (e por isso insustentáveis e avidamente procurados) face aos cuidados parentais, segurança e preenchimento mágico ou ilusório.

No desejo heterossexual podemos igualmente encontrar uma dimensão aditiva, pautada por “nuances” de agressividade e violência, no entanto, estes aspectos situam-se face a um outro diferenciado, complementar, desejado afectiva e sexualmente; um outro sentido como estruturante da feminilidade da mulher.

A função que a parceira exerce para a mulher homossexual não é mais do que a de um *fetiche*, o suporte necessário à «identificação projectiva» patológica.

O conteúdo enuncia-se como um “selo postal” que se relaciona adesivamente face a um “envelope” corporal e psíquico não contentor (mãe), sendo que à mínima falta do outro, o selo como que se rasga do envelope, sendo esta uma separação destruturante, destrutiva de um Eu-pele, que já não se sente, nem vive, sobrevive.

Na sexualidade aditiva, existe uma certa dificuldade em manter relações sexuais estáveis em que reine o sentimento nutritivo/contentor e estruturante do amor.

Neste tipo de relação, não se processou temporalmente o desinvestimento do objecto real original, permanecendo o sujeito colado a este – “colagem” ou fixação ao «materno primário», ao Ser Como em mesmidade.

No percurso precoce da mulher homossexual parece ter ocorrido um falhanço na integração ou internalização das introjecções e incorporações efectuadas, mecanismos essenciais na construção da identidade feminina.

Há pois, uma insuficiência introjectiva e simbólica ao nível do Aparelho de Pensar os Pensamentos nestas mulheres (insuficiência da internalização objectal; insuficiência na sensação de continuidade do Eu, da vida ou existência), em que o objecto externo falha na sua função de “retransmissor”, sendo essencialmente um veículo para assegurar a continuidade interna ou para atenuar o senso de lacunas ao nível psíquico (psique lacunar).

A parceira não é reconhecida na sua “totalidade”, na sua singularidade e na sua alteridade, mas essencialmente como *objecto parcial de complemento*; uma espécie de «mãe-fálica» na acepção de Green (1968), cuja relação se poderá conceber na pseudo-dicotomia de uma «mère-abysse» VS «*enfant-bouchon*» na perspectiva de Joyce McDougall (1982). Assim, quanto menor for a alteridade reconhecida pelo outro, maior o desvio do pensamento capaz de PENSAR e do comportamento sexual e afectivo.

Não hajam dúvidas de que a ancoragem homossexual poderá permitir a contenção de certas angústias invasivas e proporcionar benefícios ao nível da vida social do sujeito (através da visibilidade de uma pseudo-compensação psíquica e duma pseudo-funcionalidade/adaptabilidade social).

No entanto, se a parceira tiver o mesmo tipo de carências simbólicas, a relação tornar-se-á num *suporte de identificações mútuas*, em que a parceira poderá inclusive assumir funções num cenário sádico, masoquista ou mesmo carregado de rituais fetiche.

Neste tipo de relação, a dependência é tal que as parceiras se sentem como que ligadas ou fundidas por um sentimento de «Eu-comum-regulador» ou sentimento de existência comum, os quais postos em causa ou ameaçados, podem fazer sentir por parte de uma das parceiras um sentimento de “catástrofe psíquica”, do tipo «*se ela me deixa, eu mato-me*», que equivale a dizer, “*a minha vida perde sentido, esvazia-se e eu deixo de existir não existindo o outro*”.

Esta lógica de funcionamento psíquico faz-nos lembrar um excerto de um livro da escritora espanhola Lucía Etxebarria (1998), que é o seguinte apresentado:

“Pensa nisso agora, Bea, tantos anos depois. Há quatro anos que não vês Mónica. Pensa na solidão dos satélites, a solidão orbital, abandonados por aqueles que outrora serviram. Esquecidos e frios. Rodeados pelo vazio mais estéril e absoluto, o silêncio gelado do universo gelado, cobertos por uma capa de geada que não brilha, que já não tem sequer luz para reflectir. Imóveis e dignos no seu glacial retiro, satélites defuntos, cadáveres exânicos de gélida sucata, velharias que foram monstros de aço e ferro, que outrora transmitiram datas, dados e números que ninguém recorda. Nem a força do ferro escapa ao desamparo. Agora, sem comunicarem, titãs ferrugentos que perderam a sua força, condenados a um mutismo eterno e oxidado, juncam com detritos um sector desolado. Os cabos e as porcas acabarão por se desintegrar, embora talvez sejam necessários séculos para que isso aconteça. De qualquer modo, pensa, quão pouco importante é o tempo numa paisagem cega, em que cada minuto é exactamente igual ao seguinte, onde a cada segundo se sucede outro segundo. Idêntico imutável, um segundo apagado para um tempo sem vigor. Órbita-cemitério. Solidão orbital. (...) À nossa volta giram universos inteiros, estelas, sóis, luas, galáxias, aerólitos, grandes constelações, nuvens de gás e pó, sistemas planetários, matéria interestelar. Até mesmo lixo espacial. Mas, acima de tudo, um silêncio insondável que tudo absorve. Um vazio enorme e negro, uma quietude indecifrável. (...)” (In «Beatriz e os corpos celestes». Lisboa: Editorial Notícias, pp.14-15)

Portanto, a relação é pautada por movimentos alternantes entre momentos de fusão a-conflitual e momentos de ruptura do (pseudo)equilíbrio psíquico, os quais emergem dos fantasmas arcaicos sob a forma de angústia de abandono, de angústia persecutória e de angústia de despersonalização.

Neste registo, é comum a parceira constituir um elemento fundamental na necessidade de “escudo protector” face aos demagógicos mecanismos de defesa de «projecção» e

«identificação projectiva», alguém em que se deposita evacuativamente todos os “dejectos” internos, não contidos, nem transformados pela força continente do objecto primário.

Em 1922, Freud descreve exactamente a tendência nessas mulheres para projectar no inconsciente das outras, o que elas não desejam compreender no seu próprio inconsciente (falência da capacidade de «insight», de «introspecção» e de empatia), sendo uma forma de manipular as tendências paranóicas.

Saussure (1929) foi outro autor a enfatizar o peso significativo do mecanismo de «projectção»; em que a mulher não considera a outra tanto como objecto de amor, mas mais como mero alvo de projectção, um espelho reflexo do seu narcisismo.

A «identificação projectiva» reenvia-nos para o facto da parceira constituir não só um receptáculo físico das partes do ego projectadas, mas igualmente, como receptáculo da carga instintiva.

Ambas tendem num ponto extremo a viver um registo de «*delusion à deux*» por via de um jogo mútuo de «identificação projectiva» complementar.

Segundo Bion (1957), este registo de índole mais psicótica tende a ser “encapsulado” numa determinada parte do ego, enquanto que a parte mais saudável e preservada do ego, permite ao sujeito viver a vida numa aparência de “pseudo-normalidade”.

A homossexualidade feminina poderá ainda constituir-se como uma defesa contra as *ansiedades depressivas*, que impedem a aceitação e a vivência da *separação e da individualização face ao objecto materno* e o *labor da dor da «posição depressiva»*, o *luto* (a um nível mais evoluído).

Algumas mulheres desenvolvem um excessivo «*attachment*» à mãe, ligando-se adesivamente ao interior do seu corpo, não aceitando qualquer percepção de separação, nem o sentimento de serem excluídas do par parental combinado e unido pelo coito. Cria-se uma “*folie à deux*”, em que os dois mundos se misturam para se bastarem idealmente.

É comum existir na mulher homossexual uma *tendência à erotização da pele*, o que poderá constituir uma defesa contra a dor do luto e separação do objecto materno, pois a relação da díade a um nível precoce opera-se essencialmente através do contacto diferenciador pele a pele. Jones (1923) e Flugel (1925) verificaram que o uso da língua constitui um processo de tentativa de identificação ao pénis, em que a língua substitui o mesmo e confere um senso de preenchimento psíquico.

Na continuidade do mesmo registo de funcionamento, é comum a relação entre as parceiras homossexuais ser pautada por uma profunda insegurança, ansiedade e mesmo depressão face à lealdade fantasiada. O carácter da lealdade é tanto mais valorizado quanto esse reenvia não tanto para a natureza da relação actual, mas para algo mais primitivo e profundo, *a natureza da lealdade da relação primária, estruturante do narcisismo da criança*. Quanto mais falente foi pressentida/sentida esta lealdade primária (ausência ou falha de afecto, de «amor terno», de

ternura, de contacto corporal meigo, de carícias sintonizantes na acepção de Coimbra de Matos, 1981; falência da «função alfa» e da função continente, segundo Bion), mais necessidade de controlo possui a mulher lésbica sobre a parceira, num processo em que o ser se sente em permanente “abismo” de se destabilizar internamente (já não se trata de depressividade, mas do fosso da depressão). O outro existe como forma de garantir um limite/pseudo-limite estruturante e não importa para além disso mesmo; existe enquanto função que exerce e não enquanto verdadeiro objecto de investimento.

Segundo Melanie Klein, em situações de ameaça de rejeição por parte da parceira podem surgir quer em estado de vigília, quer em sonhos, medos proto-edipianos, de tipo primitivo – concretamente medo de ser envenenada, devorada, atacada, contaminada ou desmembrada pela parceira, que é sentida enquanto «mãe proto-edipiana» - onnipotente, invasiva, “claustrofobante” do ser da criança. Todo um conjunto de vivências precoces são agora reactivadas na relação com a parceira – luta com a mãe no sentido de obter o seu amor e protecção, tentativa de aliviar os sentimentos agressivos dirigidos face à mesma, salvaguardando o Self.

Quando a relação é vivida como o equilíbrio narcísico fulcral da mulher, como a substituição da relação materna primitiva (relação em espelhagem; teia anaclítica) e algo põe em causa esse pseudo-equilíbrio (separação inesperada da parceira; traição..) a mulher pode mesmo procurar o suicídio como última solução. Pois este “objecto-suporte”, fantasiado sub-repticiamente como autêntico pilar que não deixa desabar as águas do passado em eminente turbulência, é equivalente ao sujeito e vice-versa. Na ausência do objecto o sujeito como que deixa de existir, a vida perde sentido, a depressão instala-se de forma profunda, dando espaço a um estado de melancolia que poderá ser o precipício psíquico, uma caminhada para a tentativa ou concretização do suicídio.

“Fixado ao objecto infantil idealizado, sujeito, assujeitado ao seu desejo e determinação, não pode amar e ser amado pelos objectos possíveis e encontrados do seu tempo e idade, da sua contemporaneidade, da sua fibra, do seu estilo e qualidade, da sua tèmpera e da sua escolha. O seu dedicado amor, o seu rígido apego e a sua obediência cega ao objecto da infância (às figuras parentais, seus substitutos, representações e extensões simbólicas) e correlatamente o seu sentimento de infantilismo e incapacidade (o Self diminuído), impediram-no de amar o que foi passando e lhe dava ou daria vida e prazer.” (De Matos, Coimbra (2001). «A Depressão – episódios de um percurso em busca do seu sentido», Lisboa: Climepsi Editores, Vértices 7, pp. 138).

Nestes casos extremos, em que a mulher renunciou ao amor com o sexo oposto e crê-se odiada pelas mulheres, o suicídio surge de facto, como a expressão máxima da *angústia de perda do amor do objecto*.

Nestas situações extremas, Jones (1927) fala em «afanasia» - já não se trata de ameaça de castração, mas duma ameaça mais invasiva, ameaça de sobrevivência, a extinção e abandono total do sujeito; já nada o prende à vida num vazio existencial, num deserto sem objecto internalizado orientador, as coordenadas já não o orientam em direcção à vida, mas face ao aniquilamento de si pela ausência de um outro primordial e especular; está-se perante ao equivalente de «buraco negro» (Grotstein, 1999). Neste caso, nem o gozo sexual poderá reacender qualquer tipo de senso de existência, pois este também arrefeceu gelidamente/articamente, falhando enquanto defesa das angústias primordiais.

Tal como nos refere Joyce McDougall (*L'homosexualité dite inconsciente*, Rev. Franç. Psychanal., 3, 1984), na homossexualidade luta-se por lutos impossíveis e trava-se tentativas de “auto-cura”, melhor ou pior sucedidas de acordo com a dimensão latente ou manifesta da homossexualidade.

Mas a «afanasia», enquanto receio da extinção da sexualidade por via da ameaça da castração (perda do pénis), esta é considerada pelo mesmo autor, não tanto como o receio da perda do pénis em si (crítica), órgão que as mulheres não possuem, mas significa algo mais abrangente – *medo da perda da função feminina e medo da perda dos órgãos femininos em si*, tanto por parte da mulher heterossexual, como da mulher homossexual (tanto mais que o autor crê que a menina possui precocemente intuição face à sensibilidade vaginal; os órgãos femininos não são menos intuídos que os masculinos, tanto em fantasia, como na realidade).

As dinâmicas de funcionamento anteriormente apresentadas ligam-se respectivamente às posições esquizo-paranóide e depressiva de Mélanie Klein; neste caso, precariamente instituídas ou mesmo inviabilizadas.

Relativamente à neurose, existe uma agressividade e ódio inconscientes face à mãe, geradores de culpabilidade. Perante este quadro, os impulsos agressivos e a excitação sexual são restringidos, limitados perante as proibições maternas fantasiadas pela criança, dando espaço a uma *atitude libidinal masoquista*. Embora a relação seja de carácter masoquista, importa sublinhar o facto desta surgir como forma de cobrir o *quantum* de ansiedade e hostilidade precursoras da sintomatologia neurótica; a relação enuncia-se pois como uma solução possível. Freud costumava referir precisamente que *a neurose constitui o negativo da perversão*.

O objecto existe enquanto substituto materno, “pagando” através da satisfação sexual que proporciona ou do mero suporte afectivo que constitui, todo o processo conflituoso infantil

vivido pela parceira, mas não elaborado psiquicamente de forma saudável em termos de uma saída para a feminilidade.

Como tão explicitamente nos demonstra Coimbra de Matos: “*A outra característica das personalidades assim formadas [sob a designação da carência de amor primário] é o reforço do erotismo (a erotização da relação), estabelecido como compensação da falência da ternura. A tendência para o acting out sexual e para a perversão são sequências lógicas e frequentes; nos mais inibidos, o povoamento do espírito pelas fantasias eróticas – é o típico das personalidades histéricas. (...) Fantasia, erotismo e, não raro, a pornografia pintam a fachada de uma sexualidade «imberbe» e remendam a periclitante estrutura de um amor mal consolidado.*” (In «A Depressão – episódios de um percurso em busca do seu sentido», Lisboa: Climepsi Editores, Vértices 7, 2001, pp. 127).

Durante a experiência sexual entre as parceiras, é comum *criar-se a ilusão de transformação do ódio face à mãe em amor* (restringindo a culpabilidade), interiorizando-se o «bom seio materno». Este processo como que restaura ilusoriamente a experiência primitiva, suscitando em cada parceira a concretização do desejo do que gostariam de ter tido precocemente - uma «boa mãe», uma mãe idealizada.

Mas esta «boa mãe» só existe mesmo e somente em ilusão enquanto a parceira estiver lá ao serviço do passado (afectiva e/ou sexualmente), desmoronando-se quando algo ameaçar a relação. É uma mãe que se mantém num altar bem alto, mas que a qualquer momento se poderá desmoronar.

Apesar dos mecanismos anteriormente apresentados, é de salientar o facto de quando o processo de simbolização se revela menos deficitário, a parceira poderá constituir-se enquanto objecto reconhecido como autónomo e suficientemente diferenciado face ao sujeito (Ternynck, Catherine, «Clinique de L'homosexualité féminine à l'adolescence», *Adolescence*, 2001, 19, 1, pp. 295-311). Nesse caso e sobre o ponto de vista de Winnicott, o objecto poderá ser simultaneamente utilizado, quer como um *suporte de fantasmas pré-genitais*, sendo um objecto de pulsões parciais, quer como *suporte de fantasmas genitais*, sendo um objecto carregado de ambivalência no contexto de um «Édipo negativo».

O poder da inveja, embora intenso e pontualmente em acção, parece não quebrar as nuances da rivalidade, nem os impulsos amorosos, ou tampouco as *vicissitudes da identificação feminina genital*, podendo mesmo a dimensão heterossexual estar presente na relação. A parceira constitui pois um elemento essencial no que se refere à negociação interna do conflito relativo à mudança de objecto.

As pulsões genitais imprimem então um carácter transicional e mediador à relação entre as duas mulheres.

A relação afectiva poderá estar carregada de sentimentos, o que lhe configurará uma dimensão de ternura; poderá estar imbuída em sensualidade, o que lhe poderá reenviar para o carácter de aventura erótica; ou ainda, estar carregada de idealização, que reenvia para a relação enquanto elo amoroso.

O investimento libidinal não está restringido ao narcisismo, pelo contrário, o sujeito não se encontra “preso” nas teias do objecto primário (elaborou o luto da «posição depressiva», necessário ao processo de «separação-individualização», processo transicional fundamental), mas sim disponível para novas descobertas objectais, novos projectos, novos pólos de interesse, em que a sublimação, a simbolização e a criatividade pessoal são aspectos viáveis.

A vivência homossexual constitui uma forma de restringir as tensões internas e satisfazer pontualmente as exigências narcísicas, desde que se elabore o luto da bissexualidade psíquica e que se proceda ao desinvestimento dos objectos infantis.

Sobre a perspectiva de funcionamento neurótico, a mulher homossexual poderá pontualmente passar ao acto mediante a emergência pulsional inadiável (fixando-se em rituais e fetiches próprios a este campo de vivências), o que se enquadra numa perspectiva de *falência momentânea de contenção psíquica*.

Numa perspectiva do funcionamento narcísico, o sujeito homossexual tende a sentir-se num estado de *insegurança identitária*, em que o objecto é sentido como um estranho, alguém ameaçador, alvo de uma intensa desconfiança. Isso acontece, uma vez que a percepção do outro e as suas exigências relacionais põem em acção a consciência das diferenças, da diferença, da existência de dois mundos ou limites autónomos, consciência impensável para o sujeito narcisista.

Segundo Geahchan (1968), o Eu do sujeito não vai além de si mesmo; diríamos mesmo, que esta é uma forma do sujeito não se constituir enquanto tal e permanecer no casulo interno encerrado pela relação mãe-bebé primária, ilusoriamente protegido e salvaguardado do exterior ameaçador.

A parceira homossexual poderá então ser cúmplice num jogo de duplos, de espelhos; encontro que Rosolato (1987) denomina de «coincidência excepcional», pois ambas as parceiras parecem sintonizadas no mesmo tipo de necessidades – satisfazer o desejo e a esperança de reencontrar o objecto perdido e de tornarem idênticas a suas próprias identidades (espelho que não deixa ver para além de si mesmo; reflecte uma imagem e não um símbolo elaborado).

Aqui não existe tanto a preocupação em amar ou ser amada, mas acima de tudo, a necessidade da *funcionalidade do outro* (a sua disponibilidade; a sua presença) que confere o sentimento de ser bela, boa e poderosa ou forte, num registo de necessidade de completude e perfeição. A funcionalidade do outro parece influenciar (determinar ou condicionar?! – tal é o grau de

“colagem”) fortemente a sua vida emocional, a sua auto-estima; se falente, então entramos numa lógica de desvalorização ou de sentimento de inferioridade maciços.

No registo narcísico, a parceira assume pois essencialmente a missão de preencher incessantemente o *sentimento de valor/valorização* do sujeito.

Mélanie Klein concebe a homossexualidade como uma organização patológica do narcisismo, igualmente como um distúrbio da identidade de essência fundamentalmente esquizóide, em que a predominância das pulsões de auto-destruição e de hetero-destruição são maciças e invasivas. Estes aspectos são expressão de uma severa «angústia de morte», em que o mecanismo da paranóia toma forma frequente e nefasta.

A paranóia é o resultado de uma mãe invasiva dos vários meandros do Eu da criança, que não viabiliza a separação e que se torna num «mau objecto» interiorizado, amado até à exaustão, mas igualmente odiado e por isso mesmo persecutório.

Muitas vezes em plena análise, estes aspectos actuam contra-transferencialmente de forma negativa («perversão de transferência»), constituindo um impasse ao prosseguimento “pleno” da mesma, mas não constitui em si, segundo Klein, um factor de “incurabilidade”.

Em «Uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci» (1910), Freud dá-nos conta do carácter narcísico da relação homossexual, o qual desabrochou a partir de uma ligação primária de intensa carga erótica, de demagógica ternura; à qual se aliou a ausência da presença parental (promovida por “mão” da própria mãe).

Leonardo Da Vinci tende a posicionar-se no lugar da mãe (recalca o seu amor por ela) e procurar indivíduos que mais não representem do que a si mesmo (substitutos egóicos, numa infundável procura nostálgica do amor materno). Ele procura indivíduos mais novos e deseja amá-los tal como a sua mãe o amou (nos seus quadros procura incessantemente o sorriso materno de outrora; sorriso cativante, que prende, que se torna necessário fixar). Desse modo, Da Vinci mantém-se fiel à sua própria mãe, não se permitindo investir num amor de carácter objectal, sexual. Quando procura moços está efectivamente a fugir às mulheres (à atracção pelas mesmas), numa tentativa de evitar ser infiel à mãe.

Recorrendo ao mito de Narciso, é-nos possível compreender melhor o anteriormente referido, concretamente as bases narcísicas do amor homossexual.

Narciso prende-se e enamora-se face à sua própria imagem reflectida na água de um lago (contempla o corpo nu; Narciso admira e ama mais o seu reflexo do que propriamente a sua pessoa, o seu Eu), imagem esta reflexo de intensa beleza, juventude, embora também de alguma estranheza (inconsciente), pois Narciso não se reconhece enquanto ele mesmo naquelas águas. Mas este amor mascara uma censura/tortura, o facto de ter desprezado o amor da ninfa Eco e o desejo e admiração de outras ninfas e donzelas, sendo uma verdadeira punição ou condenação.

Narciso renuncia a uma relação de carácter heterossexual, objectal, fixando-se no amor a si mesmo, dando-se uma retracção ou reflexão da libido sobre o sujeito.

Este deslumbramento da beleza da imagem do corpo no espelho (vaidade; egocentrismo), é relatado com uma certa frequência por homossexuais femininas (e também masculinos), constituindo inclusive uma fonte de excitação sexual.

Este aspecto, motiva muitos artistas homossexuais narcisistas a representarem o seu auto-retrato (pintura; literatura, etc.), como forma de desenvolver e cultivar o amor por si mesmos.

A obra «O retrato de Dorian Gray» de Oscar Wilde constitui um bom exemplo disso mesmo – Dorian Gray vende a sua própria alma em troca da juventude eterna; a alma vai envelhecendo, enquanto que o corpo conserva o seu *status* estético. A passagem do tempo é anulada, assim como a percepção de qualquer diferença nos vários domínios da vivência humana. Trata-se de uma imagem cristalizada no tempo, para não se dar conta da passagem do mesmo; como se o sujeito permanecesse eternamente na teia anaclítica primária. Fixar um momento da vida reflexo de juventude, fixar-se aos primórdios, não evoluir, não crescer internamente, pois crescer e tomar consciência da qualidade da relação (falente; não amante) poderia desmoronar o mundo interno; permanece-se na mentira, pois a verdade é impensável. Oscar Wilde capta a semelhança entre Dorian Gray e a sua mãe – a paixão e deslumbramento por uma beleza “insólita”.

Otto Rank (*Narcissisme féminin et homosexualité*, In «Le narcissisme, L'amour de soi» (1974), Paris: Tchou – Les grandes découvertes de la psychanalyse) descreve a defensibilidade narcísica da escolha homossexual através de sonhos de pacientes suas.

Refere um sonho de uma paciente sua, em que esta revela uma intensa decepção face às suas intensas exigências amorosas heterossexuais – a paciente sente que o sexo masculino revela incompreensão face à beleza e valor das mulheres, sendo incapaz de amar. Esta percepção profunda, geradora de confusão e decepção irá motivar uma regressão à posição narcísica, amando-se a si mesma e distanciando-se defensivamente dos homens. Trata-se de uma regressão da libido a uma forma de amor narcísico de si mesma.

Vimos pois nestes casos o carácter defensivo do narcisismo e do amor objectal narcísico.

Desse modo, podemos conceber o quanto a história homossexual feminina está frequentemente marcada por «acting-out», de tendências aditivas e fetichizantes, de descompensações depressivas e mesmo psicóticas, que nada mais significam do que o *retorno* intermitente a uma «posição esquizo-paranoide» e o retorno a defesas primitivas onnipotentes.

3.7 – Discussão e Conclusão

Chegados a este ponto, impõe-se a resposta à questão orientadora deste trabalho: que natureza do feminino encontramos na homossexualidade feminina.

O simbolismo do feminino ao longo dos séculos tem sido pautado por uma infinidade de nuances, que ora o pincelam de tendências mais masculinas, ora o pincelam de tendências mais femininas (tendências activas VS tendências passivas), sendo que muitas das vezes este se encontra intersectado de forma complexa e dinâmica por ambas as correntes. Este vaivém histórico e mitológico de representações face ao feminino deriva naturalmente do carácter defensivo por parte do homem e da mulher, da natureza da relação que estabelecem entre si (donde sobressai uma aparente sobrevalorização masculina e uma desvalorização do feminino), carregada de influências interpretativas sociais e pessoais, que deixam apenas “ver”/pensar o que é possível pensar – a «invariância». Portanto, o feminino resulta da intricação dialéctica relacional e fantasmática entre o feminino e o masculino, não sendo estes conceitos elementos lineares e estanques no tempo, mas elementos que activa e constantemente se procuram afirmar, nem que seja pela diferença elevada aos extremos.

Importa ainda referir o facto de ao longo da história a homossexualidade feminina estar envolta em regras que parecem reflectir mais uma vez os procedimentos tipicamente masculinos e aceites socialmente; assim como a própria vivência sexual da relação homossexual parecer estar imbuída em roupagens típicas do relacionamento sexual heterossexual (em que uma das mulheres parece comportar-se como se de um homem se tratasse).

Estes aspectos, parecem-nos remeter para dois sentidos: - o facto da sociedade mais uma vez reduzir o campo das vivências femininas ao modelo standard masculino (ao qual a própria mulher lésbica se “cola”, aceita e integra passivamente), tornando-a num fenómeno mais aceitável, menos punível moral e socialmente, e o facto da relação lésbica possuir em parte um carácter defensivo face ao relacionamento com o sexo masculino, de tal modo que, ainda que de forma substitutiva, o sexo masculino e o seu simbolismo permanece lá, onde as parceiras nem sequer parecem suspeitar.

Mas o feminino na homossexualidade surge ainda impregnado de simbolismos da ordem do pecado, heresia, excomunhão, essencialmente advindos da influência da Igreja; representações estas que parecem ter influenciado as próprias concepções científicas da psiquiatria e da psicanálise – «degenerescência» e «perversão»; sendo que só muito recentemente na história a homossexualidade é vista numa dimensão mais relacional e humana.

O significado pejorativo face ao conceito de perversão nos meandros social, político e inclusive psicanalítico, motivaram a DSM III em 1987 a transitar para a palavra «parafilia», tendo mesmo abolido a homossexualidade deste “peso” perverso ou parafilico; no entanto, embora mudem os

termos (favorável para uma maior aceitação social e afirmação pessoal da condição homossexual) a essência da homossexualidade continua a mesma, pronta a ser decodificada e continuamente reinterpretada.

Ao longo do tempo, os pensadores psicanalíticos que se debruçaram sobre o feminino fizeram realçar o papel de vários factores na constituição do mesmo – «angústia de morte», masoquismo, «inveja do pénis», castração, recalçamento.. – todo um conjunto de aspectos que são concebidos actualmente como estruturantes do psiquismo infantil e da feminilidade, pois é através da falha/negativo e da sua resignificação que se instaura o feminino. Feminino que se ergue precisamente mediante a impossibilidade de concretizar os desejos femininos infantis. O Édipo é a fase que estrutura/reestrutura o feminino, uma vez que viabiliza a reformulação das identificações primárias, preparando o terreno para a «genitalidade feminina psíquica» (Florence Guignard).

A homossexualidade feminina, assim como toda a vivência da sexualidade, independentemente do sexo que a vive, parece partir da «bissexualidade psíquica» (existência de dois pais de sexos opostos que transmitem simbolismos do feminino e do masculino, carregados das representações sociais e das vivências e reinterpretações singulares; os quais constituem mensagens que são captadas interpretativamente pela criança), que exige com o tempo um recair sobre a identificação e a escolha de objecto exclusivas face a um dos sexos (adolescência); mas este conceito também remete para uma acepção fundamental na estruturação do psiquismo que é a integração concomitante do feminino e do masculino em cada um de nós, independentemente de sermos homens ou mulheres, processo esse básico no que diz respeito à integração da dialéctica de contrários ou de dicotomias (Christian David), assim como à integração do par «continente-contido» e da capacidade evoluída de pensar e simbolizar as vivências e os conteúdos.

Todos nós possuímos nos primórdios da nossa vida uma *tendência à perversão polimorfa* (Freud), a qual faz parte da nossa natureza específica; no entanto, esta deverá ser ultrapassada ao longo do desenvolvimento psicosexual, caso contrário, podemos entrar nos meandros da fixação, na lógica da sexualidade aditiva ou «neosexualidade» segundo Joyce McDougall (a qual induz um intenso sofrimento, mas igualmente um intenso prazer que faz do sujeito um “mártir” voluntário e obediente às forças internas – o sujeito sexual aditivo não se sente mal, nem se queixa das nuances expressivas do seu “invólucro” psíquico).

Durante o período da adolescência é comum o balançar entre *registos regressivos* – de fixação face ao objecto primário, com expressão em investimentos homoeróticos primários e homossexuais transitórios; e *registos progredientes* (Ps ↔ D) – que marcam a emergência do

pólo pulsional/sexual, objectal e viabilizam a transição face à heterossexualidade definitiva e satisfatória, face à feminilidade que se constitui de forma complementar e desejanse face a um outro diferenciado.

Balancear este ainda, entre a «identificação primária» («homoerotismo primário») e a «identificação secundária», que deixa pelo caminho o risco de resvalar nas teias do «homoerotismo secundário», do narcisismo de carácter patológico (Bergeret), que não deixa espaço para a construção da feminilidade diferenciadora.

A relação primária privilegiada que a mãe estabelece com a sua menina imbui-as numa lógica de «*homossexualidade primária*», fenómeno este natural a todas as mulheres; no entanto, quando emergem fixações face a este modelo de relação pode-se caminhar no sentido da homossexualidade e do narcisismo (egocentrismo).

É curioso como a homossexualidade feminina é militantemente denominada de lesbianismo pelas próprias mulheres homossexuais, tendo o termo um simbolismo original de *amor substitutivo*, pois Lesbos amava as mulheres, mas estas constituíam formas de “digerir” emocionalmente a relação nostálgica e especular com a mãe.

Regra geral, embora possamos diferenciar vários tipos de homossexualidade feminina, em todos eles, impera a *natureza narcísica da libido e um afastamento da corrente económica e pulsional sexual e objectal*; imperando pois, uma relação de exclusividade com a mãe nostálgica – tendencialmente oral, parcial, onnipotente, proto-edipiana/pré-genital ou ainda de fixação anal, com oscilações pontuais de carácter anal-oral; sendo que, quanto mais agida for a homossexualidade, mais esta se impõe como defesa maciça contra a *homossexualidade incestuosa*, estando carregada de mecanismos de defesa, não da ordem do recalçamento (de origem edipiana/genital ou anal, ambivalente e com acessibilidade simbólica e integrativa da falha), mas da ordem da «repressão», «clivagem», «dissociação», «idealização», «identificação projectiva», com forte tendência à «compulsão à repetição» patológica.

Neste contexto, a homossexualidade feminina surge como uma tentativa inconsciente e desesperada de “auto-cura”, mascarando registos mais neuróticos ou mais psicóticos.

Da homossexualidade de carácter mais latente para a homossexualidade de cariz mais manifesto e agido, caminha-se pois, da angústia de castração para angústias de maior intensidade e invasão – a «angústia de morte», a angústia de alteridade e a «angústia sinal» (Freud – receio do efeito de ricochete, receio do corpo maciçamente atingido ou danificado, que orienta defensivamente o sujeito para a homossexualidade).

No extremo, impera a adesividade e funcionalidade do outro (enquanto exterioridade), face ao qual o próprio não se diferencia (tanto mais que não se proporcionou precocemente um lugar para o pai, para um terceiro, muitas vezes com a própria convivência parental), sendo que quando

o outro é perdido, a capacidade de auto-contenção do sujeito falha, podendo instaurar-se um processo de melancolia, somatização, ou mesmo, em casos extremos, o precipício para o suicídio.

Se o lugar para um outro diferente não é proporcionado («factor transgeracional da função paternal» segundo Florence Guignard), então a feminilidade fica desde logo em risco, pois esta somente se poderá constituir em pleno se houver uma aceitação e investimento do masculino pela mãe e pelo próprio pai (ou figuras masculinas/parentais substitutivas).

O masculino marca a percepção da não exclusividade da relação da díade mãe-criança, instaura a percepção de uma realidade exterior ao sujeito [«princípio da realidade», que nem tudo satisfaz («princípio do prazer»)], traça a noção da diferença, da frustração (progressivamente toleráveis), a possibilidade de autonomia do sujeito sem tendência a “colagens” narcísicas.

Na ausência da função do masculino e de um objecto materno com qualidades de «mãe suficientemente boa», que exerce a «função de *rêverie*» ou a «função α » (elementos ou objectos transformadores, transitivos e criativos), a possibilidade dos elementos femininos viabilizarem o «Ser», a «Realização do Ser» e a potencialidade do «Ser Com» ou do «feminino primário» não se constitui, ficando a menina “presa” aos «elementos femininos puros» na acepção de Winnicott ou à «fase do feminino primário» na acepção Kleiniana.

«Ser» na relação com um elemento diferenciado, sexuado, desejado e complementar não se proporciona, uma vez que os elementos masculinos, elementos supostamente continentais, contentores, reparadores, expansivos, não existem enquanto transformadores dos elementos femininos (antecedentes ao «Ser»), da perda no «Ser» e na sua continuidade.

Igualmente, a passagem ou «mudança catastrófica» (mas positiva) do feminino ao materno não se opera, pois a mãe não se enuncia enquanto «continente feminino vivo» e «contido masculino vivo» (Florence Guignard), reinando a entropia (tripé pulsional negativo: - L, - H, - K) dos sistemas transitivos («invariância»; «instalação de um sistema básico» - Florence Guignard), o parasitismo, o comensalismo ou a simbiose, a relação “tela-beta” com um claustrum, o ódio da «verdade-da-realidade», não promotores nem do «Ser», nem da «Realização do Ser» e do «Ser Com», logo a equidade do ser e a feminilidade diferenciadora não se constituem, nem se afirmam – é o apego excessivo ao «Ser Como» ou ao «materno primário» em moldes de mesmidade.

O sujeito tende a permanecer fixo à «posição esquizo-paranóide», longe da marca diferenciadora, reparadora e simbólica da «posição depressiva» (Mélanie Klein), do trabalho do luto, necessário à reconstrução elaborativa e imaginativa da identificação aos objectos precoces e restabelecimento amoroso e sexual objectal, numa lógica da vivência plena da feminilidade complementar à masculinidade.

Nessas condições, impõe-se a insuficiência introjectiva do aparelho conceptual mental, do aparelho de pensar os pensamentos, onde impera o «pensamento concreto», metonímico, as

«equações simbólicas» (Hanna Segal), inviabilizando a constituição do «símbolo propriamente dito», do pensamento metafórico, bem como a simbolização e a resignificação da perda, da falha, do negativo (estas nem sequer sentidas e vividas como experiências; sem significado para o sujeito, pois procurando activamente aboli-las ou evacua-las da mente) – a abstracção, elaboração imaginativa ou afirmação que tudo restitui; processos básicos ao trajecto da elaboração ou estruturação do feminino heterossexual.

Mediante as incompetências de continência e transitoriedade materna e paterna, vimos o sujeito desenvolver uma «identificação adesiva», de «colagem superfície a superfície», uma «segunda pele» ou uma «pseudo-independência» (conceitos de Esther Bick), substitutos do continente epidérmico-psíquico pele-mãe, que faz o sujeito resvalar defensivamente para o apego aos relacionamentos anobjectais, de carácter narcísico e não raras as vezes de cariz homossexual.

A homossexualidade surge como um “anti-significado”, uma falha narcísica, cuja origem se encontra nas identificações primárias aos objectos materno e paterno incontinentes, falentes, não promotores da bissexualidade psíquica, do Ser, nem do Ser Como, muito menos, do Ser Com.

4 - O OBJETIVO DE ESTUDO

4 - O OBJECTIVO DE ESTUDO

A problemática central do presente estudo é a seguinte: ao longo do desenvolvimento psíquico do sujeito, (assim como ao longo do processo-resposta Rorschach), *como é que o sujeito elabora a sua relação com o materno, como é que esta relação poderá ou não ser viabilizadora do funcionamento do aparelho de pensar os pensamentos, promovendo, por sua vez, não só a identidade do Eu, como posteriormente, a identificação sexual; e como é que estes processos são reactualizados na situação Rorschach, num aqui e agora temporal, contextual e relacional, com memória (caesura; transitoriedade), desejo de expansão e de compreensão introspectiva/empática?*

Qual o posicionamento do adulto ("O" adulto), a partir da criança que se foi (ou se é !?) – criança-adulto reconstruídos?

Ainda, o que é que uma mulher procura concretamente noutra mulher quando a escolhe como objecto privilegiado de amor e sexualidade?

A partir do organizador ou da coordenada «materno-feminino» visa-se aceder ao simbolismo do feminino em mulheres lésbicas (do «materno primário» - «Ser», «Ser Como», à identificação feminina ou «feminino primário» - «Ser Com»), uma vez que o lugar do «materno-feminino» é o espaço das «identificações primárias», da construção da identidade do Eu, viabilizadora ou não das posteriores «identificações secundárias» – identificações sexuais, heterossexuais (ou homossexuais), a partir da introdução do elemento masculino e paterno (triangulação) e da transposição da «bissexualidade psíquica».

O espaço do «materno-feminino» é concebido enquanto estrutura, espaço de pensamento (o ser e o pensamento fundam-se e consolidam-se a partir do objecto/relação primária) – metonímico VS metafórico/simbólico, à semelhança da relação «continente-conteúdo» - ♀ ♂, a qual poderá ou não ser viabilizadora dos processos mentais da diferença, da simbolização, da sexuação, da objectualização, ou do inverso, da espelhagem narcísica, da assexualização (auto-sensualidade), da anobjectualização, encerrando-se o sujeito no materno-feminino/«materno primário» (promotor provável da homossexualidade latente ou agida), não acedendo ao «feminino primário», promotor da heterossexualidade.

No fundo, como é que os conteúdos excitantes, clivados e dispersos do feminino e do Ser, considerados enquanto elementos β , conteúdos, pré-concepções próprias de um registo «esquizo-paranóide» marcado pela inflexibilidade, encontram um continente maternal (para-excitante das excitações femininas; mediado pelos mecanismos de defesa da «projectão», da «introjecção» e da «identificação projectiva», que permitem atribuir uma significação interna e subjectiva às experiências emocionais e às manchas Rorschach) capaz de os acolher, integrar, articular, ligar, transformar e criar a emergência de uma resposta simbólica e metafórica

reveladora do simbolismo latente do feminino nas mulheres homossexuais, ou seja, reveladora da natureza da identificação sexual operada por três mulheres distintas (realização Ser ou concepção), alvos do presente estudo, no aqui e agora contextual e relacional, onde a passagem do tempo marca presença (circularidade), assim como a diferenciação clara entre limites – dentro VS fora, continuidade VS descontinuidade...

Procuraremos verificar como o sujeito mulher lésbica no seio de uma relação objectal (potenciadora do reactualizar dos conflitos e angústias ligados às relações com o «materno-feminino»), seja esta de carácter pessoal, seja de carácter terapêutico ou de carácter instrumental (resposta ao Rorschach); consegue preparar o seu espaço interno e conduzir o trabalho do pensamento, de forma a gerir a confluência de conteúdos do passado e do presente, viabilizando a emergência de novos conteúdos “desintoxicados” e criativos sob a forma de resposta – (T paciente) – ligações, integrações, criações e transformações.

Assim, cartão a cartão (inter-cartão) e no seio de cada cartão (intra-cartão), é-nos possível observar e compreender o compromisso possível entre as solicitações simbólicas da situação projectiva e o nível de funcionamento psíquico do sujeito, a sua dinâmica interna, a vivência e a relação singular do sujeito com o objecto; confluência que contribui para a emergência de uma resposta no aqui e agora (T alfa – o trabalho que o sujeito empreendeu para transformar “O”), reactualizante do passado e com a possível marca do desejo de expansão mental e a potencialidade de recriar novos objectos – contidos, desintoxicados, resimbolizados, resignificados, à luz de uma nova experiência de conhecimento e de aprendizagem (pela experiência) de acesso ao simbolismo do feminino, seja este de que natureza for – heterossexual VS homossexual (donde é suposto sobressair as qualidades das suas identificações sexuais, mais evoluídas e/ou mais arcaicas, a partir da relação primária com o materno e o paterno).

Escolhemos o Rorschach como instrumento de análise (método e técnica), pois os mecanismos despoletados pela resposta-Rorschach dão conta das vicissitudes transformacionais tanto do Ser como do pensamento, encontrando-se ainda analogias entre a construção da «identidade primária» e da «identidade secundária» e a situação Rorschach, no sentido em que ambos são processos catastróficos, que urgem transformação, reorganização, (re)simbolização (Marques, 1999).

O Rorschach está dotado de uma vasta diversidade de conteúdos femininos e maternos, assim como de conteúdos masculinos e paternos em plena dinâmica de movimentos regressivos/desintegrativos e progressivos/integrativos, indo-se verificar como o sujeito integra

os mesmos e se estrutura no sentido de dar sentido à sua existência, ao feminino, à heterossexualidade ou à homossexualidade.

A utilização do Rorschach enquanto instrumento privilegiado de captação da natureza e simbolismo do feminino em sujeitos homossexuais, enuncia-se e justifica-se por considerarmos este um instrumento significativo na análise do funcionamento psíquico global do sujeito, das suas defesas características (“invariância”, “O” ou “realidade última”), da forma como ele se relaciona com o seu espaço interno e com o exterior - o objecto (actual e primário), elementos fundamentais no contexto da compreensão aprofundada da dimensão feminina, concretamente da sua construção e expressão.

5 - O RORSCHACH ENQUANTO MÉTODO

5 - O RORSCHACH ENQUANTO MÉTODO

5.1 – Introdução

O Rorschach enuncia-se como um método e não como um teste, que nos permite aceder às diferentes dimensões do sujeito. Neste processo, vários intervenientes tomam mão da situação, influenciando-a – a tríade sujeito-“estímulo-Rorschach”-técnico (intervenientes do processo resposta-Rorschach). Não se trata de um processo meramente objectivo, mas acima de tudo subjectivo, ou melhor, intersubjectivo, pois verifica-se no seio de uma relação sujeito-técnico pensantes, atribuidores de sentido, de significação, transformação e simbolização.

O método Rorschach tal como actualmente é concebido sofreu várias vicissitudes ao longo do tempo (adaptações, reformulações, quer nas teorizações de base para a sua compreensão e análise, como no sentido e nos procedimentos de aplicabilidade), que consideramos necessárias, positivas e construtivas.

Assim, ao longo do tempo, desde o criador do Rorschach até aos autores mais actuais, vários conceitos foram surgindo, os mesmos foram sendo repensados e reformulados, clarificando-nos acerca da forma como o processo resposta-Rorschach se processa.

Dos primórdios com Rorschach aos autores americanos (inscrição do teste no seio do modelo psicanalítico sob a influência da *Ego Psychology*, do estruturalismo ao modelo das relações de objecto), passando pelos autores europeus (enfatizam a participação dos factores afectivos e subjectivos na resposta, assim como dos mecanismos pré-inconscientes e inconscientes), aos autores franceses (com influência da metapsicologia freudiana), até às concepções mais contemporâneas do método Rorschach com Marques e às propostas teóricas de Bion, a percepção ou descrição passam a ser vistas como um processo criativo, projectivo e interpretativo, onde opera o trabalho do aparelho de pensar os pensamentos, que por via de associações, significações, da sublimação... (num vaivém regressivo-progressivo; em que a regressão assume moldes de adaptabilidade), permite que o objecto externo Rorschach (conteúdos das respostas) seja sentido e expresso como um objecto interno. Assim, na dialéctica deste processo, fenómenos de «transferência» e de «contratransferência» actuam, fazendo com que o sujeito e o técnico canalizem para a situação dimensões essencialmente latentes e projectivas das suas vivências pessoais, quer primárias quer actuais, sendo que a dimensão contratransferencial deve ser trabalhada de modo a não interferir desfavoravelmente nas projecções do sujeito examinado e na interpretação das suas respostas.

Os trabalhos que precedem as (re)formulações metodológicas de Marques e as teorizações de Bion, inscrevem a metodologia Rorschach essencialmente numa perspectiva conceptual da psicopatologia; com os autores referenciados surgem novas formas de perspectivar o Rorschach

– Marques com o seu método de observação e pensar o sujeito e o autor Bion, com o seu modelo das transformações. Trata-se de atribuir ao Rorschach um novo estatuto, quer teórico, quer metodológico (operacionalização), diferente face aquele do qual deriva primordialmente, possibilitando a sua funcionalidade num esquema diferente.

Em suma: o Rorschach passa do seu estatuto frustrado de mero teste a método, dando-se particular importância aos factores vivenciais e transferenciais que operam no processo-resposta.

São pois estes aspectos a que nos propomos analisar no presente capítulo, de modo a viabilizar uma maior compreensão dos aspectos enunciados nos objectivos.

5.2 - Pensar as vicissitudes evolutivas do Rorschach – Dos primórdios à actualidade

Hermann Rorschach (1884-1922 – psiquiatra suíço) foi o criador do instrumento com o seu próprio nome em 1920. Rorschach era um apaixonado pela arte e pela psiquiatria, sendo que quando elaborou as manchas rapidamente compreendeu a extensão do carácter evocador das mesmas em termos psíquicos, bem como as suas potencialidades em termos da compreensão do processo criativo, da natureza da adaptabilidade do sujeito à realidade e da captação das estruturas psicopatológicas; e era de tal modo o uso desta técnica pelo autor que este era conhecido entre os colegas por “*Klex*” (“mancha”).

Assim surgem 10 cartões (depois de um processo de construção de muitas manchas até se encontrar um conjunto representativo e significativo face aos factores que se pretendiam analisar no sujeito), pautados por uma mancha de tinta centralizada e de cores variadas de cartão para cartão (preto, branco e vermelho; preto e branco; pastel), organizada à volta de um eixo central, de índole simétrica, unilateral ou bilateral.

Na elaboração do Rorschach, o autor do mesmo baseou-se no “teste de Associação de Palavras” de Jung, igualmente nas ideias preconizadas por Bleuler relacionadas com a importância da afectividade na doença mental.

A perspectiva de Hermann Rorschach relativamente à utilização do instrumento que criou inscreve-se pois, quer no seio da investigação científica, quer na óptica terapêutica, constituindo-se como complemento do trabalho clínico, estando embrenhado na influência associacionista (associação livre que poderá assumir dois propósitos – acesso ao inconsciente ou acesso ao sujeito no seu todo, concepção esta mais ligada a classificações diagnósticas e psicopatológicas), nas concepções de vanguarda de psicologia e de psicopatologia e igualmente da Psicanálise.

Passado apenas um ano face a constituição do instrumento Rorschach, o autor edita a obra “*Psicodiagnóstico – Métodos e Resultados de uma experiência diagnóstica de percepção*”, assinalando esta uma visão de vanguarda no âmbito da saúde mental, do diagnóstico psicológico da personalidade “normal” e patológica e sua classificação, a qual vem claramente desafiar as tendências das correntes fenomenológica e associativista da época, preconizadas pelo contexto psiquiátrico.

Rorschach era um psicanalista com forte influência dos trabalhos de Jung (associacionista), Bleuler (igualmente associacionista) e Freud (psicanalista), tendo evoluído profissionalmente de forma auto-didacta e sem ter passado por um processo de auto-análise sistemática.

Assim, tomando mão da teorização de Freud, de conceitos oriundos da influência psiquiátrica e fenomenológica alemã e recorrendo à auto-observação, numa lógica de captação do «funcionamento psíquico introversivo» na sua própria acepção; Rorschach desenvolve as suas próprias linhas de orientação na estruturação das potencialidades do instrumento, sendo que não chegou a elaborar a sua própria teorização e grelha de interpretação, uma vez que a sua morte prematura em 1922 assim o inviabilizou. No entanto, Rorschach procurou em vida divulgar as potencialidades do instrumento por si considerado de carácter projectivo, fazendo passagem por vários conceitos que ainda hoje são fulcrais, como é um bom exemplo o de «apercepção» já anteriormente introduzido por Bleuler (o reconhecimento do carácter interpretativo associado às percepções das manchas; cuja cadeia se poderá anunciar da seguinte forma - sensações → imagens → ideias → experiências → associações → sentido (s) → interpretação → «imagem-conceito» → projecção).

Embora o instrumento tenha uma dimensão quantitativa, remetendo para o exterior, o concreto, é essencialmente a sua dimensão qualitativa, subjectiva, interna, que desde os primórdios ressalta.

Após a morte do autor, inúmeros autores assumiram a tarefa de o seguir no seu intuito, tendo surgido diversas sistematizações, das quais a psicanalítica de inspiração freudiana constitui-se como uma das mais relevante ao nosso olhar.

Portanto, o instrumento em causa revela-se *à priori* independente e pronto para ser utilizado e interpretado sobre as perspectivas que eventualmente surgirem inspiradas neste intuito, sendo que neste estudo a que mais nos interessa e parece-nos fecunda em possíveis conclusões é precisamente a psicanalítica, pois dá ênfase particular à dimensão subjectiva, simbólica e interpretativa do Rorschach.

5.3 – O contributo dos diversos autores

No percurso do Rorschach foram sendo adicionadas concepções à ideia ou lógica inicial do Rorschach por vários autores.

Partindo de alusões genéricas, encontramos desde logo o autor Lagache (1943-1977), o qual concebe este processo resposta Rorschach como uma «*rêverie imageante*», em que o sujeito confere um sentido através da sua imaginação, do seu mundo fantasmático (imagem => imaginação), dos seus esquemas interpretativos. No mesmo sentido, surgem Loosli-Usteri (1958), que considera o processo como um «*acto criador*», interpretativo, logo de cariz projectivo, em que o caos sentido inicialmente é estabilizado através da resposta; e Baer (1950) que concebe este processo como traumático («*Teoria de situação traumática*») e de carácter transferencial, mobilizando-se registos regressivos, entre os quais a projecção como forma de fazer face ao nível elevado de ansiedade do Ego despoletado.

Este autor é fortemente influenciado pela teoria Kleiniana, assumindo que a situação Rorschach constitui uma «*situação psicológica total*», que põe a nú os sentimentos de frustração e de perda do objecto («*perda de forma*») ao nível do Rorschach e concomitante «*(...) luta pela manutenção da forma*», p. 461), que urge ser elaborados por mecanismos típicos da «*posição depressiva*».

Bejarano-Pruschy (1952) defende que se deve ter em conta as transferências do sujeito, que nos dão conta sobre as suas condutas padrão. O autor propõe a elaboração de uma ponte entre os dados numéricos do teste e a sua dimensão dinâmico-pulsional de cariz mais inconsciente (terreno que a Psicanálise poderá desbravar).

Por sua vez, Foissin (1965) procura associar a dimensão estrutural perceptiva do Rorschach à Teoria Freudiana da personalidade (concretamente a estruturação dos sonhos) – K (pulsão e Id) e F (Ego), verificando e assumindo haver sempre um registo de controlo da “forma” sobre o “movimento”, isto é, do Ego sobre o Id, sob a égide do Superego.

Incidindo de momento sobre os contributos específicos dos autores americanos, a associação entre o Rorschach e a Teoria Psicanalítica surge nos E.U.A. por Rapaport (Clínica de Menninger), sendo que o instrumento em causa passa a constituir um método viável de operacionalização de conceitos da Psicanálise.

Este autor em colaboração com outros com a mesma linha de pensamento, estabelecem um cruzamento ou associação entre a Teoria Estrutural Psicanalítica, concretamente a «*Psicologia do Ego*» e uma Teoria do Teste (teoria que dá corpo à sua aplicação e análise), procurando compreender e analisar as capacidades egóicas do sujeito (esténico ou frágil), as capacidades

associativas, o *como* a partir dos aspectos formais (não o *quê*), acedendo-se aos processos do pensamento (reflexo da dinâmica da organização e estrutura da personalidade).

Roy Schafer, autor fortemente influenciado pela «Psicologia do Ego», transmitiu em 1954, 1967/1986 as seguintes ideias, estando contidas nestas a linguagem metapsicológica:

- o processo-resposta Rorschach pode ser entendido no seio dos modelos da relação transferencial e contratransferencial (lógica: existe um contexto interpessoal e social que influencia a recolha dos dados e sua interpretação), em que o sujeito canaliza para a situação instrumental toda a sua trama relacional com os objectos internos significativos; processo este considerado à semelhança do «trabalho do sonho», em que movimentos de transitoriedade e caesura estão patentes – fantasia VS realidade, processo primário VS processo secundário...

Assim, a «relação transferencial» era vista como uma *reactivação incontrolável de movimentos regressivos que conduzem à emergência de uma conflitiva (contrabalanço entre os desejos e as frustrações), quer intrapsíquica, quer interpessoal.*

Chama a atenção para a importância do papel do examinador (testar não deve ser um trabalho de “medição”, mas um trabalho de dar sentido às condutas do sujeito, onde interpenetram as próprias representações do examinador - «contratransferência» - positiva ou negativa) e do examinado (deve ser visto enquanto participante activo no processo de análise - «transferência»).

Estamos perante uma relação complexa, interpessoal, interactiva, que o autor procura dar a compreender segundo três eixos - «problemática do testador», «dinâmica do teste» e interferência da dinâmica interpessoal na interpretação;

- os movimentos que se operam aquando da passagem do teste remetem para um «continuum psíquico», que parte da dimensão onírica (imagética autística; *rêverie* onírica) para a percepção realista ou reacção perceptivo-verbal [Kris é um autor cujos pontos de vista se enquadram nesta perspectiva: ele defende a noção de «regressão temporária ao serviço do Ego», a qual remete para a ideia de que para efectuarmos operações criativas urge dar-se uma relaxação pontual e parcial da funcionalidade do Ego, fazendo advir ao consciente (por via regressiva), material inconsciente e pré-consciente. Para Schafer, é esse processo que permite ao sujeito transcender a mera descrição de uma mancha; e embora possa dar conta de formas de funcionamento próprias do «processo primário» (energia descarregada em estado bruto através dos mecanismos defensivos de deslocamento, condensação, simbolização, formação substitutiva...), é sempre com carácter adaptativo, de contacto do Ego com a realidade que opera, com suposta viabilidade de acesso ao «processo secundário» (controla a energia através do pensamento e da sublimação)];

- deve-se pois conceber o Rorschach indutor de regressão, não só na sua dimensão patológica, mas igualmente e acima de tudo adaptativa.

É pois com Roy Schafer que o conceito de «transferência» adquire consistência e enquadramento no seio da situação projectiva.

O autor Kris defende que na resposta ao Rorschach é possível verificar os movimentos adaptativos do sujeito, sendo um processo que exige ajustamentos donde sobressai uma «imagética selectiva», à luz do que constitui a estrutura psíquica do sujeito. O processo motiva «Shifts», ou seja, constitui-se como um continuum psíquico marcado por oscilações do nível de funcionamento da consciência («processo primário» VS «processo secundário», onirismo VS reacção perceptivo-verbal).

Ainda na continuidade dos autores norte-americanos, importa salientar Mayman e cols. da universidade de Michigan, e Blatt e seus cols. da universidade de Yale (precursores da Teoria Estrutural, associando entretanto as Teorias da Relação de Objecto, baseando-se maioritariamente nos trabalhos de Kernberg e Mahler). Todos estes autores são unânimes e interessados nos seguintes pontos: a realidade interna e externa ao nível do Rorschach é construída pelo sujeito; interessam-se pela dinâmica da transformação da experiência individual em sentido subjectivo e pela natureza das representações mentais, pelo o que está implícito nas mesmas.

Mayman (1967) dá primazia à dimensão afectiva da representação de objecto e aos processos de empatia; sendo que a qualidade da relação com o objecto externo deriva da qualidade da relação com o objecto interno, supostamente empática e recíproca.

Blatt e cols. (1976), encontram-se mais ocupados com a dimensão estrutural da representação de objecto (o processo-resposta Rorschach vai dum *continuum* da percepção à representação - 1990), estudando este aspecto em populações normativas ou com patologia evidente (essencialmente em sujeitos Borderline); pretende averiguar a estabilidade dos limites na relação de objecto e do Eu a partir de três critérios – diferenciação, articulação e integração.

Mais recentemente (1990), o autor incide particularmente sobre os modelos teóricos que permitem aceder aos esquemas cognitivos que estão subjacentes às estruturas representacionais ligadas à resposta Rorschach – sistemas de significação.

Outros autores surgem – Lerner e Urist, procurando ir mais além atendendo aos mesmos conceitos.

Urist (1973) inspirado nos trabalhos de Kernberg, Fairbairn e Kohut, procura explorar critérios denominados de «mutualidade e de autonomia», averiguar as potencialidades do Rorschach para

captar a natureza das representações mentais do Eu e do objecto e suas relações, bem como averiguar a capacidade do Rorschach para captar a integridade, fusão, diferenciação e limites.

Lerner, por sua vez, toma mão dos pressupostos de Rapaport e defende que os movimentos transferenciais dão conta da natureza do funcionamento primitivo, através das respostas humanas, emergindo aspectos de controlo, destruição ou reparação dos objectos primitivos.

Para o autor, os fenómenos de «transferência» e de «contratransferência» podem ser concebidos a partir da externalização interpessoal de uma relação de objecto interna e podem ser de dois tipos – adopção do papel do objecto interno (sente-se o outro como se experimentou o objecto interno) e identificação do técnico com aspectos do Eu das relações de objecto interno do sujeito.

Relativamente aos autores europeus há a destacar D. Anzieu, autor que tem investido fortemente na Psicologia Projectiva, tal é o valor que atribui às potencialidades deste tipo de instrumentos. O autor, tomando mão da aplicabilidade dos pressupostos psicanalíticos, associa o processo de «cura tipo» ao processo Rorschach, pois parecem estar presentes mecanismos da mesma ordem.

O autor considera o Rorschach como um método que clarifica os envelopes psíquicos ou fronteiras do Ego, assim como a imagem corporal do sujeito, e igualmente, a capacidade criadora do mesmo para fazer emergir através da regressão «brusca, tópica e formal» (In Chabert, 1983) e do sistema percepção-consciência de um fantasma de índole inconsciente (com capacidade de trânsito pelo pré-inconsciente) novas soluções para problemáticas pessoais.

O pensamento de Nina Rausch de Trautenberg (1978) vem na continuidade do de Anzieu, propondo uma visão do processo como um espaço de interacções, uma dinâmica activa entre percepção e projecção, em que o que é percebido intuitivamente pelo sujeito (perceptivo-cognitivo) é contextualizado à luz das suas problemáticas, vivências e das suas produções fantasmáticas («perceptivo-percebido-realidade-fantasma-projectivo-subjectivo-vivência»). A resposta (dar sentido a...) reporta o sujeito para as suas *rêveries*, fantasmas, visões, contextualizando o objectivo/concreto/real/resposta numa dimensão subjectiva e pessoal. E todo este processo dá-se segundo a autora, em função da emergência da representação de si, testando a presença da imagem de corpo íntegro (1983) - corpo físico VS corpo psíquico.

Por sua vez, Catherine Chabert (1983-87), autora com maior influência dos pressupostos psicopatológicos, considera que o Rorschach não se revela enquanto prova ou teste, mas acima de tudo como método de aceder ao funcionamento psíquico a partir do modelo psicanalítico (o Rorschach enquanto «psicanálise aplicada», mas com adaptação projectiva dos conceitos).

Esta postula um modelo de conceitos e de análise em redor de dois eixos, considerados por ela de especial importância no diagnóstico diferencial: representação de si (construção da identidade; processo identificatório) e representação do outro (representação de relações; desenvolvimento libidinal).

Privilegia uma análise semiológica, que intercruze a dimensão latente e manifesta da mente, a cadeia «percepção-representação-afectos-pensamento», os mecanismos de defesa, os conflitos internos, a capacidade de regressão, a alternância entre processo primário e processo secundário, etc..., dinâmica à qual se pode ter acesso somente a partir do trabalho do pensamento (secundarização).

A autora (2003) dá ênfase igualmente aos processos transferenciais e contratransferências, os quais sob a influência do deslocamento de afectos e de representações no seio de uma relação e mediados pelo Rorschach (carácter relacional da situação (sujeito-técnico); instrução paradoxal e conflitual; natureza ambígua do material), fazem emergir modalidades relacionais inconscientes e específicas que não são mais do que protótipos da relação com as figuras parentais.

5.4 – Novos ventos de mudança – Os contributos das reformulações metodológicas de Emília Marques e das teorias de Bion

As teorias preconizadas pelos autores anteriormente apresentados vieram-nos fazer conceber o processo de percepção como um processo de interpretação, no qual interferem, por sua vez, uma dinâmica de «transferência» e de «contratransferência» significativa.

O Rorschach mobiliza representações e afectos, permite aceder à dinâmica não só consciente, mas acima de tudo pré-consciente e inconsciente do psiquismo do sujeito, à dinâmica entre «pulsões-defesa-adaptação», às oscilações entre o processo primário e secundário, o real e o imaginário, o externo e o interno; revelando um trabalho criativo (do «caos» à reparação/elaboração/adaptação transformadora), que permite aceder à representação de si/Eu/representação corporal VS representação do outro/objectos.

Essas teorias tornaram pois viável a contextualização da metodologia Rorschach no seio dos conceitos de Psicopatologia (“normativo” VS “desviante”) [Modelo Psicanalítico], e embora não seja de menosprezar este aspecto, urge com o passar do tempo, a inserção do Rorschach em novas lógicas teóricas e metodológicas, num novo estatuto.

Assim, vão surgindo mudanças estruturantes propostas pelas reformulações de Emília Marques – sugerindo um novo método de observação e de pensar o sujeito, e propostas pelo autor Bion, através do seu Modelo das Transformações.

Segundo Emília Marques, urge estabelecer eixos ou procedimentos de análise assentes em construtos teóricos revistos, repensados, ampliados e operacionalizados de modo a poderem ser utilizados num enquadramento díspare daquele donde emergem.

Assim e segundo a mesma autora (1999), da utilização do Rorschach como meio de categorização (avaliativo e classificativo – centramento no teste em si, no assinalar e agrupar) e meramente explicativo com o intuito quase frenético de se chegar a um diagnóstico (análise psicopatológica do sujeito, baseada no estruturalismo, na diferenciação entre neurose e psicose - «análise diferencial»; em que a análise da fantasia-fantasma e dos conflitos se inscrevem no modelo do sonho e da relevância do inconsciente), urge recorrer a modelos compreensivos, que possibilitam o acesso aos processos da dinâmica de funcionamento psíquico, cujos pilares assentam nos modelos da relação, do crescimento e do pensamento, tendo por sua vez como alicerces, a relação, a ligação, a transformação e a construção. Nesta lógica, entram as concepções de «posição» e de «processo de desenvolvimento», onde se analisa as transformações, mudanças e o crescimento psíquico, o processo de formação de símbolos e o trabalho do pensamento. Marques propõe que o sujeito seja compreendido à luz do modelo das

relações de objecto, logo, o trabalho que se operar é *com* ele e não meramente *sobre* ele – sujeito-participante e interactivo.

Importa referirmo-nos portanto aos vários intervenientes na situação-Rorschach, o que poderá influenciar a mesma, (o que constitui ou) como se apresenta esta situação para o sujeito, bem como se desenrola o processo de resposta-Rorschach.

Assim e segundo Marques, as potencialidades do Rorschach põem a “nu” o jogo constante entre as representações e os afectos, a capacidade de ligação entre o mundo interno VS mundo externo, entre o Eu e o outro/pólo relacional. Neste processo de cariz eminentemente relacional, os movimentos de «transferência» (deslocamento de afectos e de representações no contexto de uma relação – Chabert, 2003; *expressão através do mecanismo de deslocamento de elementos latentes genéricos mediada pelo teste Rorschach e pela relação com o técnico*; donde se destaca a *reactivação de registos específicos de relação, que mais não são do que o espelho dos registos relacionais com as figuras parentais primordiais e significativas*) este conceito adquire contornos diferenciados consoante o enquadremos na situação estritamente terapêutica - prolongada e onde assume o papel de impulsor terapêutico; ou na situação projectiva - circunscrita pelo elemento duração da prova) e de «contratransferência» brotam como fenómenos naturais a uma dinâmica entre dois sujeitos. E embora seja um sujeito “estranho” que se revela ao paciente (psicólogo), este não é somente exterioridade no aqui e agora, mas acima de tudo subjectividade reavivante e reactualizante das suas relações internas cognitiva e emocionalmente significativas (primitivas e actuais).

Baer (1950) referiu-se à «contratransferência» como uma «transferência» em que o examinador se oferece como um «(...) *ecrã de uma forma idêntica às projecções do examinado. Tais projecções são facilitadas pelo carácter aformal das manchas que... não se podem impor como objectos da realidade externa, e elas permitem ao Ego opor-lhes cargas suficientemente enérgicas para lhes conferir os atributos das representações internas*» [p. 466] (citado por Marques, In «A Psicologia Clínica e o Rorschach» (1999), Lisboa: Climepsi, pp.169).

Relativamente à «transferência», Freud inicialmente associava este processo (ou o de «pensamento») ao «trabalho do sonho», pois em ambos dá-se um deslocamento, em que os desejos inconscientes surgem sob a capa de uma máscara ou metamorfose, que é a memória de vigília do sonho ou os restos diurnos; posteriormente com a introdução do «Complexo de Édipo» na sua teoria, o autor passa a considerar a transferência como o âmago da relação terapêutica (estruturação da cura), concebendo um novo conceito - o de «neurose de transferência», em que são as relações parentais do sujeito e a conflitiva edipiana que são

reactivadas e revividas no seio da relação terapêutica, sendo que desta e igualmente por via da ambivalência pulsional, podem emergir tanto sentimentos bondosos («transferência positiva») como sentimentos mais hostis («transferência negativa»). Consideramos que alguns desses mecanismos operam ao nível do Rorschach, embora de forma menos profunda comparativamente a um processo terapêutico prolongado, mas ainda assim relevantes e intensos.

Portanto, na situação de aplicação do Rorschach, três intervenientes participam e influenciam a resposta do sujeito - não só ele mesmo, naturalmente, como o teste em si e as suas especificidades (este enquanto um terceiro que apenas se legitima pelo seu carácter mediador de um processo potencial de comunicação, de troca e de sentidos/significação entre dois seres pensantes, em que o sujeito-paciente se expressa e o técnico escuta/presta atenção empaticamente), mas também, o psicólogo, porque ele também está imbuído na relação criada, com a sua subjectividade, tornando-se este processo, num trabalho de troca, comunicação, interacção, inter-relação, inter-subjectividade.

Reflectindo sobre o papel do psicólogo, este é quem dá uma instrução (e orientação) ao sujeito...; *Como será que ele a dá? Como será que o sujeito a sente ou interpreta? Que ressonância provocará nos dois espaços subjectivos intermutantes?! Como é que o técnico interpreta os dados disponibilizados pelo sujeito?!*

Na relação com o sujeito e na interpretação dos dados, o psicólogo tem portanto, um papel activo, carregado de representações e projecções suas face ao que constitui o sujeito em si e acerca do que o sujeito responde e como o faz (representação do funcionamento psíquico normal VS patológico; sujeito concebido enquanto paciente/pessoa VS doente/doença; descodificação projectiva dos ritmos, da modulação, dos conteúdos das respostas, do comportamento, da qualidade emocional das respostas, da qualidade da dicção, etc ..), processo este comumente denominado de «contratransferência».

Segundo Jean Laplanche e J. B. Pontalis, o fenómeno da «contratransferência» diz respeito ao «conjunto de reacções inconscientes do analista à pessoa do analisando e mais particularmente à transferência deste.» (In «Vocabulário da Psicanálise (1990), Lisboa: Editorial Presença, pp. 101). Freud, aludido na mesma fonte, refere que «nenhum analista vai mais longe do que os seus próprios complexos e resistências internas lhe permitem», revelando as possíveis limitações ou pelo contrário, as possíveis potencialidades dos fenómenos contratransferenciais.

O técnico deve pois estar particularmente atento a todos os sinais ou índices que se anunciem «fora do protocolo», isto é, ao padrão de relação que estabelece com o paciente, à forma como

habitualmente sugere e aplica o teste [o técnico deve sentir-se identificado e enquadrado no seio da sua função/papel e sentir que possui capacidades de manobrar o teste, seguindo directrizes universais, mas igualmente possuindo o seu próprio estilo de actuar; o teste não deve ser utilizado defensivamente pelo técnico – como escape, reflexo de impotência, etc..], ao despoletar da defensibilidade alheia e à sua natureza específica (atitude de retraimento, abandonónica, dependente, intrusiva, equilibrada ..), procedendo a uma introspecção/”insight” ou auto-análise face aos seus movimentos contratransferenciais, face às suas reacções internas na relação com o outro no “aqui e agora” da situação do teste, situação reactualizante dos mecanismos internos inconscientes; devendo reformular a sua postura ou atitude de acordo com o que considerar necessário, sempre no sentido da libertação modulada do mundo interno do sujeito, portanto, no sentido de uma postura flexível.

Portanto, a relação “paciente-técnico” não se trata de um processo neutro seja em que momento for, mas de uma dinâmica interpessoal, de um processo personalizado, em que a “intrusividade” do psicólogo participa activamente (a denominada «problemática do testador» segundo Schafer, 1954; In Marques, *Análise Psicológica* (1994), 4 (XII) pp. 432), no entanto, esta deve ser controlada sob a forma de uma «expectativa vazia», segundo Bion.

Freud falava inclusive em «neutralidade benevolente» no contexto do processo de cura (a qual equivaleria à atitude do técnico de se despir da expressão de valores pessoais, juízos de valor de qualquer ordem, conselhos, idealizações, valorização de determinados aspectos do discurso do sujeito em detrimento de outros..., enfim, no fundo um apelo ao «*não entrar no jogo do paciente*» [definição clássica de J. Laplanche e J. B. Pontalis, 1990, baseada nos pontos de vista de Freud]), mas com o desenrolar do tempo, o mesmo conceito ganha contornos na situação projectiva e remete para a capacidade do técnico em aplicar o teste sem que este processo possa de alguma forma pôr em cheque o padrão habitual de estruturação psíquica do sujeito, logo, o técnico terá que modular o processo tendo em atenção as modalidades defensivas ou sintomáticas do sujeito, o seu funcionamento psíquico específico, num determinado quadro que não é terapêutico, nem de “cura” (logo igualmente se deve despir de interpretações que possam induzir à «neurose de transferência»; deve propor a regra da «não omissão» do que impera no psiquismo, promovendo uma libertação ou expressão espontânea da mente, mas igualmente, não se deve esquecer da regra da «abstinência», da existência de condicionantes óbvias que se interpõem ao processo projectivo, aspectos que se constituem como rupturas e que estão mais patentes na situação projectiva do que na situação terapêutica – associações não propriamente livres, mas a partir do material, do percepto, não sendo uma espontaneidade de temáticas livres, mas induzidas; “cortes”/rupturas/descontinuidade inter-cartão/mancha; introdução do inquerito, etc.), mas que possui uma gestão espaço-temporal limitada ou circunscrita (duração, regularidade...), devendo tomar mão do rigor, mas também e essencialmente da flexibilidade

(entre os vários aspectos desta característica, encontra-se o manejo “óptimo” perceptivo-projectivo).

Por vezes, reina por parte de alguns autores e de pessoas comuns, uma certa incerteza e até desconfiança sobre a pertinência da utilização do Rorschach, pois parece-lhes que este poderá ser administrado por certos técnicos de forma mecânica/funcional (sem objectivos precisos subjacentes), sistemática e arbitrariamente, sem lógica de complementaridade (colmatar desconhecimentos ou dúvidas/questões significativas face ao sujeito em análise, no sentido da (re)orientação terapêutica), mas mais numa lógica de defensibilidade do técnico, que recorre ao instrumento como que a uma “máscara” de neutralidade “fria”/ausente (ausência emocional/relacional; silêncios; rigor excessivo nos procedimentos; excesso de centramento sobre a dimensão real, perceptiva) sobre a qual se esconde ou foge, para não se implicar emocionalmente de forma mais profunda e significativa na relação terapêutica. De facto, estas são dimensões a ser trabalhadas por qualquer terapeuta que assuma esta função, com o risco de ser mais um cujo procedimento confirma o anteriormente referenciado.

Para além das particularidades que surgem relativamente ao técnico, não raras as vezes, uma certa insegurança ou até mesmo desconfiança emerge igualmente face ao carácter subjectivo do teste.

Embora não nos pareça existir métodos de avaliação ou de análise do funcionamento psíquico perfeitos, infalíveis e de consenso universal, importa sublinhar que o que nos parece motivar um centramento em metodologias mais objectiváveis são entre vários factores os seguintes – o ter de utilizar os próprios recursos psíquicos pessoais para analisar/interpretar o funcionamento do outro (intensa implicação pessoal), o que gera uma maior ou menor defensibilidade; o receio de falhar, a obsessividade e ilusão de que o sujeito é verdadeiramente atingível na sua totalidade (e que esse todo poderá ser captado despindo-nos de toda a dimensão humana relacional empática).

No entanto, apesar de se estar perante uma análise ou interpretação do processo-resposta Rorschach subjectiva, esta não se enuncia ao acaso, sistematiza-se tendo em conta, quer os elementos conceptuais de carácter mais estrutural, quer os pressupostos ou fundamentos do pensamento psicanalítico, concretamente a metapsicologia freudiana e o pensamento pós-freudiano, que englobam o instrumento num todo coerente e lógico (Marques e Bion, entre outros autores).

Assim, a legitimidade do instrumento reforça-se pelas contínuas reformulações e revisões operadas por diversos estudiosos do instrumento e da psicanálise, tornando os processos de

interpretação e de aplicabilidade cada vez mais fecundos na captação do «sujeito-vivência» (Marques, 2003).

O «material-teste»/«material-estímulo» é provavelmente o elemento mais objectivável de todos, um objecto exterior, símbolo da realidade, que existe independentemente do encontro entre sujeito-técnico (fecundo em projecções e significações), podendo ser analisado fora deste contexto dual, ainda que sem se distanciar naturalmente de pressupostos empíricos sobre o «discurso Rorschach» e do corpo de compreensão da clínica.

O paciente vem de antemão dotado de todo um conjunto de ideias ou estereótipos acerca do papel/função do psicólogo e da possível relação que se irá estabelecer (aquele que o vai avaliar/testar/julgar sob um olhar crítico e capaz de perscrutar o seu interior e as suas (in)capacidades, as suas falhas, à semelhança do médico e do professor; ser com poder científico e ao mesmo tempo quase mágico, adivinho, bruxo; as representações vão desde a idealização, que o tornam num ser valorizado, com uma função admirada pela sua perspicácia e abrangência na captação científica do outro, até à pseudo-desvalorização/desconfiança/paranóia à semelhança de um vidente que poderá ver/adivinhar sabe-se lá o quê e com que consequências – os lados “pecaminosos”, falentes, o futuro [destino]..; relação concebida como de dominação VS submissão, actividade VS passividade, que poderá gerar sentimentos de humilhação, de incompletude, de falta de controlo sobre a realidade) e entretanto, emergem outras representações, estas já na situação de teste, que inevitavelmente vão influenciar a sua resposta e comportamentos; «... o que se diz (responde, nomeia), é também em função do que pensamos que o outro (psicólogo) espera de nós (expectativas), ou mediante o impacto que esperamos ou receamos provocar no outro».

A situação Rorschach está contextualizada num processo eminentemente relacional, personalizado, em que a relação com o objecto teste tem a marca da relação particular e específica com o objecto técnico.

Segundo Emília Marques (1994a), o que é esperável por parte do técnico é que este forneça um continente-quadro, para que o sujeito possa projectar a sua representação mental, que é a resposta Rorschach sob a forma de «imagem-palavra/palavra-imagem».

Nessa tarefa, é suposto o psicólogo poder constituir-se como um “objecto contentor” do que o sujeito possa projectar – «elementos β », que exerça a «função α » (T alfa), que possua a «capacidade de *rêverie*» (conceitos de Bion), que seja à semelhança de uma «mãe

suficientemente boa» (Winnicott) [aquela que consegue genuinamente estabelecer uma distância afectiva “óptima”/”q.b.”, de rearranjos psíquicos nem sempre fáceis, mas quase sempre ou mesmo sempre complexos; respeitando a singularidade ou individualidade do sujeito e viabilizando um estado de harmonia que favorece as potenciais expressões do mundo interior do sujeito; não sendo nem uma mãe invasiva/intrusiva, claustrofobiante, nem abandonica ou rejeitante], de forma a que o sujeito consiga aceder ao que de mais regressivo, primitivo, destruturado e caótico exista em si, elaborando esses mesmos aspectos, organizando-os, de forma a que possam finalmente ser reactualizados e transmitidos sob a forma de resposta à mancha (T beta). Esse é um processo de permanente «relação continente-conteúdo» - ♀♂ e de transformação (T), tal como Bion o concebe.

A natureza e eficácia da ressonância fantasmática ou reactualização de conteúdos latentes conflituais face ao percepto, de natureza manifesta; é mediada ou promovida, quer pelo material em si, quer pela natureza/qualidade da instrução do examinador (interesse e disponibilidade na relação), ambas «áreas transitivas» na acepção de Winnicott (1975), no sentido de viabilizarem ou não uma resposta reveladora do sujeito («caesura» potencializadora de «O» - Bion).

A nomeação das manchas tende a ser um processo destabilizador para o sujeito, a ser vivido como algo caótico, que leva à dispersão (a passagem dos diferentes cartões, um a um, corta a intemporalidade da natureza do funcionamento do sujeito, pois introduz uma ruptura, uma descontinuidade, um vaivém), sendo esperável que o indivíduo transforme este estado (elabore-o, integre-o, organize-o), recorrendo à simbolização ou elaboração imaginativa, de modo a dar uma resposta reveladora de si (interior), em que surgem elementos internos e externos, “*mas ligados e recriados*” (Marques, 1996 a, pp. 40) entre si.

Por parte do sujeito e segundo Marques (1996a), o processo de resposta Rorschach advém de um trabalho de transformação, ligação e criação, entre o interno e o externo, que através da projecção, impõe e faz emergir a expressão da simbolização e portanto do pensamento (Aparelho de pensar os pensamentos). Trabalho este de transformação que implica a passagem da aprendizagem pela experiência para o conhecimento (Bion, 1965).

Alguns autores colocam a questão de que a passagem do Rorschach constitui um momento perturbador da relação para o sujeito; no entanto e embora se reconheça a mobilização dos processos regressivos acima aludidos, não esqueçamos que a sua introdução nunca deve ser operada sem que previamente não se tenha estabelecido um momento de relação privilegiada com o sujeito (entrevista), em que se verificaram as condições psíquicas e relacionais necessárias para a sua introdução no espaço terapêutico («aliança terapêutica»; relação de empatia e de confiança mínimas necessárias) e sem que exista um objectivo concreto significativo por detrás (diagnóstico; aconselhamento psicológico; orientação terapêutica...).

Paralelamente, importa analisar ou interpretar os dados fornecidos pelo sujeito aquando da aplicação do Rorschach, numa lógica «*sem memória e sem desejo*» (Bion), lógica esta legítima sob o ponto de vista da profundidade de compreensão do sujeito e da sua feminilidade; no entanto, é fundamental compreender que estes dados não se esgotam na íntegra neste processo. Considerar que a abrangência das interpretações das técnicas projectivas se esgota logo aquando da sua passagem, é cair na ilusão de que já se sabe tudo sobre o sujeito e que esse tudo, não possa ser questionado com outros dados, novos dados que vão surgindo, acrescentando significações às já existentes, resignificações, levando a uma inevitável “intoxicação da relação”, porque não transformadora, mas “esgotada”/“paralisada” no espaço e no tempo, qual “claustrum” (essencialmente se falarmos dum processo de conhecimento que se prolongue através de um acompanhamento psicológico).

Quanto ao processo interpretativo, importa irmos mais além... Se a interpretação, num primeiro momento nos poderá parecer um terreno resvaladiço, que parece poder afastar-se da essência dos mecanismos de funcionamento do sujeito (pois é o olhar do outro que interpreta com a “deformação” defensiva da sua própria vivência enquanto sujeito), por outro lado, esse é um risco inevitável, que ao invés de empobrecer, nos parece enriquecer, pois o conhecimento comporta sempre algo que fica oculto. A interpretação, apesar da subjectividade subjacente, não sugere aos inspirados pela corrente psicanalítica um centramento em instrumentos aparentemente mais palpáveis nas suas conclusões, cujos procedimentos são meramente descritivos, explicativos, portanto, mais objectivos, neutros, caracterológicos, tipológicos, estatísticos. Consideramos a interpretação um processo que constitui uma mais valia na utilização do Rorschach enquanto instrumento de conhecimento do sujeito a partir de um outro sujeito pensante, processo esse fecundo em significações pré-conscientes, logo transitivas.

O teste Rorschach poderá ainda ser considerado à semelhança das interpretações psicanalíticas, um *instrumento de tradução semiológica*. Esta tradução não possui um carácter linear, não se reduz a uma mera transcrição entre línguas ou significantes (não constitui uma «traductibilidade potencial» à semelhança do que Freud preconiza na primeira tópica) – passagem da percepção à representação, do latente ao manifesto; mas comporta uma *inscrição e transcrição simbólica entre sistemas de signos/representação heterogéneos e aparentemente incompatíveis a priori* (ponto de vista defendido pelos autores Rosolato, André Green, Anzieu, Laplanche).

Assim, e aludindo à primeira tópica de Freud (1896), faz todo o sentido procurar reagrupar/interligar e compreender os seus elementos constituintes (moções pulsionais, representantes psíquicas das pulsões, representantes-representações, representantes-afecto, representantes da palavra (verbalizações), representantes da realidade (realidade no Ego)) numa lógica de afectação ou mutação funcional de cada elemento face aos precedentes, numa cadeia

quase interminável pelo seu poder de resimbolização, reactualização elaborativa – tradução integrada na segunda tópica de Freud (1923).

Assim, os tempos do “trauma”, do recalçamento e da rememoração, se interligam num cruzamento de signos, todos eles jogando num todo fundamental.

Segundo André Green (In «As Cadeias de Eros – Actualidade do Sexual» (2000), Lisboa: Climepsi Editores, Vértices 6, pp. 175-176), “(...) *cada fase retoma e reescreve os dados do tempo que a precede e, adicionalmente, nela inscreve os traços que lhe são específicos. (...) As fases, longe de se excluírem reciprocamente, estão sob o signo de uma continuidade que se estabelece por oposições e contrastes que implicam uma simetria invertida. (...) uma cadeia erótica que parte da pulsão para se expandir até chegar às arborescências luxuriantes do fantasma e da sublimação, passando pelo desejo e pela recordação, se, assim, se ligar o vasto campo das representações inconscientes (e conscientes) aos representantes psíquicos da pulsão, então obtém-se uma vasta rede de fenómenos psíquicos que se pode percorrer em todos os sentidos.*”.

Este processo toma muitas vezes a configuração de um vaivém entre registos regredientes (retorno ao biológico, ao soma, aos primórdios da relação primária) e registos progredientes (elaboração, simbolização, verbalização) – (Ps↔D) na acepção Bioniana [pode-se centrar sobre qualquer elo da série e seguir caminhos dispares, não tendo de seguir uma ordem sequencial]; entre os processos primário e secundário, sendo fundamental o trabalho do negativo (falha; recalçamento, clivagem..) nas suas potencialidades de significação e de simbolização – pensamento activo.

Neste processo, algumas componentes se perdem, mas existem outras que se ganham *a fortiori*, sendo inviável alcançar um agrupamento totalizador.

Assim, tanto o paciente face à sua própria vivência do passado, como o psicólogo na interpretação do material que advém do Rorschach, devem compreender que é impossível a recuperação integral do passado (pois esse é sentido à luz das pinceladas do presente, reactualizado à força das novas nuances vivenciais e representacionais), assim como as interpretações do inconsciente na íntegra – a traductibilidade total é impossível.

O passado e o inconsciente recuperados na sua versão original é uma verdadeira quimera e ilusão, o passado é constantemente reformulado através das sucessivas experiências do presente, reactualizando-se simbolicamente; existindo pois diferentes sistemas de signos, que não são mais do que um registo plural colocado à prova do tempo, da defensibilidade, em diversas instâncias.

Entre os diferentes sistemas de signos (exemplo: entre a pulsão activada sobre a forma de acção e a palavra ou representações da palavra, ou dito doutra forma, entre a força e o sentido, entre o

económico e o simbólico...) perdura segundo Winnicott, uma espécie de hiato ou “gap” intransponíveis ou na acepção de Pierre Marty a «impermeabilidade do pré-consciente» - sistemas intermediários que necessariamente deformam, deturpam, fazendo de toda a interpretação ou análise “um mal entendido” ou uma compreensão possível.

Portanto, a qualidade do feminino que acedermos a partir das projecções elaboradas através do Rorschach, possui a marca da traductibilidade semiológica, a intersecção dos vários tempos transformadores, sendo o alcance encontrado, o possível – a «invariância» ($T \alpha$), o «O».

6 - O RORSCHACH ENQUANTO INSTRUMENTO E MÉTODO

6 - O RORSCHACH ENQUANTO INSTRUMENTO E MÉTODO

Neste capítulo pretendemos abordar as dimensões quantitativa e qualitativa associadas ao Rorschach, concretamente os conteúdos manifestos e latentes, a abordagem perceptiva e a abordagem projectiva, o lado objectivo e o lado subjectivo. De seguida, incidiremos sobre a forma como se deve processar a «instrução», a pertinência do «inquirido»/«inquirido aos limites» e a importância da «prova de escolhas».

Os aspectos relacionados com as características do material Rorschach, bem como a dimensão interpretativa da cotação remetemo-las para o capítulo dos procedimentos, de forma a que a informação possa ficar o mais contextualizada possível e assim facilitar a sua compreensão.

Por fim, destacaremos os estudos ou concepções relacionadas com as manifestações do feminino na homossexualidade ao nível do Rorschach.

6.1 - As potencialidades simbólicas do Rorschach - Da percepção à projecção

O Rorschach estrutura-se em redor de dois paradigmas elementares, um de cariz quantitativo, psicométrico, claramente classificativo e em busca de tipologias bem demarcadas, onde a *dimensão manifesta* do sujeito se faz sentir com um maior peso; e um de carácter qualitativo, portanto, interpretativo, em que a *dimensão latente*, mais inconsciente é o grande enigma a desvendar e a compreender empaticamente.

A última dimensão referenciada tem como suporte de análise e interpretação os pressupostos ou campo de compreensão da psicanálise, em que as teorizações que lhe dão corpo “casam” de facto de forma harmoniosa com o método Rorschach .

No entanto, D. Anzieu (1929) alerta-nos para o facto das concepções psicanalíticas que habitualmente se aplicam em situação de setting, de cura, não poderem ser extrapoladas de forma linear para o contexto de aplicabilidade e interpretação do Rorschach, pressupondo rearranjos próprios, a procura de equivalências sistematizadas, que se inserem no contexto daquilo que ele denominou de «psicanálise aplicada».

Assim, na operacionalidade do instrumento dão-se dois tipos de apelos/solicitações a partir da linguagem verbal (instrução: «Diga-me o que imagina a partir destes cartões, diga o que estes cartões lhe fazem pensar?» = «palavras-imagens»), por um lado e de forma imediata (muitas vezes, sem mediação), ao real (percepção do Rorschach enquanto «objecto real», realidade material e externa; inscrição no meio; à semelhança do que acontece nas situações vivenciais quotidianas, em que nos posicionamos face aos limites, fronteiras da realidade, com todos os

constrangimentos que este processo pode eventualmente despoletar), por outro lado, e numa lógica de maior «distância» (a suficiente), ao imaginário, aos fantasmas internos, de carácter interpretativo (projectão), que faz do instrumento um objecto potencial, pleno em associações, em significações, motivadas essencialmente pelo carácter impreciso e ambíguo do material.

Assim, a percepção não fica arreigada a um registo concreto, de impressionismo, mas transcende-se, uma vez que é elaborada em função da organização interna do sujeito (conflitos, afectos, natureza das relações de objecto, etc.), pois o sujeito é convidado a se situar perante si mesmo, face ao potencial e ao possível de si.

O ideal seria, segundo Schafer, o sujeito ser capaz de operar um «shift», isto é, a passagem ou salto constante entre mecanismos perceptivos e mecanismos projectivos (entre mecanismos progredientes, de adaptabilidade à realidade e mecanismos regressivos, reactualizantes do passado), o que equivaleria à capacidade de unicidade e de síntese das exigências internas (dos desejos, do prazer...) e da realidade (exigências externas), ou seja, à flexibilidade ou compromisso suficientemente estável das interferências, articulações ou injunções perceptivo-projectivas. Mas infelizmente para o sujeito, nem sempre esta articulação é operada de forma pacífica, podendo mesmo nem sequer chegar a ser alcançada, pois o sujeito pode ficar invadido por fantasmas arcaicos onnipotentes e destrutivos, que apenas conseguem filtrar a realidade externa como uma realidade maciçamente interna, podendo ficar preso a uma visão de adaptabilidade excessiva ou ao conformismo da realidade, em que os afectos são separados das representações, reinando a frieza e o mecanicismo dos mesmos, etc..

O processo dual perceptivo-projectivo acima referido reenvia-nos para o denominado «paradoxo Winnicottiano» ou para a «comunicação paradoxal» segundo D. Anzieu (1975) que concebe o Rorschach enquanto um «objecto transitivo», um «espaço potencial», que permite a partir de algo real, concreto e objectivo – o teste, o reactivar de aspectos simbólicos internos e inseri-los numa dimensão de ilusão, de subjectividade, que viabiliza a criação de um espaço interno em que o sujeito se sente existir *per si* para além dos demais, um espaço de mentalização e de pensamento, o sentimento de continuidade de ser, a noção de sequência espaço-temporal, etc..

Somente um sujeito que precocemente conseguiu ascender suficientemente ao jogo e ao brincar enquanto «espaços/áreas transitivos» da ausência e da separação do objecto materno, consegue igualmente na actualidade utilizar o Rorschach como veículo “psíquico-lúdico” de ligação, de transição («objecto transitivo») e de simbolização (da “falha” resignificada) entre um real concreto e comensal ou parasitário *à priori* e um mundo interno, espaço das vivências de sofrimento, de separação, de angústia..., mas igualmente espaço de prazer, de desejo, etc..., agora resignificado e reactualizado.

Os cartões Rorschach apresentam pois características perceptivas específicas, as quais remetem concretamente para aspectos estruturais (formalidade) e sensoriais (cromacismo), aspectos estes concretos.

Mais do que falarmos apenas em percepção, importa pois remeter-nos ao conceito de conteúdo manifesto, mais abrangente, podendo este dar-nos conta da qualidade da relação do sujeito ao real, da sua adaptabilidade perceptiva ao real.

Não podemos esquecer que o que enquadra um sujeito numa inscrição positiva da realidade e da percepção, não são mais do que critérios normativos («norma»), de adaptabilidade social, portanto, de cariz estatístico (maior ou menor grau de frequência) e de consenso social. Embora a inscrição estatística nos possa de imediato favorecer uma certa estranheza, rapidamente esta ganha pertinência ética, deontológica e científica se pensarmos na importância dos processos de socialização no seio dos construtos do desenvolvimento humano e muito concretamente na base da comunicação, isto é, a correspondência entre a palavra e a coisa. Neste processo, os objectos materno e paterno, constituem-se enquanto instauradores da exterioridade e da realidade estruturantes, que se distanciam do espaço interno inicialmente indiferenciado e objectivo, concreto (passagem da «posição esquizo-paranóide» à «posição depressiva» de Mélanie Klein; instauração da «angústia do estranho» na aceção de Réne Spitz). São assim os referenciais relacionais, sociais e comunicacionais que permitem ao sujeito articular a palavra à coisa, numa lógica de consenso e de pertença social normativa.

O carácter normativo e adaptativo das respostas poderá ser averiguado a partir das denominadas «banalidades» ou «respostas banais» (lista francesa de banalidades), que pelo seu grau de frequência numa dada população poderão ser consideradas um factor de integração social mínima.

Esta dimensão manifesta apela ainda e fundamentalmente a uma dimensão latente, subjectiva e pluridimensional, à simbolização, à (re)significação, canalizando o sujeito para factores remetentes, quer à *identificação primária* – materno/paterno, quer à *identificação secundária* - feminino/masculino.

A dimensão estrutural do Rorschach remete pois para a ressonância e integração emocional/afectiva (integração latente e simbólica) da apreensão perceptiva que o sujeito opera face aos elementos do Rorschach – elementos manifestos (que é o mesmo que integrar os dados objectivos e reais à luz dos dados subjectivos e pessoais/singulares); esses elementos são captados num jogo de interligação e de influência de *modos de apreensão*, de *determinantes* e de *conteúdos*.

Assim, a técnica Rorschach parte da *percepção*, da captação intuitiva do real, transcendendo-a a caminho da *projecção*, em que o «sujeito-vivência» é o que ressalta, na sua dimensão

fantasmática e imaginativa, com maior ou menor capacidade de se (re)atualizar - renovar, resignificar, resimbolizar, (in)temporalizar.

6.2 - Particularidades dos processos de «instrução», «inquerito»/«inquerito aos limites» e da «prova de escolhas»

Incidíramos de momento sobre alguns aspectos relevantes dos vários tempos/dimensões de aplicabilidade do Rorschach – natureza da «instrução», pertinência e enquadramento do «inquerito»/«inquerito aos limites» e a relevância da «prova das escolhas».

No processo de «instrução» do teste, há que existir um certo consenso entre técnicos (universalidade) e face às diferentes aplicações de um mesmo técnico, pois esta influencia amplamente o processo de resposta do sujeito. A necessidade de consensualidade não deve, no entanto, fechar as portas à possibilidade de adaptabilidade dentro de certos limites do enquadramento global do teste ao perfil de individualidade e particularidade de cada sujeito.

Devemos privilegiar essencialmente as instruções que apelem ao jogo perceptivo-projectivo («imaginar a partir do ver»), que façam menção à tríade «sujeito-teste-técnico» e que instauram naturalmente uma limitação na libertação do “Eu” por via do condicionamento dos 10 cartões (o «dizer tudo» é condicionado pela existência da transição inter-cartões).

Assim, registos sistematizados, municiosos, de investimento privilegiado no percepto, cujos referenciais globais são definidos de antemão (definem a objectividade do teste; revelam as expectativas do técnico; etc.), parecendo o paciente ficar a saber desde logo a totalidade da intencionalidade e expectativas do técnico, revelam-se largamente redutores e condicionantes das projecções do sujeito (demasiadas informações obstruem o campo das projecções e fazem o sujeito direccionar-se e centrar-se nas referências propostas, numa lógica de uma maior ou menor “colagem”) – concepções de Beck, Piotrowski e Klopfer encontram-se nesta linha de actuação.

Logo, quanto maior for a abertura da instrução ao mundo projectivo, ao imaginário, ao possível, mais perto poderemos chegar às especificidades do mundo interno do sujeito; forma de actuar particularmente privilegiada pelos autores Hermann Rorschach, Nina Rausch de Traubenberg («*O que é que isto poderia ser?*»), D. Anzieu («*O que peço é que me diga tudo o que se poderia ver nestas manchas?*») - dizer tudo constitui uma solicitação idêntica à que está implícita na situação clínica) e Chabert («*Vou mostrar-lhe 10 cartões e vai-me dizer tudo aquilo em que eles o fazem pensar, o que pode imaginar a partir destes cartões.*»), e natural e igualmente por nós próprios neste estudo. A dimensão projectiva pode ainda ser facilitada e enfatizada pela introdução do seguinte discurso - «*não há boas ou más respostas, diga tudo o que lhe vier ao espírito ao olhar os cartões*», o qual tende a tranquilizar o sujeito de supostas avaliações de eficiência.

Quanto ao «inquerito» («instrução alargada», relativamente induzida), este joga a favor de ambos os intervenientes humanos da situação projectiva, na medida em que se constitui enquanto segundo momento de relação, momento de comunicação, de troca, em que as mensagens de parte a parte se transparecem, solidificam, reforçam, seja em que sentido for, mas aspirando-se sempre que seja mais numa espiral projectiva e libertadora e já não tanto numa dimensão perceptiva; portanto, um momento claramente a jogar a favor de uma maior flexibilidade expressiva e empática.

Por parte do sujeito, espera-se que impere tendencialmente um maior nível de segurança e de confiança no técnico e no processo projectivo global (a não ser que este momento seja interpretado como uma espécie de fase de correcção/rectificação do já dito), que fomente uma maior libertação do psiquismo ao encontro da «associação livre», das vivências afectivas/emocionais internas, da fantasmática e uma maior experiência de si mesmo no “aqui e agora” projectivo, desta vez claramente mais afastado da dimensão mais concreta e perceptiva, transcendendo-a e aproximando-se de si; por parte do técnico, este deve procurar encontrar e manter uma distância suficientemente razoável face ao sujeito, para que as suas intervenções e projecções contratransferenciais não possam ser invasivas do psiquismo e respostas do sujeito.

Devemos considerar o inquerito, assim como o «inquerito aos limites» (menos usado e usado em situações específicas de extrema complexidade), como trabalhos comuns de investigação, uma vez que beneficiam, quer o técnico - na confirmação dos dados previamente apresentados ou no alargamento do campo psíquico do sujeito; assim como o sujeito - na captação e experiência de si.

Por último, a «prova das escolhas» (momento sequencial com um maior esbatimento da carga de imposição e de obrigatoriedade sentida pelo sujeito), vem reforçar ainda mais o carácter de libertação do sujeito no encontro de si (maior expansão das respostas dadas até então, oferecendo dados adicionais acerca dos mecanismos de resiliência específicos do sujeito), por si mesmo e pelo técnico, permitindo a expressão de afectos e de investimentos, quer positivos, agradáveis, quer negativos ou penosos.

7 – AO ENCONTRO COM OS SUJEITOS

7 – AO ENCONTRO COM OS SUJEITOS

Os casos de seguida apresentados e que constituem os sujeitos dos estudos de caso do presente trabalho, foram seleccionados a partir de casos que surgiram em consultório por três técnicos distintos (psicólogos clínicos com proximidade relacional que motivou a disponibilização dos casos para o autor da tese), havendo entre dois dos sujeitos do estudo laços afectivos (A e B - namoradas).

Todos os sujeitos aderiram ao Rorschach como algo que parecia constituir uma mais valia no processo de acompanhamento psicológico ou de avaliação, um complemento à abordagem da sua dinâmica de funcionamento, independentemente das defensibilidades entretanto despoletadas.

- SUJEITO A

A tem 21 anos, é a filha mais nova de uma fratria de dois filhos, sendo o outro do sexo masculino, com vinte e nove anos, casado.

É uma rapariga bonita, veste-se de forma casual e estabelece uma certa empatia com o psicólogo, que a leva a escutar e a elaborar as suas observações de forma interiorizada e reflexiva. Por vezes, A tende a empreender uma certa vigilância e controlo sobre a figura do psicólogo e procura colocar questões directas acerca da sua vida ou características pessoais (por vezes, procura mesmo inverter os papéis dizendo que é ela a fazer as questões), assumindo amiúde uma atitude claramente sedutora, de desafio e até mesmo de intrusão. Lida de forma ansiogénica com os tempos de silêncio, procurando que estes se preencham para não se sentir só, abandonada, separada, no vazio.

Surge na primeira sessão com queixas centradas numa intensa «angústia de morte», consubstanciada através dos sonhos preserverantes, em que a imagem de um computador se encontra a fechar e nas insónias que a levam a solicitar a presença nocturna da mãe na sua cama (correspondida), numa lógica de movimento regressivo. Este aspecto, parece dever-se a uma intensa agressividade não sustentável dirigida à mãe (pela sua intrusão e dependência) que a culpabiliza e a faz sentir-se má, daí somente o merecer da morte dos que ama como punição e consequência do efeito de ricochete ou de retaliação.

Também nas ausências do psicólogo A sente que se poderá perder a ela mesma, reagindo às mesmas com um certo sarcasmo mal disfarçado; havendo mesmo uma sessão em que A refere ter tido o receio de morrer e não poder vir à sessão seguinte; no fundo, o receio de perda do outro a quem se sente hiper-ligada e com a mesma, o receio de se perder a si mesmo; mas igualmente, a predominância de um Eu não coeso, indiferenciado, que sente uma intensa

adesividade face ao outro, de tal forma que na ausência do outro, o sujeito sente-se na iminência de se destruturar, de se perder emocionalmente.

Esta tendência também se verifica no contexto familiar no apego ao objecto materno, mesmo que a proximidade da mãe possa ser de quando em quando contestada (ambivalência; sentimento de insustentabilidade da dependência afectiva).

A refere o facto da mãe não lidar de forma harmoniosa com o facto dela somente se relacionar de forma mais próxima com amigas e não com rapazes, fazendo uma espécie de chantagem psicológica com ela, controlando a sua vida através de repetidos telefonemas para o telemóvel, da vigilância cerrada face às suas amizades femininas e das insinuações de mal-estar físico sentido pela mãe (alterações cardíacas); aspectos que A sente com alguma perturbação emocional e que favorecem o pedido de ajuda ao psicólogo.

A refere igualmente a relação privilegiada que estabeleceu ao longo do tempo com uma tia materna, a qual acompanhou o seu desenvolvimento ficando aos fins-de-semana na sua casa e com quem A dormia. A tia é descrita como alguém doente física e psicologicamente, solitária (solteira, sem contactos íntimos e sociais significativos e com evidência de esquizofrenia segundo diagnóstico confirmado por um técnico especialista) e com quem a sua mãe choca em termos de ideias. Ainda actualmente, esta tia procura dormir com A, mas esta procura escapar a este modelo instituído e cristalizado no tempo, o que é interpretado de forma desfavorável pela tia, não entendendo as razões do afastamento. Mais uma vez, uma relação de excessivo apego e de equivalência maternal, no entanto, A vai procurando progressivamente superar esta tendência e dependência.

Consideramos que esta necessidade de procura de contacto corporal, quer face à tia, quer face à mãe, se relaciona com o sentimento de falha narcísica, o sentimento de vazio e de incompletude, que motiva naturalmente a necessidade de uma “segunda pele”, da presença funcional de alguém, pois estar só é insustentável e dificilmente pensável.

Parece-nos que a função continente materna não se constituiu ao longo do tempo como eficaz na transformação dos estados emocionais negativos de A, ficando esta num estado de uma certa “intoxicação” pelos elementos β e de não interiorização por si dessa mesma função continente, levando-a à dificuldade de diferenciação do objecto materno, tanto mais que o objecto parental não se apresenta como elemento masculino activo, transformador e expansivo, acentuando a necessidade de proximidade ao materno ou ao equivalente materno.

A refere ter tido uma relação afectiva com um rapaz toxicodependente e colega de turma durante cerca de quatro anos durante a adolescência (14-18 anos), tendo posto fim à mesma

devido às características comportamentais desadequadas dos amigos deste e ao agravamento da situação de toxicodependência.

Encontra-se nos últimos três anos no seio de uma relação com uma rapariga, sendo a namorada algo controladora, aspecto que não lhe agrada particularmente e face ao qual a pouco e pouco é feita uma associação da mesma às características maternas.

A refere o desejo de vir a casar com um sujeito do sexo masculino e ter filhos, embora de momento não se proporcione esta situação, pois segundo esta não conhece ninguém com quem se pudesse propiciar esta situação.

A refere as expectativas dos pais face a ela e o quanto algumas destas não se enquadram nos seus projectos ou se se enquadram (como é o caso do curso de engenharia do ambiente que se encontra a fazer), o quanto lhe é difícil seguir caminho sem que não se sinta confusa, pois parece que o seu querer se mistura com os desejos paternos; isso acontece pela necessidade ávida de afirmação do Eu, de contrariar, de se opor e ditar as suas próprias regras ou limites – emergência de uma identidade do Eu sólida. Este aspecto está patente nas resistências que apresenta face à elaboração do curso, pois embora este vá de encontro aos seus interesses, é igualmente um desejo dos pais. Somente com o decorrer do processo terapêutico e com a progressiva autonomização do Eu de A, esta consegue reinvestir no curso com o sentimento claro de ser um interesse seu, independentemente de mais alguém.

Paralelamente, A consegue afirmar a sua identidade sexual perante o irmão e a mãe, processo que comporta risco, dor, mas aparentemente libertação; entretanto, finda a relação controladora e intrusiva com a parceira de então e parte a seu tempo para uma nova relação, que com o decorrer do tempo se afirma perante o olhar familiar, de amigos e na qual possui um papel mais activo (assim como mais activa se torna na relação com a mãe), passando também a investir no seu futuro como pessoa, integrando-se num emprego que leva com seriedade e investimento e que lhe permite traçar projectos, nos quais se vê cada vez mais ela mesma, ego-sintónica.

Consideramos que os movimentos anteriormente referidos se inserem numa necessidade e capacidade crescentes de A em se diferenciar e se afirmar perante os outros, estruturando-se o seu Eu como mais autónomo e interdependente na relação com o psicólogo a partir da «capacidade de rêverie» desse. Na relação com o psicólogo, A encontra um objecto em quem confiar, que lhe permite pensar sobre si mesma, lhe exige uma distância suficientemente diferenciadora, mas sem deixar de ser uma relação com constância.

Retomando a nova relação de A (esta é com o sujeito B no presente estudo), a mesma passa por várias fases. Inicialmente A depara-se com B algo presa à relação anterior desta, sendo difícil uma sintonia afectiva estável, pois o elemento da relação anterior é constantemente nomeado na

relação, suscitando em **A** ciúmes, insegurança e instabilidade na relação. Somente à medida que **B** vai elaborando o luto pela perda – processo sofrível, sentido como insustentável e demorado pela intensa dependência e “colagem” ao elemento perdido, é que a relação entre **A** e **B** começa a adquirir contornos de alguma vinculação mais estável e de afirmação familiar, embora se denote com o tempo uma menor dependência de **A** face a **B** e um maior centramento no investimento académico e profissional.

Paralelamente, **A** começa a investir de uma forma mais feminina na sua imagem, usando roupas que acentuam mais as suas formas corporais, sapatos de salto alto e penteados cuidados; reduzindo-se as vezes em que surge vestida de forma casual, como acontecia nas sessões iniciais.

- SUJEITO B

B tem 26 anos, é a filha mais velha de uma fratria de dois, sendo o irmão adolescente. Vive com os pais e o irmão. Quando **B** procura apoio psicológico é por via de **A** que o faz, com quem estabelece uma relação de namoro.

Accede à consulta e ao processo avaliativo com alguma indeterminação ou reticências, pondo-se em questão até que ponto existe uma autêntica vontade de pensar e mudar aspectos vivenciais ou a sua presença constitui antes de mais um desejo profundo por parte da namorada em se ligarem e sintonizarem afectivamente.

Apesar de **B** namorar com **A**, encontra-se “presa” nas teias afectivas de uma relação ainda recentemente terminada e não aceita pelo inconformismo e dependência associados, tal como refere “... *éramos pessoas muito diferentes (...), estávamos muito fechadas na relação*” – e esta é a razão nomeada pela qual procura apoio psicológico.

Quando o sujeito refere o facto de estarem “*fechadas na relação*”, este aspecto dá-nos conta da natureza de procura de exclusividade na relação com o outro, não se delineando elementos que permitam a autonomia e elaboração do luto com a naturalidade desejável.

Este aspecto parece claramente interferir na relação actual, entre vários aspectos pela frequente alusão à natureza da relação anterior e características da anterior namorada; o que não favorece a tranquilidade nem a vinculação na actual relação, sentido **A** alguma desvalorização narcísica da sua pessoa.

Foi a anterior parceira de **B** que pôs termo à relação entre ambas, não querendo qualquer reaproximação nem a título de amizade, o que apanhou **B** de surpresa e reavivou fortes sentimentos de abandono e de desvalorização narcísica.

A forma como **B** reage à separação, a forma como elabora o luto da mesma, revela o carácter fantasmagórico da relação baseado na “colagem”, na dependência, na adesividade das superfícies psíquicas.

A escolha sexual do sujeito é algo explícito e aceite pela família nuclear que permite e fomenta a livre circulação e ocupação do espaço familiar por **A**, deixando esta mais tranquila.

B trabalha numa empresa, onde assume uma função de chefia que a leva a fazer turnos e a estar bastante ocupada. Apesar de gostar do que faz, por vezes pesa o facto de fazer trabalho administrativo e o excesso de horas e de mobilidade. A sua ocupação nem sempre permite conciliar ou encaixar os “timings” com **A**, o que por vezes gera algum atrito entre ambas, especialmente alguma zanga por parte de **A**.

Apesar da intensidade da dedicação ao trabalho, **B** consegue escapar à rotina do dia a dia e passar momentos de exclusividade com **A**, em ambientes longe do contexto familiar, onde ambas a pouco e pouco se aproximam afectivamente e o peso das memórias da relação anterior se vão desvanecendo e dando espaço aparentemente a uma maior estabilidade e vinculação.

Quanto às figuras parentais, **B** refere-se ao pai como uma pessoa agressiva, mas ainda assim alguém com quem se identifica, referindo mesmo – “*sociáveis e reservados, temos o mesmo clube e tudo*”. Quanto à figura materna, diz nunca ter sido muito próxima da mesma, embora tente defendê-la quando necessário e nos últimos tempos, com a ruptura da relação com a ex-namorada, tem-se reaproximado da mãe, embora esta seja descrita mais em moldes de presença física do que emocional, pois não se estabelece o diálogo entre ambas, não falam.

Esta reaproximação parece-nos claramente compensatória e regressiva, uma forma de cobrir um vazio sentido como intransponível e cuja figura materna poderá prestar-se a um certo sentimento de preenchimento e equivalente afectivo de cariz narcísico – “*Sinto-me só...*”.

Procurando ir mais longe, a procura de parceiras do sexo feminino parece constituir em certa medida para **B**, uma procura ávida e intensa de uma mãe que nunca se prestou ao papel de tal e portanto, despoletando o desejo “eterno” (repetitivo) de encontrar em figuras femininas a função materna primária e as suas qualidades afectivas continentas, transformadoras e simbólicas; nem sempre tão eficazes em tal preenchimento como **B** desejaria.

- SUJEITO C

C é uma mulher de 36 anos, com uma fisionomia algo “carregada”, o que lhe induz uma aparência pouco feminina, vestindo-se de forma casual e descontraída.

A sua postura ou atitude durante as quatro sessões (processo avaliativo) foi essencialmente pautada pela passividade e um certo “apagamento”.

Vive com a companheira de há doze anos e com o pai, que se encontra doente aquando da primeira sessão – neoplasia, vindo entretanto a falecer após duas semanas. É a filha mais nova de uma fratria de quatro filhos.

C é desenhadora e trabalha numa empresa de construção civil há seis anos, onde não tem sido ultimamente fácil debater-se com o ambiente de discriminação que se criou à volta do facto de ser lésbica e de ter esclerose múltipla remanescente, aspectos que a levam a desejar mudar de empresa. Até à entrada na empresa, C foi atleta em alta competição.

C reconhece que o seu investimento profissional se modificou após lhe ter sido diagnosticada há três anos a doença anteriormente referida (até então recebia prémios pelo seu desempenho), uma vez que esta motiva surtos esporádicos, alturas em que perde a sensibilidade ao nível dos membros, sente “picadas” na cabeça e alterações visuais (tendo mesmo passado por um período de cegueira, o qual foi ultrapassado), entrando de seguida num processo de estabilização; bem como após ter saído da empresa um colega, com quem parece ter estabelecido uma relação privilegiada de empatia e entendimento recíproco.

O sujeito refere ainda que tem sido alvo de uma intensa “angústia corporal” e de “angústia de morte”, concretamente pensa frequentemente na hipótese de poder contrair doenças de maior grau de gravidade como neoplasia, de poder morrer, aspectos que se acentuaram com o surgimento da doença, mas que já pré-existiam e que a levam a recorrer a calmantes para gerir a intensa ansiedade, pouco contida internamente pela própria.

Embora o sujeito recorra a calmantes, este refere “*Eu não me sinto deprimida.*”, revelando a procura de negação das suas necessidades psicológicas, das suas angústias.

Para além da esclerose múltipla, C foi anteriormente operada a um quisto abdominal que pesava cerca de quatro quilogramas (o qual induzia gases e arrotos; motivando a associação a uma gravidez por parte das pessoas em geral) e que nos parece ter motivado e acentuado as suas angústias corporais e de morte.

É de salientar o facto da mãe de C ter tido igualmente uma história de doença na sua vida – rins poliquísticos, tendo a mesma falecido quando C tinha sete anos.

A vida de C tem sido pois marcada por intensas e repetidas angústias associadas à vivência de um corpo atingido, palco de fragilidade e de difícil integração, que de uma forma ou de outra faz emergir o sentimento de perda do objecto, das figuras emocionalmente significativas e de si mesmo.

É de salientar neste caso, a ausência da mãe ao longo da vida de C, embora essa tenha estado presente num período significativo da construção ou estruturação dos alicerces do Eu de C, parece-nos que esta relação, por razões não muito aludidas nas sessões, mas minimamente intuídas por nós, não se constituiu suficientemente operante na sua capacidade continente,

fazendo com que C tenha a necessidade de mais tarde procurar um substituto materno nas escolhas femininas, uma busca de um amor nostálgico (insuficientemente vivido) e de um apego com nuances de quem nunca chegou a apreender uma «separação-individualização» adequada. O fantasma da doença, do sofrimento físico, junta-se assim à vivência de um mundo interno algo difuso, vazio e anacliticamente dependente, acentuando desfavoravelmente o padrão de representações de si, do corpo e, diria mesmo, igualmente do outro (embora de forma camuflada e compensada pela força da «idealização»).

C vem à consulta de psicologia por iniciativa da companheira que a marca, sendo esta uma figura bastante idealizada por C (“A T. tem um curso e eu não.”; “Se calhar sou negativa, a T. é positiva.”) e face à qual estabelece uma relação de uma significativa dependência afectiva (“Não sei ajudar-me..., a T. alerta-me mais para estas coisas.”).

A relação de dependência é de resto perpetuada em diferentes relações ao longo do tempo – com o pai, com a companheira, com o colega de trabalho. Quando estas figuras perdem a sua acção directa, o sujeito como que se perde internamente por falência de um continente psíquico interiorizado e operante no processo simbólico de transformação das angústias em algo criativo, novo e securizante.

Parece-nos que a doença possui um significado particular na história da família de C, concretamente parece constituir uma forma de apelar aos afectos, o que evidencia uma teia familiar construída sobre alicerces movediços, instáveis, de vazio existencial; mas igualmente, uma tendência à psicossomatização, não se revelando operante o trabalho do aparelho conceptual mental na sua capacidade simbólica e reflexiva (prevalecendo o «pensamento operatório», o «pensamento concreto»), o sujeito nos limites do sofrimento psíquico descarrega para o corpo o que a um nível mental se apresenta como impensável e de difícil elaboração e mentalização.

Nos três sujeitos do estudo, a passagem do Rorschach (e igualmente do T.A.T.) reverteu-se numa atitude de procura activa de conhecer melhor, numa fase inicial de um possível processo terapêutico, o padrão de funcionamento mental dos sujeitos (dialéctica do aparelho conceptual mental e sua capacidade de simbolização), os seus mecanismos de defesa específicos, como complemento a um processo mais genérico de acompanhamento ou não (o sujeito A esteve dois anos em apoio psicoterapêutico; o sujeito B investiu apenas em escassas sessões e o sujeito C somente elaborou o processo avaliativo).

8 – PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

8 – PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

8.1 – Introdução

Os procedimentos de análise referem-se aos princípios interpretativos que se irão adoptar na análise das respostas-Rorschach dos casos que escolhemos – A, B e C (e que nos vão viabilizar a concretização das respostas aos objectivos a que nos propusemos neste estudo), os quais passam por três níveis estruturantes que iremos apresentar de forma tanto quanto possível sintética, mas antes de avançarmos, importa efectuar algumas referências às potencialidades do Rorschach.

O Rorschach deve estar comumente inserido numa lógica de procedimentos clínicos plurais (entrevista; acompanhamento psicológico; análise do sujeito..; junção de dados que permitem a apreensão global do funcionamento psíquico do sujeito; sendo que muitas vezes se consegue a partir do mesmo captar subtilidades que doutro modo poderiam esconder-se sob a capa de defesas menos inteligíveis; revela-se ainda, essencial na estimativa do prognóstico evolutivo e portanto, do estabelecimento das coordenadas ou orientações psicoterapêuticas a tomar), sujeitos a abordagens diversas e complementares; devendo-se portanto inserir num projecto terapêutico (embora o objectivo primordial e comum da utilização deste instrumento não seja em si de natureza terapêutica); não sendo ainda assim de desvalorizar e de deslegitimar ética, deontológica e clinicamente a pretensão de analisar os sujeitos de estudo somente à luz das potencialidades ou virtualidade do Rorschach – que é ao que nos propomos especificamente neste estudo.

É comum considerar-se o Rorschach um instrumento de acessibilidade pré-consciente, sendo o inconsciente terreno apenas atingível pelo processo de psicoterapia psicanalítica, no entanto, as potencialidades do instrumento em causa situam-no em estreita ligação com a psicanálise, pois quer nos pressupostos, quer nas metodologias se aproximam.

O Rorschach enuncia-se assim enquanto instrumento promotor de criatividade, uma vez que mobiliza processos regressivos latentes, sendo capaz de os reactualizar através dos esbatimentos das censuras pessoais, da passagem do «representante-representação» (Green, 1990), da representação da coisa à representação da palavra, do processo primário ao processo secundário,

encontrando soluções adaptativas ao real. O Rorschach enuncia-se enquanto promotor da construção de sentidos/significados, operados a partir da simbolização, (re)criação e (re)significação das vivências afectivas latentes e primordiais do sujeito. Por sua vez, estes processos são válidos a partir da ligação, da união, da integração e da transformação entre o interno e o externo, «aqui e agora», passado VS presente VS futuro, continuidade VS descontinuidade... (dinâmica de circularidade), que dão espaço a novas realidades, a novos objectos e a um novo sujeito (recriados, enriquecidos e enriquecedores, dotados de qualidades emocionais e cognitivas significativas e criativas; agora reactivados sob a forma de “O” – transformação em “O” ou realidade última, descarregando os «pontos vulneráveis» - Anzieu e Chabert, 1961/1983) num universo supostamente em plena e contínua expansão (Bion).

Consideramos ainda o Rorschach como um instrumento viável na captação do feminino pelo seu enquadramento relacional e pela espontaneidade expressiva que sugere, uma vez que o sujeito “... *encontra um lugar de expressão onde a escuta do outro e o pretexto da prova lhe permitem falar do que ele é, vive e sente sem verdadeiramente o saber.*” (Chabert, Catherine (2003); «O Rorschach na clínica do adulto», Lisboa: Climepsi Editores, Manuais Universitários 6, Série Metodologias, pp. 30), sendo portanto e simultaneamente um instrumento e método que pelo seu carácter de apelo ao inconsciente/latente nos permite aceder ao que de mais autêntico e verdadeiro existe no sujeito.

Procuraremos ir além da lógica puramente psicométrica ou da lógica da psicopatologia estrutural, com o fim de alcançar aspectos dinâmicos que seriam dificilmente investigados por este tipo de abordagens. Assim, o trabalho metodológico consiste em adaptar a exploração do instrumento com o intuito deste poder ascender a outros patamares ou dimensões do psiquismo, tomando aspectos técnicos que o possam viabilizar.

Podemos situar o presente estudo como um estudo conceptual, pois o conhecimento/compreensão do sujeito por nós é elaborado a partir de modelos e de teorias que nos conduzem numa dada direcionalidade.

Assim, o Rorschach constitui-se como um instrumento particularmente privilegiado no seio da avaliação psicológica, mas igualmente como um método ao qual surgem associados modelos teóricos adequadamente estruturados e reformulados de forma a atingirmos os objectivos a que nos propomos.

A partir dos aspectos anteriormente apresentados, torna-se claro o facto deste estudo situar-se como modelo de estudo de protocolo e de narrativa (revelador das potencialidades e virtualidades metodológicas do Rorschach), utilizando a interpretação como base de compreensão dos dados fornecidos pelo sujeito, da sua narrativa pessoal. Importa desvendar ou

descodificar o que se encontra para além da aparência da resposta, o carácter latente da resposta e não tanto o seu carácter manifesto (somente na medida em que este contribui para a compreensão do primeiro), promovendo-se, desse modo, um modelo hermenêutico de compreensão dos dados, uma espécie de exegese.

É nosso propósito concreto aceder ao simbolismo do feminino em mulheres lésbicas através das condutas psíquicas inerentes aos diferentes factores Rorschach, tendo por base os princípios interpretativos de análise de Nina Raush de Traubenberg e de Chabert (eixos – a construção da imagem de si: imagem corporal, identidade e investimento da imagem de si e reconhecimento da diferença dos sexos; a representação das relações: imagem materna e relações de objecto de amor e ódio) e os modelos de identificação; as concepções relativamente ao aparelho mental de Freud, a teoria das transformações e a teoria do pensamento de Bion, a concepção do espaço Rorschach enquanto espaço virtual preconizado por Marques; condutas que nos poderão dar conta da natureza e da qualidade das «identificações primárias» do sujeito e da sua influência na estruturação do feminino e do materno, da estruturação da sexualidade e da natureza da relação com o outro («identificações secundárias»). O Rorschach permite ainda, o acesso à imagem corporal, que por sua vez, nos dá conta da natureza dos envelopes psíquicos ou fronteiras do Ego. Permite igualmente, analisar o grau de adaptabilidade à realidade na perspectiva psicanalítica de Hartmann (de maior ou menor rigidez/flexibilidade), bem como *a capacidade criadora de mobilizar mecanismos regressivos no sentido de se reinventar, alcançando novas soluções ou alternativas face a situações problemáticas.*]

No entanto, iremos tomar posse sempre que fizer sentido das formulações exploradas na primeira parte da tese acerca do feminino enquanto processo fruto do trabalho do negativo (Freud e seguidores), assim como das teorizações que o concebem enquanto estrutura (escola francesa, donde se destaca o pensamento Kleiniano e a teoria da relação de objecto), como ainda, das teorias que se posicionam sobre a natureza homossexual de escolha de objecto (Colette Chiland; Joyce McDougall).

No que concerne ao modelo psicanalítico da génese e do desenvolvimento psíquico, que reenvia entre vários aspectos, para os pressupostos metapsicológicos freudianos (primeira e segunda tópicos; perspectiva económica e tópica) remete para dimensões fundamentais no conhecimento da estruturação e do funcionamento do sujeito na sua globalidade – natureza da vinculação e do processo de identificação primárias (e sua influência sobre o funcionamento das instâncias – Ego, superego e ideal do ego) [construção da identidade do “Eu”]; estruturação da bissexualidade e da sexualidade (processo de identificação secundária => processo de identidade de género sexual - Stoller; identificação aos modelos sexuais; estruturação da identidade e da complementaridade feminino-masculino); relação entre as representações e os afectos; dinâmica

intersistémica; natureza das pulsões ligadas aos conflitos, angústias predominantes («mecanismos de defesa»/«resiliência» e resistências) e formações de compromisso subjacentes; posicionamento pessoal relativamente à natureza dos processos de funcionamento (primário VS secundário); natureza do contacto com a realidade (princípio do prazer VS princípio do realidade)...

Passemos então aos princípios interpretativos que se irão adoptar na análise das respostas-Rorschach ...

8.2 – O primeiro nível ou método de análise

O primeiro nível ou método de análise deriva dos pontos de vista conceptuais de Chabert e de Nina Raush de Traubenberg e reenvia para os seguintes momentos – cotação, psicograma, traços salientes:

A. Análise que recai sobre o *material percebido* pelo sujeito – o percepto, o qual pode ser de *natureza estrutural*, baseando-se na construção formal dos cartões [o carácter da configuração do cartão – unitário/inteiro/maciço VS bilateral; aberto VS fechado VS misto; simetria ..], evocando uma análise cognitiva, intelectual, racional; ou de *natureza sensorial* [cromática], evidenciando o factor cor apelante à manifestação de afectos ou emoções) – que pressupõe a **cotação do protocolo**, reagrupamento dos dados sob a forma do **Psicograma** e finalmente o levantar de hipóteses pertinentes.

A integração ou associação da organização estrutural e da organização sensorial permite-nos respectivamente aceder à relação entre as representações e os afectos.

Quanto à **cotação** esta formula-se em função de três factores – modos de apreensão, determinantes e conteúdos, os quais são analisados não apenas *per si* (psicometricamente), mas igualmente numa lógica de associação de sentidos e significados latentes, subjectivos e remetentes para a dinâmica do funcionamento interno do sujeito.

Assim, vejamos para que simbolismos internos remete cada factor de cotação:

- **Modos de apreensão** (relaciona-se com a «localização» ou como define Rausch de Traubenberg – 1970-1990, com «*o quadro perceptivo no qual se molda o conteúdo da resposta*»); remetendo para os seguintes tipos de resposta – **G** – respostas globais [Tipos - **G simples** - **G**; **G vagos** - **G F±**; **G impressionistas** – **G FE**, **G FC'**, **G FC**; **G elaborados, combinados ou secundários** – elaboração pessoal da resposta]; **D** – respostas grande detalhe; **Dbl** – respostas com localização nos espaços brancos, quer internos, quer externos à mancha; **Dd** – respostas relativas a recortes menos habituais, mais estranhos – «**arbitrários**» ou menores – «**pequenos**» **Dd**; e **Do** – respostas enquanto detalhes «oligofrénicos», que remetem para conteúdos assumidos de forma isolada, quando estes claramente fazem parte de um todo) → simbolicamente estão relacionados à natureza do continente materno, sendo reveladores da natureza dos mecanismos de defesa face ao mundo interno VS mundo externo, da natureza dos limites ou fronteiras entre estes dois espaços (conceito de envelope «moi-peu», segundo Anzieu - 1974-81), da capacidade do sujeito investir os mesmos enquanto superfície de comunicação e de trocas.

- **Determinantes** (remete para o elemento que influencia a resposta – **Forma**/percepção, **Cinestesia**/projectão ou **Cor**/vivência) → na sua globalidade dão conta dos princípios de funcionamento mental, da sua relação/contrabalançar e prevalência – «princípio do prazer» (o prazer e o desejo ditam as acções) VS «princípio da realidade» (capacidade de tolerar a frustração ou constrangimentos próprios da vivência humana relacional e social).

* **Determinantes formais** (Tipos de resposta: **F+** - «resposta formal de boa qualidade»; **F±** - «resposta formal de conteúdos pouco definidos ou oscilações ou dúvidas entre duas ou mais imagens»; **F-** - «resposta formal de má qualidade») → testa o grau de eficácia do «princípio da realidade». Quanto maior for a conformidade aos perceptos até a um nível de razoabilidade, maior será o grau de integração emocional/afectiva aos constrangimentos da realidade; pelo contrário, se os perceptos se distanciam da realidade e espelham massivamente o mundo interno projectivo do sujeito, entramos na lógica da «compulsão à repetição» patológica.

* **Determinantes cinestésicos** (indica sensibilidade ao movimento, ao trânsito dos conteúdos, inculir vida aos mesmos. Tipos de resposta: **K** – seres humanos inteiros em movimento; **kp** – pequenas cinestésias propriamente ditas, que remete para o movimento de imagens humanas parciais ou percepção de pequenos movimentos em imagens humanas inteiras; **kob** – objectos em movimento [a fonte de movimento está no interior do objecto]; **kan** pequenas cinestésias incomplectas – animais em movimento) → expressam as funções do ego, na sua relação com o Id e as pulsões. Dão pois conta do papel mediador entre as exigências do pólo pulsional e as exigências externas, da realidade.

* **Determinantes sensoriais** (este tipo de determinante é classificado em duas categorias, consoante o impacto do determinante formal e do determinante cor ou da sua interjunção; Tipos de resposta: **C** – peso do factor cor; conjugação do formal e do afectivo com diferentes modulações ou peso - **FC**; **CF**; «respostas esbatimento» – **E**; **FE**; **EF**; «respostas Clob» - reactividade disfórica ao contraste claro/escuro – **Clob**; **FClob**; **ClobF**) → remetem para a natureza do encaixe e representação afectiva das excitações internas e externas, do pólo pulsional e do seu “destino”.

- **Conteúdos** (reenviam para a natureza do que é evocado; Tipos de resposta: **H** – conteúdo humano inteiro e real; **Hd** – figuras humanas parciais; **(H)** – figuras/personagens irreais, míticas ou ficcionais; **(Hd)** – partes de seres ficcionais; **A** – conteúdo animal inteiro e real; **Ad** – partes do corpo de um animal real; **(A)** – animais imaginários ou mitológicos inteiros; **(Ad)** – partes de animais imaginários; outros conteúdos – **Sang.** = sangue; **Arq.** = arquitectura; **Pl** = plantas; **Obj.** = objecto; **Nat.** = natureza; **Simb.** = conteúdos simbólicos, etc...) → expressam a natureza e qualidade do continente ligado ao conteúdo latente, o qual

poderá viabilizar ou não a funcionalidade do pré-consciente (caesura; espaço de transição e dualismo/pares antitéticos), necessária à emergência e configuração de representações inconscientes, da trama fantasmática, à reatualização do passado. A operacionalidade deste processo poderá ser comparada em parte à elaboração do trabalho do sonho, ao mecanismo de deslocamento, à simbolização... - todos processos de crescimento, de conhecimento e de aprendizagem pessoal.

Importa, antes de mais, encontrar o ponto de articulação/fusão perceptivo-projectivo ou objectivo-subjectivo das representações.

Com a evolução histórica do estudo do Rorschach foi pois possível alcançar aquilo que habitual e consensualmente se denomina de «simbólica dos cartões» (“ressonância universal”); já não importa apenas contextualizar o instrumento somente numa perspectiva realista, racional, intelectual ou social/pessoalmente adaptativa, mas fundamentalmente numa dimensão que transcende tudo isto, numa dimensão de descodificação das reacções do sujeito ao estímulo, de descodificação do sistema de palavras significantes («palavras-imagem»), que são expressão do que impera afectiva e fantasmaticamente no interior do sujeito, sejam angústias, sejam desejos, prazeres..

A retirada da simbólica do Rorschach em cada sujeito requer uma certa “sensibilidade” e seriedade por parte do técnico, com o risco de ser espontaneamente desviado para análises ou interpretações demasiado lineares, arbitrárias ou redutoras do sujeito.

Há que verificar como se processa o encontro do sujeito com o material, como se processa a ligação particular entre o conteúdo latente do estímulo e o conteúdo latente da resposta.

Este processo tem sido ao longo do tempo explorado por vários autores – Françoise Minkowska, Myriam Orr, Roy Schafer e Phillips e Smith (anos 50 do séc. XX), Mireille Monod e Didier Anzieu (anos 60; o último procurou com sucesso reestruturar a significação simbólica dos cartões), Robert S. Cully e Nina Rausch de Traubenberg (desde os anos 70) e Chabert (desde os anos 80).

Destes autores, importa referir um ponto levantado por D. Anzieu e Nina Rausch de Traubenberg de particular importância no contexto do presente trabalho - a aparente descontinuidade entre as respostas, a qual reflecte as oscilações regrediente-progredientes (PS↔D) naturais a um espírito criativo e com capacidade associativa (que reage assim tanto face ao instrumento em causa como nas vicissitudes do seu desenvolvimento psíquico e face às diversas situações da vida), igualmente uma reacção natural a um instrumento possuidor de estimulações específicas e diversificadas.

Entremos então no **segundo momento** da construção dos elementos de análise específicos – “leitura” dos protocolos:

B. Este momento reenvia para a significação ou ressonância simbólica pessoal de cada cartão. Cada cartão induz ou reactiva no sujeito um ou múltiplos sentidos/significados, bem como experiências existenciais, os quais o técnico irá procurar decodificar.

Os cartões irão ser analisados numa dialéctica intra e intercartão, no sentido de uma lógica de enquadramento e de intersecção de todo o material como potencial revelador de «O» do sujeito.

A análise qualitativa permite-nos assim aceder a vários domínios/construtos do psiquismo do sujeito, concretamente aos seguintes:

B.1. A construção da imagem de si (representação de si), que comporta os seguintes sub-pontos:

B.1.1 - A imagem do corpo;

B.1.2 - A identidade e o investimento da imagem de si;

B.1.3 - Reconhecimento da diferença dos sexos e os modelos de identificação.

—

B.1.1 - A imagem do corpo

Este aspecto é essencialmente evocado através da construção simétrica dos cartões a partir de um eixo central, mediano (de carácter compacto, unitário, maciço), à semelhança da configuração e representação do esquema corporal humano. Assim, os cartões que se prestam a esta evocação são essencialmente os de natureza compacta e unitária – cartão I, cartão IV, cartão V e o cartão VI; não podendo no entanto, desprezar-se os restantes na possibilidade de induzir angústias de variada natureza (inclusive de desintegração) e a partir daí dar-nos conta da capacidade de eficácia de unificação do sujeito.

Vejamus como cada um desses cartões nos poderão dar conta da representação do sujeito face ao corpo – corpo físico VS corpo psíquico (o primeiro inevitavelmente expressão do segundo).

No **cartão I** (cartão cinzento-escuro, simultaneamente de carácter fechado e aberto, de duplo registo), a *configuração corporal* a partir de um eixo central relativamente manifesto é óbvia, havendo todo um conjunto de aspectos cuja natureza de apreensão nos irão dar conta da qualidade deste corpo (o qual traduz, por sua vez, a identidade que lhe está associada) - as lacunas intermaculares, o espaço superior aberto e os contornos recortados; a sensibilidade aos mesmos poderá denotar a fragilidade da auto-imagem corporal (suscitando imagens parciais e

de incompletude). Contrariamente, a organização das respostas numa figuração tripartida, relacional ou banal, dá-nos conta duma imagem corporal mais evoluída, sólida e íntegra.

Por ser o primeiro cartão a ser mostrado, é natural que este tenha um impacto emocional relevante no sujeito, favoreça uma nuance psíquica algo disfórica, no sentido do desconforto emocional, da dispersão, da desorganização, resta ver como o sujeito se posiciona face à mesma e consegue evocar os limites deste corpo ou identidade – de teor mais narcísico ou objectal, mais na lógica da parcialização ou da totalização, de maior ou menor sexuação.

No **cartão IV** (cinzento-escuro – aspecto que poderá induzir reacções de intensa angústia; fechado; de tonalidade emocional tendencialmente disfórica), a representação corporal positiva ou adequada (e concomitante identidade psíquica) é-nos dada a partir da evocação do *carácter de potência* associado (poder; força; virilidade; actividade; autoridade), bem delimitado e de carácter humano ou antropomórfico. Importa ainda verificar a natureza da identificação operada pelo indivíduo em termos de passividade/submissão ou actividade/autoridade; quando esta é de natureza tendencialmente passiva (reforçada pelos esbatimentos da mancha) reenvia-nos para a possibilidade de evasão de fantasmas destrutivos arcaicos associados a uma imago materna poderosíssima e de natureza pré-genital.

O **cartão V** (o mais unitário, celular e compacto de todos, pela cor cinzento-escuro e formas associadas) é por excelência o *cartão da identidade psíquica/conceito de si/unidade do Ego e da representação de si* (problemática da identidade, do *Self*; mais do que um cartão ligado à imagem ou esquema corporal *per si*, segundo Chabert, 2003; se bem que para Nina Raush de Traubenberg, este cartão tanto poderá reenviar para o sentimento de integridade psíquica como somática, 1970/1990); de tal modo suscita estas dimensões no sujeito que paralelamente o faz criar factores protectores/defensivos/resistências face às ameaças desintegrativas e à fragilidade narcísica (principalmente em sujeitos com problemática psicopatológica) - desintegração, fragmentação, não unificação, tomando recurso às banalidades como forma de contenção e de integridade corporal. Quando as defesas não se revertem operativas, então é o espaço para manifestações psíquicas cruas, maciças, de vazio representacional (do «nada»), de irreconhecimento da realidade...

No **cartão VI** (cinzento-escuro; suscitando naturalmente mais reacções negativas do que positivas, à semelhança do que ocorre no cartão IV), as projecções não tendem a dar conta de forma directa da *imagem corporal* (esta se surgir é sob a forma do duplo), o que se atribui ao forte *carácter sexual* deste cartão.

Embora sejam os cartões compactos que melhor se prestam a projecções face ao invólucro corporal, urge aludir aos bilaterais e à sua capacidade de suscitar associações dentro desta temática.

Nos **cartões bilaterais**, dá-se de uma forma geral uma *tentativa de apreensão globalizante dos perceptos* (embora associada a um carácter formal de frustração qualitativa, pautado por percepções arbitrárias), que nada mais constitui do que uma procura de organização e unificação diante um material vivido como destabilizador, pela dispersão e fragmentação suscitadas, tanto mais destabilizador quanto maior for a intensidade pulsional associada aos cartões (cartões II e III).

O **cartão II** (de cores negro-branco-vermelho e de carácter aberto) tende a ser captado como *algo disperso*, cuja lacuna central reenvia para o *sentimento de falha corporal* (sentimento de corpo atingido; reforçado pela preponderância das manchas vermelhas), aspectos que não colaboram na eficácia da unificação do continente, invólucro ou envelope, logo igualmente, na viabilidade da construção e diferenciação do dentro VS fora, de espaços antitéticos.

O **cartão III** (marcado pelas cores negro-branco-vermelho, remetendo para o mesmo tipo de componentes/problemáticas referidas anteriormente no cartão II, embora aqui estejamos perante uma distribuição espacial mais aberta/dispersa e com conteúdos com formas mais “evidentes”, que no seu conjunto, tende ao despoletar de reacções emocionais geralmente “positivas”) costuma dar espaço a *respostas banais associadas a perfis humanos, identificados sexualmente e postos em relação*, evidenciado portanto, uma imagem corporal uma, de qualidade mais elaborada, evoluída. Quando esta imagem é atingida são essencialmente angústias de desintegração que transparecem.

O **cartão VII** possui uma organização espacial muito específica – carácter disperso, aberto e de aparência oca, possui um corpo cinzento-claro suavizado, distribuindo-se no todo por três áreas bem delimitadas perceptivamente, revelando-se ainda o cartão sob um vasto fundo branco intermédio, o qual tanto pode tender a *atenuar o contraste face às restantes cores*, como *delimitar o espaço de si mesmo face à restante mancha*, ou ainda, e num sentido dispare, poder *reavivar sentimentos de vazio, de falta ou falha interna*; esta última característica na sua interpenetração com a mancha pode naturalmente dificultar a diferenciação entre os limites do interno e do externo.

Por último, os **cartões pastel** tendem a reenviar para uma *representação corporal em cenários precoces, regressivos, pré-verbais e pré-genitais*, pela natureza dos tons suaves, subtis. Resta verificar e compreender como o sujeito se organiza neste movimento de retorno aos primórdios.

Assim, no **cartão VII** é comum surgir em sujeitos psicóticos respostas anatómicas fragmentárias. No **cartão VIII** surge um corpo que é solicitado a se posicionar face a um *continente materno receptivo, passivo*, o que poderá reavivar a solidez corporal ou pelo contrário, a fragmentação, conforme a natureza da relação primária. O **cartão IX** evoca a *transparência do envelope interno*, deixando a nu os conteúdos corporais, num esbatimento de tons e formas que dificulta a delimitação entre espaços opostos e diferenciadores – espaços interno VS externo. Por fim, o **cartão X** (último cartão, logo denominado «cartão de

transferência») é caracterizado por uma *intensa dispersão* (a qual poderá potenciar ou bloquear o processo associativo), que apela aos recursos de unificação e síntese do sujeito para a constituição de uma imagem corporal sólida, evoluída. Quando o sujeito não encontra esses mecanismos, pode encaminhar-se para a angústia de fragmentação, onde impera a confusão e o caos, dimensões fortemente invasoras e intrusivas no seu espaço interno.

B.1.2 - A identidade e o investimento da imagem de si

Antes de mais, a construção do sentimento de identidade implica o reconhecimento da diferenciação entre o “Eu” e o objecto, a eficácia dos processos de «separação-indivuação» (na acepção de Margareth Mahler), a confluência dos investimentos narcísicos e objectais, e igualmente, o sentimento profundo e harmonioso de pertença ao reino humano (bem delimitado dos reinos de outras naturezas e sem quaisquer esboços ou tentativas de hibridismo); todo um conjunto de aspectos que se situam ao nível das identificações primárias. Segundo Nina Rausch de Traubenberg e Marie-France Boizoi, citadas por Chabert (2003), *é a construção progressiva de uma imagem corporal coesa que dá conta simultaneamente do erigir de uma identidade psíquica também ela evoluída.*

Em adultos é possível assinalar a propensão de alguns cartões em fazer emergir registos de dificuldade ou falência no processo de construção da identidade, cuja sensibilidade do sujeito se expressa de múltiplas formas e graus de intensidade, mas basicamente numa linha de representações narcísicas, especulares e de duplicação (presentes quer em cartões unitários/compactos, cujo eixo mediano supunha *à priori* uma projecção unitária da imagem de si, uma coordenada de coesão e de estabilidade, mas que ao invés pode suscitar a representação de uma separação entre entidades iguais, simétricas, levada muitas vezes até à exaustão do mecanismo da clivagem [sendo o **cartão V** o mais emblemático no suscitar da confusão psíquica, da despersonalização híbrida ou de registos especulares, precisamente porque este constitui por excelência o cartão da identidade e do narcisismo]; quer em cartões bilaterais, já por si naturalmente indutores de duplicidade saudável e de cariz objectal/relacional, e que podem suscitar a expressão da duplicação psíquica de teor patológico, marcada pelo mecanismo de identificação projectiva maciça; ou ainda, em cartões pastel, marcadamente regressivos, que fazem vir ao de cima as falhas narcísicas, a dor depressiva da falta/insatisfação e a insuficiência ou falência do continente objectal).

A expressão deste registo através do Rorschach pode surgir sob o rosto depressivo, onde o sentimento da falha é o mais evidente, ou sob um rosto maníaco, onnipotente, ou mesmo exibicionista, numa tentativa de compensação narcísica (“pirueta narcísica/maníaca”, muitas vezes falente).

B.1.3 - Reconhecimento da diferença dos sexos e os modelos de identificação

Entramos nos meandros das identificações secundárias, portanto mais evoluídas, que se relacionam com *o impacto dos modelos de identificação sexual feminino-masculino e a capacidade de diferenciação sexual*, que exigem naturalmente e *à priori* a consolidação da construção da identidade do “Eu”. Estes aspectos são testados a partir dos cartões de **simbólica marcadamente sexual**, embora não nos possamos esquecer que de um modo genérico todos os cartões são viáveis nas associações desse carácter; esses permite-nos por sua vez, compreender as vicissitudes, dinâmica e natureza das identificações, se pré-genitais ou genitais.

Podem-se destacar os cartões de **simbólica feminina** (cartões II, VII e IX) – que apelam pela sua vacuidade central intramacular ao feminino e ao materno (o **cartão II** é formalmente evocador da bissexualidade e fecundo na diversidade de associações a experiências femininas – processo de crescimento, menstruação, fantasmas do acto sexual, oco materno.; o **cartão IX** (cartão com carácter mais disperso/aberto e colorido de todos) reenvia por via da regressão ao materno pré-genital, associado aos fantasmas da gravidez e do nascimento, que podem ser vividos de forma mais positiva/organizada/estruturante ou de forma mais negativa/desorganizada/destruturante pelo sujeito); os cartões de **simbólica masculina** (IV e VI) – que remetem para a polaridade masculino/paterno [o **cartão IV** evidencia-se na sua solidez essencialmente pelo seu carácter fálico, de potência activa, no entanto, a coexistência de pormenores do sexo oposto, como é o caso da sugestão vaginal superior central, pode prestar-se à projecção do feminino; se esta projecção for imbuída em passividade, então é espaço para ser reavivada uma imago materna pré-genital, onnipotente, destrutiva, que induz um corpo sentido como atingido nas suas qualidades, portanto, um corpo danificado, esquartejado; o **cartão VI** possui igualmente pormenores femininos, não sendo no entanto estes os que predominam; possui um simbolismo sexual marcadamente manifesto, que embora seja de carácter bissexuado, a dimensão masculina é a que tende a prevalecer nas respostas, bem como a construção da temática simbólica ou real associada à potência, à actividade. Os conteúdos evocados neste cartão irão dar-nos conta do posicionamento dos sujeitos do estudo face à sua feminilidade, pois é essencialmente perante o diferente que é suscitada a emergência da identidade sexual e psíquica global], e por fim, os **cartões mistos** (única e predominantemente o III) – de bipolaridade sexual ou de natureza bissexuada, proporcionando-se a identificações sexuais que podem oscilar desde a solidez, em que se captam as silhuetas de corpos de sexos opostos, postos em movimento, que é como quem diz em relação, pretensamente complementar, à ausência desta, marcada pela dificuldade nas escolhas identificatórias, por oscilações ou pela neutralidade. Alguns cartões parecem prestar-se particularmente à expressão da «angústia de castração» (II, IV, VI), que tanto pode surgir bem delimitada ou sob a força da camuflagem do evitamento.

Esta angústia é própria da fase edipiana e surge como reactivação do conflito entre o desejo e a interdição do mesmo, sendo de particular interesse verificar como o sujeito se posiciona neste conflito (regressiva ou progressivamente; pré-edipiana ou edipianamente).

Existem dois **cartões** – **III e VII**, que pelas suas naturezas respectivamente de representação da polaridade feminino/masculino (representação do sujeito face ao outro numa modalidade de relação mais convergente ou divergente, segundo designações de Nina Rausch de Traubenberg, 1970/90) e associação ao materno/feminino (esta associação mobiliza-se atendendo à modalidade de relacionamento precoce do sujeito com a sua própria mãe), nos dão conta de forma particular face à identificação do sujeito aos modelos sexuais, à escolha do seu papel sexual e ao seu posicionamento activo/passivo.

B.2. As representações das relações:

B.2.1 - A imagem materna

B.2.2 - As relações de objecto de amor e ódio

B.2.1 - A imagem materna

Antes de mais, importa salientar o facto das respostas face à imagem do corpo anteriormente exploradas se oferecerem como bons indicadores e articuladores face à imagem materna.

A imago materna está bem sugerida no **cartão I** por diversas razões, uma delas tem a ver com o facto deste possuir uma configuração de abertura superior central, a qual reenvia para o corpo feminino, abertura esta que parece sustentar ou conter a restante mancha; outra razão prende-se com o facto deste ser o primeiro cartão a ser revelado ao sujeito e daí sugerir uma *regressão* que situa o sujeito nos *primórdios da relação com o objecto primordial* (a existência de uma relação inicial estabelecida entre o técnico e o sujeito mediada pelo Rorschach também nos parece sugerir e acentuar a regressão aludida).

Neste cartão (igualmente no **cartão IV e V**), é comum surgir uma *imagem materna de natureza pré-genital, ora de cariz mais fálica e onnipotente* (suscitado pela dimensão compacta do cartão), igualmente com *carácter ameaçador ou mesmo persecutório*; ou, numa versão mais tranquila, poderão surgir *representações maternas e femininas mais elaboradas*.

O **cartão VII** é considerado especificamente o *cartão do materno* (sugerido pela configuração particular de estruturação aberta, oca, esbatimento das matizes e confluência da figura-fundo), constituindo-se enquanto mediador particular das relações de objecto precoces, muito privilegiadamente da relação com o objecto primário.

A qualidade das respostas a este cartão costuma ser diversificada e não incidente em nenhuma modalidade em particular; podendo tanto dar conta de registos evoluídos como de registos da ordem da regressão com temática anal ou mesmo oral, registos pueris de excessiva adaptabilidade à realidade, ou mesmo, de registos mais primitivos, dando conta da relação simbiótica, fusional.

O **cartão IX** foi recentemente considerado por Nina Rausch de Traubenberg como um *cartão materno* (simbolismo materno pré-gnital), uma vez que as suas características assim o suscitam – cartão de configuração estrutural e cromática heterogéneas, com limites pouco definidos (marcada ambiguidade que reenvia o sujeito para uma relação constante entre elementos internos VS elementos externos), dotado de uma abertura superior central branca, sugerindo tal como ocorre no **cartão VII**, uma *regressão de cariz “uterina”* (considerado por isso mesmo o cartão “uterino”), reenviando para temáticas de gestação, de nascimento, de crescimento/desenvolvimento, do foro alimentar, ligadas à água (natureza amniótica) ..

Este cartão poderá ainda, dar conta do tipo de vivências das relações com o meio relacional, em que tanto poderão surgir imagens de vida, como fantasmas destrutivos, de “peso” persecutório ou paranóico face ao objecto materno.

B.2.2 -As relações de objecto de amor e ódio

O teste Rorschach permite-nos aceder aos arranjos das modalidades relacionais, aos conflitos em que estes estão imbuídos, os quais derivam quer do historial do sujeito, quer da natureza e da dinâmica do seu funcionamento psíquico. Existem um conjunto de cartões que são mais susceptíveis de dar conta das modalidades relacionais – os de natureza bilateral (cartões: **II; III e VII**), os vermelhos (cartões: **II e III**) e os pastel (cartões: **VIII; IX e X**).

Assim, os **cartões bilaterais** tendem a suscitar uma *organização em duplicação*, em espelhagem, factor que mobiliza a *representação do sujeito face ao objecto* (e relações num sentido genérico; expressa comumente em imagens humanas ou animais face a face), como se posiciona o sujeito face ao mesmo - numa lógica objectal, de complementaridade, sexuação (libidinal), ou numa lógica narcísica, agressiva..

Os **cartões vermelhos**, em que o elemento cor é o principal solicitador das imagens e das representações mais primitivas, *tende a reacender as emoções, os afectos e as pulsões*, podendo dar conta de investimentos mais evoluídos, de natureza libidinal ou de investimentos mais primitivos, de natureza mais agressiva; os quais constituem-se como expressão da interiorização que o sujeito faz do «casal parental combinado» (concepção de Klein) e da forma como o sujeito lida com a “problemática edipiana”.

O **cartão II** costuma prestar-se a *manifestações mais pulsionais e agressivas* (de carácter menos evoluído, de nível primário, em que a dispersão e a explosão marcam o pano de fundo; ou de carácter mais evoluído, de nível secundário, em que a competição e a luta são o mote); enquanto que o **cartão III**, pelas suas características marcadamente manifestas (seres humanos) favorece uma *maior contenção* dessas dimensões (ajudado muitas vezes pelo deslocamento das pulsões sobre a percepção de figuras animais ou pelo circunscrever do elemento cor vermelha).

O **cartão VII** costuma favorecer a projecção de relações femininas, as quais estão directamente enquadradas no seio das projecções face à imago materna.

Os **cartões pastel** são antes de mais fecundos no fomentar de movimentos regressivos ou na emergência das emoções e dos afectos mais primitivos (anteriores mesmo à linguagem verbal; contemporâneos das vivências narcísicas, da sensorialidade inicial, das vivências de prazer VS frustração) [por via provável de constituírem os últimos cartões a serem apresentados e da menor resistência dos mecanismos de defesa do sujeito] e na averiguação do tipo de relação e das formas de estar do sujeito com o meio, a sua sensibilidade ao exterior, ao real (por via do elemento perceptivo da cor, o qual reenvia para a sensibilidade face ao elemento sensorial externo, o qual pode ser expresso numa lógica de integração ou impressionabilidade; há a frisar o facto da cor surgir de forma relativamente suave e contínua relativamente ao contexto estrutural global da mancha e não de forma invasiva e desorganizativa); no entanto, não se presta à emergência de nenhuma modalidade relacional em particular, mas a uma imensa variabilidade da mesma.

O **cartão VIII**, sendo o primeiro cartão pastel, de natureza policromática, introduz uma mudança face aos cartões anteriores, pelo que há que atender como o sujeito reage a este dado “novo”, a esta mudança (mesmo que a introdução da cor seja contínua e subtil). Este cartão costuma dar conta do tipo de investimento do meio (do objecto primordial) sobre o sujeito, assim como, dos «contactos com o mundo exterior» empreendidos pelo sujeito. É pois, um cartão com forte apelo à comunicação, à troca segundo Nina Rausch de Traubenberg (1970/90).

O **cartão IX** reenvia para o *campo do materno* e o **cartão X** constitui um bom auxiliar na captação dos *processos de separação e individuação* (o facto de constituir o último cartão poderá sugerir alívio ou receio da separação/«angústia de separação», dor, sofrimento, abandono ..., separação igualmente do técnico que reaviva os padrões de separação face à figura materna).

Importa por último salientar, o significado associado ao **elemento cor**, tanto numa perspectiva pessoal como sócio-cultural.

Os cartões onde perdura os tons cinzento-escuros ou contrastes negro-branco poderão dar *espaço a sentimentos de angústia e inquietação psíquicas intensas*, o que poderá evidenciar não

só uma sensibilidade pessoal a estas tonalidades como igualmente a resposta a simbolismos colectivos e normativos interiorizados pelo sujeito ao longo da sua educação, uma vez que na cultura ocidental estas cores ou tonalidades estão associadas ao luto, à morte, à depressão, ao vazio existencial, à fobia infantil ao escuro, etc..

O anteriormente referenciado torna-se igualmente regra no que diz respeito às reacções face ao vermelho, o qual costuma reactivar o pólo pulsional e ser conotado socialmente com a agressividade, a violência, a honra, o sangue, o prazer, o sexo e a sexualidade.

Nesta medida, numa análise “séria” dos elementos Rorschach teremos necessariamente de ter em conta a integração social e cultural do sujeito.

*

Estes dois tipos de análise permitirão estabelecer associações e ligações integrativas conducentes a uma compreensão aprofundada do «discurso-Rorschach» ou do discurso do sujeito, pois tanto têm em conta o instrumento enquanto objecto externo, real, como enquanto objecto simbólico, significativo em termos fantasmáticos, à luz das vivências internas do sujeito, como este capta o que sente e vive.

8.3 – O segundo nível ou método de análise

O segundo nível ou método de análise tem por base os fundamentos de Emília Marques e de Bion, em que os processos de comunicação, de interpretação, de simbolização e do pensar são tidos em conta na sua associação à construção dos espaços do materno-feminino, enquanto relação «continente-conteúdo» - ♀♂, promotoras da heterossexualidade ou homossexualidade.

Assim, a resposta-Rorschach é tida como o resultado de um processo de transformação, em que o passado foi evocado regressivamente e fez emergir algo recriado, resignificado, (re)simbolizado (Rorschach enquanto espaço virtual na acepção de Marques).

8.4 - O terceiro nível ou método de análise

Este último nível relaciona-se com o cruzamento das teorizações do materno e do feminino (concepções teóricas e a expressão das mesmas no Rorschach) com a homossexualidade, ponto basilar do presente trabalho.

8.4.1 - A Expressão do Simbolismo do Feminino em Mulheres Lésbicas no Rorschach a partir do Construto «Materno-Feminino»

Para dar espaço à elaboração dos últimos eixos de análise a que nos propusemos, recorreremos às concepções teóricas do materno e do feminino na homossexualidade feminina uma vez que o ser e o pensamento se fundam precisamente no objecto maternal primário, na relação ♀♂ do materno-feminino; sendo que o processo de «identificação secundária» (no seu encaminhamento heterossexual ou homossexual; assim como o processo de «identificação primária») adquire aqui nuances de semelhança ao processo resposta-Rorschach – vicissitudes transformadoras (Marques, 1999), supostamente mais no sentido da «mudança catastrófica» (emergência da verdade) ou da «catástrofe mental» (resistência à verdade através da evacuação, dificultando ou impossibilitando mesmo, a expressão do mundo interno), registo menos evoluído, mas a não descurar.

Dependendo da natureza da relação que se estabelece com o objecto interno e primordial/regressivo (vivência renovada com o materno-feminino e com o feminino-masculino/paterno), daí a extrapolação para a relação reconstruída, reactualizada que se consegue estabelecer com o objecto-mancha, dando-nos conta dos contornos do pensamento utilizado.

Assim, o espaço do materno-feminino, tal como o espaço das identificações primárias e sexuais e o espaço do Rorschach, poderão ser concebidos como espaços de potência ou de potencialidade para novas realizações. O próprio instrumento em causa, conserva-se aberto para novos encontros entre sujeito-objecto/técnico, para novas transformações e novas realizações, actualizando e dando continuidade ao seu carácter, natureza e qualidade virtual.

*

Caminhando na lógica do pensamento Bioniano, extremamente valorizado por Marques, o modelo da dinâmica do aparelho para pensar os pensamentos, permite-nos compreender como o feminino puro, o «Ser», assim como as manchas-Rorschach, se enunciam como conteúdos excitantes ou elementos β à procura de um continente interno/externo que os pense, os

transforme e signifique, ou seja, uma expectativa vazia apta a ser accionada (universo do ego arcaico = abstracções puras, coisa em si, representação da coisa, pré-concepções, proto-pensamentos, puras emoções sensoriais ou equações, conteúdos emocionais ou sensações aparentemente depurados de sentido/significado, de coerência interna, desagradáveis, disfóricas, confusas, caóticas, clivadas, difusas/dispersas, promotoras da evacuação constante do Ser – conteúdos próprios da «posição esquizo-paranóide» - Klein), as quais poderão ou não ser integradas, articuladas e transformadas pela flexibilidade do objecto continente disponível e para-excitante – (T alfa) (materno-feminino enquanto arquétipo da relação ♀♂, na sua qualidade de «função α », de «capacidade de *rêverie*» ou de «mãe suficientemente boa» [Winnicott] - experiência do materno primário (a sua qualidade é particularmente avaliada a partir dos cartões pastel), vivência de desfusão, de separação necessária ao crescimento psíquico; técnico na relação ou situação-Rorschach, na sua suposta “atitude suficientemente boa”, (re)pensante e de devolução positiva dos conteúdos negativos, atribuidor de sentidos e promotor da expansão psíquica do sujeito – (T alfa) e pela permeabilidade das fronteiras da caesura do pré-consciente, mediante a experiência de realização suficientemente negativa (falha, ausência, separação, estranheza, incompletude... - próprios da «posição depressiva» - Klein, fase que se deve prestar à conservação e integridade do Ser e do “Eu”) – «Realização Ser» [situação-Rorschach – situação de tensão e sofrimento psíquicos, temporariamente catastrófica, turbulenta, caótica, disruptiva, destabilizadora, pela incompletude relacional e desamparo psíquico subjacentes, urgindo o retorno de uma certa homeostasia psicossomática perdida, a libertação da angústia destruturante, uma «conjunção constante» ou emergência de um sentido/significado; relação da díade mãe-bebé – instauradora do princípio da realidade e da viabilidade do Ser Como) e por isso mesmo, viabilizadora do processo de simbolização e do pensamento, dando por sua vez, espaço a elementos utilizáveis pelo pensamento e pelo sonho – as concepções (T beta), transformações simbólicas acessíveis a partir da linguagem/palavra, potenciando ou não por fim, o acesso a novos conteúdos transformados, resimbolizados, ao significado das «invariâncias» de “O” transformado, a uma «transformação de movimento rígido», ao Ser Com – a uma resposta-Rorschach, ao acesso do simbolismo do feminino, na sua direccionalidade sequencial, evolutiva e integrativa da bissexualidade psíquica a feminino («feminino primário»), à heterossexualidade – espaços psíquicos virtuais (de desintegração VS integração; dispersão VS continuação; desligação VS ligação; interior VS exterior; passagem, renovação e comunicação), que a partir do «facto seleccionado» e das «invariâncias» de “O” e numa lógica actuante do conhecimento, da procura da verdade edificante e da comunicação empática, potenciam e tornam possíveis múltiplas interpretações e realizações.

Passagem dos elementos dispersos do feminino à sua reordenação em elementos estruturados do feminino em relação e complementaridade integrativa com o masculino. Assim, a mancha permanece eternamente disponível para a representação de novas imagens e associações livres,

enquanto pré-concepções disponíveis para serem transformadas em novas e fecundas concepções.

Desta vivência, supostamente marcada pelos vínculos ou tripés L, H e K (em contraste com o seu oposto – - L, - H e - K), resultará uma aprendizagem enriquecedora (aprender com a experiência; uma mais valia; reconstrução do passado) e um crescimento mútuos em benefício da relação entre o técnico e o sujeito, entre o sujeito e os objectos internos, entre o presente e o passado do sujeito, que viabiliza a captação e a emergência das subtilidades complexas do simbolismo do feminino.

Alcançar a estabilidade do sentimento de identidade, assim como interpretar a mancha Rorschach, impõe ao sujeito a capacidade dinâmica de diferenciação «figura-fundo»/«superfície-profundidade», à semelhança do processo psíquico dinâmico da diferenciação primordial entre o sujeito-objecto (desfusão; separação-individualização), entre o interno-externo, entre o feminino e o masculino, a anobjectalização e a objectalização, aspectos estruturantes da identidade.

No Rorschach, a identidade do Eu pode ser testada a partir da imagem corporal (pois a representação do corpo é simultaneamente uma representação da psique, e por sua vez, através representação de si VS representação do outro).

O surgimento de uma imagem corporal íntegra reenvia para o estabelecimento ou construção de uma identidade do Eu estável, assim como para uma identidade feminina sexual edipiana, competitiva, rival e diferenciadora e complementar ao masculino e ao paterno.

São comumente as pranchas bilaterais as que dão mais conta da qualidade de integração corporal, uma vez que estas solicitam a união/integração de dois pólos, a caesura ou barreira de contacto – a bilateralidade, assim como a diferenciação entre continuidade VS descontinuidade, o interior VS exterior, figura VS fundo, Eu VS outro; sendo suposto surgirem figuras humanas inteiras, de determinante formal de boa qualidade (F+), bem diferenciadas e em relação.

Apesar de nos estarmos a referir à expressão de um nível mais evoluído face ao corpo, não invalida que não possam surgir temas de castração, em que a integridade do corpo é posta em causa (particularmente nos cartões II e III), mas sem atingir níveis arcaicos, da ordem da parcialização, da destruturação e fusão/simbiose com o outro, de ausência do pólo relacional e de desintegração face à realidade exterior.

Quando a qualidade do envelope corporal é precária e o sujeito procura uma compensação, tendem a surgir determinantes formais de má qualidade, associando-se kinestésias inteiras e humanas arbitrarias, kinestésias objectais de carácter explosivo, respostas cor puras e um maciço apego ao imaginário, ao interior projectivo do sujeito.

Os cartões V e pastel costumam ser alvo de registos de representação da imagem de si disfóricos, megalómanos, onnipotentes, mágicos e de incontinência das angústias

Quando surge uma imagem corporal não integra, não inteira, remete para a fragilidade dos movimentos identificatórios, concretamente para a vulnerabilidade do continente materno em se proporcionar eficaz no processo de diferenciação Eu VS outro, e consequentemente da diferenciação do feminino VS masculino, do materno VS paterno, prevalecendo uma imago materna pré-genital, destrutiva e invasora do espaço mental do feminino, não permitindo a sua expansão para novos objectos, em direcção ao masculino, à heterossexualidade.

Assim, as representações face ao corpo deverão ser alvo de uma dupla análise – como o sujeito o integra cognitivamente, enquanto constatação de corpo conhecido e como o integra em termos projectivos, isto é, como o vivência ou experimenta na relação consigo e com o outro.

Retomando a temática do feminino, esta “abre-nos as portas” à compreensão dos processos regressivos de construção, consolidação e expressividade da identidade do «Eu», do «Ser», da sua singularidade subjectivante («Eu» supostamente bem delimitado do Outro a seu tempo, pelos processos de «angústia do estranho» - Réne Spitz e de «separação-individação» - Margareth Mahler; entre outros), mas igualmente, face aos processos identificatórios primários derivatórios do Ser Como (identificação ao objecto materno com o qual se estabelece os primeiros vínculos, intensamente decisivos no futuro; identificação ao objecto maternal numa lógica de circularidade interna, mas sem colagem às suas características, mas encontrando a sua singularidade ou individualidade (Marques, 1999) – equidade ou proibidade; «Ser como», mas não Ser igual a..., em mera colagem/mesmidade/espelhagem/duplicação/desdobramento narcísico; identificação viabilizadora da representação de si e consequentemente da representação do objecto; a função materna ou «função α »/continente deve conter e evitar o excesso de excitações do conteúdo – elementos β , do elemento feminino ou elemento excitante, possuindo pois uma função para-excitante, devendo proporcionar ainda a interiorização desta sua função pelo objecto, de modo a este a utilizar por si mesmo, auto-contendo-se e contendo os outros) e do «Ser Com» (processos identificatórios secundários, pressupõe a triangulação, a coexistência de um objecto paterno diferenciador e a integração do masculino nos esquemas mentais cognitivos e emocionais, masculino este não concebido enquanto par antinómico, mas par complementar e introdutor de novos elementos excitantes; identificação ao pai que inicialmente é percebido como fazendo parte integrante da mãe e sinónimo de pénis, bebé e de falo, detentor da sabedoria e do conhecimento, proporcionando uma passagem da posição feminina para a posição masculina); processo este evoluído, *à priori* supostamente objectal e *à posteriori* conducente à objectualização, à integração, à complementaridade partilhada (desejo de Ser e possuir novos atributos; desejo de auto-completar-se e de completar o outro; desejo de se complementarizar e de complementarizar o outro – desejos que segundo Marques - 1996,

podem e devem ser representáveis e conciliáveis no seio duma relação objectal) e à Realização Ser.

Assim, o sujeito receptivo a novas experiências, realizações e objectos, vai dando continuidade ao seu ciclo de existência, não se fechando na teia do materno-feminino ou do «materno primário».

O materno-feminino enuncia e cerra o ciclo do Ser, os alicerces da relação, do crescimento e da expansão mental, sendo que o masculino, dotado da interiorização de qualidades continentais, irá proporcionar a continuidade deste processo, a sua expansão e perpetuação.

A dor narcísica da incompletude do ser humano é de tal modo insustentável pelo sofrimento que induz que impele o sujeito supostamente evoluído para o desejo de transformação deste estado a caminho da complementaridade com o diferente – masculino (primeiro, o pai, num segundo momento, substitutos amorosos – os amantes).

Assim progressivamente e mediante as competências continentais bem sucedidas da figura materna, vai-se criando a emergência de transitoriedade, uma «barreira de contacto», uma «caesura» (progressivamente cognoscível através de um «facto seleccionado»), que não é mais do que a instauração de novos elementos excitantes – elementos paternos/masculinos, que marcam a percepção da diferença (cerrando a fusão, a simbiose psíquica), a tolerância à frustração (em oposição à ausência de limites), o «princípio da realidade» (em sequência evolutiva do «princípio do prazer»), a fundação do «processo secundário» (mais evoluído face ao «processo primário»)..., conducentes à «concepção», à «Realização do Ser», ou seja, à transformação do «Ser» e do «Ser Como» em «Ser Com», abrindo-se e perpetuando-se o ciclo do «Ser» e da «existência», viabilizando-se o acesso à fase do «feminino primário» (instaurando-se um sentido para a existência do sujeito). Assim, o «Ser» disponibiliza-se para novas e fecundas experiências ou realizações no seio dum novo espaço excitante – o espaço do masculino, que lhe confere novas significações, sentidos e simbolizações, não ficando preso no universo do materno-feminino, no «materno primário», mas acedendo ao espaço do «feminino primário» e da possível heterossexualidade.

Portanto, a identificação primária exige segundo Rosolato (1969), uma «combinatória modulada», dois pais, dois sexos diferenciados – feminino-masculino, materno-paterno, a passagem intergeracional e espaço-temporal, a coexistência de polaridades de pulsões, da diferença complementar – Vida VS Morte, Amor VS Ódio, libido VS agressividade... (numa gestão constante das oscilações dos movimentos desintegrativos e de movimentos integrativos), sendo que a identificação secundária, ergue-se sob a tolerância individual de fazer face à não satisfação, à frustração do objecto perdido, mas reencontrado, sendo a potência da falta reactualizada e criativa na procura de um novo objecto, dotado de novas qualidades afectivas, emocionais, relacionais e transformadoras.

Ao analisarmos na mulher adulta a natureza do seu feminino, a qualidade da sua identidade secundária – edipiana, sexual e sexuada, o seu posicionamento face ao masculino, daremos conta da forma como se integram, recriam e reconstróem as relações fantasmáticas e conflituais com o materno e o paterno primários, como se integrou a polaridade do «casal parental combinado» - Klein (pois as relações actuais, não são mais do que reposicionamentos criativos face aos primórdios), “pedras pilares” da escolha adulta, estável e definitiva da posição heterossexual, como através do trabalho da simbolização se acedeu ou não à contenção das diferenças e da complementaridade, à identidade subjectiva.

Todo este processo anteriormente referenciado não constitui mais do que «... *relações reconstruídas sobre o materno e o paterno.*” (Marques, 1996), posicionando-se numa lógica de curiosidade pelos mistérios da relação sexual e objectal, vertente epistemofílica capital.

Regra geral, todas as pranchas fazem apelo à integração do casal parental combinado e à integração da bissexualidade psíquica (que pressupõe a identificação com o pai do mesmo sexo e a complementaridade com o pai do sexo oposto - edipianização), no entanto, os cartões vermelhos prestam-se particularmente a uma maior expressividade dessas dimensões, pelo reavivar da relação aos mais diversos níveis de funcionamento.

O Rorschach viabiliza assim a captação do processo de construção da identidade do «Eu» e da identidade sexual (processos alcançados a partir das vicissitudes das separações, das transformações e das integrações, atracções e repulsas, conquistas e perdas – segundo Marques (In *Análise Psicológica*, 1996, 1 (XIV), pp. 50), e não somente a sua expressividade. O instrumento em causa viabiliza pois um acesso e um estudo “arqueológico” da mente humana, ainda que com toda a defensibilidade natural a um processo de reactualização dos primórdios.

Segundo Winnicott (1971-1975), é precisamente a partir da capacidade de Ser, que se ergue o sentimento de Ser, de existir (existir separado, bem delimitado e subjectivo) e a aptidão para realizar; capacidades que viabilizam, segundo Marques (In *Análise Psicológica*, 1996, 1 (XIV)) as suas próprias possibilidades expressivas através do Rorschach (possibilidades criativas), a projecção das vivências conflituais e relacionais numa dinâmica objectal com o outro, pautada pela sexuação, actividade VS passividade, inter-subjectividade, interactividade.

Ao nível do Rorschach, a construção da identidade sexual é definida a partir da noção de «representação de si» conceito de Nina Raush de Traubenberg e de Marie Boizou (1977), o qual equivale à noção de «representação de objecto», uma vez que ambos se encontram interligados, reenviando para a forma como o sujeito vivência a relação entre o seu mundo interno VS mundo externo.

Se predomina a estruturação do mundo interno a partir do real é comum a prevalência dos elementos formais, com apego ao objectivo e ao concreto; se pelo contrário, estamos perante uma tendência de estruturação do externo e do interno a partir do interno, então é habitual surgir a predominância dos elementos cor e afecto.

Na captação da natureza da «representação de objecto» urge surgir um outro diferenciado e pertencente ao universo humano.

Deste processo, espera-se a estabilização do sentimento de identidade, marcada pela transformação e passagem sexuada e adulta do materno-feminino ao feminino-masculino (num primeiro tempo, a reunião do feminino com o materno; num segundo tempo, a reunião do feminino com o masculino) constituindo-se esses segundo Green (1986) não como pares antinómicos mas como pares complementares, mediante um trabalho do negativo (recalcamento, negação, denegação, forclusão), em que impera a coexistência do reconhecimento e da denegação do Sim e do Não, a viabilidade do Ser, do Ser Como e do Ser Com e a sua passagem (re)criativa.

Ainda segundo o mesmo autor, o trabalho do negativo pode revelar-se ser de duas naturezas qualitativas diferentes – conjuntivo ou disjuntivo. Quando conjuntivo, sobressai a complementaridade do negativo, em que a incompletude do sujeito é projectada no objecto, num investimento do outro que mais não é do que uma busca de si mesmo, da sua falha ou ausência, assim como uma forma de se completar e firmar. Este processo está presente na resposta-Rorschah, pois o sujeito busca no técnico, um continente que contenha as suas angústias, os seus sentimentos disfóricos ou disruptivos, as suas projecções, de modo a ser atribuído um sentido para a sua vivência, criando-se a emergência de um símbolo como suporte renovado e resignificado face ao objecto primordial.

No entanto, este processo pode-se revelar de ser de uma natureza díspar – disjuntivo, em que a coexistência entre Sim e Não é separativa, revelando-se as pulsões como destrutivas e invasoras de qualquer viabilidade relacional, objectal (reinando a dispersão e a confusão psíquicas) e consequentemente de qualquer possibilidade de ligação ou transformação criativa das relações, de acesso a novos objectos.

Na mulher lésbica parece ter falhado a passagem criativa e simbólica do «materno primário» - Ser e Ser Como, ao «feminino primário» - Ser Com, tendo ficado “presa” no «materno-feminino» - Ser Como.

A sua passagem pela fase da adolescência, fase de reconstruções e reformulações das relações primárias (desidealização; movimentos progredientes em direcção à relação com novos objectos fora do contexto familiar, dentre os quais objectos de investimento sensual e sexual), parece não ter sido bem sucedida no contrabalançar dos movimentos de vaivém regredientes e

proredientes, tendo ficado ora fixa a uma relação idílica, utópica e meramente latente com o objecto materno (anobjectal; dessexualizada), ora inserida num contexto de fixação e de intransponibilidade de «homossexualidade transitiva».

Parece igualmente comum na mulher lésbica a dificuldade em alcançar e manter uma posição sexual adulta, definitiva e estabilizada, o que poderemos verificar a partir de representações humanas esquivas e pela oscilação identitária.

A dificuldade em digerir psicologicamente os elementos ligados às emoções e à excitabilidade tende habitualmente a encaminhar o sujeito para as respostas cor (sensibilidade disfórica face ao branco, preto e cinzento; textura e estompagem) e para a acção.

O processo do negativo disjuntivo parece estar presente nos primórdios do psiquismo da mulher lésbica e na sua actualidade, em que existe um esbatimento entre as fronteiras do Eu e as do objecto materno/outro, a falência do trabalho do negativo conjuntivo, ficando o sujeito preso no registo materno comensal ou parasitário (o registo simbiótico, ainda assim, poderá ser considerado um registo que poderá envolver o sujeito materno no acolhimento e transformação, usando a identificação projectiva como modalidade de entrar em relação com o outro, gerindo a angústia de separação, isso se o encaminhamento for progressivo e não regressivo ou fixante) sem passagem ao paterno ou ao masculino, elemento diferenciador (igualmente indutor de frustração e de independência psíquica), criador e expansivo («factor transgeracional da função paternal»), à «genitalidade feminina psíquica» (conceitos de Florence Guignard); o sujeito constrói-se numa lógica de «Ser Como», mas em mera colagem, espelhagem (relação anaclítica), duplicação, processo anobjectal, narcísico, de fixação no «homoerotismo secundário» (Jean Bergeret) [promotor da homossexualidade; não tendo ultrapassado a fase da «homossexualidade primária», natural no processo de desenvolvimento, mas tendo-se fixado na mesma, no narcisismo], sem chegar ao «Ser Com», permanecendo pois preso à bissexualidade psíquica, indiferenciadora, confusional, não promotora da integração do par «continente-conteúdo» - ♀♂, nem da dialéctica de contrários ou dicotomias – local falsamente protector para o sujeito e não promotor da acessibilidade ao «feminino primário», à heterossexualidade, mas de prisão à «fase do materno primário» e aos «elementos femininos puros» (Winnicott). A mãe não se revela pois bem sucedida nem enquanto «continente feminino vivo», nem enquanto «contido masculino vivo» (Florence Guignard).

O sujeito fica então ligado à libido narcísica, afastando-se da corrente económica e pulsional de carácter sexual e objectal (surge o retraimento relacional, a compensação e a restauração do Eu em busca de um continente seguro) e se a sexualidade existe de forma manifesta ou agida, esta revela-se uma verdadeira “adição”, «sexualidade aditiva» ou «neosexualidade», segundo Joyce McDougall; somente perdura a relação de exclusividade com a mãe nostálgica e especular, que faz com que a parceira seja uma mera substituta da mãe – homossexualidade incestuosa.

Assim sendo, a acessibilidade aos esquemas mentais da actividade do pensamento, da simbolização, da resignificação, o acesso a novas experiências e a novos objectos fica dificultado ou mesmo inviabilizado. O objecto materno é um objecto eternamente metonímico, não inspirador da criatividade, mas de registos continuamente perpetuados numa lógica da «compulsão à repetição» tendencialmente patológica ou perturbada; tendendo-se a repetir eternamente o modelo da relação primordial, sem acréscimo diferenciador, criativo e expansivo. O sujeito no investimento a esta colagem ao materno encerra-se em si mesmo, numa teia paralisante do seu desenvolvimento psíquico e relacional, sem qualquer aprendizagem, nem conhecimento produtivos no sentido da sua expansão.

O processo de construção da identidade do Eu, uma vez efectuado em colagem (adesividade), o Eu que ressalta é um Eu pouco sólido, marcado pela fragilidade da identificação em espelho, fazendo com que à menor percepção da diferença, à menor frustração face à realidade e face às descontinuidades próprias da vida (exemplo: se o outro não continuar na relação mesmo conservando aí um mero papel de “encosto”/“muleta” e funcionalidade, o sujeito tende a perder-se, a não saber nem conseguir estar só sem se sentir perdidamente só) o sujeito fique em eminência de dispersão, de desorganização psíquica (frustre tolerância aos limites, à frustração), de risco de cair num estado de melancolia e de desamparo psíquico, pois este objecto primordial que tudo parece ser para o sujeito, revela-se pouco eficaz na sua capacidade continente de transformação dos afectos negativos do sujeito em afectos positivos, alfabetizados, aumentando continuamente a toxicidade interna do sujeito (este como não foi alvo da «função α », não interiorizou a capacidade continente, capacidade de conter e transformar as suas próprias emoções, logo se desorganiza facilmente face às contrariedades da vida e das relações, invadido pelos seus elementos β e o provável efeito de ricochete dos mesmos). Reina a entropia das comunicações e das relações, o tripé pulsional negativo dos sistemas transitivos, a pobreza psíquica, emocional e relacional.

A mulher lésbica parece não ter criado nos primórdios existenciais condições internas de acessibilidade edipiana, de complementaridade ao masculino, permanecendo presa à bissexualidade psíquica, recorrendo a modelos de identificação sexual que se processam em colagem “eterna”/repetitiva ao materno, indiferenciador e não ao feminino, à heterossexualidade.

A «posição depressiva» promotora da autonomia face ao imago materna poderá não se instalar ou instalar-se de forma precária, sendo que esta conflitiva poderá de volta em volta reacender-se, sendo o sujeito invadido pela fragilidade do contentor materno interno, inoperante na integração dos elementos do feminino e no estabelecimento de uma relação do tipo «continente-conteúdo» com os mesmos, relação essa que seria condição *sin qua non* para a progressiva diferenciação do parcial em total, do materno em feminino. Sendo assim, tende a prevalecer uma relação onnipotente, de índole oral, parcial, anaclítica, proto-edipiana, pré-genital, em que

subsiste uma «identificação adesiva» promotora de uma «pseudo-independência» (Esther Bick), mas não de uma plena independência ou interdependência relacional.

O paterno, o masculino, são pois reinos estranhos para a mulher lésbica, com os quais é difícil de lidar e gerir internamente; interferindo esta lacuna nos esquemas mentais gerais de utilização do pensamento, fazendo com que tudo o que reavive a percepção/intuição da diferença, do “não”, da descontinuidade, mobilize no sujeito mecanismos para a sua atenuação, mecanismos de retorno ao materno e não mecanismos de substituição, de abstracção, de simbolização, de significação, próprios da percepção da falha, do trabalho do negativo e de instauração do elemento masculino reconstrutivo e expansivo dos horizontes existenciais, não sobressaindo uma relação negativa conjuntiva com o paterno/masculino, mas uma relação disjuntiva.

As angústias que tendem a imperar num ponto mais extremista são a «angústia de morte», a «angústia da alteridade», assim como a denominada «angústia sinal» (Freud), marcadas pelos mecanismos maciços da clivagem, dissociação, idealização, repressão, identificação projectiva, etc., que podem reenviar defensivamente o sujeito para a homossexualidade e para uma problemática séria da identidade.

Também é comum encontrar-se em sujeitos homossexuais uma oscilação entre modalidades de funcionamento oral-anal/anal-oral, que provocam intenso sofrimento, sentido o sujeito viver em perigo de iminência de descontrolo emocional e defensivo.

Os relacionamentos homossexuais femininos de cariz mais oral tendem a ser menos investidos erótica e sexualmente (carácter fortemente incestuoso e de expressão ternurenta), comparativamente aos de cariz mais anal (onde costuma imperar vida sexual e erótica).

*

Vejamus por fim, o que urge compreender em cada cartão no que diz respeito ao organizador «materno-feminino» na captação do simbolismo do feminino ou identidade sexual em mulheres lésbicas:

Cartão I

Importa verificar a **qualidade de representação do corpo** que aqui surge, a qual reenvia por sua vez para a **qualidade do nível de construção da identidade**. Se o sujeito for invadido pela parcialidade, pela não contenção dos elementos β , «elementos femininos puros», consubstancializados pelos elementos menos precisos e descontínuos do cartão, assim como pelo carácter disruptivo, catastrófico e inicial do Rorschach, então é possível sobressair a fragilidade da identidade primária, e por sua vez a fragilidade da identidade secundária, não se accionando uma barreira de contacto suficientemente eficaz no sentido de permitir a transponibilidade entre o «Ser», o Ser Como» e o «Ser Com», entre o «materno primário» e o «feminino primário».

Uma vez que a mulher Homossexual vive em colagem ao objecto maternal, o facto de estar perante um cartão marcado pela imprecisão e instabilidade das formas pode motivar uma representação deficitária do corpo, marcada por falhas (sensibilidade face às lacunas brancas intramaculares, ao espaço superior aberto – vazio, depressividade), assim como da representação de si, isto é, das identidades - primária e secundária.

Cartão II

Este cartão remete para a integração da **bissexualidade psíquica** e para o **simbolismo do feminino**. Importa verificar como o organizador «materno-feminino» se revela operante na sua função ♀♂ ou «função α » em fazer emergir um feminino evoluído, com acesso ao papel desintoxicador do masculino, de um terceiro, reformulando-se os papéis do materno e do paterno primários, a caminho da heterossexualidade.

A **construção da identidade feminina** pressupõe a integração de uma **imagem corporal** íntegra, bem delimitada, a qual urge ser uma imagem sexuada, estável e definitiva, derivando esta da qualidade relacional dos primórdios da diade mãe-bebé (a imagem/representação corporal é reflexo da **imagem/representação de si** e da **imagem/representação do outro**, que nos primórdios se constrói a partir da qualidade da relação com o objecto maternal).

Quando o sujeito se hipersensibiliza pela cor vermelha (aludindo-a ou omitindo-a) ou pela lacuna central, podemos estar perante um materno incapaz de se proporcionar enquanto veículo de objectualização (barreira de contacto inoperante na transitoriedade progressiva e expansiva do aparelho de pensar os pensamentos, dos movimentos PS \leftrightarrow D, fazendo com que o sujeito se retraia face ao pólo afectivo relacional/objectal pulsional, agressivo e sexual/libidinal e se fixe num registo de carácter anobjectal, no «materno primário», nos «elementos femininos puros» - espaço narcisista; não se prestando a suposta natureza continente e acolhedora do materno à transformação simbólica dos conteúdos excitantes do feminino em «feminino primário», ao aceder pelo sujeito de uma imagem de si íntegra e a uma imagem de si na relação com o outro interno e externo, fantasmático/imaginário VS real.

Esta hipersensibilização na lógica da omissão é não raras as vezes encontrada em protocolos de sujeitos homossexuais femininos.

Cartão III

Na continuidade do cartão anterior, também neste se opera as **representações face à imagem de si** e as **representações de si face ao outro**, as identificações secundárias (cuja qualidade emerge da qualidade das identificações primárias), supostamente consubstancializadas pela dualidade feminino-masculino, de sexos opostos, em plena relação e vivência objectal sexual de boa qualidade.

Quando o materno não se proporcionou um continente eficaz na «separação-individualização» e na integração do feminino enquanto concepção, factor simbólico e metafórico, pode surgir um corpo atingido, cuja identidade sexual se pode encontrar fragilizada e povoada, quer pela angústia de desintegração (num pólo extremo), pela dificuldade das escolhas identificatórias ou pela neutralidade/imparcialidade. Assim, sobressai a relação divergente segundo o ponto de vista de Nina Rausch de Traubenberg, a passividade do posicionamento na relação, a fragilidade de identificação do papel sexual a um modelo sexual estável e evoluído.

Na mulher lésbica é comum verificar-se dificuldades na identificação a um modelo sexual evoluído, podendo assumir estas dificuldades várias nuances ou graus de intensidade.

Cartão IV

Este cartão suscita uma imagem de **carácter falocêntrico**, de poder, onnipotência, virilidade, actividade, o que nos faz estar particularmente atentos à forma como o organizador «materno-feminino» é operante enquanto agente ♀♂ na integração da bissexualidade psíquica (elementos materno e paterno), dos dualismos passividade VS actividade, Eu VS outro, materno VS paterno, feminino VS masculino, etc.. A integração destes aspectos através do sucesso do aparelho mental conceptual viabiliza conseqüentemente a construção de uma representação e imagem de si integras, sólidas, capacitando o sujeito para se relacionar com o outro diferente e progressivamente complementar – num primeiro momento o pai, num segundo momento um objecto de desejo do sexo oposto.

Quando surgem imagens focadas na **passividade** remete-nos para a fragilidade do envelope maternal, para a evasão de uma imago materna arcaica, pré-genital/edipiana, intrusiva e potencialmente destrutiva; não viabilizadora de uma imagem corporal integra, nem de uma identidade do Eu coesa e conseqüentemente, duma relação com o outro bem delimitada e erotizada/sexualizada.

A mulher homossexual costuma sentir-se “esmagada” pelo carácter poderoso do materno e do masculino, evidenciando uma expressão passiva e de inércia.

Cartão V

Este cartão constitui o cartão da **identidade psíquica** por excelência e por isso mesmo faz-nos remeter para a natureza da «função α» do objecto maternal, para a sua capacidade de integração dos elementos do ser e viabilidade de transformação dos mesmos em elementos simbólicos, resignificados – o «Ser» separado do «Ser Como», com a sua própria individualidade, equidade, especificidades continentes, criativas e expansivas.

Quando o continente materno se revela inoperante na sua função relacional ♀♂, pode surgir a fragilidade narcísica, ou mesmo, a ameaça desintegrativa do Eu, inviabilizando a construção e transformação do «Ser» em «Ser como», bem delimitado, separado, e conseqüentemente, a

transformação do «Ser» em «Ser Com», a «Realização Ser», o aceder ao «feminino primário», prevalecendo o «materno primário», aspectos frequentemente verificados em sujeitos homossexuais.

É comum a dificuldade ou falência no processo de construção da identidade em mulheres lésbicas, o que pode fazer emergir, quer conteúdos especulares, de duplicação, narcísicos, quer conteúdos menos evoluídos, a despersonalização híbrida, ou ainda, a falha narcísica sob roupagens de depressão ou melancolia.

Cartão VI

Este cartão reenvia para a integração da bissexualidade, do casal parental combinado, embora os **conteúdos fálicos** tendam a sobressair e a suscitar no sujeito recursos ligados à operância do continente materno em integrar o falo paterno numa lógica mais activa ou mais passiva, mais real ou mais onipotente, mais diferenciadora ou mais indiferenciada. É suposto surgir uma imagem corporal íntegra (assim como uma imagem de si no posicionamento face ao outro), diferenciada e sexuada.

Importa verificar como a mulher lésbica se posiciona face a este carácter fálico, simbólico da dimensão masculina (muitas vezes, esta dimensão é sentida pelos sujeitos homossexuais femininos como extremamente invasiva, assustadora, levando à fuga do pólo objectal diferencial e complementar), como integra a sua feminilidade face ao diferente e complementar; constituirá este uma ameaça, suscitando a passividade (mais receptiva ou mais agressiva, destrutiva), a fuga ao «feminino primário» e o refúgio no «materno primário», ou a sua força e poder poderão constituir uma fonte de inspiração ao encaminhamento heterossexual; a primeira hipótese parece-nos ser a mais provável encontrar nos sujeitos homossexuais.

Cartão VII

Importa dar conta da **qualidade do materno** enquanto elemento com ou sem capacidade de alfabetização dos «elementos femininos puros» e da sua transformação abstracta e simbólica nos elementos paterno e masculino; podendo emergir registos mais regressivos, anais, orais ou de simbiose psíquica, carregados de intencionalidade, persecução e destrutibilidade, ou registos mais equilibrados, de totalização e diferenciação do Eu face ao outro. Quando a representação da imagem de si não é coesa, estável, esta dá nota da existência de um objecto primário não promotor da diferenciação, do sucesso da caesura ou barreira de contacto, podendo o sujeito retrair-se narcisicamente, afastando-se dos movimentos objectais e relacionais, evoluídos e expansivos do SER, aspecto esse comum em mulheres lésbicas.

Cartão VIII

Este cartão dá conta da qualidade da **relação primordial**, do posicionamento do objecto materno enquanto elemento actuante da relação «contínente-conteúdo» - ♀♂ e enquanto elemento receptivo passivo e narcisante.

Perante estes conteúdos que **imagem corporal** surge, como é vivido o corpo, corpo carnal VS corpo psíquico/identidade do Eu – imagem sólida, inteira, diferenciada, ou pelo contrário, atingida, indiferenciada, fusional, fragmentada... É comum surgir em protocolos de mulheres lésbicas, a imagem de um corpo pouco coeso, parcial, com dificuldade de síntese, que por sua vez, remete para um psiquismo erigido nos mesmos moldes de instabilidade.

É pois necessário a averiguação de como o sujeito mulher mobiliza e maneja os seus elementos femininos do ser de forma a entrar em contacto com o continente materno como conteúdo emergente da prancha, de forma a aceder a uma imagem, representação, símbolo da relação primária.

Cartão IX

É um cartão marcadamente **materno**, de carácter pré-genital, regressivo, arcaico, onde o interior do corpo sugere toda uma fantasmática simbólica; sendo que pode, por sua vez, fazer emergir uma **imagem corporal** ou uma **imagem de si** como algo distinto do outro, total, separado, ou ao invés, algo esbatido, confuso, fusional.

O atingir de uma imagem de si sólida exige a operância do par estrutural «materno-feminino» na sua capacidade de «contínente-conteúdo - ♀♂ e de movimentos de separação e desfusão, facilitando e potencializando a passagem do «Ser» ao «Ser Como» e ao «Ser Com» ou «Realização do Ser», em que o materno dá lugar ao feminino, ambos plenamente delimitados e individualizados.

O carácter ambíguo do cartão pode suscitar em sujeitos com dificuldades de diferenciação, como é o caso das mulheres homossexuais, uma regressão a um registo narcísico, pautado pela fragilidade do Eu e do envelope corporal, pela dificuldade de diferenciação entre o dentro VS fora, Eu VS outro, pela angústia corporal insustentável e não contida; que ora podem procurar superar ou compensar este estado através da reparação/restauração (movimento depressivo e progressivo/expansivo) ou através de conteúdos pulsionais e explosivos.

Na homossexualidade feminina a dificuldade do indivíduo em se posicionar frente a um outro distinto pode suscitar os movimentos anteriormente referenciados.

Cartão X

Sendo um cartão marcado pela dispersão revela-se fundamental auscultar a forma como o sujeito organiza os seus elementos dispersos do feminino e do ser numa lógica de relação «materno-feminino»/«contínente-conteúdo» - ♀♂ simbolizante, de forma a fazer emergir

conteúdos do «feminino primário», a existência de um feminino em plena relação com o paterno diferenciador e com o masculino sexualizado e complementar. Se este processo falhar é possível depararmo-nos com angústias de separação, de abandono, com uma imagem corporal instável ou desintegrada, fragmentada, confusional.

A mulher lésbica comumente vive em espelhagem face ao objecto primordial, objecto este também ele comumente dependente do sujeito, não viabilizando uma imagem corporal coesa, mas instável, neutra, indefinida, assim como intensas angústias de separação e de abandono.

8.5 - Síntese

Após a exposição dos parâmetros de análise do Rorschach que nos vão guiar na compreensão do simbolismo do feminino em mulheres homossexuais a partir do organizador «materno-feminino», isto é, na averiguação da construção e da natureza da «identidade Primária» - «Ser» e «Ser Como» e da «Identidade Secundária» - «Ser Com»; iremos apresentar de seguida dois quadros-resumo que nos irão facilitar na compreensão dos aspectos anteriormente aludidos.

Quadro 1

		Simbolismo do Feminino em Mulheres Lésbicas a partir do organizador «Materno-Feminino» - ♀♂
Eixos de Análise no Rorschach	«Identidade Primária» - «Ser» e «Ser Como»	<p>⇒ Construção da Imagem de si:</p> <ul style="list-style-type: none"> ⊙ Identidade; ⊙ Investimento da Imagem de Si; ⊙ Imagem Corporal (corolário da Identidade Psíquica). <p>⇒ Representação das Relações:</p> <ul style="list-style-type: none"> ⊙ Imagem Materna. <p style="text-align: center;">*</p> <p style="text-align: center;">▷ Análise dos Factores no Rorschach</p> <p>- <u>Integridade dos conteúdos/objectos:</u></p> <p>•Inteiros («Ego-realidade») – unicidade = apreensão global com associação de boa qualidade formal, totalização, banalidade; VS •Fragmentados («Ego-prazer») – dispersão/desintegração = parcialização associada à apreensão de frustração qualidade formal; mecanismos de defesa da ordem da «clivagem», «Identificação projectiva»; Imagens cruas; percepções arbitrárias; hibridismo (confusão de reinos); intencionalidade; conteúdos persecutórios; «angústia de morte», «angústia corporal»...</p> <p><i>A globalidade, a boa qualidade formal, a identificação ao reino humano, o estabelecimento de relação (Eu ≠ Outro) e a banalidade testam a integridade do «EU», do Investimento de Si e do Corpo, bem como a subjacência de um objecto primário continente, levando à intricação fundamental dos investimentos narcísicos e objectais, a um sistema homeostático harmonioso.</i></p>

<p>Eixos de Análise no Rorschach</p>	<p>«Identidade Primária» - «Ser» e «Ser Como»</p>	<p>- Delimitação dos conteúdos:</p> <p>•Interiores – Anat, Sang («angústia corporal»); preocupações hipocondríacas), conteúdos de valor psíquico e subjectivo, simbolismos; VS •Exteriores – reais (> nível de Ban; infinitude: A, H, Arq, Obj, Pl, Nat, Sexo...; quando excessivo o apego à descrição, ao superficial/periférico = evitação da emergência pulsional e da implicação pessoal).</p> <p>- Conteúdos de valência narcísica:</p> <p>•imagens remetentes para o processo de «separação-individuação» (desfusão) VS •Investimento narcísico da Imagem de Si; •respostas tipo «pele» («Índice de barreira/penetração» Fisher e Cleveland; necessidade de uma superfície delimitadora entre o Interior/Eu VS Exterior/Outro); •respostas «reflexo» (espelhamento); •circunscrição dos engramas – recortes e contornos (risco de perda dos pontos de referência internos); •sobreposição de conteúdos (indiferenciação); •simetria (representação de duplos = espelhamento/desdobramento; mais evidente em cartões bilaterais e compactos; representação do esquema corporal); •negação da diferença (congelamento do movimento pulsional); •idealização positiva ou negativa (I+; I-) (conteúdos H, A, Obj ou Botânica); •hipersensibilidade ao branco intra/intermacular, ao negro (fragilidade narcísica ligada à falha dos primórdios da relação materna; «depressão narcísica» ou «angústia branca»; «buraco negro»); •conteúdos regressivos (relação primária).</p> <p>- Imago Materna VS Imago Paterna:</p> <p>(interdependência das imagos - «casal parental combinado»; processo de diferenciação; construção do «EU»; interiorização nos esquemas mentais do sujeito do interdito, do “não”, dos limites; imago materna pré-genital, fálica, oral VS genital, anal; imago materna fomentadora da interdependência, separação/autonomização VS fusão, simbiose, destrutiva).</p>
--------------------------------------	---	---

<p>Eixos de Análise no Rorschach</p>	<p>Operacionalidade do Aparelho Mental Conceptual - processo de Comunicação, Transformação e Simbolização</p>	<p>A resposta Rorschach surge-nos como a expressão da existência de um espaço interno supostamente uno, em que o passado, o presente e o futuro confluem e nos dão conta da qualidade dos objectos internos – espaço de movimentos regredientes-progredientes, de dispersão-elaboração, de (re)ligação e de (re)criação, de caesura e transitoriedade; da diferenciação entre o Eu VS Outro, entre o Interior VS Exterior.</p> <p>Neste espaço, o Outro/técnico revela-se enquanto continente que na base de uma relação de intersubjectividade desenvolvida no aqui e agora do contexto Rorschach com o sujeito-contido - ♀♂ , possibilita o brotar e a reactualização (O) mais ou menos espontânea dos conteúdos internos do sujeito sob a forma de resposta.</p>
---	--	--

Quadro 2

		<p>Simbolismo do Feminino em Mulheres Lésbicas a partir do organizador «Materno-Feminino» - ♀♂</p>
<p>Eixos de Análise no Rorschach</p>	<p>«Identidade Secundária» - «Ser Com»</p>	<p>⇒ Construção da Imagem de Si:</p> <ul style="list-style-type: none"> ⊙ Reconhecimento da diferença dos sexos; ⊙ Modelos de Identificação. <p>⇒ Representação das Relações:</p> <ul style="list-style-type: none"> ⊙ Relações de Objecto de Amor e ódio. <p style="text-align: center;">(dimensões interdependentes)</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>▷ Análise dos Factores no Rorschach</p> <ul style="list-style-type: none"> - <u>Dimensões do Feminino, do Masculino e das confluências Materno-Paterno e Masculino-Feminino</u> (H, A, real VS imaginário/fictício, mitológico, lendário ou sobrenatural; total VS parcial). - <u>Dimensão Sexuada:</u> <p>*com alusão sexual (identidade sexual definida e evoluída; integração da «bissexualidade psíquica», do «casal parental combinado»; temas ligados à rivalidade edipiana, à</p>

<p>Eixos de Análise no Rorschach</p>	<p>«Identidade Secundária» - «Ser Com»</p>	<p>competição e sedução); *sem alusão sexual (regressão; neutralidade; negação da fonte interna das pulsões; sensibilidade ao vermelho; intensa «angústia de castração»); precariedade da alusão sexual (regressão; puerilidade/infantilização/pureza/inocência; desvitalização; despromoção do carácter viril; pormenores de cariz homossexual [corpo por detrás]; «angústia de castração»).</p> <p>- Dimensão relacional ou de objectualização: (regulação pulsional a partir da qualidade das cinestésias)</p> <p>*actos ou posicionamentos posturais reveladores de movimento ou de ausência deste (H, A, real VS imaginário/fictício, mitológico, lendário ou sobrenatural; total VS parcial), marcados pela reciprocidade/complementaridade (objectualização libidinal) VS desencontro VS neutralidade (modalidade tendencialmente narcísica) VS actividade/domínio onnipotente-passividade/submissão (registro sadomasoquista), agressividade/sem agressividade, destrutividade ou mesmo marcado pela invasão da « projecção » (reação negativa aos contrastes claro-escuro, disfórica, de intrusividade – respostas Clob).</p>
<p>Eixos de Análise no Rorschach</p>	<p>Operacionalidade do Aparelho Mental Conceptual - processo de Comunicação, Transformação e Simbolização</p>	<p>Procurando fazer uma análise e interpretação da resposta Rorschach deparamo-nos com um labor que pressupõe a operacionalidade do Aparelho para Pensar os Pensamentos tanto do sujeito como do técnico, processo este criativo, de simbolização, abstracção, transformação e resignificação dos conteúdos latentes, em que o sujeito e o Outro/técnico/objecto primário, o materno-paterno, o feminino-masculino se (re)actualizam, (re)ligam, dando espaço a novos conteúdos, que por sua vez entram numa cadeia associativa e expansiva infinita, sempre disponível a novas expressões, à ligação com novos objectos fecundos.</p> <p>Esta cadeia pensante e transformadora possibilita-nos o acesso ao simbolismo do feminino em mulheres lésbicas a partir da relação ♀♂, promovida pelo técnico e supostamente interiorizada pelo sujeito precocemente, donde</p>

		sobressai a natureza da «Identidade Primária» e da «Identidade Secundária», construções interligadas.
--	--	---

9 – A ANÁLISE DOS PROTOCOLOS DE RORSCHACH

9 – A ANÁLISE DOS PROTOCOLOS DE RORSCHACH

De seguida iremos proceder à análise dos movimentos perceptivo-projectivos intracartão, concretamente o sentido pessoal e latente que emana dos factores de cotação (convergência entre modos de apreensão, determinantes, conteúdos e possíveis banalidades; prova das escolhas), para depois dar lugar a uma análise intercartão e mais abrangente do «sujeito-vivência» através do psicograma e do TRI; tendo sempre em conta os construtos do psiquismo (construção da imagem de si: imagem corporal, identidade, investimento da imagem de si, reconhecimento das diferenças entre os sexos e modelos de identificação; representação das relações: imagem maternal e relações objectais de amor e ódio), para finalmente, se proceder à conexão destes dados com as teorizações do materno e do feminino enquanto organizadores e viabilizadores da expressão da qualidade/natureza/simbolismo do feminino na homossexualidade feminina através do Rorschach.

9.1 - PROTOCOLO A

(ver anexo 1)

Cartão I

A entra na expressão do cartão com um tempo de latência algo prolongado, o que poderá reenviar para a susceptibilidade disfórica, dispersante e catastrófica de entrada no Rorschach, situação nova e desconhecida para o sujeito, para além de apenas sugerida pelo psicólogo (não se enuncia como algo requerido pelo sujeito, logo poderá ser indutor de insegurança, senso de ser avaliada, receio de se revelar em dimensões mais internas e conflituais). Esta reacção poderá ser considerada natural devido ao que anteriormente aludimos, no entanto, o sujeito procura combater a emergência desta angústia inicial através da procura de um continente suficientemente para-excitante dos elementos dispersos da mente – conteúdos, buscando uma resposta adaptada socialmente (G), procurando dominar ou controlar activamente o material de forma a este não favorecer a emergência do campo fantasmático, a implicação interna mais manifesta, circunscrevendo-os.

O centramento no campo perceptivo e objectivo afasta por momentos o sujeito da sua realidade interna, supostamente ansiogénica – os meandros da relação com o objecto primário, indutora da construção da identidade primária, do self. Esta procura de circunscrição ou de controlo da realidade objectiva ainda se revela mais intensa quando o sujeito recorre à parcialização “... *daqui pode estar um animal, daqui outro, um urso por exemplo*”, a qual se revela de má qualidade formal, evidenciando a submissão do sujeito face às moções fantasmáticas e pulsionais, deixando o compromisso defensivo de ser eficaz. A nomeação do conteúdo parece-nos algo arbitrária, pois de início é referido de que se trata de um animal e quando este é

sugerido é-o apenas a título de exemplo, isto é, parece que tanto poderá ser um urso como qualquer outro animal, embora a nomeação deste conteúdo possa sugerir-nos e remeter-nos para simbólicas importantes, exploradas mais adiante na discussão.

Por fim, o sujeito ascende novamente a uma apreensão global de boa qualidade formal, reveladora de uma tentativa de unificação e integração corporal e dos conteúdos dispersos da identidade, no entanto, o conteúdo refere-se a uma máscara (“*abóbora do Halloween*”), conteúdo superficial e evocador de necessidade de delimitação do Eu.

Cartão II

A acede aos conteúdos considerados normativos para este cartão – a representação de pessoas em relação e em duplicação (suposto reconhecimento, investimento e representação do campo relacional assinalado pela banalidade), revelador num primeiro momento do compromisso harmonioso entre a dimensão perceptiva e a dimensão projectiva ou imaginária (indicadores *à priori* de uma área transitiva operante), no entanto, não é nomeado o sexo das pessoas.

A problemática edipiana não se encontra explícita – “*duas pessoas frente a frente de mãos juntas...*”, de mãos juntas, mas não dadas, para não acender o pólo relacional pulsional, libidinal e agressivo, minimizando e neutralizando a expressão dos afectos objectais ao máximo, reforçando a representação da relação narcísica.

É de realçar a importância das respostas dadas no inquérito, pois estas estabilizam o verdadeiro sentido simbólico e fantasmático do que anteriormente foi nomeado - «O» ou «invariância».

Se inicialmente é fornecida uma representação de um corpo íntegro, que se reconhece como um todo, no inquérito surge uma tonalidade algo disfórica desse mesmo corpo – “... *uma cabeça não muito normal.*”, a qual é apreendida no D superior (pormenor vermelho e de características fálicas), fortemente indutora da dimensão pulsional, agressiva e libidinal e possivelmente por isso mesmo, se torne estranha, ameaçadora para o sujeito que não consegue conter em si estas dimensões, por demasiado conflituais e remetentes para a objectalização. Se o pormenor “cabeça” poderia remeter para o pólo intelectual, como procura inicial de neutralização pulsional, esta não é mantida nem conseguida pelo extravasar pulsional imanente.

A cabeça é um pormenor que se encontra perceptivamente separado da restante mancha, mas que inicialmente é contido cognitivamente e projectivamente num todo corporal, a sua posterior estranheza reenvia para uma tentativa inicial de globalização ou totalização, falhada regressivamente à posteriori.

A crescer a este dado, surge a nomeação de um corpo em que os pés não se vêem (“... *não vejo os pés...*”), logo um corpo instável (corpo que também é corpo interno), em risco de equilíbrio, de estabilidade ou compensação.

Cartão III

Novamente surge uma resposta adaptada socialmente, indicadora da representação humana em relação, mas há a emergência de nos centrarmos sobre as subtilezas defensivas da resposta.

A identificação sexual não é conseguida (“*duas pessoas*”), revelando mais uma vez a dificuldade nas escolhas identificatórias do sujeito, bem como a passividade no posicionamento da relação. Novamente, a apreensão global parece-nos remeter para a procura de neutralização da dimensão fantasmática interna do sujeito, mas que aqui e acolá deixa transparecer a sua verdadeira dimensão e natureza latente. Pode igualmente dar conta do peso do «recalcamento» e do retorno do mesmo - «retorno do recalcado».

As dimensões pulsional, libidinal e agressiva são tão insustentáveis que atingem o seu apogeu quando o sujeito diz “*as coisas vermelhas não me dizem nada, não vejo nada nelas...*”, no entanto, sabemos claramente que se estas não tivessem impacto psíquico no sujeito não seriam sequer nomeadas, é uma nomeação sob a forma de «denegação» - um duplo movimento está presente e perturba o sujeito, o encontro entre a representação e o afecto dá lugar à mobilização da defesa.

É de realçar o facto da posição das pessoas ser de pé, o que se justifica pelas características perceptivas do material, mas igualmente por uma procura de movimento progrediente, uma vez que estar de pé poderia desmascarar qualquer mal entendido acerca da identidade sexual dos sujeitos, no entanto, esta nomeação não consegue ser mantida.

O facto do sujeito referir “*a arrastar uma coisa, cada uma para cada lado*” (ênfático no inquérito: “... *que elas estão a arrastar cada uma para seu lado*”), dá-nos a noção de que a representação de uma relação objectal e diferenciadora não é acessível nem sustentada pelo sujeito.

Cartão IV

O sujeito começa por sorrir, talvez seja esta uma forma de contrabalançar o impacto disfórico emanado do cartão. Mais uma vez uma apreensão global, desta vez carregada por afectos negativos, disfóricos, pela sensibilidade ao contraste das cores, ao acromacismo.

Num cartão que tende a posicionar o sujeito face ao masculino, ao paternal e logo consequentemente remetente para a natureza do feminino em si e mais arcaicamente para a relação primária; o que emana desde logo é uma imagem abrupta, maciça, invasora do campo mental do sujeito – figura mitológica do imaginário infantil indutora de medos e “fobias”, capaz de atrocidades e castigos pelas supostas “falhas”/“pecados” da criança. É comum as mães portuguesas aludirem ao “lobo mau” como estratégia moral de manipulação dos comportamentos dos filhos, de modo a estes serem obedientes.

É pois uma imagem mitológica, não humana ou antropomórfica, que se desvia de uma representação mais elaborada e evoluída de si.

O sujeito situa-se então numa posição submissa/inactiva face ao objecto (assim como face ao impacto dos esbatimentos acromáticos da mancha), invadindo este de forma intrusiva o seu espaço interno, qual imago materna arcaica poderosa, onnipotente, destrutiva e pré-genital, envelope frágil para as necessidades psíquicas de crescimento e expansão por parte do sujeito; de tal modo, que se poderá de certa forma considerar um objecto com alguns contornos persecutórios (“*lobo mau*” = “mau objecto” interiorizado = unilateralidade).

A procura a certa altura atenuar o impacto intenso e destabilizador do conteúdo evocado recorrendo a uma «formação reactiva» - “*a cabecinha*”.

Cartão V

O investimento em G continua, havendo uma perseveração neste tipo de modo de apreensão («compulsão à repetição» defensiva), associando-se aqui a uma boa qualidade formal e a uma banalidade, fazendo-nos pensar em várias hipóteses:

- esforço por evitar a tendência projectiva após a evocação no cartão anterior de um “mau objecto” (“*lobo mau*”);
- defensibilidade psíquica contendo-se ou controlando-se internamente para não emergir a conflitiva fantasmática latente, angustiante e denotadora de fragilidade narcísica; uma espécie de crispação adaptativa e perceptiva na busca de referenciais mais coesos e triviais;
- receio de se revelar a um sujeito-técnico do sexo feminino, suscitando receios face à aceitabilidade da sua forma de ser global e orientação sexual homossexual em particular;
- dependência excessiva face ao objecto...?!

Vejam ao longo do Rorschach a viabilidade destas hipóteses...

Embora seja dada uma resposta de conteúdo animal, esta dá conta do sucesso da operacionalidade psíquica temporária em fazer emergir uma imagem corporal íntegra, coesa, que reenvia para uma estabilização da representação de si, da identidade psíquica, integridade somática e psíquica (segundo Nina Raush de Traubenberg).

Cartão VI

Neste cartão é evocada uma imagem inteira com integração das bilateralidades, no entanto dá-se posteriormente no inquérito uma sensibilidade particular aos recortes da mancha, uma necessidade de circunscrever os limites, de os estabelecer, a procura de um “continente-pele” que estabeleça alicerces, um senso de protecção e de securização e o recorrer à «formação reactiva» - “*esticadinho, espalmadinho*”, como forma de neutralizar o impacto fantasmático e agressivo do conteúdo (“... *mataram um animal para tirar a pele...*”).

A imagem global evocada integra ela mesma os pormenores de cariz mais fálico patentes perceptivamente, num todo que nos parece subsistir mais pela tentativa de ocultar ou controlar o impacto pulsional emergente do que pelo carácter essencialmente socialmente adaptativo.

Assim, o posicionamento do sujeito face ao outro – objecto primário e objecto secundário, fica algo camuflado pela tendência repetitiva da globalização neutralizadora; no entanto, sobressai nem que subtilmente algures uma dimensão algo agressiva – “*mataram um animal para tirar a pele*”, revelando a suposta dimensão ameaçadora com o outro diferente, por via de uma relação primária invasora e algo destrutiva, que não parece ter proporcionado um crescimento psíquico na direcção da integração do pólo masculino.

Cartão VII

A empreende um movimento progrediente neste cartão relativamente à sua identidade (“Duas crianças frente a frente sentadas, duas meninas...”) – do carácter indiferenciado face à identidade sexual dos conteúdos nomeados o sujeito consegue mobilizar uma representação de si mais evoluída, mais sólida, embora a nomeação seja ainda assim de cariz pueril e portanto algo dessexualizada (“meninas”) - regressiva.

Apesar deste movimento inicial salutar importa referenciar a apreensão em G, a tendência em anular o carácter tripartido da mancha, o qual tende a ser comumente parcializado e apreendido em D (esta parcialização está subentendida num segundo tempo no inquérito), bem como a inclusão do branco intramacular no todo, o que poderá simbolizar um esforço do sujeito para atenuar o impacto emocional das diferentes partes constituintes da mancha, que reenviam para vários simbolismos significativos – posicionamento face ao materno e feminino, bem como para a identificação de si face ao outro oposto e complementar, aspectos remetentes, quer para a relação mãe-bebé (regressão), quer para o domínio pulsional, sexual, agressivo, difíceis de integrar de forma coesa.

Relativamente à “seta” nomeada, esta é integrada no branco intramacular – “... *com uma seta para baixo...*”, ou no inquérito “*A seta porque sobressai, sendo uma seta branca sobressai no meio do negro, das meninas.*”; este elemento apreendido inicialmente em G parece remeter para uma tentativa de nivelamento «figura-fundo», para a tentativa de anular o impacto disfórico do contraste acromático; no entanto, num segundo tempo, reenvia claramente para um funcionamento arcaico com sensibilidade intensa aos afectos de cariz depressivo.

Atenção que a “seta” existe como uma barreira ou limite separador entre as duas figuras nomeadas – “... *sobressai no meio do negro, das meninas.*”, não parece tanto uma barreira que viabiliza diferenciação, mas mais uma barreira que denuncia a dificuldade de estabelecer relação entre as duas figuras (relação somente sustentável de forma narcísica), que reaviva no sujeito os seus próprios espaços “brancos” ou vazios, espaços de falha e de falta, à procura de serem preenchidos.

No inquérito, A procura atenuar todo o impacto sexual, libidinal e agressivo associado às figuras – “*membros tapados por uma saia.*” e “*Estou a excluir essas duas partes aqui.*” (D superior, de cariz fálico), o que reenvia para uma representação frágil do feminino e para a

dificuldade em se posicionar face ao sexo oposto, de estabelecer uma relação marcada pelo desejo e evidência erótica, situando-se num posicionamento passivo face tanto à imago materna quanto face ao paterno e consequentemente face ao masculino.

Importa salientar que a “seta” parece remeter ainda para um símbolo fálico que é insustentável e indutor de depressividade; símbolo masculino pouco consistente e valorizado, não erigido à semelhança do símbolo universal do masculino, mas invertido, sem força, desvitalizado (“*uma seta para baixo*”).

Cartão VIII

Este cartão anuncia uma mudança face aos anteriores pelo seu carácter policromático, pelo possível despoletar da impressionabilidade face ao elemento sensorial externo, que aqui parece ter suscitado no sujeito uma resposta parcial, circunscrevendo desse modo a possível evasão dos afectos e emoções, conseguindo o «isolamento» entre os afectos e as respectivas representações. É de salientar a nomeação de animais sem especificação da espécie e do sexo, bem como a sua inserção num espaço ou contexto, os quais são igualmente indefinidos.

Também A possui dificuldade em se definir enquanto ser (diferenciado) e enquanto ser sexual, em se posicionar no seio da relação com o objecto maternal e secundariamente com o sexo masculino.

Cartão IX

Neste cartão, A detém-se num tempo de latência relativamente prolongado, talvez porque o carácter regressivo e maternal pré-genital do cartão assim o tenha sugerido emocionalmente.

Existe uma tentativa de circunscrição da mancha num todo que se evidencia de uma qualidade menos investida e sólida, embora humana.

A apreensão frequente em G revela mais uma vez o peso do «recalcamento» - o “fosso” psíquico e transitivo entre os afectos e as concomitantes representações, a tentativa de não se implicar emocionalmente de forma mais plena e pessoal nas respostas. Esta apreensão inclui igualmente o espaço branco intra-macular, escapando assim o sujeito aos afectos de teor mais depressivo, ao vazio existencial existente em si internamente e à eminência da invasão de uma imago maternal arcaica, intrusiva, não continente.

Embora a imagem que surja seja de cariz humano, esta não se encontra definida sexualmente e encontra-se carregada de um senso disfórico invasor da mente de A – desvalorização, desvitalização corporal e tentativa de minimizar os traços que possam remeter para características mais sexuadas, pulsionais e femininas (“*um bocadinho magrinha na cintura*” – anular as curvas, inspiradoras comuns de desejo, de carga erótica e sensual); para além de surgir alguma estranheza face ao elemento cabeça (inquérito: “... *esta parte que não chega a ser*

cabeça, não tem a forma de cabeça.”), elemento que não parece estar sintetizado ou integrado com o restante corpo já por si carregado de estranheza e dessincronizado.

O elemento cabeça é aquele que é responsável por pensar, chamar ao pensamento memórias, experiências de vida, que A pode querer deixar numa “gaveta fechada”, abrindo apenas ao ditar da permeabilidade das suas defesas psíquicas e da sua tolerância ao «princípio da realidade».

Ver o corpo apenas pela parte de trás (“... *A única coisa que vejo é talvez a parte de trás de uma pessoa...*”) é mais uma vez uma tentativa de anular a componente pulsional e sexual que seria mais óbvia se a pessoa se encontrasse de frente (dessexualização; afastamento da via heterossexual).

Do que anteriormente se referenciou sobressai uma imagem corporal e conseqüente imagem de si pouco diferenciadas do outro e uma intensa estranheza e fragilidade dos envelopes corporal e psíquico (angústia corporal mais centrada perceptivamente em termos de componentes corporais externas, mas que nos parece remeter igualmente para um corpo sentido em perigo ou ameaça).

Cartão X

A intensa dispersão suscitada por este cartão, assim como o despoletar das angústias de separação e de abandono, leva a que A procure um controlo do processo associativo emergente por via do recurso a uma resposta totalizadora, embora de qualidade menos eficaz.

Assim, os processos de «separação-individualização» são sentidos e vividos por A com uma intensa angústia, associados a intensos receios de abandono, reflectindo um Self pouco autónomo e diferenciado do outro.

O conteúdo nomeado remete para bichos não especificamente definidos, cuja visualização e detecção não se encontra ao nosso alcance – (“*Bichos, não daqueles bichos que se vêem diariamente, mas daqueles que se vêem ao microscópio...*”; *inquérito* – “... *onde só se vêem ao microscópio...*”), o que lhes confere um carácter misterioso, mas igualmente um tanto persecutório, ameaçador, enfatizado pela verbalização “*antenazinhas*”, pois escapam ao nosso controlo imediato e directo, o que faz pensar numa imago materna persecutória, ameaçadora, controladora e instável.

Prova das Escolhas

O cartão favorito é o VII, sendo a justificação apresentada reveladora da dimensão pueril e regressiva da imagem de si, não investida de forma objectal, pulsional e libidinal, de tal forma que A refere “*Não é o desenho em si, ao ver duas crianças vejo inocência, pureza, brincadeira, felicidade.*”. Esta resposta vem na continuidade do afastamento do pólo pulsional, sexual e agressivo que A empreende ao longo do protocolo, revelando mais uma vez a sua securização aquando imbuída num reino mais infantil, supostamente mais ingénuo ou inocente.

O cartão que é alvo da escolha menos valorizada é o IV..., surgindo o acentuar do carácter invasor da imagem materna para A – retorno do “mau objecto” anteriormente aludido, com uma maior sensibilidade disfórica ao negro que caracteriza o engrama – “... *Para além de ser uma imagem carregada de escuro, só escuro...*” e que dá a noção do carácter intensamente disfórico e catastrófico deste imago.

Aqui o “lobo mau” é “... *o mau da fita*”, “... *deve estar associado ao bicho papão que nos ensinam quando somos crianças.*”, representações que confirmam a passividade do sujeito quer face ao objecto maternal, quer face ao objecto masculino, ambos de cariz ameaçador e persecutório, objectos em quem não se confia e indutores de pouca contenção psíquica; embora nos pareça que a representação materna seja a causa principal dos “atritos” psíquicos face ao masculino.

Psicograma

O Psicograma dá-nos conta dos movimentos defensivos que tiveram lugar ao longo da prova, que se podem traduzir/expressar pela cotação. As percentagens dão conta de significados objectivos e latentes, remetem para a transformação que o sujeito teve de operar para dar uma resposta, para a natureza e eficácia do continente que foi procurado e ascendido de modo a organizar ou estruturar a expressão Rorschach.

A dá um número de respostas ao Rorschach abaixo dos parâmetros habituais para a generalidade da população, o que evidencia alguma contenção de si na expressão da sua dimensão fantasmática e afectiva, a procura constante de se circunscrever para não desabar conteúdos de natureza mais conflitual e pulsional.

A dá uma maioria de respostas apreendidas globalmente, de índole totalitária e de forma simples, recorrendo muito pouco à parcialização, o que nos parece remeter para uma tentativa de não se entregar e revelar ao outro numa implicação ou investimento mais manifesto; dando conta ainda, da passividade do sujeito ao inibir qualquer manifestação de criatividade perante a emergência das dimensões agressivas e pulsionais.

Como o instrumento em causa foi apresentado ao sujeito na fase inicial da relação terapêutica e tendo revelado o sujeito entretanto uma significativa dificuldade em admitir certos aspectos da sua realidade interna para si e para o psicólogo (inclusive o facto de ser homossexual), parece-nos que esta contenção ou crispamento do pensamento surge no sentido de uma certa desconfiança e insegurança na relação com o psicólogo ao aperceber-se dos significados profundos nos pormenores ou recortes dos cartões que sugerem uma globalização sentida como mais neutra e securizadora para o sujeito e que inspira igualmente uma relação mais tranquila e sem indícios imaginários de um possível abandono ou separação do objecto face ao sujeito.

Parece-nos ser estes os motivos da apreensão maioritária em G e não propriamente a ausência da pulsão epistemofílica, de curiosidade ou de realidade interna subjacente.

Sobressai pois uma certa dificuldade e receio de tomada de conhecimento activo e dinâmico do objecto, sem referência subjectiva específica, com a consequente pobreza na articulação criativa/imaginativa, na mentalização ou elaboração dos elementos ou conteúdos.

Estamos perante a operância do «recalcamento», sendo este defensivamente “genial” para o sujeito quando este consegue afastar as representações dos afectos, inibindo-os e substituindo-os por um conteúdo banal global – cartões I, III, V, VI – precisamente nos cartões significativamente ligados à identidade, à relação de objecto e ao posicionamento face ao feminino e ao masculino, à bissexualidade psíquica e ao materno.

A certa altura surge um Gbl, o qual acentua a necessidade de apreender num todo aspectos indutores igualmente de afectos mais depressivos e de vazio existencial ligados à imago materna e à relação primária.

As tentativas de parcialização são diminutas, uma revela-se de boa qualidade formal, o que remete para a capacidade progrediente (temporária?!) do sujeito para se submeter à prova da realidade, conseguindo conciliar a relação dialéctica entre o «princípio da realidade» VS «princípio do prazer»; e outra surge associada a um determinante de má qualidade, o que aponta para uma procura de aceder às dimensões internas mas que acaba por se revelar sofrível, regressiva e portanto ineficaz pela submissão desorganizativa às moções pulsionais e fantasmáticas.

Ao nível dos determinantes impera o formal em valores que nos parecem equilibrados (embora minimamente abaixo dos valores considerados dentro da norma), reenviando para um movimento de adaptação e ancoragem realista, um moldar-se aos quadros perceptivos mais destacados, assumindo-se a realidade; e inclusive dando particular valor a esta, remetendo para a prevalência do «Ego-realidade» ou «Ego-realidade definitivo» (Laplanche e Pontalis), do descritivo e do «objectivo».

A relação ou fronteira entre o sujeito e o objecto, entre o dentro e o fora (dialéctica entre forma VS fundo do engrama), entre a realidade e a fantasia parece não se encontrar afectada, nem clivada – minimamente circular e bipolar, no entanto, o excesso de G sugere-nos um centramento defensivo na realidade, na exterioridade da ordem do «isolamento».

O determinante formal insere-se numa lógica de procura no exterior de um objecto real que possa corresponder intuitivamente à representação do objecto primitivo e inicial (sentido muitas vezes como “perdido”), sentido frequentemente como ameaçante.

A boa qualidade formal está dentro dos valores normativos, o que testa de forma minimamente eficaz a adaptabilidade e sociabilidade do sujeito, ainda que estas tendam a resvalar e resvalem

mesmo, para o centramento excessivo no exterior como forma de não implicação psíquica, o que o excesso de G nos vem claramente comprovar.

A única resposta $F \pm$ dá-nos a noção da dificuldade do pensamento do sujeito em encontrar os seus limites, não atribuindo à realidade exterior uma atribuição e circunscrição precisa.

A “má” ou “menor” qualidade formal joga aqui a favor do sujeito, no sentido da minimização das defensas de controlo e o deixar-se perturbar pelo impacto latente do engrama – surgem assim os afectos reprimidos, as representações recalçadas e as moções pulsionais.

A existência de duas respostas formais alargadas – FE e EClob, vêm igualmente contrabalançar positivamente a tendência desfavorável para não deixar emanar a fantasmática interna, que aqui brota dando a noção do quanto esta é invasora e angustiadora, libertando o sujeito em termos criativos e de sensibilidade.

As respostas K surgem num movimento aparentemente progrediente sempre associadas ao elemento humano inteiro, pontuando a tentativa do sujeito em se posicionar ao nível relacional ou objectal, mas nem sempre claro e conseguido, sendo as identificações associadas algo indefinidas, frágeis e de uma puerilidade ou ingenuidade desconcertantes, marcando a problemática primitiva ao nível da relação e da representação do feminino.

As vias transitivas entre o Eu e o outro parecem procuradas, mas dificilmente sustentadas psicologicamente, não dando espaço à agressividade, à rivalidade, ao confronto, ao conflito..., nem ao desejo..., num quadro de investimento subjectivo ainda assim precário.

O anteriormente referido reeina-nos para a existência de um **TRI Introversivo puro**, em que as respostas K assumem relevância.

Relativamente aos conteúdos, impera os de natureza animal numa carga excessiva mesmo, marcando uma adaptação algo superficial e rígida da realidade e da relação.

Este tipo de investimento e a sua intensidade marcam a tentativa de evitar o contacto autêntico e genuíno com o mundo interno, o conformismo demagógico, fazendo deslocar para o reino animal o que é sentido ao nível humano (algo menos identificatório, logo menos ansiogénico e culpabilizante) – pulsões agressivas e libidinais, ainda que algumas destas respostas sejam frequentes (Ban).

A percentagem diminuta de conteúdos humanos remete ainda para a dificuldade de elaboração da representação de si e das vicissitudes dos movimentos identificatórios.

- Discussão do Protocolo A

De momento, vamos procurar relativamente ao processo resposta-Rorschach proceder ao intercruzamento e síntese da informação derivada da análise dos eixos interpretativos de base e dos quadros teóricos que se assumiram como pilares para a compreensão das temáticas dos casos em estudo; para tal, iremos procurar averiguar em que natureza de movimentos defensivos se processa a relação do “materno-feminino” enquanto díade “continente-conteúdo” (♀♂) promotora ou nem tanto da «função α », que viabiliza o aceder à natureza do feminino neste caso em estudo em particular (natureza da homossexualidade), através da operância da barreira de contacto em activar mecanismos de reunião, integração e unificação, assim como de criatividade, imaginação, abstracção e subjectividade, de modo a se aceder a um símbolo externo que conecte com os significados/sentidos internos e latentes, representações que possam expressar-se através da palavra e dar conta do grau de intersubjectividade, da eficácia do aparelho mental conceptual em fazer aceder progressiva, circular e intergeracionalmente ao «Ser», ao «Ser Como» e ao «Ser Com», do «materno primário» ao «feminino primário».

*

O sujeito em questão possui interiorizado um imago **materno** com carácter imponente, onnipotente, fálica, pré-genital e anal, que chega a assumir mesmo contornos de ameaça e invasão, portanto contornos algo persecutórios (paranóides) [bons exemplos deste aspecto são as respostas “urso” no cartão I; “lobo mau” no cartão IV; “*Bichos (...) mas daqueles que se vêem ao microscópio*” no cartão X].

Segundo Klein a paranóia ou traços paranóides são comuns encontrar-se em sujeitos homossexuais, dada a natureza do imago maternal, suscitador de dependência não desejável pelo sujeito (pseudo-independência claustrofóbica) e de ataques destrutivos e concomitantes receios de possível retaliação.

Embora o objecto materno esteja imbuído e interiorizado nestes moldes, este aspecto nem por isso mobiliza o sujeito para a sua diferenciação e autonomização (escape ao impacto destrutivo do objecto materno), mas para a fixação ou “colagem” que encerra e enclausura de certo modo o sujeito numa relação passiva, de índole incestuosa, de espelhagem e de natureza narcísica, idílica, anaclítica e parasitária - «materno primário».

Por muito que pareça paradoxal, este movimento centrípeto, resulta do facto de existir inclusive uma relação «divergente» (Nina Raush de Traubenberg), não sintetizadora e dualista, a qual é tão precária e insustentável que motiva a “colagem” defensiva, de modo a que o sujeito não tome consciência de si e da natureza frustrante do objecto materno (cartão III - “*a arrastar uma coisa, cada uma para cada lado*”).

Esta necessidade de “colagem”, de desdobramento do Eu, da existência de um duplo é frequentemente apreendida ao longo do protocolo do sujeito (exemplo: no cartão I quando são nomeados “dois ursos”).

A imagem de si surge pois pouco investida e instável, mais sustentável quando posta em relação especular; encontrando-se assim, um Self ainda preso em algumas amarras da «posição esquizo-paranoide», ainda com pouca viabilidade de mudança depressiva.

As qualidades da mãe, assim como do objecto procurado pelo sujeito, dão o mote a respostas do tipo “pele” ou índice de barreira/penetração” segundo os critérios de Fisher e Cleveland (1958; In Chabert, Catherine (1987). «A Psicopatologia no exame de Rorschach», pp. 74) [exemplo: conteúdo “*abóbora de Halloween*” – cartão I), as quais revelam a necessidade imperiosa de uma espécie de segunda pele ou superfície/envelope/continente delimitadores entre um dentro e um fora.

Esta lógica remete também para o conceito de “Eu pele” preconizado por D. Anzieu (1974, 1981, 1984; In Chabert, Catherine (1987). «A Psicopatologia no exame de Rorschach», pp. 74), ou para o conceito de “pele psíquica” de Esther Bick, que se inscrevem na relação precoce mãe-bebé, e na sua capacidade de favorecer ou não a diferenciação, através do contacto corporal e consequente simbolismo psicológico do mesmo para a criança.

A pele trata-se de «um meio primário de troca com o outro» (In Chabert, Catherine (1987). «A Psicopatologia no exame de Rorschach», pp. 74), havendo a necessidade de nomear um conteúdo com estas características, sugere-nos, a “urgência” em evocar um continente protector, que possa ser compensatório de alguma “lacuna” sentida mais internamente, no psiquismo, só que este continente, por sua vez, não nos parece muito eficaz (“inversão da função α ”, da função continente) ...; por exemplo, uma “*abóbora de Halloween*” encontra-se vazia internamente, contendo um carácter misterioso, indutor de fascínio, mas igualmente de insuficiência e vazio.

O materno não existe enquanto contentor dos elementos para-estimulantes do feminino, não promovendo uma relação pautada pelas «função α » e a «capacidade de rêverie» - Bion (inoperância de «holding» ou «ambiente sustentador» - Winnicott; da «função dos Self-objectos» - idealizar, espelhar e geminar» - Kohut, 1971/74, 1984; da «presença da função de identificação primária» segundo James S. Grotstein, 1999), assim como «continente feminino vivo» (Florence Guignard), condições fundamentais para a interiorização pelo sujeito destas mesmas qualidades e sua utilização posterior («sincronização mãe-criança» - Réne Spitz, 1985); sendo assim, o sujeito fica intoxicado pelo excesso de elementos não metabolizados e circunscrito, sem movência psíquica (sem circularidade e reciprocidade espaço-temporal e afectiva), preso numa posição parcializada («posição esquizo-paranoide» - Klein), com

dificuldade de aceder à mudança estruturante, ao restauro da sua mente, à depressão construtiva dos elementos do feminino e do SER, à bipolaridade mental.

É a falência do tripé pulsional, a entropia das trocas empáticas e fomentadoras de crescimento e do conhecimento (pela experiência) psíquico.

A adesividade do sujeito ao objecto deixa as marcas da «angústia de separação» (a um nível mais superficial) e da «angústia de abandono» (a um nível mais profundo).

O «factor transgeracional da função paternal» ou a integração do pai enquanto «contido masculino vivo» falharam, parecendo dever-se por invasão excessiva da figura materna e provavelmente pela fraqueza de iniciativa e investimento parental (neste caso em particular, este aspecto parece-nos claro). Reina a não transposição progressiva da «homossexualidade primária», mas o enclausuramento na mesma, que faz com que o sujeito se fixe no «homoerotismo secundário» conducente defensivamente à homossexualidade e inviabilizando a «genitalidade feminina psíquica» (Florence Guignard).

O **corpo**, assim como a **identidade e imagem de si** que lhe está subjacente, são sentidos como íntegros, mas com forte risco de fragilidade, desintegração, estranheza – forte risco do “resvalar psíquico”.

É curiosa a resposta de invisibilidade dos pés no cartão II, esta resposta remete para uma base ou continente estabilizador falente; os pés podem ser simbolicamente associados a algo que nos permite o equilíbrio, o erigir do corpo, o sentimento interno de estabilidade, de segurança, de protecção (a interiorização da «função α » pelo próprio, a qual supostamente foi transmitida pelo objecto primário), que neste caso não é operante. Outra resposta no mesmo sentido, é a que é dada no cartão IX, em que o elemento cabeça é nomeado, mas sentido como disfórico e indutor de forte estranheza.

Estes aspectos reenviam ainda, para a «angústia de castração» associada ao corpo, que não se sente completo, uno, íntegro, mas com falhas.

Assim, a relação do «materno-feminino» não se prestou a uma síntese alfabetizada destes elementos, de forma a permitir que o sujeito se sinta enquanto um todo coerente e indissociável, harmonioso e reconhecível em si, em termos de identidade do Self e da identidade sexual – do «Ser», do «Ser Como» ao «Ser Com», processo de criação e transformação essencial a uma restauração e reparação dos danos sentidos.

A **identidade sexual** está fortemente comprometida e indefinida – o sujeito não sustenta o reconhecimento de si como um feminino que se anuncia como diferenciado, mas complementar ao masculino, inseridos numa lógica relacional divergente, numa relação disjuntiva, sendo o carácter do continente materno o que nos parece ser aqui fortemente indutor desta

incompetência – materno que não se viabiliza enquanto «continente-conteúdo» - ♀♂, que permita uma relação do materno-feminino construtiva e expansiva do espaço mental, vedando num primeiro momento, o acesso ao paterno diferenciador, e num segundo momento e conseqüentemente, o acesso ao masculino complementar – a objectalização e subjectalização (surge um masculino indutor de estranheza e de receio pelo seu carácter sexual, pulsional e agressivo; exemplo: cartão IV – “lobo mau”; o carácter do masculino é tanto mais assustador quanto mais se presta a suscitar a emergência do reconhecimento, funcionalidade e investimento do feminino de A, o qual não se encontra inserido numa lógica operante de actuação expansiva e transitiva do «materno-feminino»); a passagem do «materno primário» ao «feminino primário» - do «Ser» e do «Ser Como, ao «Ser Com», a integração da bissexualidade psíquica, do «casal parental combinado», a gestão do pólo pulsional e agressivo, o acesso ao domínio relacional, a uma relação com um ser diferente, complementar, objecto de desejo pulsional, libidinal e afectivo.

O espaço do desejo está fortemente inacessível e é repudiado constantemente. O materno não se oferece como um modelo estável e sólido de identificação a partir do qual o sujeito procura ir mais além, passando de uma relação de carácter primário e regressivo para uma relação de carácter secundário e progressivo, aberta a novos objectos e a novos objectivos, expansiva; encerrando-se numa puerilidade e ingenuidade enquistadas (o sujeito chega a nomear o conteúdo “meninas” no cartão VII – movimento que faz remeter para a ascensão, nem que pontual, de um continente maternal suficientemente operante na sua capacidade criativa e transformadora dos «elementos femininos puros» em devir «feminino primário», mas não deixa de se revelar um conteúdo pueril; é de tal modo indicador de puerilidade que na prova das escolhas na referência às preferências, A dirige-se às mesmas meninas como “crianças”, nomeando pureza, inocência), em que a diferenciação sexual está patente, mas a um nível regressivo.

O sujeito não consegue elaborar a **bissexualidade psíquica**, ficando preso ao domínio do feminino – feminino este “tela-beta”, como um “claustrum” de uma possível movência em direcção ao masculino; qual movimento descontínuo, não circular e não expansivo. O psiquismo de A é pois pautado pela pouca maleabilidade ou flexibilidade.

O acesso à **conflitiva edipiana** fica dificultado pela fixação ao «materno primário», que favorece um crispamento do pensamento e dos movimentos progredientes da mente e da subjectividade diferenciadora - intersubjectividade. O complexo de Édipo falha, associando-se a intensa «angústia de castração», com regressões a conflitos ora anais ora orais; sendo esta intermitência defensiva comum aos sujeitos homossexuais com fixação edipiana (Socarides).

Surge portanto, uma imagem deficitária da construção da identidade secundária – identidade feminina, que não se encontra solidamente definida e conseqüentemente não se define objectalmente de forma sólida face ao masculino. Não parece existir reconhecimento da diferença dos sexos, posicionando-se o sujeito face a uma relação de carácter especular e defensivamente narcisista supostamente em função a um outro idêntico, ressaltando a unilateralidade, a astenia da «barreira de contacto».

Por exemplo, no cartão VIII, surgem animais sem definição de espécie e de sexo, nem de contexto - espaço externo VS espaço interno primordial que não se consegue nomear porque de certo modo impensável nas suas características falentes enquanto espaço de trocas e de comunicação empática entre mãe-criança (Nina Rausch de Traubenbergl), pilar básico da constituição das identidades primária e secundária. O investimento no meio é pois precário, difícil.

Estão patentes todo um conjunto de aspectos que situam a relação a um nível narcísico, anaclítico, idílico e utópico, claramente anulador da passagem estruturante e circular do tempo/espaço e da percepção e integração de um corpo e mente em transformação constante.

Parece ser a este nível de “criança/menina” que A procura situar-se no presente quando procura outra “criança/menina” (mulher, pouco madura emocionalmente - B) para perpetuar as “brincadeiras” de infância, menos sexualizadas, mas no entanto, ainda assim suficientemente sexualizadas e sérias, motivando a emergência de inocência e pureza ao nível da resposta no Rorschach. De qualquer forma, esta modalidade de relação suscita sensibilidades depressivas (cartão VII – espaço intramacular), a dificuldade de estabilização, o vazio, a solidão, a incompletude, pois nenhum objecto consegue ser plenamente substitutivo e compensatório das lacunas identificatórias e afectivas do objecto materno.

No cartão IX, A alude à “*parte de trás de uma pessoa*”, o que nos parece remeter para uma certa lógica homossexual, ainda que mais tipicamente masculina do que feminina, mas não deixando de ser uma representação comum no imaginário de mulheres homossexuais (representação, investimento e fixação anal da relação).

Estas respostas alerta-nos para a existência de uma mãe imaginária não facilitadora da relação com o paterno diferenciador e com o masculino expansivo.

Estas características são aludidas pela generalidade dos autores previamente investigados e intuídas por nós como características típicas da falência de um encaminhamento heterossexual e promotoras da defensibilidade homossexualidade.

Mecanismos psíquicos defensivos tais como o «recalcamento», a «denegação», o «isolamento», a «formação reactiva», dão o mote a um psiquismo investido constantemente na

neutralização ou minimização dos pólos agressivo, pulsional, sexual e relacional objectal, próprios à «homossexualidade edipiana» segundo a classificação do autor Socarides.

Urge tomar acesso a estas defesas como possíveis dimensões ou espaços do negativo, de falha, que possam ser transformados em algo estruturante através do trabalho do pensamento, do simbolismo, de forma a tomar consciência do feminino que impera no sujeito.

9.2 - PROTOCOLO B

(ver anexo 2)

Cartão I

A entrada de **B** na expressão do Rorschach é efectuada de forma algo ansiogénica, com um tempo de latência relativamente alto, aspecto que nos parece justificar-se dado ser esta a primeira prancha, marcando a entrada numa dimensão projectiva emergente (promovendo a evasão fantasmagórica e imaginativa latentes, até então relativamente “estabilizadas”), bem como devido ao facto do Rorschach se enunciar nem que sub-repticiamente como um teste, independentemente da forma como o técnico o apresentou ao sujeito (logo, o sujeito sentir-se avaliado em dimensões pouco controláveis – as emoções, as representações, os afectos...; sentimento reforçado pelo poder espontâneo e directo atribuído ao psicólogo de “leitura” dos sentimentos e comportamentos do sujeito), ao facto de se estar no seio de uma “trama” relacional – sujeito-psicólogo, dualidade reactualizante dos padrões relacionais do sujeito.

Acresce-nos ainda referir a possibilidade deste tempo de latência dilatado dever-se ao facto da relação ser estabelecida com um sujeito mulher (psicóloga), uma vez que o feminino é um campo carregado de conflito interno em **B**.

A resposta dada está repleta de «precauções verbais» – “... talvez estava a dizer”, “mas aqui parecem (...), não sei se será” (tendência reforçada no inquérito), que marca a dificuldade do sujeito em entrar na expressão do Rorschach, mas igualmente uma dificuldade em alcançar e conectar com representações internas estáveis, gerando assim dúvida, incerteza, oscilações representacionais (PS→D).

Num primeiro tempo é dada uma resposta tendencialmente adequada e adaptada socialmente, com a realidade objectiva a circunscrever a realidade interna emanente (“... Uma borboleta”), que parece reenviar para uma imagem corporal e identidade psíquica subjacente integras, no entanto, esta representação não é estável, logo dificilmente mantida pelo sujeito que se fixa num pormenor que suscita inconstância e parece desorganizar as tentativas de aceder a representações mais elaboradas e simbólicas (ainda que de boa qualidade formal, este pormenor emana um carácter disfórico, disruptivo) – “mas aqui parecem duas mãos, portanto, não sei se será uma borboleta.” (resposta 2); “... Sendo um pormenor a pessoa fica em dúvida se é uma borboleta...” (inquérito).

O carácter das mãos referidas parece reenviar para algo não integrável no todo – a síntese da personalidade e da imagem corporal encontra-se atingida (incompletude), frágil, em níveis que somente as seguintes respostas poderão elucidar; estas mãos são pois geradoras de alguma

confusão e constrangimento psíquico, não se percebendo a sua função – *“parece que está a chamar ou agarrar alguma coisa.”* (inquerito), a *“chamar”* no sentido de se sentir só e apelar à presença do outro?

A resposta Do (Detalhe «Oligofrénico») poderá remeter ainda para uma certa sensibilidade depressiva do sujeito, uma certa atracção pelo vazio emanado do branco, pois este parece conectar com os vazios internos do sujeito. Sendo este um cartão que permite o acesso às representações do materno, este parece revelar-se impotente em fazer emergir um pensamento elaborado, simbólico, o acesso à diferenciação Eu VS outro; parecendo surgir o pormenor *“mãos”* como um elemento de carácter ameaçador associado à imago materna.

Cartão II

Antes de mais, **B** é submersa pelo carácter sentido como maciço das tonalidades vermelhas, reavivantes do pólo relacional, pulsional, libidinal e agressivo, não conseguindo aceder num primeiro momento a uma resposta, hiper-sensibilizando-se e fixando-se num silêncio extenso e em oscilações do cartão (procura de adequação latente dos perceptos, de um ajustamento entre as representações e os afectos), ficando temporariamente como que bloqueada em termos projectivos.

A resposta dada, reveladora da incongruência entre o modo de apreensão e o determinante, expressa a necessidade de circunscrever a mancha, a procura de controlo das moções projectivas pulsionais e fantasmáticas e o insucesso neste processo ou luta (falha do compromisso defensivo), ficando o sujeito submisso face ao seu poder desorganizante. Esta tendência mantém-se ao longo das diferentes respostas ao cartão.

Surge a imagem de um corpo focalizado em pormenores que nos faz remeter para um isolamento ou separação destes do todo, partes ou peças à parte do restante (*“cabeça”, “pés”*). Pormenores estes em que o vermelho surge como algo transbordante, remetendo para a existência de um espaço maternal insuficiente na sua capacidade de viabilidade da objectalização.

As partes corporais que surgem parecem espelhar-se entre si, à semelhança de dois corpos ou dois espaços físicos (psíquicos) coexistentes, em duplicação, reenviando-nos para uma modalidade narcísica da relação (*“Duas imagens sobrepostas que era da parte vermelha, e esta mais preta porque a parte vermelha é uma imagem e depois outra (negra)”* - inquerito). Segundo Catherine Chabert, esta tendência *“Trata-se sobretudo de negar a diferença através de um sobreinvestimento da simetria compreendida como porta-voz do mesmo. Esta estratégia é utilizada sobretudo nas pranchas bilaterais. Ela consiste em sublinhar a dimensão especular da relação para negar o seu aspecto conflituoso.”* (In «A Psicopatologia no Exame de Rorschach», Brasil: Casa do Psicólogo, 1987, pp. 72).

Os conteúdos aludidos revelam o carácter algo persecutório e hipervigilante da imago maternal (“*antenas*”), mau objecto interiorizado, que compromete a construção sólida da «identidade primária», o acesso ao paterno, ao espaço do diferente e da diferença (dualidade) [integração do «casal parental combinado»; elaboração da «bissexualidade psíquica»], e por sua vez, à expansão em direcção à «identidade secundária», à conflitiva edipiana, ao masculino e à heterossexualidade plena.

As imagens humanas referenciadas dão nota da frágil ou inexistente definição da aparência sexual, reflexo da ausência de uma escolha sólida e consistente em termos do processo de identificação sexual – “*uma pessoa*”, dinâmica esta decorrente do referenciado no parágrafo anterior. Estas imagens reforçam igualmente, o carácter de hiper-vigilância da imago materna, persecutório, instável e ameaçador para o sujeito (“*Aqui parece tipo a cabeça, a parte do pescoço de uma pessoa e o capucho enfiado, mas que só se vê os olhos.*”).

Cartão III

O sujeito acede à representação humana considerada socialmente adaptada, ao corpo como um todo, no entanto, esta representação não se prenuncia sobre as modalidades da relação, nem das vicissitudes da identificação de género sexual – “... .. *Isto é, dois corpos aqui...*”; assim, o sujeito posiciona-se de forma passiva relativamente a estes aspectos fulcrais da vivência humana evoluída. Mais uma vez, o sujeito acciona defesas maciças face à fonte interna das pulsões, rejeitando-as.

À medida que se vai avançando nas respostas a este cartão, surgem respostas “reflexo”, em que a natureza da relação vai-se esclarecendo, surgindo a prevalência de uma modalidade narcísica de relação – “... *um rio e aqui uma ponte E relva depois.*”.

Nos elementos vermelhos, é possível compreender de forma mais consistente os movimentos defensivos de **B**. Surgem respostas que denotam movimentos não socializados ou adaptados, o estado de confusão mental do sujeito, pensamento algo labiríntico, com perda de pontos de referência – “*Isto talvez aqueles labirintos de arbustos, o final de um labirinto de arbusto... .. V*”, e ao mesmo tempo, a necessidade de procura de limites ou fronteiras internas.

O sujeito projecta-se ainda em conteúdos de origem animal (sem identidade ou precisão de espécie e de sexo), o que costuma ser uma tendência em sujeitos cuja dimensão agressiva, pulsional e libidinal é tendencialmente negada, embora surja a referência ao “*focinho*” como um

elemento que deixa passar a agressividade difusa e maciça do sujeito, embora não desejável pelo próprio.

A apreensão em D reforça o anteriormente dito, a necessidade de circunscrever (privilegiar um aspecto em detrimento de outros) ou dominar as pulsões, o centramento sobre a realidade externa para fazer face às moções fantasmáticas.

Cartão IV

O controlo perceptivo, o domínio das emoções e dos afectos, continua como modalidade específica de funcionamento do sujeito, sendo dada uma resposta que revela claramente a tentativa de recalçamento da problemática de ordem sexual (pela não nomeação do D central inferior e pelo nomear de um D que tem mais em conta os pormenores ligados à simetria).

O D associado a um determinante de boa qualidade parece revelar a necessidade de manter o controlo pela realidade objectiva, assumindo um valor adaptativo e defensivo.

Este cartão despoleta uma intensa procura de adequação perceptivo-projectiva, fazendo o sujeito oscilar nos posicionamentos do cartão (PS↔ D), o que nos parece remeter para as angústias latentes reavivadas, uma vez que estamos perante um cartão que reenvia para as temáticas da identidade corporal e psíquica, para a natureza da relação materna, do paterno/masculino e do feminino, aspectos instáveis em **B**.

De novo é evocado o pormenor do “*focinho*” de dois cães em simetria, expressando uma relação com o materno de carácter narcísica, agressiva e pré-genital, em que o sujeito é esmagado pela sua passividade, não sustentável de uma imagem mais global, unitária do corpo e da Psique.

A projecção sobre conteúdos animais e não sobre o elemento humano reflecte as óbvias dificuldades de construção de uma «identidade primária» coesa, do Eu; assim como o facto de serem evocados a “*cabeça*” (racionalidade) e o “*focinho*”, nos parece remeter respectivamente para uma tentativa de dessexualização do corpo físico e psíquico, bem como para a natureza da agressividade – agressividade oral, devoradora, destrutiva, onnipotente.

Cartão V

Pautada por silêncios e oscilações no posicionamento do cartão, a resposta surge aparentemente adaptada social e cognitivamente, embora no inquérito seja confirmado a verdadeira significação latente dos conteúdos, remetendo para um reconhecimento superficial da realidade – o corpo que é nomeado não se encontra íntegro (“*Esta parte aqui não é muito normal para morcego...*”). É nomeado um pormenor que vem acrescentar uma tonalidade disfórica ao corpo, pormenor isolado ou clivado, pontuando a fragilidade narcísica do sujeito, a não integridade corporal, o corpo atingido nas suas qualidades (o rompimento do «Eu ideal»).

O corpo nomeado é ainda visto “*por trás*”/“*Visto detrás*”, o que reenvia para a dessexualização da natureza pulsional feminina, afastando-se da lógica heterossexual; revelando ainda, a tendência para a analidade.

Cartão VI

A resposta é apreendida em G, aspecto supostamente evoluído, no entanto, o sujeito é invadido pelo carácter disfórico e confusional de alguns pormenores que parecem pôr em causa mais uma vez a identidade do corpo e da Psique – “*Talvez ... Tem um focinho de cavalo, mas depois parece um gato ... é isso*”, reenviando para um corpo atingido hibridamente, que não consegue ser sentido como um todo sólido e coerente, sobressaindo a fragilidade ou a indefinição identitária.

O corpo que surge é alicerçado em simetria, o que reenvia para a fixação numa modalidade relacional narcísica, em que o próprio procura a espelhagem a partir de si mesmo no outro ou em si mesmo.

Mais uma vez é aludido o conteúdo “*focinho*”, reforçando a agressividade de natureza oral e destrutiva existente em B e que reenvia para uma problemática ao nível da «identidade primária», cuja massividade das angústias e das dependências face ao objecto materno, parecem dificultar o acesso à heterossexualidade.

Consideramos que o facto do sujeito oscilar entre o “*cavalo*” e o “*gato*”, deve-se a um movimento defensivo regressivo que não sustenta a alusão a um conteúdo de cariz intensamente sexual, viril e masculino – o “*cavalo*”, passando a um registo de menor risco ou ameaça psíquica – o “*gato*” (embora este seja associado ao grupo dos felinos, seres sedutores, sexuais, consideramos que simbolicamente o cavalo costuma ser ainda mais valorizado, associado por excelência à potência, à virilidade, à sedução), tratando-se da procura de neutralização das moções pulsionais ao máximo possível.

Esta “desqualificação” ou desvalorização, parece reenviar igualmente para uma acentuada «angústia de castração» de natureza pré-edipiana, pois a passagem de um animal para o outro, faz pensar no medo de aceitar em si aspectos femininos evoluídos, precisamente ao banir os aspectos masculinos evoluídos.

Cartão VII

B começa com uma resposta de determinante de “*má qualidade*”, o que revela a quebra ou derrapagem da adaptação perceptiva e consequentemente a inoperância da adaptação à realidade.

Sendo um cartão que se presta a uma projecção tripartida, a apreensão inicial em G parece-nos reenviar para uma tentativa defensiva de negar os conteúdos associados às diferentes partes – a qualidade do materno e a natureza da escolha sexual.

No entanto, o reconhecimento do carácter tripartido acaba por surgir nas referências do sujeito num momento posterior, sendo nomeado “*caras*”, embora a identidade sexual das mesmas não surja explícita, o que remete novamente para a fragilidade e neutralidade identitária, bem como para a indefinição sexual.

Os pormenores da cara que são nomeados são os olhos (olhar), a boca e o nariz, expressões de uma conflitiva de fixação oral, fálica e persecutória com a imago materna.

Em **B**, surge pois uma problemática ligada ao rosto – uma problemática da identidade.

A identidade que sobressai é indefinida e frágil (“*só se vê a imagem da cara ... não é muito definida, isto não sei muito bem*”), a natureza do olhar que olha é algo persecutória, intencional, “penetrante” e invasiva (“*um olhar muito absorvente*”).

Surge novamente a sensibilidade à simetria, o rosto em duplicado de perfil, revelando que o sujeito tem uma forte tendência em se projectar de forma especular, narcísica, anobjectal.

Por último, no inquérito aparece a referência ao vazio interno, sentimento que expressa as frustradas qualidades do objecto maternal, indutoras de depressividade ou mesmo depressão.

Cartão VIII

O sujeito oscila no posicionamento do cartão, acedendo a uma projecção que privilegia o mundo animal, o que neste cartão é considerado natural, no entanto, como resposta exclusiva e associada a respostas anteriores no mesmo sentido, revela a excessiva fixação no mundo animal como forma de neutralizar o mundo fantasmático e imaginativo sentido face à imago materna, portanto, humana.

O animal referido é carácter agressivo, pondo em destaque mais uma vez, a natureza agressiva, destrutiva e onnipotente do objecto materno.

Cartão IX

De novo, o centramento sobre o elemento cara; de facto, a cara é o elemento que mais se apresenta como presente à criança, em que ela se poderá “espelhar” com mais facilidade, no entanto, no protocolo de **B** este centramento é demagógico, conduzindo o sujeito a uma intensa submissão ao objecto materno, não conseguindo posicionar-se para além deste objecto, que “cega” o sujeito no seu campo de acção identitária – primária e secundária.

A cara é também símbolo de racionalidade, espaço mais evocador do intelecto do que das pulsões, ao contrário do corpo que evoca a emergência do pólo pulsional e libidinal.

Surgem duas caras, dois espaços em desdobramento – mãe e criança espelhos singulares, teia narcísica. A mãe está carregada de um carácter agressivo, referenciado simbolicamente pelo elemento “*garras*”.

De início, as caras surgem desprovidas de identidade sexual, embora no inquérito e posteriormente, **B** aluda à cara de um sujeito do sexo masculino, mas ainda assim, o modelo do masculino ou a vitalidade do masculino aparece minimizada por **B** ao referir que se trata de “*um senhor mais velho*”.

O sujeito é sensível ao espaço intramacular, ao vazio, revelando a incompletude da sua identidade, a falha ou fenda no seu psiquismo, a depressividade em que está circunscrita a figura materna. A cara ou caras dá lugar a uma máscara, no fundo, a uma cara que não se constitui enquanto verdadeiro espaço de referência, não promovendo a construção do Self, mas de um provável «falso Self».

A mãe é aqui referenciada como uma máscara, potencialmente perigosa, um rosto em que não se confia, cujos “*olhos*” indicam o seu carácter persecutório, portanto, ameaçador.

Cartão X

As respostas evidenciam um pensamento entre a rigidez e o carácter interpretativo e arbitrário das experiências – excesso de Dd, alguns de “*má qualidade*” formal.

Embora o sujeito tenha revelado inicialmente uma resposta adaptada socialmente, este vai caminhando progressivamente no sentido da perda de alguns pontos de referência, perda do controlo do universo fantasmático, ressaíndo a confusão e a indefinição dos conteúdos; o que pensamos poder ter a ver com o carácter disperso do cartão, assim como com o reavivar da «angústia de separação» e da «angústia de abandono».

Vejamos ... exemplos da indefinição – “*Depois dois animais que eu não consigo identificar*”; da arbitrariedade quase delirante – “*O focinho de coelho e os cavalos marinhos estão a sair dos olhos do coelho ...*”, e novamente, a fixação ou perseverança dos conteúdos “*caras*”, “*focinho*” e “*olho*”, confirmando a interpretação referida nos cartões anteriores.

Estamos diante de um Self com dificuldade de unificar o disperso (reínam representações não ligadas entre si), com dificuldades de separação e de individualização, pois esta reaviva os elementos dispersos da mente e a confusão que impera neste; um Self deficitariamente autónomo, que põe mesmo a hipótese de angústias mais arcaicas, as de abandono.

Prova das Escolhas

Os cartões III e X surgem como os favoritos; o **cartão III**, onde a neutralização das dimensões pulsional e libidinal, bem como a relação são reduzidos ao narcisismo; parece-nos favorito na

medida em que a procura de impedir o extravasar da dimensão imaginativa e fantasmática é conseguida e mantida pela forte apreensão nos pormenores; aqui tudo aponta para a astenia psíquica, para a natureza precária do investimento maternal e conseqüente fixação especular no objecto primário ameaçante e agressivo, para a incompletude identitária – corpos indefinidos sexualmente, rio com uma ponte em simetria, final de um labirinto e focinho que está para baixo. O favoritismo deve-se ao facto do sujeito se rever em pleno e de forma latente nas respostas dadas, numa procura de adequação perceptivo-projectiva.

O **cartão X** é igualmente um dos favoritos, uma vez que a sua dispersão perceptiva permite ao sujeito criar a ideia de controlo face aos engramas (ao fixar-se nas respostas D e Dd), só que este controlo é falso e ilusório, perdendo o sujeito as barreiras delimitadoras entre o real e o imaginário. O carácter disperso e colorido do cartão desorganizou emocionalmente o sujeito, fazendo emergir angústias arcaicas, a emergência do «processo primário» e partes desintegradas da mente (mente não totalizada, mas parcializada).

Os **cartões VII e IV** foram os sentidos como menos agradáveis emocionalmente – o primeiro cartão referido parece-nos evocar de forma intensa, catastrófica e disfórica a natureza ameaçadora da imago materna, os meandros da relação primária, espaço “*escuro*” que não deixa ver nada para além de si mesmo, e a natureza desta relação é de tal modo frustrante que gera sentimentos persecutórios, de paranóia intensos, expressos pela sensibilidade ao “*olhar*”.

Muito provavelmente, o “*labirinto*” nomeado na resposta 7 (cartão III) vem na mesma continuidade interpretativa da resposta 13 (cartão VII) – embora com uma circunscrição perceptiva e espacial a nivelar a incontinência dos envelopes (“*o final de um labirinto de arbusto...*”); mas de qualquer forma, a revelar um espaço psíquico sem fonte de segurança ou protecção.

No **cartão IV** é reforçada a natureza do imago maternal, tão disfórico que “cega” o sujeito na captação projectiva, procurando este a «negação» ou a recusa. O carácter mórbido apreendido refere-se precisamente a esta mãe que inviabiliza as vicissitudes da identidade do Eu, da diferenciação face ao outro idêntico e face ao outro complementar; tendendo para a relação narcísica, anobjectal, de cariz pré-genital, agressiva, em que o desejo e as pulsões estão interditas.

Psicograma

O número de respostas ao Rorschach e o tempo total da prova poderão ser considerados normativos, no entanto, uma análise mais municiosa e atenta põe em destaque a existência significativa dos tempos de latência, bem como dos silêncios demorados no seio das respostas,

remetendo estes aspectos para o bloqueio emocional imanente dos engramas percebidos de forma disfórica e catastrófica na sua confluência latente.

A defensibilidade dos silêncios é maior na entrada dos cartões – pois exige o reajuste perceptivo-projectivo, embora a qualidade das respostas diminua com o decorrer das diferentes respostas em cada cartão ou com o decorrer duma mesma resposta ao mesmo cartão (a regressão aumenta e a capacidade para aceder a representações estáveis diminui).

A juntar a essas tendências, temos as oscilações repetidas do posicionamento dos cartões, o que revela a inconstância defensiva da dinâmica afectiva e relacional de **B** ($PS \leftrightarrow D$), entre mecanismos rígidos e mecanismos projectivos, prevalecendo os primeiros, mas sempre em eminência para o resvalar dos segundos.

B dá uma baixa percentagem de respostas **G**; embora algumas destas respostas sejam dadas nos cartões supostamente mais promotores de tal e estejam associadas à banalidade e à boa qualidade formal (Cartões I – F+, III – F+, Ban; V – F+, Ban; VI e VII), importa verificar o facto de sobressair conteúdos precariamente estabelecidos e mantidos, quer pelo seu carácter disfórico de estranheza, quer pela indefinição sexual ou pelo hibridismo. Esta modalidade de funcionamento reenvia-nos para o retraimento, em que a integridade do Self é posta em causa, em que a realidade objectal é frustrantemente definida e diferenciada (objecto tendencialmente parcial), assim como os limites do mundo exterior são pouco precisos.

O número de respostas **D** é bastante elevado, o que nos parece reenviar para uma necessidade de encontrar um forte que possa conter todas as defesas que necessitam do centramento no exterior para fazer face às emoções e fantasmas internos do sujeito. A própria tendência para se focar nas manchas vermelhas (cartões II e III), indica entre vários aspectos, precisamente a necessidade de controlo, nem sempre conseguido pela evidência de determinantes formais de frustração – incongruência entre o modo de apreensão e o determinante.

A não referência dos pormenores de cariz fálico em pranchas tais como a II (**D** sup med), IV (**D** inf med) e VI (**D** sup med), expressa o intenso recalçamento de uma problemática sexual. Esta tendência mantém-se nos cartões pastel (VIII), embora de forma ainda mais profunda até à emergência dos **Dd**, procurando-se o controlo das pulsões.

O elevado número de respostas “**D F**” marca o valor projectivo subjacente ao impacto do percepto no sujeito, em que o compromisso defensivo deixa de ser funcional, dando-se a submissão desorganizadora face às moções projectivas pulsionais e fantasmáticas.

O pensamento torna-se pouco permeável no arranjo do funcionamento mental, ficando as emergências latentes, os afectos, as representações submersas e a relativa desadaptação ao mundo real, marcando um certo desinvestimento das relações de objecto.

Nos cartões III e X, as respostas associadas a determinantes sensoriais (Kob; EF; CF) pontuam o exceder do controlo formal mínimo, extravasando-se para dimensões projectivas, em que a integração adaptativa e social é restringida.

Embora seja de sublinhar a tendência para o excesso de respostas de qualidade menos positiva, estas não parecem ainda assim, revelar a ausência total de ancoragem ou a desintegração do real, o que é próprio às estruturas com traços psicóticos, mas o risco eminente de tal pelas oscilações defensivas (como é o caso da resposta ao inquérito no cartão X – “*O focinho de coelho e os cavalos marinhos estão a sair dos olhos do coelho...*”).

A associação de F- a imagens repetitivas de caras e olhos, acentua o carácter onnipotente, ameaçador e destrutivo do objecto maternal.

Os F±, embora diminutos, vêm na continuidade dos F-, revelando a indefinição ao nível dos conteúdos.

A percentagem de respostas F é elevada comparativamente aos padrões normativos, o que evidencia a necessidade de apego face ao exterior, à realidade objectiva, para evitar a confluência da fantasmática interna, conflituosa, angustiante; ficando o sujeito “preso” a um registo tipo rígido.

Segundo Catherine Chabert, a preponderância de F pode remeter para a “... *rigidez dos mecanismos de defesa que a suportam e que consistem, no essencial, em utilizar a realidade exterior, perceptiva e «objectiva», para evitar a expressão alimentada pelas pressões pulsionais e fantasmáticas. Este modo de funcionamento aparece nas organizações defensivas obsessivas: apego aos pormenores, formalização excessiva, preocupação meticulosa e minuciosa de domínio, sobreinvestimento do percepto, evitamento do sensorial. Neste contexto, o F% elevado remete muitas vezes para o isolamento entre duas representações ou entre representação e afecto.*” (In «O Rorschach na clínica do adulto – Interpretação Psicanalítica» (2003). Lisboa: Climepsi Editores, Manuais Universitários 6, Série Metodologias, pp. 129). Embora o funcionamento de B nos pareça estar para além da neurose obsessiva, ao nível do narcisismo defensivo, não invalida de qualquer modo, a possibilidade de existirem os traços acima indicados na frase de Chabert, mas enquanto traços e não propriamente enquanto estrutura.

Segundo a mesma autora, as condutas de objectivação têm como objectivo maior afastar os elementos projectivos, para se perpetuar num registo de uma percepção «pura». Assim, os F+ que surgem são essencialmente de tonalidade defensiva.

Os Dd quando associados a partes do corpo - parcelares (cartão IX, respostas 15 e 16) revelam a tendência para a angústia ligada à vivência corporal, a procura de um controlo rígido, mal sucedido.

Surge no protocolo um Dbl e um Do, os quais revelam e reforçam a natureza da problemática ligada à dialéctica relacional primária, marcada pela impotência, falta, carência, insuficiência e

incompletude. O sujeito procura preencher o espaço branco num esforço de domínio do material, que não é mais do que uma necessidade de cobrir a falta penosa de viver.

Estamos assim perante um protocolo cujo **TRI é Coartativo**, pois as respostas cinestésicas e cor estão quase ausentes, marcando a fuga ao imaginário ou ao pensamento, sendo os afectos e concomitantes representações inibidos, assim como a experiência fantasmática.

A “morte” pulsional está evidente na procura constante da paralisia dos indícios de qualquer movimento, da neutralidade, que reflectem a rejeição do dinamismo inerente à mudança e à própria vida.

Quanto aos **conteúdos** impera essencialmente os de natureza animal, marcando a necessidade de uma espécie de “carapaça” social protectora face à relação ou aos afectos verdadeiros, que constitui uma forma de adaptação superficial e rígida relativamente ao exterior, à realidade. A tendência para se projectar face ao reino animal também poderá indicar a necessidade de deslocar para este reino todas as angústias e conflitos sentidos como do próprio (inclusive agressividades mais arcaicas e maciças consubstancializadas nas respostas que aludem ao focinho de animais – elemento pontiagudo e de possível reivindicação fálica; e que revelam a natureza da relação com o objecto, assente na polaridade oral destrutiva), fazendo com que sejam melhor sustentados e tolerados pelo sujeito.

Sendo a existência dos conteúdos humanos diminuta, este índice indica-nos a intensa dificuldade do sujeito em se identificar de forma sólida, diferenciada, socializante e empática, a problemática da identidade subjectiva e da representação de si imanentes.

Se atendermos ao facto da maioria das respostas humanas referirem-se a partes do corpo, e mesmo essas não estarem solidamente identificadas sob o ponto de vista sexual e não serem identificadas num todo corporal íntegro e sintético, então, a problemática da identidade ainda mais se coloca em causa; até ao ponto de depois de uma alusão ao corpo humano e face à insuficiência contentora desta representação (resposta 17), o sujeito sentir a necessidade de nomear um conteúdo “masc.”, ou seja, apelar ao poder contentor de uma «segunda pele».

- Discussão do Protocolo B

A análise dos procedimentos e dos movimentos defensivos em **B** permite-nos chegar às seguintes apreciações Tbeta reveladoras de «O» ou da «invariância» ...

A «representação do corpo», assim como da identidade subjacente, surgem em **B** marcadas pela inconstância e incompletude, promovendo sentimentos de estranheza, que evidenciam a difícil integração das mesmas num todo percebido e sentido como sólido. O corpo, assim como o Eu de **B** são continuamente apreendidos de forma mais evoluída, para de seguida, dar lugar a representações mais arcaicas e até mesmo híbridas, que dão conta da fragilidade intensa dos envelopes psíquicos e das fixações no isolamento, inibição e rigidez.

B vive uma problemática da identidade, antes de mais, da «identidade primária», que não cria acessibilidade ou transitoriedade para a «identidade secundária», pela fixação ou enquistamento no «materno primário», nas modalidades de funcionamento da ordem do «Ser Como» elevado à passividade e à submissão, à mesmidade, à colagem não criativa, nem simbólica. A mãe não se apresenta enquanto «continente feminino vivo» promotor de um «contido masculino vivo» - Florence Guignard.

A «identidade primária» parece pois estar comprometida e enquistada no «materno primário»; sendo a sensibilidade ao pormenor aludido no espaço branco superior no cartão I – “mãos”, espaço simbolicamente materno e regressivo, um bom exemplo disso mesmo.

As mãos são o elemento materno que toca, massaja, brinca, cuida, pega, acolhe o bebé/criança, elemento inconfundível, portador de uma pele, sistema proprioceptivo que estabelece trocas, afectos, relação, limites entre as fronteiras do Eu VS outro, são a certeza de que existimos em função/a partir de um outro, diferenciando-nos progressivamente desse outro, autonomizando-nos psiquicamente. Existem umas mãos, mas estas são geradoras de “confusão” e o sujeito não sabe o que agarram. Paralelamente, o reconhecimento cognitivo e perceptivo de um rosto íntegro e humano é essencial (o que não ocorre por exemplo, no cartão VII), pois o rosto é o elemento primordial na relação com a mãe – ela vê, fala e a partir destas modalidades comunicativas, a mãe estabelece relação com o bebé. O rosto é espaço de identidade e atribuidor de identidade a partir de um olhar que diferencia ou que aprisiona o outro numa teia difícil de ultrapassar; – *saberá o sujeito de si mesmo enquanto Eu diferenciado, tocado e olhado pela sensibilidade empática do objecto materno?!*

Segundo Bowlby (1969, 1973, 1980), o estabelecimento da significação é uma função da ligação e da vinculação, a qual segundo as nossas considerações, sem um investimento sincero e autêntico do toque e do olhar materno não se viabilizará.

O rosto ou cara transita desfavoravelmente para o conteúdo “máscara” (cartão IX, resposta 17), que se enquadra no seio da classificação de índice ou “barreira/penetração” segundo Fisher e

Cleveland (1958; In Chabert, Catherine (1987). «A Psicopatologia no exame de Rorschach», pp. 74) ou resposta tipo “pele”.

A máscara reenvia, quer para as lacunas ao nível da imago materna e da sua «função α », quer para a necessidade do sujeito evocar uma superfície delimitadora, ainda que superficial entre um dentro e um fora, sentidos como deficitariamente separados (a máscara é símbolo do que revela ao esconder; mas também associada a algo em que não se pode confiar, algo oculto, misterioso, potencialmente perigoso), ameaçando o psiquismo do sujeito.

A repetitividade de imagens baseadas nos conteúdos “caras” e “olhos” parece remeter segundo Catherine Chabert para “... *uma vivência persecutória dolorosa, perigosa para o sujeito, ameaçadora, em particular, da sua integridade, num contexto relacional do tipo pré-genital*” (In «O Rorschach na clínica do adulto» (2003), Lisboa: Climepsi Editores, pp. 135).

No interior do sujeito perdura um vazio difícil de preencher (cartão VII, inquerito – “*E que percorriam para o nada, infinito.*”; resposta 17 – cartão IX), uma incompletude que motiva a depressão intransponível pela existência de uma imago materna falente na sua «função α » ou de «*rêverie*», chegando mesmo a alcançar uma tonalidade persecutória significativa e ameaçadora para **B** – factores intoxicantes do SER, com uma certa fixação «esquizo-paranóide» (as tentativas de reconstrução/reparação depressiva são não raras as vezes frustradas, pelos receios de retaliação materna). Aliás, os traços paranóides parecem ser uma constante em sujeitos homossexuais (como já tínhamos anteriormente verificado no caso de **A**), tanto mais quanto se encaminha para um funcionamento de natureza mais primitiva, como é o caso de **B**, em que os elementos excitantes da mente - β , perduram sem um continente suficientemente para-excitante (cartão II, resposta adicional; cartão VII, inquerito; cartão IX, resposta 17).

Quando o sujeito transpõe as barreiras da rigidez, vemo-lo ascender a um discurso interpretativo, arbitrário, com defensibilidade tipo psicótica (embora pontual), o que nos revela os perigos ou riscos de um funcionamento narcísico, com intensa «angústia de abandono».

Sob o ponto de vista de Chabert “*O investimento narcísico garante assim, em certa medida, a identidade da pessoa ao afirmar as barreiras entre dentro e fora, ao assegurar a defesa das fronteiras do Eu, o que evita a confusão com o outro.*

Entretanto, o sobreinvestimento destes limites arrisca transformá-los em membranas estanques, impermeáveis, o que se associa inevitavelmente ao perigo de corte do Eu com os seus objectos internos (desencadeando mecanismos de clivagem) e/ou externos (o que se manifesta clinicamente através de um “isolamento esplêndido.”).

Ainda, esta tendência faz sobressair antes de mais e segundo a mesma autora “... *o insucesso das defesas rígidas que tenderiam, pelo recurso ao formal, a evitar as implicações projectivas. A formalização falha, então, na medida em que o controlo não se mantém, tornando-se a pressão pulsional fantasmática ou afectiva demasiado forte para se manter contida. Assiste-se,*

então, a uma oscilação na qualidade das respostas que traduz a luta entre movimentos contraditórios, entre o interdito e a expressão do desejo.” (In «O Rorschach na clínica do adulto» (2003), Lisboa: Climepsi Editores, pp. 136), o que acaba por estar patente na resposta adicional ao cartão X (“*O focinho de coelho e os cavalos marinhos estão a sair dos olhos do coelho*”).

Esta mãe «tela-beta», espaço “intoxicante”, claustrofóbico (enclausurante), entrópico, verdadeiro “claustrum” na acepção Bioniana, que fomenta o sentimento de descontinuidade do Self; ainda, espaço que deixa a sensação no sujeito de “queda no infinito” que é o mesmo que a vivência num estado indecifrável, algo confusional, de «pavor sem nome», difuso, do «Nada» e do «Sem-sentido».

De algum modo, os sentimentos despoletados por esta mãe faz-nos lembrar a teoria do autor James S. Grotstein (In «O buraco Negro», Lisboa: Climepsi Editores, 1999), concretamente o conceito de «buraco negro» enquanto espaço de «*queda no abismo em direcção ao vazio*», espaço de «*vivência de um vácuo*», que mascara a «depressão anaclítica» (Spitz, 1946) ou a «depressão primária» (Bibring, 1953), nomeadamente a falência introjectiva dos mecanismos transformativos e transitivos, a falha ou inversão das funções contentora e sustentadora da mãe (relação «continente-conteúdo» - ♀♂, Bion; capacidade de «holding», de Winnicott).

Na mesma continuidade, Green (1983) refere-se à série branca como um indicador de uma angústia “branca”, resultado da perda narcísica – “*Um desinvestimento maciço, radical e temporário, que deixa traços no inconsciente sob a forma de “buracos psíquicos”*”; dinâmica advinda do complexo da mãe morta, mãe não continente.

Um materno assim instituído, parece não deixar espaço para a emergência de um espaço do paterno/masculino, enquanto factor transgeracional – «Realização do Ser» ou «Ser Com», diferenciador e expansivo, promotor das relações de dualidade, da integração da «bissexualidade psíquica», do «casal parental combinado», do amor e do ódio, condições *sin qua non* para o acesso ao Édipo e à genitalidade – heterossexualidade ou «genitalidade feminina psíquica» (Florence Guignard); podendo encaminhar o sujeito para a indefinição da escolha sexual e possível/provável homossexualidade (no cartão V, inquerito, surge o corpo visto “*por trás*”/“*Visto detrás*”, aspecto que costuma ser próprio ao imaginário homossexual, com tendência ao sobreinvestimento anal, neste caso específico do sujeito **B**, oscilação entre investimento oral e investimento anal); concretamente - «homossexualidade primária» e «sexualidade aditiva» (Joyce McDougall)).

Neste contexto, o paterno ou masculino que surge é asténico, desvitalizado, sem valorização identitária e sexual, não possuindo poder, nem força (a desvalorização do masculino parece ser um aspecto comum em sujeitos com traços narcísicos de personalidade, não mais do que o

reverso da medalha da «idealização» ou do «ideal do Eu» - resposta 11 ao cartão VI; última resposta do inquirido no cartão IX); os «elementos masculinos puros» são repudiados, não perpetuando, nem expandindo o campo mental de **B**, o ciclo do «Ser» ou da «Existência», nem podendo fazer aceder a Novas Realizações; sobressaindo pois o «trabalho do negativo disjuntivo» (Green).

A relação com o materno é pois crítica, estruturada nos falsos alicerces – ilusórios, mágicos e ideais, do narcisismo, da teia anaclítica e fusional, da duplicação e da espelhagem, que visa neutralizar, quer qualquer hipótese de relação assimétrica complementar, sexuada, agressiva e objectal, quer qualquer indício ou manifestação de conflito. A mãe possui uma relação com uma «função desobjectalizante», não accionando os processos de ligação ou de transformação dos investimentos, nem a «capacidade negativa», mas precisamente o contrário, os processos da desligação, da objectivação, do concreto.

O sujeito não conseguiu desinvestir o objecto primário, tendo ficado “colado” ao mesmo, numa lógica de “*folie à deux*” (exemplos: cartão II, inquirido – “*V Duas imagens sobrepostas que era da parte vermelha, e esta mais preta porque a parte vermelha (vem inf e sup e verm no negro) é uma imagem e depois outra (negro)*”).

Aqui a função da espelhagem é precisamente a de neutralizar as possíveis trocas pulsionais entre um Eu VS um outro subentendido, embora não explícito, pois a diferença implica desejo, sexualização, relação e objectualização, não sustentáveis.

Segundo P. Aulagnier (1984; aludido por Chabert, Catherine (1987). «A Psicopatologia no Exame de Rorschach», Brasil: Casa do Psicólogo, pp. 80), este tipo de registo constitui uma relação de identidade de “mesmidade”, procurando-se reunir em um aquilo que poderia ser dois, estar separado; o desdobramento procura conservar a unidade ao afirmar a duplicação. Assim, e segundo Catherine Chabert (1987/1993), neste tipo de personalidades, não há lugar para a divergência entre o desejo e a defesa, sendo o conflito pulsional negado, reflexo da ausência de encenação ou dramatização de um conflito inter/intra-sistémico.

Na mesma lógica surgem respostas consideradas “respostas reflexo” (cartão III), em que o elemento “rio” reenvia para uma necessidade latente do sujeito em se (re)ver no objecto, pois é um elemento que permite o espelhar, o reflexo, o desdobramento, sendo esta ideia reforçada pelo elemento “ponte”, pois é um elemento de ligação entre dois lados, entre duas fronteiras ou limites, entre um Eu e um Outro, que aqui se arquivam em simetria (tentativa de negar o movimento projectivo por um registo de objectivação, de enquadramento similar da prancha a partir do eixo), em duplicação, em teia ou dependência anaclítica e fusional (segundo concepções de Rosolato, 1976). O outro enquanto espelho ou espaço simétrico sobreinvestido permite neutralizar as trocas pulsionais, a dimensão conflitual, insustentáveis, evidenciando o trabalho defensivo da «negação», as tentativas de reunião centrípeta (Chabert, 1993).

Segundo Catherine Chabert (In «A Psicopatologia no Exame de Rorschach», Brasil: Casa do Psicólogo, 1987, pp. 68), trata-se de um “... movimento centrípeta que evita o espalhamento talvez despedaçante dos investimentos”.

No entanto, algumas vezes o controlo falha, dando espaço a uma agressividade maciça, oral e pré-genital ou pré-edipiana, em que a realidade é reconhecida de forma superficial, não se acedendo ao símbolo.

Aludindo a Kernberg (1975), este considera próprio do narcisismo o anteriormente referido nos seguintes termos “*a síntese das projecções positivas libidinais e negativas agressivas é impossível em vista da severidade das pulsões agressivas*”.

Na averiguação dos movimentos defensivos, deparamo-nos pois com um funcionamento predominantemente rígido tipo narcísico, em que o retorno do recalcado não toma lugar e daí a

quase inacessibilidade de elaboração da falha ou do negativo, a reformulação do psiquismo primitivo.

Neste protocolo, observa-se ainda a ausência de ligação entre as operações defensivas e os conflitos, sendo que estes não surgem sequer representados, não podendo desse modo, viabilizar o acesso ao pensamento abstracto, imaginativo e simbólico. A inibição e a dificuldade de acoplamento (associar e ligar) o quadro de fundo defensivo, resvalando pontualmente para uma tendência psicótica, de projecção paranóide, para a recusa ou mesmo clivagem.

A tendência paranóica e pontualmente arbitrária revelam o poder da «identificação projectiva» defensiva, a erupção do «processo primário» desorganizador.

Portanto, neste tipo de registo de funcionamento é natural a heterogeneidade – por um lado, o controlo formal retrato do controlo da realidade interna; por outro lado, a intrusividade explosiva da fantasmática emocional.

As fronteiras entre o sujeito e o outro são de tal modo permeáveis que levam a que o sujeito de quando em quando tenha necessidade de recorrer a representações que aludam latentemente à delimitação de espaços ou à sua estabilização, como forma de se conter a si mesmo.

A resposta 7 e o inquérito ao cartão III evidencia o movimento anteriormente referenciado; consideramos que o mundo interno de B se encontra imbuído num estado de confusão face à sua «identidade primária» e «identidade secundária», o objecto materno não se prestou operante enquanto sujeito de transformações simbólicas, espaço de transitoriedade, enquanto superfície suficientemente delimitadora dos espaços interno VS externo, Eu VS Outro, fazendo com que o sujeito não compreenda onde o outro e ele mesmo começam e acabam, *como e em que* se distinguem – espaços confusos, geradores de confusão e simultaneamente solicitando a necessidade de evocar um “*final*” delimitador para não se desintegrar totalmente.

O «Ser» e o «Ser como» estruturaram-se em espelhagem, numa espécie de relação em que o «ideal do Eu» é procurado activamente no outro, outro que se presta a conservar uma imagem idealizada do sujeito e não investido como exterioridade diferenciadora; o sujeito fica prisioneiro do «materno primário», não tendo condições para aceder ao «feminino primário», ao «Ser Com» um sujeito masculino, expansivo da relação de alteridade.

É pois comum constatar-se em protocolos de sujeitos com personalidade tendencialmente narcísica, um duplo esforço para estabelecer fronteiras entre dentro VS fora, capazes de preservar, quer as instruções exteriores, quer as emergências pulsionais interiores; no entanto, esta tentativa não sai *a mor* das vezes lograda, dada a força da sensibilidade aos estímulos externos e a violência das vicissitudes internas.

Por fim e segundo o pensamento de Catherine Chabert, nos protocolos cujo nível de inibição é alto, é comum presenciar-se o anonimato das personagens humanas quanto à sua identidade

sexual, assim como o carácter de indeterminação ou ausência de precisão das acções projectadas, sem referências à acção formulada por verbos activos; a minimização dos movimentos projectivos e as repressões cinestésicas; aspectos encontrados em **B**.

Estamos perante o apego ao objectivo, ao realismo, ao estrito, que revela a pobreza das produções, o vazio ideativo, a não implicação e indução associativa como esforços ou tentativas de evitamento das representações inconscientes ansiogénicas.

É empreendida uma luta maciça para negar a fonte do desejo e o investimento objectal, conseguida, estando evidente a “ameaça de morte” e as suas consequências na representação de si, do corpo, das relações, interferindo no sentimento de continuidade de SER.

O psiquismo de **B** é pois pouco maleável, dinâmico e circular, fixo numa entropia dos sistemas transitivos ou no comensalismo, na simbiose, tudo transformações de movimento rígido – - L, - H e - K.

Perante tal constatação, interrogamo-nos nos seguintes termos: *esta planura associativa ou esclerose de Eu é reflexo de um espaço interno de vazio ideativo, de uma mentalização nula, ou, ao invés, aparência ou máscara que esconde um espaço mental angustiante?!*

B parece evidenciar uma «homossexualidade proto-edipiana» segundo a classificação de Socarides («inversão absoluta» na acepção freudiana; «homossexualidade manifesta» segundo Quinodoz), em que o sujeito se sente em harmonia com a sua escolha ou orientação sexual, portanto, uma homossexualidade sentida como ego-sintónica, embora ao olhar de quem a investigue menos equilibrada ou evoluída.

Perante o quadro anteriormente revelado, parece-nos fazer sentido o apego intenso de **B** à sua anterior namorada (quem cortou com a relação), a dificuldade no labor do luto e a dificuldade inicial de ligação à nova namorada – sujeito **A**; pois o sujeito vive em intensa dependência anaclítica face ao objecto, sentindo-se perdida e perdendo os pontos de referência identitária na ausência afectiva do mesmo.

9.3 - PROTOCOLO C

(ver anexo 3)

Cartão 1

C começa com um movimento de valor progrediente - uma resposta adaptada social e cognitivamente, reveladora da integridade ou unidade psíquica e corporal, assim como de um funcionamento radicado na realidade.

Na continuidade das respostas ao cartão surge uma resposta com acesso ao relacional e ao feminino, no entanto, este movimento não se mantém estável pela emergência pulsional e libidinal turbulenta e conflitual associada (inquérito: “*Disse uma mulher ... coreografia, parecem três pessoas a dançarem, um certo movimento. (...)*”) – neutralidade sexual; dando-se mesmo uma sensibilidade particular e disfórica face aos detalhes imanentes na mancha (inquérito: “*Quando digo que não gosto é determinadas referências, esta parte e esta.*” [D médio superior e D médio inferior]), que direccionam o sujeito para uma resposta global, portanto, mais neutra, menos manifesta e reveladora do seu campo fantasmático.

Os pormenores aludidos estão contextualizados no espaço branco intermacular, o que parece reenviar para quatro possíveis e concomitantes interpretações – sensibilidade ao vazio, depressividade, reenviando para a existência de uma imago materna não contentora; sensibilidade ao que se destaca do todo e portanto, se encontra em eminência de se “descolar”, de se diferenciar, reavivando angústias primordiais de separação e de abandono pelo objecto materno, pormenores que não se enquadram num corpo uno, sintético, mas atingido na sua integridade, e por fim, pormenores que poderão possuir uma conotação sexual e fállica, não tolerável.

Assim, a procura de uma maior sintonia com as suas dimensões internas, de um conhecimento ou articulações activos e criativos, não são mantidos, nem sustentáveis por C.

Cartão II

C começa com uma resposta pouco adaptada, em que o compromisso defensivo deixa de ser operante, dando-se uma submissão desorganizante face às moções projectivas fantasmáticas e pulsionais. O conteúdo que surge é de frustração e marca a desvalorização narcísica – “*mosca*”, ser pouco evoluído, com uma tonalidade disfórica, associado habitualmente a algo repugnante e indesejável.

A tonalidade disfórica do conteúdo nomeado é reforçada quando o sujeito refere “*... estou a ver que o abstracto não é comigo.*”, movimento de cariz centrípeto e desvalorativo.

A natureza do feminino aqui referida é arcaica, pouco evoluída e tendencialmente indiferenciada – afinal, não se percebe muito bem qual o sexo de uma mosca.

Os movimentos defensivos circulam no sentido descendente ou regrediente – o sujeito revela os sentimentos de falta ou falha maternal, a incompletude, impotência e insuficiência – aspectos ligados à «identificação primária» não operante.

Revela igualmente a intensa «angústia de castração» primária e secundária, antes de mais pela dificuldade em se defrontar com a ferida ligada à relação com a imago materna (depressão anaclítica), pela dificuldade de diferenciação sexual e finalmente, pelo sentimento de impotência perante as vicissitudes edipianas.

É curioso o facto de C referir em inquérito o conteúdo “fotografia” (“*Se tirarmos uma fotografia, aqui os olhos e aqui o formato do nariz e boca.*”); atendendo ao facto de que uma fotografia constitui uma reprodução da realidade, então, parece-nos que o sujeito necessita de um conteúdo que reflecta a sua modalidade relacional, anobjectal, narcísica, em duplicação ou desdobramento, em que o Eu VS outro se indiferenciam.

Este aspecto é enfatizado e estabilizado na resposta adicional (“*Também vejo duas pessoas, elas situam-se de frente uma para a outra.*”), em que sobressai a relação narcísica, especular, a indiferenciação ou neutralidade sexual.

Cartão III

Embora o sujeito aceda à representação humana em relação, a identidade sexual das personagens é imparcial, neutra, reforçando o que se referiu nas pranchas anteriores.

A situação nomeada procura retirar toda a dimensão conflitual, pulsional e libidinal possível, encontrando-se os sujeitos “*a trabalharem*”, contexto em que estas dimensões convencionalmente não se encontram operacionais, afastando-se assim o sujeito do registo relacional mais íntimo e sedutor; e é de tal modo insustentável a representação de uma relação diferenciada e complementar, que o sujeito recorre ao “*lavar*” (inquérito) como uma nomeação que parece desculpabilizar, ilibar e tranquilizar o sujeito das suas fantasias ou representações sexuais emergentes, uma espécie de ilusão reparadora.

Cartão IV

C nomeia um conteúdo algo desvitalizado – “*alga*”, um ser vegetal, ao qual é difícil atribuir um sexo preciso, portanto, emerge uma certa passividade do sujeito face ao carácter supostamente latente, masculino e libidinal dos conteúdos.

Perante a emergência do posicionamento face ao paterno e ao masculino, à potência, à virilidade, o sujeito procura neutralizar ao máximo as dimensões fantasmática e pulsional associadas porque intoleráveis; dando conta das vicissitudes da identificação primária e secundária, donde ressalta uma imago materna onnipotente, destrutiva, envelope frágil e falente, que se opõe e inviabiliza o crescimento simbólico e sexual edipiano.

As referências aludidas por C no inquérito reportam-se simbolicamente ao carácter turbulento e disfórico da dimensão objectal e sexuada da relação – *“Eu não gosto de algas. Elas têm estes aspectos, meio... podem ser muito complexas, um formato muito complexo e moldam-se, tem corpo, mas têm...”*; de facto, a escolha heterossexual parece a C complexa, confusa, difícil de compreender, assim como o moldar-se ou adaptar-se lhe parece algo estranho, pois nesta dimensão está implícita a capacidade de mudar, de aceitar e tolerar a diferença, o que em C não se encontra estável.

Por fim, acentuando a necessidade de negação da fonte interna da pulsão e de desvitalização, surge o conteúdo disfórico *“palhaço”*, um conteúdo masculino desvalorizado em termos sexuais, pueril, embora com uma dimensão humana superinvestida.

Estes aspectos, vêm mais uma vez confluír na modalidade narcísica de relação patente em C.

Cartão V

O sujeito acede a uma representação de si mesmo adaptada social e cognitivamente, dando uma resposta normativa; procurando entretanto ascender a uma valorização narcísica ao nomear o conteúdo *“borboleta”*; embora ao nível do inquérito se compreenda que a mesma se encontra em alicerces movediços e instáveis, marcados pela fragilidade identitária – *“... é mais morcego do que a borboleta, porque a borboleta é mais harmonioso. Os morcegos são para o feio.”*.

A partir da representação do Eu é possível averiguar acerca da qualidade da figura materna, que nos parece claramente disfuncional, fazendo com que o sujeito tenha ficado preso nas vicissitudes da «identidade primária», dificultando-se o processo da «identidade secundária».

Cartão VI

Continuamos em parte num registo semelhante ao verificado no cartão anterior, uma vez que o sujeito parte de uma resposta adaptada e procura ascender a uma representação ainda mais valorizada em termos narcísicos, neste caso através do conteúdo *“flor”*, embora não deixe de ser um conteúdo superficial.

A busca de conteúdos de pretensa valorização narcísica parece ser um aspecto relativamente presente em sujeitos com funcionamento do tipo narcisista, precisamente pela desvalorização do Eu latente, digamos que esta tendência poderá ser considerada compensatória, uma espécie de *“pirueta narcísica”*.

De qualquer modo, é de salientar o facto do sujeito se permitir neste cartão ascender nem que momentaneamente a uma orientação criativa, à capacidade de integrar a sua dimensão fantasmática pelo recurso ao factor cromático.

Também é de realçar o facto de C se deixar invadir pela dimensão mais potente e viril do cartão, nomeando os pormenores de cariz fálico ao nível do inquérito – *“... mas esta forma parece*

forte, tem uma força, parece que estamos numa base e depois vamos ao objectivo, isto é parece... ”, revelando a necessidade e capacidade de aceder nem que temporária e pontualmente ao diferente e complementar, embora pontuado por várias precauções verbais.

No entanto, como é defesa habitual do sujeito, este empreende um movimento regrediente, procurando um conteúdo narcísico mais estável e sustentável emocionalmente, que revela a relação em espelho e de índole narcísica – “*sol*” (resposta “reflexo” segundo Catherine Chabert) e outro de procura de valorização narcísica – “*orquídea*” (revelando mais uma vez, o seu oposto - a desvalorização sentida internamente).

Portanto, o sujeito ao sentir a sua identidade em perigo pela nomeação da possibilidade da relação com o diferente, sexuado e complementar, procura negar qualquer hipótese de conflito pulsional.

Cartão VII

Antes de mais, a tendência à recusa (como forma de rejeitar a implicação pessoal) e a necessidade de adequação perceptivo-projectiva que motiva oscilações defensivas – (PS↔D), talvez inspiradas pela natureza da imago materna, a qual é restringida à imagem de um “*frango*”, ser pouco inteligente e destituído de afectos.

Mais uma vez, o recurso a uma resposta de apreensão global como forma de escapar a uma procura mais aprofundada do Eu, um registo de neutralidade defensiva – defesas face a um compromisso e implicação vivenciados como inquietantes e ameaçadores; desta feita de qualidade formal precária, assim como precária se revela a mãe simbólica (melhor, concreta) – continente ou envelope insuficiente, que não se prestou à fundação do Eu em alicerces sólidos e estáveis.

De tal modo é problemática e crítica a qualidade do materno que o sujeito deixa irromper o seu carácter destrutivo, referindo um conteúdo que revela a falha ou ferida narcísica – “*cratera*”, reveladora de um profundo vazio de existir, da depressão anaclítica e narcísica iminentes.

Cartão VIII

O sujeito começa por empreender uma oscilação no posicionamento do cartão, acedendo a uma resposta de valor projectivo, submisso, donde sobressai a natureza das dimensões fantasmática e pulsional, uma vez que o compromisso defensivo falha. São essencialmente inquietações ou angústias corporais que surgem ao nomear “*radiografia*”, “*ecografia*” e “*bacia*”, que vão de encontro às vivências corporais reais e problemáticas do sujeito e familiares (esclerose múltipla reminescente; neoplasia; rins poliquísticos).

O corpo é então vivido como frágil e atingido; corpo este simultaneamente equacionado nas suas múltiplas dimensões – física e psíquica.

O sujeito ao nomear no inquérito o conteúdo “*seios*” parece estar a revelar os receios ou os sentimentos de dano sentidos face à sua dimensão feminina e sexual, parecendo neste cartão que o corpo todo ele fica atingido pela angústia corporal intensa.

Na resposta seguinte, C empreende um movimento aparentemente progressivo, no entanto, sobressai a indefinição identitária e sexual dos conteúdos referenciados (mesmo quando esta é por fim assinalada no inquérito, é com dúvida e incerteza que o sujeito refere “*ratos*”), dando conta da inexistência de um objecto materno suficientemente operante, dificultando a construção da representação corporal e psíquica do sujeito como sujeito separado e individualizado, que se situa numa dada identidade reconhecida pelo mesmo, afirmada e expandida face ao diferente e complementar – identidade do Eu e identidade sexual.

De qualquer modo, consideramos positivo o facto do sujeito ter podido aceder a respostas parciais neste cartão, que deixam transparecer as dimensões mais latentes, aspecto maciçamente camuflado ao longo do teste.

Cartão IX

Este cartão suscitou uma reacção disfórica devido ao carácter cromático do mesmo (levando a oscilações dos cartões - PS↔D) e simultaneamente pela problemática que reavivou vir na continuidade da problemática do cartão anterior – o materno, o corpo psíquico e físico, aspectos fantasmáticos e pulsionais.

A sensibilidade à cor motiva a «anulação retroactiva», a compulsão de índole mágica - “... *as cores dão-se bem, sinto-me confortável, mas não estou a ver nada para identificar...*”, uma vez que a cor remete para o campo pulsional e fantasmático conflituoso, desorganizante e opaco em C.

De tal modo a cor destabiliza C que esta não consegue aceder a uma representação concreta ao nível da resposta, empreendendo uma desvalorização, que revela mais uma vez a tendência à «inflação» ou ao «score de idealização negativa» - I-, aspectos típicos nos sujeitos narcisistas.

O conteúdo possível para o sujeito – “*taça*” é visto na lacuna intramacular, na lógica de «inversão figura-fundo», que remete para vários aspectos: o conteúdo aludido parece narcisicamente positivo, uma vez que uma taça é sinónimo de sucesso, de valorização egóica; mas igualmente, a sua apreensão em Dbl faz-nos pensar na falência do continente materno, na incompletude de C, suscitados pelo objecto materno (um pouco na lógica de compensar egoicamente por via do desporto praticado pela própria C a falência ou ausência afectiva materna); o facto de nos estarmos a aproximar do fim do teste, poderá reforçar o sentimento de vazio e de desprotecção pela eminente separação face ao psicólogo; a circunscrição da taça revela ainda, a necessidade de evocar uma superfície delimitadora e por isso mesmo, ilusoriamente securizante, protectora, aspecto típico em sujeitos com personalidade narcísica – “... *porque eu estou mais a ver o interior, estou a ligar à linha, ao contorno*” (inquérito).

Tanto a «angústia de castração» primária como secundária estão presentes nas repetidas desvalorizações, que deixam ver em que moldes se organiza o narcisismo, a dialéctica relacional precoce.

O corpo é mais uma vez palco de angústias intensas, depressividade, dificuldade em se nomear de forma construtiva.

Cartão X

C parece deslumbrar-se com o impacto estético do cartão, concretamente pelo seu simbolismo pessoal ligado ao feminino; no entanto, há a destacar o facto desta apreensão ter sido efectuada no espaço intra-macular e de surgir no inquérito, a expressão da dificuldade de conceber o corpo como uma identidade una, total.

O sujeito acede ao feminino, embora a identidade corporal seja posta em causa – *“Não é a mulher em corpo inteiro, mas partes da mulher...”*; corpo frágil, de difícil integração global, clivado mesmo; pois uma mulher de corpo inteiro suscita a unicidade, a consolidação da identidade do Eu, mas igualmente, a consolidação do feminino, da heterossexualidade, o posicionamento perante o outro diferente e complementar; ao se desmembrar atenua-se ou anula-se mesmo as dimensões anteriormente referenciadas.

O facto da apreensão ter sido efectuada intramacularmente revela a tendência para a sensibilização depressiva relacionada com a imago materna; de certo modo, a *“mulher”* que surge também é expressão do materno primário, materno simultaneamente deslumbrante (alvo de «conflito estético», segundo Meltzer) e tendencialmente parcial, incontinente.

Depois das primeiras representações, o sujeito oscila nos posicionamentos do cartão e deixa-se sensibilizar pelos elementos externos da cor, excitantes, que parecem pontualmente desviar o sujeito das representações ligadas ao materno, da eminência da separação diferenciadora e do abandono afectivo-relacional e contextualiza-lo num ambiente de acção, energia, de suposta alegria e cor – *“carnaval”*, *“festa”*, que parece obedecer a uma necessidade de *“pirueta narcísica”*, de restauração narcísica; enfatizada pela última resposta – *“ramo com flor”*.

Prova das Escolhas

O favoritismo recai sobre os **cartões X e IX** respectivamente; no cartão X é essencialmente a percepção de um espaço mais ocupado ou preenchido que atrai o sujeito, talvez pela sensação ilusória de preenchimento do seu vazio interno ou “lacunas psíquicas”; igualmente, o facto de ser um cartão com cor também exerce um efeito de preenchimento emocional no sujeito.

O cartão IX é também escolhido uma vez que a cor vem distanciar o sujeito do carácter sentido como disfórico dos cartões mais escuros e por isso mesmo, mais reavivantes das dimensões falentes do materno, do paterno, da integração corporal, da sexualidade, etc...

Como cartões menos agradáveis surgem o **IV** e o **I**; o **IV** pelo carácter disfórico e assustador do masculino que brota do cartão, que deixa o sujeito arrebatadoramente passivo e esmagado pela impotência em fazer face a esta dimensão e ao que esta simboliza; igualmente a existência de um materno que não se prestou enquanto elemento propulsor dum espaço do paterno e do masculino evoluídos.

Assim, o espaço do diferente permanece “... escuro, faz um bocado mais medo que os outros, não sei porque”, espaço estranho, de ameaça interna.

No cartão **I**, o sujeito reforça o carácter disfórico de dois pormenores que não parecem integrar-se num corpo como um todo; estes remetem para a temática da violência, que aqui surge verbalizada com uma certa precaução – “*uma certa violência*”, pois o sujeito em todo o protocolo procura neutralizar, minimizar e evitar esta dimensão ao máximo, de tal forma que o sujeito faz uma viragem no final da resposta dizendo “... *mas também não gosto de ver os pés em baixo, faz lembrar tudo muito bicudo e certinho, não gosto*”; pensamos que não é propriamente pelo carácter certinho dos pés que **C** não os aprecia, mas exactamente pelo carácter agressivo que emana do conteúdo, sendo mais sustentável ao sujeito empreender uma espécie de «denegação», um «ir-e-vir» projectivo.

Psicograma

O tempo total da prova encontra-se dentro dos parâmetros normativos, embora os tempos de latência nos pareçam demasiados curtos ou mesmo imediatos, o que parece reenviar para uma procura de não dar espaço para fazer emergir a dimensão interna, mais inconsciente e conflitual, a dimensão do pensamento.

C mantém-se ao longo do protocolo numa atitude defensiva, de evitamento de uma implicação mais latente e pessoal face aos perceptos pela abundância de respostas globais simples. Esta atitude parece dever-se a vários aspectos – ausência de curiosidade, de imaginação e de criatividade face ao seu mundo interno de índole defensiva, pois conectar com o interior supõe dor e confronto com o passado conflituoso; receio de se implicar e investir na relação com o outro, tendo como pano de fundo uma significativa desconfiança, a qual nos parece surgir na continuidade da desconfiança face ao objecto primário. *Quem não possui um objecto materno estável e apaziguador, poderá investir na relação com o outro de forma espontânea, autêntica e total?!*

Assim, o mecanismo do «recalcamento» é aqui operante nesta tentativa de camuflar o mundo interno e as suas vivências traumáticas primordiais, de obstruir o trabalho de elaboração e de mentalização das experiências.

O anteriormente referenciado revela a primazia da atitude passiva e submissa do sujeito suscitada pela evasão demagógica e insustentável das dimensões internas agressiva e pulsional.

As respostas parciais surgem em minoria, sendo algumas de frustração, o que evidencia a luta do sujeito entre a procura de controlo do mundo latente e a falência do mesmo, como é bom exemplo o que está patente no cartão II (desejo e sequente falha de domínio das pulsões) e no cartão VIII.

Surgem dois Dbl, ambos dão conta das vivências de vazio, falha, carência afectiva e incompletude, assim como da significativa «angústia de castração», quer primária (cartão IX), quer secundária (cartão II); sendo que no cartão IX costuma ser relativamente habitual a sua ocorrência, relacionando-se a mesma com a problemática da relação materna.

Segundo Nina Rausch de Traubenberg (1970/90), os sujeitos com tendência aos Dbl revelam dificuldade em penetrar verdadeiramente no cartão, recorrendo defensivamente a respostas hiper-pormenorizadas, em que a solidez dos traços e dos limites está constantemente a ser colocada em cheque.

Quanto aos determinantes dos conteúdos, estes são essencialmente de natureza formal, o que revela suposta e aparentemente um movimento progrediente de adaptação/ancoragem perceptivo-realista e socializante, a existência suficientemente satisfatória do «Ego-realidade» ou do «Ego realidade definitivo», em que o sujeito busca no exterior um objecto real e concreto que corresponda à representação do objecto primário perdido; a capacidade de configurar internamente um objecto inserido num envelope perceptivo enquanto barreira/membrana de distinção entre o espaço interior e o exterior.

No entanto, a qualidade dos determinantes é na sua maioria instável e insatisfatória, remetendo-nos para uma interpretação relativamente desviada do anteriormente referenciado, para a ambiguidade do controlo da realidade e dificuldade de adaptação ao real, a dificuldade de investimento do meio e das relações objectais, que somente é contrabalançado pelos determinantes duplos e cinestésicos, os quais parecem favorecer uma inflexão positiva, uma orientação pontualmente criativa e expansiva, com carácter integrativo e libertador para o sujeito.

Mas tal como refere Catherine Chabert e parece-nos constituir este o caso aqui patente “*As respostas F- não são, no entanto, sempre e só o sinal ou o sintoma de uma falta de ancoragem ou de uma desinserção do real. Elas aparecem nas produções que não põem em causa as capacidades adaptativas do sujeito: estas respostas F- mostram, antes de mais, o insucesso de defesas rígidas que tenderiam, pelo recurso ao formal, a evitar as implicações projectivas. A formalização falha, então, na medida em que o controlo não se mantém, tornando-se a pressão pulsional fantasmática ou afectiva demasiado forte para se manter contida. Assiste-se, então, a uma oscilação na qualidade das respostas que traduz a luta entre movimentos contraditórios, entre o interdito e a expressão do desejo.*” (In «O Rorschach na clínica do adulto», Lisboa: Climepsi Editores, 2003, pp. 136). De qualquer forma, as defesas parecem-nos asténicas e inoperantes no que diz respeito ao evitar das ingerências fantasmáticas.

As diminutas respostas cromáticas vêm pois marcar a tendência para a penúria ou frieza afectiva do sujeito, para o excessivo controlo das emoções, assim como para a carência de espontaneidade, para a existência de barreiras rígidas entre a dinâmica ou dialéctica de opostos; no fundo, revela a vivência relacional dolorosa, associada a carências narcísicas primitivas.

Relativamente à precariedade de respostas cinestésicas, esta expressa a tendência à minimização da expressão pulsional e agressiva.

A natureza dos conteúdos nomeados é essencialmente animal. Embora a percentagem de respostas A esteja dentro dos parâmetros normativos – 38%, sendo o intervalo de razoabilidade de 30-45 %, importa verificar o facto destas serem a tipologia de conteúdos mais prevalecente, o que faz recair as interpretações sob uma perspectiva diferenciada.

Antes de mais, as respostas animal reenviam para a adaptabilidade social, assim como para a conformidade; em C estas constituem maioritariamente banalidades, reforçando o carácter de adaptabilidade (cartões I, V, VI e VIII).

Consideramos que em C a percentagem e a maioria de respostas de conteúdo A assume um carácter defensivo – de superadaptabilidade, remetendo para a existência de uma espécie de carapaça social que protege ilusoriamente o sujeito face ao contacto humano autêntico, face à dimensão objectal, revelando a adaptação superficial e rígida do sujeito face à realidade, sujeito construído numa lógica de «falso-self».

A escassez de respostas H parece-nos reenviar para a problemática da identidade subjectiva em C, para a fragilidade da imagem e da representação de si em relação, para a dificuldade em se identificar enquanto ser diferenciado do outro, representado num sistema de relações sociais e íntimas promotor da empatia.

A imagem humana interiorizada por C a partir do objecto primário parece não se constituir como um modelo identificatório suficientemente viável, não se constituindo como um elemento securizante e apaziguador das suas angústias e conflitos internos.

As banalidades em C são cinco e revelam essencialmente uma atitude conformista sem subjectividade associada. Embora as banalidades revelem *à priori* o sucesso de ancoragem ao real, no entanto, esta não consiste numa verdadeira tomada de conhecimento activa e dinâmica do objecto (inibição na abordagem e procura de um objecto novo, suscitador de angústia, inquietação e incertezas), pois não se evidencia uma procura de articulação ou combinação criativas.

Por último, estamos perante um **TRI Ambiequal**, em que surge a expressão de dois pólos em proporcionalidade idêntica – C e K.

- Discussão do Protocolo C

Centrando-nos de momento na «imagem do corpo» construída por C, o «corpo vivência» (tal como dizia Sigmund Freud “*O Ego é um Ego corporal*” [Sami-Ali; Cady, S.; Froli, G.; Gauthier, M.; Gorot, J.; Mendes Pedro, António; Robert, M. (2001). «Sonho e Psicossomática», Lisboa: Dinalivro, pp.22), marcando a inseparabilidade entre a psique e o soma), este é vivido com uma intensa angústia - «angústia corporal», angústia relacionada em parte com a forma como o próprio sujeito construiu internamente a vivência da sua doença; corpo fragilizado, sentido como atingido, com esporádicos acessos de não integração ou totalização (e até mesmo pontualmente com expressão de clivagem); corpo igualmente carregado de «angústia de morte», em que o sujeito questiona os seus limites, a sua resistência existencial, a sua própria vida – corpo fantasmagórico instável e em perigo de pobreza imagética.

Esta imagem surge reforçada pelo facto do sujeito se encontrar embrenhado nos meandros ou teia da lógica familiar de corpo atingido, simultaneamente corpo doente exibicionista e apelante ao afecto, e igualmente, corpo doente palco de dor e de antecipação de sofrimento e de possível morte. Os aspectos anteriormente apresentados reenvia-nos para a existência de um «pensamento concreto» ou «pensamento operativo», em que o sujeito possui uma profunda dificuldade em mentalizar ou elaborar os afectos, as vivências. Sendo a angústia psíquica insustentável para o sujeito, não digerível ou tolerável, este canaliza a mesma para o corpo.

A identidade psíquica do sujeito ou o investimento da imagem de si remete para a dificuldade de diferenciação do sujeito face ao objecto materno, face ao outro, corolário de uma falência do processo de tomada da «angústia do estranho» (René Spitz) e do revés da capacidade de «*holding*» e de «*rêverie*» materna. Estamos perante uma problemática da identidade subjectiva, a fragilidade da imagem de si em relação, relação face a um objecto diferenciado, o centramento na objectualização.

A indiferenciação objectal promoveu em C uma fixação narcísica do Eu, a identificação adesiva, uma relação estabelecida em espelhagem, em duplicação, que conduz o sujeito a um movimento centrípeto, a uma visão monocular e não circular do mundo e das relações (intolerância à mudança e à frustração – exemplo: “*Eu não gosto de algas. (...) um formato muito complexo e moldam-se(...)*”, cartão IV, resposta ao inquirido), a uma relação anaclítica, enclausurante, porque não promotora e expansiva do seu «Ser» e «Existência», de uma dialéctica com direcionalidade do «Ser Como» ao «Ser Com», ao «feminino primário»; estando o sujeito fixo numa lógica do «Ser Como» em colagem, não verdadeiramente objectal.

Na continuidade do que anteriormente se referenciou encontra-se um intenso vazio (sensibilidade persistente aos espaços intra/intermaculares; embora o vazio também esteja

patente noutros registos de resposta, como é o exemplo do cartão VII, resposta adicional – “*Uma coisa tipo cratera, mas não*” – expressão da qualidade materna, à semelhança de um «buraco negro», vazio), a depressividade, o sentimento de incompletude, a insuficiência e a impotência, tendo as mesmas como bastidores a falha da função materna, da «função α », do «holding»; a prisão numa «identificação primária» asténica, comensal, baseada no tripé pulsional entrópico, que conduz o sujeito a uma intensa «angústia de separação», e mais profunda e primitivamente, à «angústia de abandono».

Segundo Green (1983), a série branca de angústia - presente nas respostas a este protocolo (cartão II, resposta 5 e inquérito; cartão IX, resposta 15); reenvia para “*Um desinvestimento maciço, radical e temporário, que deixa traços no inconsciente sob a forma de “buracos psíquicos”*”, sendo esta lógica corolário do seu conceito de «mãe morta», mãe desvitalizada, indisponível, não empática.

Por sua vez, Nina Rausch de Traubenberg (1979/1990), interpreta a sensibilidade aos espaços intra ou intermaculares como um cenário psíquico carregado de insegurança, incertezas, sem confiança; logo, um terreno instável, facilmente em risco psíquico.

A prevalência do vazio psíquico, conduz igualmente à necessidade de uma «segunda pele» (Esther Bick) ou de um «Ego pele» (Didier Anzieu, 1974, 1981, 1994) como um envelope delimitador das extremidades internas pouco estáveis e até mesmo ameaçadoras, nem sempre operante (exemplos: cartão IX, resposta 15 - “*(...) estou a ligar à linha, ao contorno.*” – referindo-se ao elemento “taça” em Dbl; cartão IV, resposta adicional – “*Faz-me lembrar um palhaço, mas não gosto e eu gosto de palhaços*”).

É de realçar, o facto da figura do “palhaço” se poder inserir no conceito de «nível 5» da escala de P. e H. Lerner; assim como igualmente do «índice de barreira-penetração» de Fisher e Cleveland – 1958, uma vez que este conteúdo é investido enquanto envelope ou máscara/carapaça protectora (neste caso pouco operativo).

A forma como o mundo interno de C está estruturado revela a inoperância do objecto materno para a ligação, transformação e expansão do mundo mental do sujeito por via do consentimento ou permissividade da função diferenciadora do pólo afectivo paterno e masculino do pai; para a não transitoriedade de sentido/significado latente, subjectivo e criativo - «transformação de movimento rígido». Destaca-se pois a falta de espessura simbólica ou o vazio ideativo.

No fundo, a mãe não se prestou enquanto «continente feminino vivo», e o pai igualmente não se proporcionou como «contido masculino vivo» ou «factor transgeracional da função paternal» - Florence Guignard; possuindo o objecto maternal uma «função desobjectalizante», accionando o processo de desligação da acção paterna.

Impera pois o «trabalho do negativo disjuntivo» (Green, 1986), em que o negativo não encontra vias de complementaridade, ficando o acesso a novos objectos inviabilizado.

As falhas ou fragilidades identificatórias primitivas originam a tendência regular do sujeito para a oscilação entre a desvalorização e a valorização narcísicas – (PS↔D) (cada um à vez representando o outro lado da moeda) [I – ou I +, score de idealização negativa/positiva maioritariamente indirecta – Nina Rausch de Traubenberg ou «inflação» temática ou de adjectivos, segundo critérios de Catherine Chabert - 1993, pp. 71], a última tentativa reparadora e compensatória (por vezes, verdadeira “pirueta narcísica”), nem sempre bem conseguida, pois o sujeito tende a fixar-se em conteúdos superficiais (“flor”, “borboleta”, “sol”, “orquídea”...).

Os movimentos de oscilação precária entre os extremos parece ser uma constante neste sujeito e um aspecto característico da «idealização» arrebatadora típica em sujeitos com traços narcísicos. Quanto aos mecanismos de defesa impera essencialmente a rigidez do tipo narcísico, concretamente a inibição sem deslocamento, sendo os estímulos essencialmente investidos enquanto objectos reais ou concretos.

A «identidade secundária» está pouco consolidada em C, o sujeito procura activamente fugir, negar e neutralizar todos os movimentos projectivos através da «luta anti-depressiva» constante e intensa - a carga pulsional sexual e agressiva, bem como a carga fantasmagórica interna, procurando extinguir qualquer hipótese de proximidade relacional e afectiva, através da fixação a uma modalidade de «sexualidade adesiva» segundo a denominação de Joyce McDougall.

O seu posicionamento face ao masculino e ao paterno é passivo, pois constituem-se como dimensões conflituais, ameaçadoras, não integradas mentalmente, devido à fixação no pólo «materno primário». Desse modo, sobressai a indefinição ou ambiguidade, quer identitária, quer sexual, ambas com pouca viabilidade de movência evolutiva.

Estamos perante uma homossexualidade de tipo «proto-edipiano» segundo critérios classificatórios do autor Socarides ou «homossexualidade manifesta» de acordo com os pontos de vista de J.-M. Quinodoz, uma vez que a mesma é vivida de forma ego-sintónica pelo sujeito, bem como estabelecida sobre os falsos alicerces da dinâmica relacional primária, não se dinamizando o complexo de Édipo; mas ficando o sujeito preso à «bissexualidade psíquica», ao «materno primário».

9.4 – Discussão Geral dos Protocolos A, B e C

A partir da análise destes três protocolos foi-nos possível compreender como os elementos organizadores do materno e do feminino são viáveis enquanto par continente-conteúdo - ♀♂, no sentido de possibilitar a expressão do trabalho do aparelho para pensar os pensamentos através do Rorschach, fazendo emergir o simbolismo particular do feminino em mulheres lésbicas.

Constatou-se como através do despoletar de emoções ligadas ao campo do ser feminino na sua ligação ao materno, os sujeitos são capazes de estruturar as suas vivências a partir de resignificações, resimbolizações - processo transformativo interno (K→O).

A partir da situação catastrófica, turbulenta e disruptiva que constitui a do Rorschach, pudemos verificar como os sujeitos do estudo através do poder construtivo, conectivo e transitivo do seu mundo interno – conjectura esta denominada por Green (1988) de «processos terciários», conseguiram passar da representação da coisa à representação da palavra – conteúdos projectados de forma simbólica e pensante; através da circularidade ou relação entre diferentes complementares (ou antagónicos) – interior VS exterior, Eu VS outro (interno e externo).

O papel do outro é aqui fulcral (técnico; objecto primário; objecto continente), deste outro que supostamente contem os conteúdos, as emoções, as experiências-vivências (expressas a partir da palavra e de outros sinais não verbais), mediante uma postura suficientemente tolerante, passivo-activa, empática, intersubjectiva, possibilitando a transformação, a resignificação das vivências emocionais e cognitivas vividas nesse dado contexto (situação Rorschach), nesse dado tempo (um aqui e agora particulares), onde os vários tempos confluem para a emergência de uma resposta dotada de um sentido simbólico acrescido - resposta enriquecida e enriquecedora, suposta e hipoteticamente aberta e disponível a novas experiências, à relação com novos objectos, potencialmente expansiva.

Desta relação emergem os padrões das experiências emocionais primordiais (através do mecanismo de defesa da «identificação projectiva» adaptativa) em que os elementos do feminino procuram ascender a um continente interno que os possibilite expressarem-se, procurando um sentido dentro e fora de si e igualmente, dentro e fora do outro, estabelecendo-se conexões a partir de uma linguagem e pensamento interligados e intersubjectivos.

A mulher homossexual revive neste contexto as problemáticas da sua «identidade primária» e da sua «identidade secundária», às quais só teremos acesso se houver maleabilidade ou flexibilidade do seu pensamento (capacidade transformadora, de caesura), que permitirá a oscilação adaptativa entre movimentos regressivos/desintegrativos-progressivos/integrativos, entre dimensões diferenciadas mas complementares.

Assim, os sujeitos vão projectando a partir do Rorschach o processo latente e regressivo de relação, quer com o objecto materno, quer com o objecto paterno (materno que irá dar lugar hipoteticamente ao feminino e paterno que irá supostamente dar lugar ao masculino, ambos

evoluídos e adaptados), que de forma supostamente movente, transitiva e (regressivo-) progrediente dá espaço à sua qualidade actual do feminino e das suas identificações sexuais – verdade; passado resignificado, restaurado, teoricamente disponível para novas ligações, associações, sentidos, expandindo-se a mente.

*

A partir dos modelos interpretativos que estabelecemos como base deste estudo, assim como a através das diferentes teorizações, podemos chegar às seguintes conclusões acerca do simbolismo do feminino em mulheres lésbicas através do processo resposta Rorschach:

↳ partindo da **imagem materna**, alicerce para a análise dos demais eixos, constatamos que perdura nos três sujeitos de estudo uma mãe de cariz onipotente, fálica, pré-genital, que falhou na sua função para-excitante, de transformação dos conteúdos internos, na «função α » ou «capacidade de rêverie», nos «cuidados maternos primários» (Winnicott), no «masoquismo materno» (Florence Guignard), fazendo com que os sujeitos ficassem sem capacidade de movência psíquica simbólica e resignificante, mas invadidos por conteúdos intoxicantes e parciais próprios da posição «esquizo-paranóide» e do «processo primário» ao ponto de serem pontualmente invadidos por elementos persecutórios, paranóides ou mesmo arbitrários (“*olhar absorvente*”; “*garras*”; “*O focinho de coelho e os cavalos marinhos estão a sair dos olhos do coelho*”...), que marcam a invasão da oralidade (sujeito **A** e **B** - autores tais como Jean-Michel Quinodoz - 1989; M. Bouvet, P. Aulagnier e O. Kernberg concebem as fixações orais ligadas à homossexualidade como manifestações psicóticas subjacentes, actuando a homossexualidade como defesa contra ansiedades paranóides ligadas à retaliação materna e ao medo de poder destruir e atacar o espaço materno ou de ficar aprisionado neste espaço) – em que o receio de retaliação materna é intenso [aspecto indicado por Mélanie Klein como típico na homossexualidade, uma vez que leva ao afastamento defensivo da feminilidade; segundo Bégoin, as fantasias ligadas ao ataque corporal em que os objectos amados são destruídos faz com que a menina fique insegura face às suas capacidades femininas e face às capacidades maternas, conduzindo-a defensivamente a uma identificação à mãe], da oscilação oral-anal/anal-oral (sujeito **A**) [aspecto igualmente característico da homossexualidade, embora mais evoluído ou elaborado] e da «angústia de morte» (sujeito **C**) [aspecto indicador de uma falência extrema da função continente materna, marcando neste caso uma postura vinculativa abandonica]; sendo a restauração depressiva e a totalização postas em causa.

A qualidade do materno anteriormente referenciada também se encontra ao nível das vivências dos sujeitos para além da expressão Rorschach.

Assim, no sujeito A surge a «angústia de morte» associada aos objectos privilegiados da sua vida, entre eles a mãe, expressa através de pesadelos repetidos de um computador a desligar-se progressivamente, aspectos que segundo os pontos de vista de Mélanie Klein, podem marcar o receio de retaliação materna e da invasão da imago materna enquanto “mau objecto” interiorizado.

Neste caso e segundo a mesma autora, o facto da agressividade estar imbuída predominantemente pelas teias da pulsão de morte conduz o sujeito a sentimentos de terror, de “paralisia” e de impotência, sendo invadido temporariamente pelo compromisso entre o dissociar e o integrar os conteúdos, os objectos internos e fantasmáticos, bem como por mecanismos de defesa arcaicos, como são os casos da «identificação projectiva», da «clivagem»...

A integração dos objectos persecutórios e dos objectos ideais é difícil pela precariedade funcional do Superego, o que leva a sentimentos depressivos.

Em B, a mãe constitui um objecto que se mantém à distância, com o qual não existe muita proximidade (embora ultimamente se tenham reaproximado face à situação de perda da namorada por parte da filha), o que nos dá conta de uma mãe que investe frustradamente a filha, mantendo-se à distância, indisponível, com pouca capacidade de pensar a filha, logo, uma mãe que poderá tornar-se uma ameaça onipotente, um objecto persecutório, alguém em quem não se confia suficientemente.

Se uma mãe intrusiva e excessivamente presente (falsamente presente) se poderá tornar persecutória, uma mãe ausente igualmente se poderá tornar numa ameaça, pois constitui um objecto face ao qual não se sabe o que esperar, nem o que pensa ou sente sobre o sujeito, pairando o fantasma de um mau objecto interiorizado – aquele que parece não desejar, não amar nem cuidar, objecto de inconstância e de desconfiança, logo alvo de ataques fantasmáticos destrutivos por parte do sujeito; que por via de nunca ter sido estabelecido um vínculo suficientemente preenchido leva o sujeito à dependência por indiferenciação, e ainda assim a uma atitude expectante e consequentemente frustrante de um potencial objecto investidor e continente, a uma fragilidade autonómica e à incapacidade de interagir com um adulto apelativo; objecto este indutor de depressão, pois segundo estudos de Brazelton, Tronick e Gianino (estudos Still Faces, 1989), uma mãe indisponível costuma ela mesma estar deprimida, não olhando empaticamente o seu bebé, não se estabelecendo um vínculo positivo, dando «respostas não contingentes», não atendendo primariamente às repercussões internas destas mesmas respostas sobre o bebé, levando a uma possível retirada da interacção e aparente tristeza e abatimento do bebé, sendo a relação com o objecto materno sentida como dificilmente reparável e a auto-representação do sujeito marcada pela incompetência nos vários aspectos que constitui o sujeito; no fundo, uma relação promotora segundo Bion dos vínculos adaptativos L,

H, K, sendo que o “*pensamento para o outro*” e o “*pensamento-para-um-outro-de-mim*” não se opera.

Em C surge-nos uma imago maternal carregada de vivências de corpo atingido, doente e pela angústia de perda do objecto pela iminência de morte, a qual concretizou-se mesmo (vivência precoce de intenso sentimento de perda, insustentável e impensável para o psiquismo de uma criança com sete anos), fomentando um mundo interno pouco contido e uma descarga das angústias por via do corpo – problemática psicossomática.

A dinâmica ou a relação corpo-mente encontram-se atingidas, se a mente não consegue albergar, elaborar e descarregar angústias, o corpo surge como um último recurso de descarga, uma espécie de espaço para o “grito” de socorro em resposta ao sofrimento psíquico impensável e incontido, no entanto, este “paga” bem alto o “preço” desta incapacidade, o adoecer concreto do corpo – segundo parecer de Sami-Ali (2001), já que a mente não possui interiorizada a função continente, estruturante e promotora de saúde psíquica.

Assim, segundo o mesmo autor, não se trata de um registo hipocondríaco, mas de um registo mais arcaico, com viabilidade de sintoma corporal, ou mesmo de “dano” fisiológico, de lesão dos tecidos, que progressivamente dá lugar ao empobrecimento psíquico e criativo, a um processo de natureza «*caracterial*», de «*hiper-adaptabilidade*».

↳ os aspectos referenciados anteriormente dificultam a diferenciação do sujeito face ao outro, a tomada da «*angústia do estranho*» (René Spitz) e da «*separação-individualização*» (Margaret Mahler), a diferenciação entre o universo interno e o universo externo, a distinção temporal - passado VS presente VS futuro, a noção espacial, a intergeracionalidade; no fundo, a lógica de circulariedade (prevalecendo a entropia dos sistemas transitivos; a transformação de movimento rígido – - L, - K e - H, segundo concepções de Bion), os movimentos regredientes-progredientes adaptativos, as diferenças complementares (intolerância à mudança e à diferença – “*Eu não gosto de algas. (...) um formato muito complexo e moldam-se (...)*” – sujeito C); favorecendo uma problemática da identidade subjectiva e a fragilidade da imagem de si em relação.

↳ surgem assim, três personalidades arreigadas na fixação narcísica do Eu (Mélanie Klein concebe a homossexualidade como uma organização patológica do narcisismo essencialmente devido à predominância de aspectos esquizóides e das pulsões auto/hetero-destrutivas, que interferem na construção da identidade; Bergeret refere-se ao mesmo aspecto como expressão do balanceamento entre a «*identificação primária*» e a «*identificação secundária*», assim como entre o «*homoerotismo primário*» e o «*homoerotismo secundário*»), cuja identificação tende a ser, em maior ou menor grau, segundo parecer de Esther Bick adesiva, anaclítica, ou segundo Bion, fusional, comensal ou parasitária; portanto, em colagem, em desdobramento ou espelhagem do outro (sendo as respostas que compreendem os conteúdos simétricos e as

respostas «reflexo» indicadores destes aspectos, de acordo com os estudos de Catherine Chabert - 1987), resultando daí uma modalidade relacional entrópica, com «função desobjectalizante», fomentadora de um «falso Self», da descontinuidade do Eu, de intensa «angústia de abandono». Esta modalidade de funcionamento permite extrapolar a partir do pensamento de Freud a camuflagem de qualquer conflito inter-sistémico, assim como o distanciamento dos conflitos objectais – rivalidade, sexualidade...

Segundo Rosolato (1987), a relação entre as parceiras constitui uma «coincidência extraordinária», na medida em que estas tendem a estar sintonizadas no mesmo tipo de necessidades e de funcionalidade, constituindo inclusive a presença de cada uma para a outra uma forma de preenchimento do sentimento de valorização do Eu.

Na história de **A** encontramos a necessidade imperiosa da presença da mãe e da tia como objectos funcionais e fusionais, que atenuam a percepção de diferenciação; em **B** a dificuldade de elaboração do «luto» face à perda da relação com a namorada, situação catastrófica, destruturante que a deixa indisponível para o encontro com novos objectos e nos revela o nível de adesividade e de “colagem” com a imago materna precoce, e em **C** igualmente uma intensa adesividade aos objectos, cuja ausência ou precariedade a canaliza para a psicossomatização e para a «angústia de morte» intensas.

Importa retomar o caso **B**, pois este faz-nos pensar na importância do carácter de lealdade na relação entre mulheres homossexuais; tendo sido alvo de uma perda recente, o sujeito sente-se perdido, invadido pelo sentimento fantasmático de deslealdade, e este sentimento é tanto mais insustentável quanto reenvia para a lealdade sentida nos primórdios da relação com o objecto primário, marcada pela falência de «amor terno» na acepção de Coimbra de Matos (1981).

↳ é de tal modo a incompletude que a imago materna sugere nos sujeitos, a lacuna ao nível da sua função maternal ou a ausência de continente epidérmico estruturante, que os sujeitos tendem na generalidade a recorrer a conteúdos ilusoriamente contentores ou alfabetizantes na acepção bioniana, concretamente às respostas do tipo “pele” ou índice de barreira/penetração (Fisher e Cleveland, 1958), que corresponde à necessidade ávida de um continente protector compensatório («necessidade de criar um substituto para o continente epidérmico» - Hinshdwood, 1992), de uma segunda pele, superfície ou envelope (“*máscara*”; “*palhaço*”; “*abóbora de Halloween*”...) de acordo com o pensamento de Esther Bick e de Didier Anzieu (1974); às respostas que invocam um limite ou circunscrição dos engramas (sensibilidade às linhas, aos contornos, aos limites), como forma do sujeito ainda assim se sentir minimamente íntegro; e o recurso à «idealização», com movimentos de oscilação entre os extremos (I- ou I+ - score de idealização negativa ou positiva, na sua prevalência indirecta – Nina R, Traubenberg,

«Ideal do Eu» ou «inflação» temática ou de adjectivação – Chabert, 1987), que equivale a um registo restaurador ou reparador – de pretensão encaminhamento e posicionamento depressivo na acepção Kleiniana, uma verdadeira “pirueta narcísica”, de compensação pela falha materna, mas que regra geral, não se revela operante (luta anti-depressiva falhada).

De facto, o «Eu-pele» ou o «Pré-Eu-Corporal» na acepção de Didier Anzieu constitui uma dimensão fundamental no sentido de reter as dimensões bondosas do objecto no interior do sujeito, na capacidade de delimitação entre o interior e o exterior, à semelhança de um “escudo” ou barreira protectora face às ameaças fantasmáticas externas, e ainda, um espaço primário de trocas objectais – «objectivação do objecto» (Winnicott); aspectos essenciais ao desenvolvimento do pensamento e ao desenvolvimento de uma «superfície de inscrição» simbólica, metafórica, transitiva e transformadora; aspectos precários e falentes no seio do contexto psíquico dos sujeitos do estudo e que interferem amplamente no desenvolvimento e consolidação da sua feminilidade. Trata-se de uma relação «tela-beta» com um materno enquanto «claustrum» de acordo com o pensamento de Meltzer (1984) e de um materno enquanto “*objecto-que-não-entende-propositadamente com o qual se identifica*” o sujeito (Bion, 1962).

Hanna Segal estudou o funcionamento do ego na sua relação com os objectos, sendo as projecções e identificações primordiais estabelecidas entre estes essenciais ao processo de formação dos símbolos e da posterior capacidade de pensar, dinâmica fundamental ao evoluir da feminilidade e da heterossexualidade.

Quando o objecto materno não se oferece enquanto objecto contentor, transformador, promotor da «identificação projectiva» adaptativa, nem estabelece uma «relação de intimidade», um elo emocional com o sujeito na acepção de Florence Guignard, tende a prevalecer no psiquismo do sujeito as «equações simbólicas» “intoxicantes”, a dificuldade em tolerar um sentido acrescido à objectividade da realidade (Símbolo = Objecto => pensamento tendencialmente «concreto»), o centramento no posicionamento «esquizo-paranóide», a dificuldade ou a impossibilidade de aceder ao «símbolo propriamente dito», a um aparelho mental conceptual, dando-se tendencialmente a «fixação» ao mero pulsional, sem se aceder ao campo do simbólico, inviabilizando-se consequentemente a estruturação de uma identidade do Eu e sexual coesas e bem definidas.

Segundo Hélène Troisier e Claudette Lafond (1993) a qualidade ou natureza do materno anteriormente aludida conduz inevitavelmente ao «recalcamento do elemento feminino», factor que dificulta a estruturação da heterossexualidade.

Em A esta necessidade de uma “segunda pele” verifica-se na procura da presença nocturna materna e da tia, do contacto ou presença corporal, envelopes supostamente contentores. Em B, a reaproximação da mãe após perda da relação com a anterior namorada, assim como o início de

namoro com o sujeito A após escasso tempo da separação da anterior namorada, sugere precisamente a necessidade de um “Eu pele” auxiliar, um retorno aos primórdios no sentido de se reorganizar, de encontrar um limite estruturante e edificante do seu Eu. Por último, em C a superfície de separação face ao outro é tão ténue ou quase inexistente, que o outro constitui um objecto face ao qual não pode haver separação ou ruptura, com o risco do aumento da gravidade da somatização, de desintegração psíquica.

↳ a **sensibilidade aos espaços brancos intra/intermaculares** é uma constante nos três sujeitos, marcando mais uma vez a falência ou insuficiência do materno em fazer emergir uma «identidade primária» coesa, estável, contínua, a alteridade e a equidade, promovendo ao invés um enquistamento no «materno primário» (Florence Guignard, 1984), no Ser e no Ser Como em conformidade ou mesmidade com o outro (Winnicott, 1974), inviabilizando ou dificultando o acesso à «identidade secundária», ao «feminino primário», ao Ser Com, à heterossexualidade.

Seguindo a lógica de pensamento de Bion, parece-nos que esta sensibilidade reenvia para lacunas graves ao nível do espaço mental primitivo, concretamente a prevalência de conteúdos «sem sentido», difusos, esquizóides, que promovem um estado de terror sem significação, nem nome, um «pavor indefinível» (Bion, 1963) (equivalente à lógica do pensamento de Meltzer quando se refere ao «terror dos objectos mortos»), a insegurança, a desprotecção, a incompletude, o sentimento de vazio, a «depressão anaclítica» (René Spitz, 1946) [caso de A], e a um nível mais profundo e de gravidade, uma experiência de «buraco negro» (Grotstein, 1999) [mais saliente nos sujeitos B e C; com particular predominância em C], esvaziante, uma espécie de «angústia branca» (Green, 1983), que não deixa transparecer a criatividade, o pensamento reflexivo, o aprender pela experiência, mas centrando o sujeito numa certa pobreza de projecção e de simbolização adaptativas de si. Neste caso, o medo de «afasia» pode surgir nem que pontualmente, em que o prazer sexual já não reacende o senso de existência, sendo o Eu que corre risco, surgindo consequentemente o medo da perda da função feminina e o medo da perda dos órgãos sexuais femininos.

De facto, o sujeito B revela uma intensa adesividade aos objectos perdidos e uma incapacidade de elaboração do «luto» face aos mesmos, o que leva à instauração de um estado depressivo (falência da tomada da «posição depressiva» segundo Klein) e de indisponibilidade (pelo menos temporária) para o investimento em novos objectos.

Em C, a presença funcional do outro é imperiosa para a sua pseudo-constância ou pseudo-homeostasia psicossomática, caso contrário, como facilmente depreendemos a partir do pensamento de Grotstein (1999), o sujeito poderá entrar num estado de «vazio estático», de «sem sentido», do «Nada», em que as vivências ficam privadas de significação («aqueles fantasmas do sentido perdido», pp. 19), o que equivale para Bion à invasão dos «elementos

beta-primários», à predominância de um «continente do sem sentido», e ainda segundo Florence Guignard (1987) à «instalação de um funcionamento básico», arcaico.

↳ a natureza do **materno** que prevalece, não se constitui como operante na sua função «continente-conteúdo» ou para-excitante dos elementos femininos da mente, em fazer prevalecer um feminino evoluído e estável.

Assim, segundo Winnicott o movimento do Ser, do Ser Como até ao Ser Com evidencia-se sem «barreira de contacto», «caesura» simbólica ou movência/maleabilidade psíquica (prevalecendo o «trabalho do negativo disjuntivo» - Green (2000) e a «relação divergente» - Nina R. Traubenberg); os sujeitos ficam presos no «materno primário», no «homoerotismo primário» (casos **B** e **C**) ou no «homoerotismo secundário» (caso **A**), na «bissexualidade psíquica»/«mediação bissexual» (Christian David) - fixando-se no Ser Como em colagem ou mesmidade; sem conseguirem ascender ao «feminino primário», à «genitalidade feminina psíquica» (Florence Guignard), à «identificação secundária» coesa e estável; aspectos que pressupunham a integração do paterno («contido masculino vivo» ou «elementos masculinos puros»; «factor transgeracional da função paterna»), do masculino, do diferente mas complementar (objecto de desejo, afecto e de expansão mental), do «casal parental combinado» (Mélanie Klein), nos sistemas mentais dos sujeitos.

O **paterno** revela-se muitas vezes indisponível ou frustrantemente presente emocionalmente na relação com os sujeitos, sendo que este aspecto acrescido de uma certa tendência maternal em desvalorizar o papel paterno, acentua segundo o autor Stoller, o apego negativo ao objecto original, ao «materno primário», aos «elementos femininos puros» (Winnicott), espaço que encerra o sujeito, não o deixando disponível para novos objectos, para a expansão e continuidade, mas apenas para objectos substitutos maternos, numa modalidade relacional narcísica de teor mais dependente, incestuoso e ternurento (caso **B** e **C**) ou de teor menos dependente (mas ainda assim, dependente), mas mais sensual e sexual (caso **A**; segundo Coimbra de Matos – 2001, o reforço do erotismo ou erotização da relação pode significar uma compensação da falência de ternura no seio da relação primária, no entanto, a erotização constitui ainda assim um aspecto evoluído).

Sendo o paterno a dimensão que pauta a noção de diferenciação, de interdição e do “não” e logo instaurador do «princípio da realidade», este é fundamental na quebra da fusão ou simbiose parasitária entre mãe-bebé.

Nos três casos de estudo, os «elementos masculinos puros» na acepção Winnicottiana, que supostamente põem fim à denominada «doença normal da mãe» e dão espaço à «objectivação do objecto» não se proporcionam, não se transitando do “Ser” ao “Fazer”, nem do Ser, do Ser Como ao Ser Com.

Nos três sujeitos investigados, o elemento paterno surge ainda um tanto desvitalizado enquanto modelo do masculino, com indução de precário relacionamento sensual com o objecto materno e com pouca presença afectiva tanto com o objecto materno como com a filha, aspectos aparentemente empreendidos com a cumplicidade materno-paterna, elementos defendidos como comuns por Stoller em mulheres homossexuais.

Assim, o pai surge como um elemento pouco disponível e presente (A), carregado de agressividade e promotor de identificação devido à ausência de força e ancoragem do papel maternal (B - «Identificação ao pai» - negação latente do desejo de um pénis pela evidência da posse de um) e como frágil elemento substituto da função materna e enquanto elemento paterno-masculino (C).

Relativamente ao processo de «identificação ao pai» ou de «identificação masculina», este tem por base a crença por parte da menina da rejeição parental em satisfazer os seus desejos sexuais infantis e edipianos, conducente a um dano narcísico significativo e ao retorno ao objecto maternal como forma de elaborar a culpabilidade e a ameaça de perda do objecto; afastando-se do desenvolvimento de uma «feminilidade objectalizante» e aproximando-se de uma «feminilidade narcísica».

Segundo Joyce McDougall (1964), a «identificação ao pai» pode ainda constituir uma tentativa de escape ao perigo de identificação simbiótica com a mãe, o que conduziria o sujeito à melancolia. Embora a qualidade da relação entre a mãe do sujeito B e este seja incontinente, indisponível, na mente da criança a avidez de proximidade e de fusão (frustrada) com o objecto que não ama suficientemente pode conduzir a esta defensibilidade.

Segundo Abraham, é comum nestes registos a mulher estabelecer uma relação masculina com a parceira, procurando-se ser «realizadora de desejos do complexo feminino de castração»; este tipo de funcionamento aproxima-se do tipo I de homossexualidade masculina segundo critérios de Otto Rank, em que a possível escolha de mulheres mais novas assemelha-se à relação pai-filha.

D. Brauschweig & M. Fain falam em «censura da mulher amante» para se referirem ao facto da mulher homossexual não aceitar nem retirar prazer da imagem dos pais unidos pelo coito, logo extrapolando para a sua vivência, resulta em não se permitir vivenciar uma relação com um terceiro edificante e de poder sentir prazer sexual e erótico ela mesma com os seus genitais.

O conceito anteriormente apresentado aproxima-se do conceito de «casal parental combinado» de Klein ou do conceito de «complementaridade compartilhada»/«combinatória modulada» do autor Rosolato (1969).

↳ a **identidade sexual** dos sujeitos surge basicamente fragilizada, neutralizada, indefinida, instável e puerilizada/infantilizada, sendo a **imagem do masculino** suscitadora de

indiferenciação, passividade, submissão, ameaça, desvitalização e desvalorização das suas qualidades (não referência dos pormenores fálicos dos engramas; “*seta para baixo*”; “*palhaço*”; passagem de imagem de cavalo a gato; “*um ser mais velho*”...) e até mesmo de sentimentos paranóicos (“*lobo mau*”).

É frequente o aparecimento de conteúdos que desvalorizam a dimensão mais erótica, sensual, sexualizada e adulta do feminino, posicionando-o a um nível menos evoluído e mais regressivo – “*pessoas*”, “*crianças*”, “*inocência*”, corpo visto “*por trás*”/“*Visto detrás*”, “*um bocadinho magrinha na cintura*”.

A imagem do masculino parece claramente derivar da natureza da imagem parental interiorizada e que anteriormente analisamos e que segundo Stoller são representações inseparáveis.

Assim, não sendo promovida uma imagem parental de presença afectiva, de actividade, de um paterno em harmonia com o materno, de interiorização e elaboração da «bissexualidade psíquica» (carácter dialéctico entre o erótico e o destrutivo, prevalecendo o último registo), da integração da diferença VS complementaridade entre os sexos..., parece-nos natural que o sujeito se encontre com dificuldade na elaboração da sua feminilidade e heterossexualidade, pois os modelos do materno VS feminino, assim como do paterno VS masculino não se constituem como espaços para o pensamento elaborativo e simbólico, espaços de diferença, de equidade e de complementaridade, logo resultando como espaços antagónicos, dificultadores ou inviabilizadores do «feminino primário», do «Ser Com».

Desta confluência imagética resulta a «angústia de castração» por parte da mulher, angústia esta que habitualmente não foi ela mesma assumida psiquicamente pela própria mãe («recusa»), permanecendo uma mãe “cristalizada”, fomentadora da «identificação adesiva», não proporcionando uma saída simbólica para a sexualidade.

A «angústia de castração» é da ordem do Ter VS Não Ter (mecanismo de defesa que evita o “abismo” da psicose, o qual é da ordem do Ser VS Não Ser, problemática ainda mais arcaica, mas que o sujeito homossexual poderá correr riscos de resvalar nesta lógica), com risco de fixação no erotismo oral (caso B e C – no primeiro caso «Homossexualidade manifesta», no segundo caso, «homossexualidade proto-edipiana» - segundo os critérios das tipologias de homossexualidade defendido por Socarides; reportando à «homossexualidade manifesta», J.-M Quinodoz considera que esta resulta da falha ocorrida na integração das pulsões homossexuais na estruturação mental, em que a menina busca fazer frente à intensa «angústia de castração» e à “morte psíquica”; por sua vez, Jones (1927) refere nos seus trabalhos o que ao nível dos resultados do Rorschach parece evidente – a homossexualidade feminina é amplamente influenciada» por factores pré-genitais e pela agressividade oral, favorecendo uma «identificação sádica»; segundo Socarides a «homossexualidade proto-edipiana» possui um poder restaurativo mágico, em que sexualidade surge sem qualquer mediação, de forma

impulsiva) e de oscilação oral-anal, mas com maior preponderância da analidade (caso A – denominada «Homossexualidade edipiana» - Socarides; mais evoluída face às tipologias anteriormente referenciadas, uma vez que o sujeito acede ao «complexo de Édipo», embora não o elabore de forma harmoniosa, predominando o «Édipo negativo» segundo Winnicott).

A analidade constitui um elemento que é associado à estruturação positiva da feminilidade, que segundo Abraham (1920) costuma estar ausente nas mulheres homossexuais; no entanto, quando a analidade é da ordem da fixação, uma realidade defensiva, marca claramente um carácter mais elaborado do feminino nas mulheres homossexuais.

Parece-nos que a relação de amor de cariz homossexual primário é uma vivência universal, somente quando os conflitos proto ou edipianos se tornam demagógicamente excessivos podem levar à homossexualidade.

Vários autores referem-se à «homossexualidade transitiva» durante a adolescência como um processo salutar e estruturante (Winnicott, 1945; Kestenberg, 1984; Catherine Ternynck, 2001), sendo concebido como uma «actividade auto-erótica compartilhada» que possui várias funções estruturantes – a repressão temporária da corrente fantasmática face à diferenciação entre os sexos, ainda impensável, mas progressivamente elaborada e aceite, dando-se um reforço da introjecção pulsional, mas que entretanto subsiste sob a forma de desejo anaclítico e de desejo de partilha de amor; forma de resolver a «angústia de castração»; o reforço do laço e do potencial identificatório; processo este que faz do objecto simultaneamente um objecto de apoio, libidinal e narcísico.

Segundo Kestenberg, a partir da introjecção das qualidades femininas da mãe, a amiga constitui nesta fase particular da adolescência um espaço para novas introjecções femininas, em que se dá a absorção de um Outro Eu mesma por parte do sujeito – um Eu psíquico e um Eu sexual renovados e únicos.

Apesar da conservação temporária dos sentimentos homossexuais, a seu tempo todo este processo e as suas vicissitudes conduzirão supostamente à consolidação definitiva da Identidade Feminina, à heterossexualidade.

Assim, as vicissitudes da vivência e conflitos proto-edipianos e edipianos são reavivados aquando da adolescência numa busca de solução reparadora, de elaboração do posicionamento depressivo e de consolidação do «núcleo de identidade de género» (Stoller; consolidação supostamente não conflitiva); se estes movimentos progredientes são bem sucedidos dá-se um fortalecimento da função feminina, caso contrário, ocorre a astenia, a regressão da função feminina, imbuída em excesso de culpabilidade, oscilações, agressividade, nostalgia... Neste caso, o sujeito retoma o desejo e a fixação pelo sujeito do mesmo sexo como modelo do amor homossexual primário, sendo reavivados tantos os prazeres como os temores vividos

precocemente na relação com o objecto primário, numa lógica de jogo compartilhado – “folie à deux”, assumindo a mãe o espaço do *fañus* imaginário («mãe fálica» - Green, 1968).

É o tempo e o espaço para a posição/fixação relacional «homoerótica», a falha no processo de «identificação primária/secundária»-«primeira/segunda forma de homoerotismo» segundo Jean Bergeret (2001), em que se deu a falência da «fase transitória narcísica» e a preservação do objecto ideal infantil («defesa anti-depressiva»), sendo fortemente reavivada a trama narcísica deficitária, as falhas na função materna primária.

Para Green, as parceiras passam a constituir-se enquanto um «Eu comum regulador» ou um «suporte de identificações mútuas», em que o outro (ambas) é alvo das projecções primárias (Saussure, 1929).

Segundo Júlia Kristeva, este apego excessivo à mãe tem entre várias funções a de apaziguamento da «angústia de castração», a qual tende a subistir ao nível latente de forma intensa.

Segundo Guignard (2002), o «duplo luto erótico» associado à escolha heterossexual não se verifica, nem a «maternidade psíquica» enquanto tempo para pensar e criar.

Os aspectos anteriormente aludidos tendem a conduzir invariavelmente a uma «sexualidade aditiva» (igualmente denominada de «nova sexualidade/realidade» segundo Joyce McDougall), em que se vive uma sexualidade regressiva que mascara o incesto (a conflitiva ligada ao objecto primário é transposta para a sexualidade como uma alternativa), constituindo-se como uma «compulsão à repetição» de registos infantis e tendencialmente parciais, sem mediação do processo secundário, à semelhança de um «acting out», com invasão do «processo primário» e fixação num registo primordial de relacionamento afectivo ou sexual, em que o «Eu-Sexo» surge atingido, predominando o egocentrismo.

O carácter compulsivo da sexualidade permite ao sujeito equilibrar dentro de si, na medida do possível, a raiva infantil face às representações interiorizadas dos pais, permite ainda, a negação dos sentimentos de violência, atenuar os sentimentos de perda das fronteiras do Ego/ameaça de extinção do Self e de morte iminente.

Nesta lógica de funcionamento, não existe espaço para os mecanismos do «recalcamento», nem da «sublimação», aspectos apontados por Freud como próprios da «neurose» e promotores da regulação pulsional; e ainda, da consciência da falha, do negativo, da tolerância à frustração, elementos promotores do trabalho do pensamento, sem os quais a feminilidade tende a ter dificuldade em se elaborar. Segundo o mesmo autor, o que impera é essencialmente uma «recusa» ou «negação» da diferenciação entre os sexos derivada da não aceitação da dos pais ligados pelo coito, bem como um intenso «complexo de masculinidade» que tende a conduzir defensivamente para a homossexualidade.

Parece-nos que na vivência afectiva de **B** e de **C**, embora possa existir algum espaço para a vivência da sexualidade, esta não nos parece predominantemente agida, sendo os afectos, as carícias, a funcionalidade da presença do outro aspectos mais procurados e relevantes («simples efusão sentimental» segundo Freud; a procura de ternura, de afectos constitui uma vivência substitutiva de desejos infantis não concretizados – segundo Joyce McDougall); enquanto que em **A** a vivência afectiva parece conjugar-se com a procura da sexualidade agida, desejada e erotizada.

Nos três casos, os sujeitos sentem viver a sua sexualidade e escolha homossexual de forma «ego-sintónica» (embora no caso **A**, o sujeito se interroge subtil e pontualmente sobre o futuro desta opção), no entanto, compreendemos que a capacidade de auto-análise dos sujeitos («introspecção» e «insight»), o sofrimento que se encontra latente, o impensável deste mesmo sofrimento ou angústia, lhes mascara o que de «ego-distónico» possa existir nas suas vivências e isto acontece tanto mais quanto a qualidade do materno e do paterno possam ser ténues.

↳ a **imagem corporal**, que é corolário da **identidade do Eu**, surge fragilizada, atingida, com falhas, em diversos graus conforme o sujeito em questão, mas em todos existe uma dificuldade de integração, de síntese, um risco iminente de desintegração (exemplos: omissão de partes do corpo; estranheza face a determinadas partes do corpo; corpo atingido de forma híbrida...).

Mais uma vez, estamos perante a «angústia de castração» ligada ao corpo que se sente diminuído, desvalorizado, disfórico, assumindo esta angústia no sujeito **C** um carácter de «angústia corporal» intensa (corpo clivado), reavivada por uma angústia ainda mais primitiva – a «angústia de morte» e a pobreza ao nível da mentalização dos afectos e das emoções.

Embora nos pareça que exista uma problemática da imagem corporal ao nível da generalidade dos sujeitos homossexuais femininos, o caso **C** parece constituir o padrão típico da «angústia corporal» no seu extremo, evidenciando uma fixação nos primórdios da existência, ao nível da «posição esquizo-paranóide», em que as angústias, o caos psíquico, não sendo metabolizados e transformados positivamente pelo objecto materno, passam a ser canalizados para o corpo que acaba por se sentir e tornar doente. Neste caso, o materno-feminino não se constituíram enquanto instâncias operantes na operacionalidade do aparelho para pensar os pensamentos, situando o sujeito ao nível de um registo metonímico, não simbólico.

↳ por fim, importa referir alguns dados que consideramos pertinentes e que se relacionam com o trabalho do aparelho para pensar os pensamentos e com os mecanismos defensivos – em todos os sujeitos se verificou uma procura de distanciamento da dimensão fantasmática, pulsional libidinal objectal e agressiva através de mecanismos tais como o «recalcamento» («retorno do recalcado»), «denegação» (hipersensibilidade face ao vermelho), «formação reactiva» e «isolamento» entre os afectos e as representações (sujeito **A** – recorre a uma apreensão

maioritariamente global, no sentido de não deixar passar ou neutralizar qualquer inferência do pensamento ou do mundo interno); através da «rigidez» (apego ao formal, ao exterior e ao parcial), da «inibição», da tendência regressiva na qualidade das respostas, da hipersensibilização ao vermelho (pela nomeação do mesmo) (caso B) [apesar de quando em quando, o sujeito deixar passar conteúdos remetentes para uma agressividade oral destrutiva - “*focinho*” e conteúdos projectivos - «identificação projectiva», em que o controlo desejado falha e deixa passar a complexidade do mundo interno]; através da «anulação retroactiva», da «denegação», das «precauções verbais», do «recalcamento», do «deslocamento», da «inibição» (caso C) - eis pois os mecanismos de luta para fazer face à emergência de conteúdos evoluídos do pensamento e potencializadores de conflito pela fragilidade do Eu dos sujeitos.

Segundo Freud, estamos perante um pensamento de carácter «animista», com pouca capacidade para pensar devido à superestimulação narcísica dos processos psíquicos.

A excessiva fixação no mundo animal em detrimento do mundo humano, patente nos três sujeitos de estudo, reenvia mais uma vez para a neutralização do pólo sexual e agressivo, que ao ser canalizado para o mundo animal, suscita uma menor angústia e identificação do sujeito com a sua realidade interna; revelando simultaneamente, uma adaptação superficial face ao exterior e uma problemática ao nível da identidade do Eu, que se posiciona enquanto potencial “falso Self”.

Os sujeitos do estudo deparam-se com um sistema pensante com dificuldades transformativas, re-significantes e re-simbolizantes, encerrando-se a mente em conteúdos tela-beta, não expansivos. A relação do materno-feminino revela-se pouco operante enquanto continente-conteúdo no sentido de transformar positiva e adaptativamente os elementos do ser feminino em feminino heterossexual em relação com o diferente complementar.

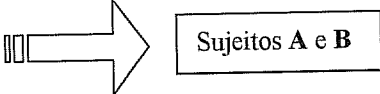
Nos diferentes casos estudados parece-nos que os sujeitos se encontram indisponíveis no sentido de ir mais além no trabalho do pensamento, com excepção do sujeito A, o qual acede à introspecção e interpretação da sua história e narrativa pessoal no *continuum* de um acompanhamento psicológico, assim como aquando da avaliação projectiva através do Rorschach e T.A.T..

Os dados anteriormente apresentados na sua generalidade parecem vir ao encontro das teorizações do feminino na homossexualidade e da sua expressividade no Rorschach, embora nem sempre se tenha encontrado correlações óbvias ao nível da literatura, mas mais intuídas por nós mesmos.

Por último, apresentamos dois quadros que sintetizam os dados anteriormente expostos de forma a simplificar a sua interpretação.

Num primeiro momento, incidiremos sobre a «Identidade Primária» - «Ser» e «Ser Como», num segundo momento, exploramos a «Identidade Secundária» - «Ser Com».

Quadro 1

Simbolismo do Feminino em Mulheres Lésbicas a partir do organizador «Materno-Feminino» - ♀♂ «Identidade Primária» - «Ser» e «Ser Como»
<p>⇒ Evidência de problemática da identidade subjectiva e de construção do «Ser»:</p> <ul style="list-style-type: none"> ⊙ Fixação narcísica do Eu (invasão das pulsões destrutivas e identificação ao objecto materno ▷ função desobjectalizante e entrópica) <ul style="list-style-type: none"> → Identificação adesiva e anaclítica (colagem, desdobramento, espelhagem) ou mesmo, <u>fusional e parasitária</u> [respostas «reflexo»; respostas «pele»; delimitação precisa entre interior VS exterior; simetrias; circunscrição dos engramas; sobreposição de conteúdos; conteúdos regressivos; Idealização positiva ou negativa; «negação» ou indiferenciação Eu VS Outro, Interior VS Exterior, entre dimensões espaço-temporais] <p style="text-align: center;">⇕</p> <p style="text-align: center;">Falência do processo de desfusão - separação e individualização</p> <ul style="list-style-type: none"> → Hipersensibilidade ao branco e ao negro (enquistamento e encerramento no «materno primário»; materno incontinente) [variabilidade inter-sujeito – da incompletude, vazio, inconstância ou depressão de índole anaclítica – Sujeito A (colagem), aos conteúdos difusos, caóticos, sem significado/sentido, esquizóides – Sujeitos B e C (adesividade; funcionalidade do outro = problemática psicossomática)
<p>⇒ Fragilidade da Imagem de si em relação com o Outro:</p> <ul style="list-style-type: none"> ⊙ Fixação oral (conteúdos parciais e de posicionamento «esquizo-paranóide»; emergência do «processo primário» e do «Ego-Prazer» - Mau objecto interiorizado) como resposta ao medo da <u>retaliação materna</u> e <u>“ataque” corporal</u> (identificação defensiva à mãe aproxima o sujeito da lógica homossexual) <ul style="list-style-type: none"> → Conteúdos persecutórios → Conteúdos paranóides → Conteúdos arbitrários <div style="display: flex; align-items: center; margin-left: 20px;">  </div> <ul style="list-style-type: none"> → Vários níveis de “Angústia de morte” (Sujeito A - oscilação entre integrar/dissociar conteúdos e procura de reparação depressiva; Sujeito C – “angústia de abandono”, “angústia de perda do objecto” e problemática psicossomática = dificuldade em integrar os objectos ideais e persecutórios = risco iminente de dissociação e de «clivagem») → “Angústia corporal” (mais intensa no Sujeito C) – reenvia para problemática da imagem corporal, para o risco de desintegração (corpo disfórico, desvalorizado = estranheza, hibridismo e omissão de partes) <p style="text-align: center;">⇕</p> <p style="text-align: center;">«Ser Como» em mesmidade</p>

- ⊙ **Oscilação anal-oral/oral-anal** (carácter mais elaborado, mas sempre com risco regressivo) – Sujeito A



«Ser Como» em similitude,
embora com tentativa progrediente

⇒ **Construção progressiva do Feminino:**

- ⊙ **Falha ou precariedade da integração do Paterno**

(dificuldade de integração do diferente, da interdição, do “não” e de um terceiro edificante = precariedade do «princípio da realidade» e do «processo secundário»)

→ **Inviabilidade de expansão e de disponibilidade para o investimento em novos objectos, para a objectivação do objecto** (falha do trabalho do «duto»)
(registo relacional narcísico = fixação no «materno primário»)

→ **Qualidade da Imago Paterna**

- Ausência ou frustração presença e indisponibilidade afectiva e emocional paterna

- **Imago materna** pré-genital, fálica (Sujeitos B e C) ou anal e tendencialmente genital, mas frustrada (Sujeito A) = potencializadoras de uma **feminilidade** tendencialmente narcísica (por via do perigo de identificação simbiótica à mãe ou por via da identificação defensiva ao pai)

- Indutora de um **masculino** desvalorizado, desvitalizado, pouco erotizado e sensual (neutralidade)

- Fomentadora de um **masculino** submisso, passivo e potencialmente ameaçador



▪ **Ausência de estruturação da «triangulação»**

▪ **Dificuldade ou inviabilidade de integração do materno-paterno influencia negativamente a integração do masculino-feminino**

Quadro 2

Simbolismo do Feminino em Mulheres Lésbicas a partir do organizador «Materno-Feminino» - ♀♂

«**Identidade Secundária**» -

«**Ser Com**»

⇒ **Identidade Sexual:**

- Fragilizada, indefinida e instável -
- Intensa «angústia de castração» -

- ⊙ **Qualidade do Feminino**

- Asténico
- Neutro
- Regressivo – puerilidade, inocência, infantilidade
- Dessexualizado – ausência de sensualidade e erotização
- Pontualmente, surgem conteúdos de natureza anal

- ⊙ **Qualidade do Masculino**

- Astenia do carácter viril e activo

⊙ **Qualidade do Materno-Paterno**

- Espaços tendencialmente antagónicos, não complementares –

- Falência da «Bissexualidade psíquica» e da integração do «Casal parental combinado»
- «Recusa» e «Negação» da diferenciação entre os sexos
- Frustres modelos de identificação de género sexual

⇒ **Representação das Relações:**

⊙ **Afastamento da objectualização**

- Acções bilaterais neutralizadas e indiferenciadas (pessoas, crianças, animais)
- Ausência ou fragilidade de interacções recíprocas positivas (figuras não sintonizadas; desencontro)
- Acções e posturas simplificadas, pouco evoluídas e criativas
- Fixação em respostas A como tentativa de neutralizar a dimensão sexual e agressiva (menor identificação do sujeito com a realidade interna; adaptação superficial ao exterior)
- Hipersensibilidade ao vermelho (por alusão ou omissão) = «recalcamento» libidinal



▪ **Ausência de saída simbólica para a Identidade do Eu e Identidade Sexual**
(não consolidação do «feminino primário»)

▪ **O Feminino e o Masculino não se construíram no sentido da reciprocidade ou complementaridade compartilhada, do «Ser Com»**

▪ **A Adolescência não se evidenciou como solução reparadora**
(mãe assume lugar simbólico do falo)

▪ **Afastamento e neutralização das dimensões fantasmática, pulsional, libidinal, objectal e agressiva**
(excesso de globalidade)

▪ **Homossexualidade pré-genital - mais funcional e ternurenta, substitutiva dos afectos não vividos precocemente**

(Socarides - «Homossexualidade Manifesta» - Sujeito B;

«Homossexualidade Proto-Edipiana – Sujeito C - «identificação sádica» e agressividade oral
ou mais erotizada e agida

(«Homossexualidade Edipiana» - Sujeito A – Édipo negativo pelo excesso de centramento anal)



Sexualidade aditiva, incestuosa; tanto mais sentida como «ego-sintónica» quanto mais regressiva



O organizador «Materno-Feminino» - ♀♂ não se revelou operante na sua capacidade transitiva e transformadora da falha, na capacidade progressiva e simbólica de fazer evoluir o sujeito do «Ser», do «Ser Como» ao «Ser Com», da indiferenciação à diferenciação e complementaridade, do «materno primário» ao «feminino primário», da «bissexualidade psíquica» à heterossexualidade.

10 – CONCLUSÃO

10 - CONCLUSÃO

10.1 – Com o presente estudo consideramos ter atingido o objectivo a que nos propusemos inicialmente – captar ou apreender a expressão a partir do método e técnica Rorschach do feminino a partir do construto do materno-feminino enquanto padrão de uma relação continente-conteúdo - ♀♂, responsável pela edificação de um Aparelho de pensar os pensamentos em mulheres homossexuais.

Para tal, empreendemos um estudo que se insere dentro da análise de protocolos provenientes ou viabilizados através de uma técnica de carácter clínico e projectivo – o Rorschach, facilitando-nos a transposição do campo perceptivo para o campo projectivo, dos conteúdos manifestos para os conteúdos latentes, o acesso à dinâmica interna do sujeito, à «invariância», a «O».

O objectivo anteriormente anunciado e que constitui a base da presente investigação parece-nos claramente atingível a partir do momento em que se concebe a homossexualidade feminina, ou melhor, o processo de construção da identidade secundária ou de identificação sexual como um processo decorrente da natureza da relação objectal primária, enquanto dualismo continente-conteúdo – promotora antes de mais da identidade primária; supostamente viabilizadora da actividade de pensar e de simbolizar; logo parece-nos claramente possível e fecundo utilizar o Rorschach, também este reactualizante dos primórdios relacionais e identificatórios, como veículo de captação da qualidade do pensar dos sujeitos do estudo.

10.2 – A dimensão do feminino foi estudada inicialmente através das representações históricas, que a concebem evolutivamente como um símbolo diversificado nas suas conotações, representações, que muitas vezes se contradizem entre si e que surgem sempre em relação ao masculino; desta relação emerge a necessidade imperiosa de se destacarem nem que seja pela contradição, pela oposição, pois a necessidade de evidência do feminino e do masculino *per si* é imensa, mas igualmente impera a necessidade de complementaridade, mesmo que maciçamente negada ou camuflada.

Assim, vimos surgir um feminino passivo, protector, sexualizado, mas igualmente selvagem, fatal e um masculino como símbolo de actividade, força, virilidade e de poder.

Com a psicanálise e concretamente com Freud e os seus seguidores, surge-nos um feminino que nasce da «bissexualidade psíquica inata» e encontra-se cingido ao campo da anatomia dos órgãos sexuais (funcionalidade) e da sua diferenciação, onde a «angústia de castração» e a «inveja do pénis» são os elementos estruturantes da sexualidade feminina, em que o prazer vaginal somente surge na puberdade por via do poder do órgão masculino. Estamos perante uma

teoria preconizadora do monismo sexual fálico, logo claramente sexista e influenciada pela mentalidade social da época.

No entanto, podemos encontrar pontos positivos e de conexão com as teorias contemporâneas do feminino quando assumimos a castração, o recalçamento, a «inveja do pénis» e o «masoquismo» (Deutsch) como elementos de falha, da ordem do negativo (Green), logo elementos que urgem ser reformulados, reparados, resignificados e resimbolizados através do trabalho do luto, aspectos próprios da «posição depressiva» e que implicam a operacionalidade do trabalho do pensamento através de um elemento estruturante e contentor.

Posteriormente, com os autores reformuladores da teoria freudiana (Karen Horney, Josine Muller, E. Jones, Mélanie Klein e Winnicott) defende-se a existência de uma «identidade nuclear feminina» precoce, a qual tem os seus alicerces na fase oral e não propriamente na fase fálica, em que a tónica coloca-se no Ser ou no não ser e não tanto no Ter ou não ter. Assim, perante a evidência de união dos pais pela cópula a criança empreende uma «repressão» ou «recalçamento», que lhe permite seguir o seu desenvolvimento sem se destruturar porque impensável, no entanto, esta constatação induz a um trabalho do negativo, a um luto e à emergência de um aparelho para pensar os pensamentos.

Com Mélanie Klein e com Winnicott, o feminino ascende a qualidade ou estrutura psíquica, deixando de ser uma função meramente sexual ou corporal; como tal constitui-se como algo que se edifica a partir das relações objectais primárias, do Ser e do Ser Como em diferenciação e circularidade interna, da capacidade pensante e de simbolização destes objectos, que transformam, religam, articulam, resignificam o passado VS presente, o interior VS exterior, o Eu VS Outro..., introduzindo a seu tempo o elemento masculino numa lógica de «casal parental combinado», como elemento de diferenciação, de tomada de consciência do real, elemento expansivo, diferente, mas complementar, o Ser Com, essencial à estruturação da identidade secundária evoluída e heterossexual.

A partir das teorizações anteriores e de forma progressiva torna-se viável estabelecer conexões entre as estruturas do materno e do feminino e os processos do pensamento; sendo ambas as dimensões consideradas elementares na estruturação da identidades primária e secundária.

Assim, para Anzieu o feminino constitui-se enquanto pré-concepção do Ser, elementos β , um conteúdo à procura de um continente comunicante e empático que o pense e dê sentido às suas experiências de vida através da sua capacidade contentora, transformadora e para-excitante por via da «identificação projectiva», de modo a ascender a conteúdos utilizáveis pelo pensamento, a um pensamento, às realizações do Ser, a novas vivências, a novos objectos, a novos pensamentos, por via da introdução de um elemento essencial – o masculino.

A complementar os conceitos anteriores surgem os conceitos de «materno primário» e de «feminino primário» preconizados por Florence Guignard; os quais constituem espaços de pensamento, de um nível mais arcaico a um nível mais evoluído.

Guignard considera o «materno primário» como o espaço das primeiras identificações da criança, edificantes da identidade do Eu, espaço do Ser e do Ser Como, etapa que corresponde à «posição esquizo-paranóide» segundo Klein, a qual necessita da capacidade continente do objecto maternal, capacidade transformadora, pensante e da introdução de um elemento excitável, diferente, complementar e expansivo – o paterno/masculino, para aceder ao «feminino primário», espaço onde se estrutura a identificação secundária, o Ser Com, com registos de funcionamento próprios ou equivalentes à «posição depressiva».

Didier Anzieu, bem como Esther Bick vêm atribuir ao elemento pele – «Eu-pele» e «pele psíquica» - «continente epidérmico», uma dimensão estruturante do psiquismo da criança, pois por via do contacto pele a pele transitam mensagens, desejos, disponibilidades, a dimensão continente materna de forma mais ou menos edificante e que equivale a um espaço de pensamento e de estruturação do Eu e da identidade sexual. A mãe enquanto «continente epidérmico» disponível e pensante viabiliza a diferenciação dos espaços em espaços de mobilidade terciária, induz o sentimento de protecção, constância e securização interna, dando origem a uma imagem corporal e psíquica una e coerente, aspectos essenciais à estruturação do feminino.

10.3 – Na busca de compreensão da natureza do feminino na homossexualidade feminina, partimos de uma investigação histórica e mitológica evolutiva, que nos dá conta da prevalência ou visão do feminino numa lógica de relação heterossexual e com simbolismos ligados ao pecado, sacrilégio ..., essencialmente promovidos pela Igreja, mas amplamente absorvidos pela ciência, concretamente pela psiquiatria e pela psicanálise que tendem a considerar a homossexualidade como uma «degenerescência» ou uma «perversão», portanto, algo que escapa à norma social e de natureza amplamente patológica.

Apenas recentemente se começou a conceber a homossexualidade numa dimensão mais humana, tendo sido abolida a sua associação à «perversão» em 1987 pela DSM III, promovendo-se a designação de «parafilia».

A partir de então, os avanços nas teorias psicanalíticas face ao feminino e face à homossexualidade, permite-nos conceber o feminino como algo ascendente da «bissexualidade psíquica» (Christian David), a qual deve ser superada aquando da adolescência, recaindo a escolha sexual do sujeito supostamente para a heterossexualidade; mas se esta «bissexualidade psíquica» enquanto materno VS paterno e enquanto feminino VS masculino

contidos/interiorizados não forem elaborados e integrados (conjugação do «continente feminino vivo» e do «continente masculino vivo» - Florence Guignard), recalcados e alvo de um trabalho de resignificação e de luto, podemos caminhar para a escolha homossexual, em que a «homossexualidade transitória» própria da adolescência se rigidifica, prevalecendo os movimentos regressivo/desintegrativos de fixação ao objecto materno numa lógica incestuosa (parceira enquanto substituta da mãe; *lesbianismo* enquanto *amor substituto*), o «homoerotismo secundário» ou uma oscilação regressivo/desintegrativa-progressivo/integrativa intransponível, não se integrando os pólos pulsional, sexual e objectal, mas a escolha narcísica, tendencialmente anobjectal.

É comum à menina viver precocemente uma relação com o objecto primário numa lógica de «homossexualidade primária», assim como possuir a tendência à perversão polimorfa (Freud), que equivale à prevalência de modalidades de funcionamento sexual infantis, no entanto, estes registos devem ser superados ao longo do desenvolvimento psicosexual, com o risco de se entrar numa lógica de sexualidade aditiva ou «neosexualidade» na acepção de Joyce McDougall; isto é, uma sexualidade que funciona como forma de digerir angústias primitivas ligadas à estruturação da identidade do Eu e à relação com o objecto primário.

Os vários autores – de Freud a Socarides, identificam vários tipos de homossexualidade, sendo possível encontrar em todos eles traços comuns, tais como a libido narcísica e anobjectal e a fuga ao pólo sexual, pulsional e objectal, constituindo a relação com a mãe de natureza especular, em “colagem”, idílica, adesiva e nostálgica; sendo este registo transposto para a relação com a parceira numa lógica de «compulsão à repetição» patológica, numa lógica de funcionalidade do outro ao serviço de emergências defensivas precoces, de natureza pré-genital, anal ou de oscilação anal-oral.

Assim, quanto mais agida for a homossexualidade em termos da vivência sexual mais esta se constitui como mecanismo de defesa face aos primórdios da relação com a imago materna, prevalecendo a «clivagem», a «identificação projectiva» patológica, a «repressão», a «dissociação» ..., mecanismos que não viabilizam a diferenciação do objecto face ao outro, os «processos terciários», de conexão transitiva, o Ser, nem o Ser Como (este existe em lógica de mesmidade, sem capacidade continente), nem o Ser Com (o feminino em relação complementar com o masculino), nem a passagem do «materno primário» ao «feminino primário», não se estruturando um aparelho mental conceptual, capaz do trabalho do luto, de promover e elaborar a perda, a diferenciação, pois estes nem sequer se instituíram.

Desse modo, a homossexualidade poderá dissimular registos mais neuróticos ou tendencialmente psicóticos, ser mais latente ou manifesta e agida, evidenciando movimentos

que vão respectivamente da «angústia de castração», do «recalcamento» à «angústia de morte», à «angústia corporal», à dispersão, cujos receios intensos de retaliação materna dirigida ao interior do corpo físico, que é simultaneamente corpo psíquico, faz o sujeito dirigir-se defensivamente à homossexualidade.

Num ponto extremo, o sujeito sente-se extremamente dependente e colado ao objecto primordial e à parceira, constituindo a ausência desta espaço palco para manifestações psíquicas e comportamentais graves e preocupantes – depressão, melancolia, somatizações, tentativas de suicídio, ou mesmo, o suicídio propriamente dito.

Esta colagem é ainda expressão da ausência de um espaço do paterno-masculino nos primórdios da vida da criança, em que o pai se retira da relação, se encontra ausente geográfica/física ou emocionalmente (ou ambas) ou a sua retirada é promovida pela mãe e aceite mais inconsciente ou conscientemente por este.

Não existindo um espaço para o diferente e complementar, amplamente desejado enquanto objecto de amor e de erotização, elemento expansivo, rico e enriquecedor do mundo interno da criança, conhecedor e promotor do conhecimento pela experiência, a criança fica “eternamente” vinculada à mãe, não só não se diferencia desta como não se diferencia do outro e não consegue operar operações de diferenciação espaço-temporal, figura-fundo, interno-externo, etc..., não consegue passar de um registo de funcionamento ligado ao «princípio do prazer» ao «princípio da realidade», do «processo primário» ao «processo secundário» por via dos «processos terciários» (entropia dos sistemas transitivos), da «posição esquizo-paranóide» à «posição depressiva», não se viabilizando a constituição de um aparelho para pensar os pensamentos, nem a feminilidade heterossexual, sólida, adaptativa e evoluída, pois ambos são processos construídos a partir do materno e do feminino, da eficácia da relação continente entre a mãe e a criança, da sua «função α ».

Por último, podemos considerar a homossexualidade feminina como uma falha narcísica, falha de holding materno, cuja origem encontra-se nas identificações precoces, nas mensagens e nas interpretações no seio da relação da díade mãe-bebé precoce, em que os objectos materno e paterno não foram operantes enquanto continentes ou receptáculos positivamente transformadores das angústias e sentimentos da criança, não veiculando a elaboração da «bissexualidade psíquica», nem a passagem do Ser, do Ser Como ao Ser com.

10.4 - O Rorschach constitui uma experiência indutora de caos psíquico, de violência e de subversão (Mélanie Klein, 1992), de catástrofe (Bion), de dispersão, de emergência e reactualização das vivências e conteúdos internos fantasmáticos, concretamente da qualidade do materno e do feminino enquanto estruturas psíquicas que mobilizam os alicerces da actividade para-estimulante e continente e estruturam a actividade de formação de símbolos e do pensamento; portanto, um elemento que cria a necessidade de superação deste estado inicial de estranheza –

insólito mesmo, estado puramente perceptivo ainda; um elemento que se torna indutor de mudança catastrófica na acepção Bioniana, um elemento de transformação, caesura, uma espécie de barreira de contacto, mobilizador dos processos terciários (Green, 1988), da ordem da projecção; elemento de ligação, de resignificação das experiências do passado e do presente em novas vivências, em contacto com novos objectos, novas ligações e vinculações, espaço enriquecido e expansivo através da aprendizagem pela experiência, do conhecimento mútuo e de expectativas face ao futuro – fé, esperança.

A partir das respostas dadas pelos sujeitos homossexuais femininos é-nos possível ter acesso à forma como se posicionam face à reactualização das experiências relacionais mais precoces, face ao materno e ao feminino, como tomam mão dos mecanismos projectivos, como os estruturam e reestruturam, que tipo de transformação operam, se de movimento rígido ou flexível, dando-nos conta da capacidade de eficácia do trabalho simbólico e do pensamento subjacente – metonímico VS metafórico, “tela-beta” ou transformador, concreto VS simbólico/abstracto/criativo/expansivo...

No processo resposta Rorschach, a relação entre sujeito e técnico constitui-se enquanto relação continente-conteúdo, à semelhança do padrão de relação da díade mãe-criança interiorizada; em que o técnico se identifica de forma empática aos conteúdos do sujeito (constituindo-se enquanto «continente-quadro»), contendo e transformando positivamente as suas projecções («identificação projectiva» saudável), as suas angústias ou elementos β em elementos digeríveis pela mente, em elementos α , através da sua «capacidade de *rêverie*», «função α » ou «attachment»; fazendo com que a representação das coisas dê lugar à representação das palavras, aos símbolos e não meramente às imagens, se passe das pré-concepções, às realizações e finalmente, às concepções propriamente ditas ou aos pensamentos propriamente ditos, segundo acepção de Hanna Segal.

Neste processo, é suposto perdurar uma certa dose de frustração (tolerância à frustração), a qual poderemos considerar estruturante do psiquismo do sujeito, pois introduz a noção do «princípio da realidade», a consciência da não satisfação total dos desejos (fim do «princípio do prazer»), e consequentemente a noção de diferenciação entre espaços opostos, mas complementares – Eu VS outro, interior VS exterior, percepção VS projecção, etc... e a funcionalidade da capacidade de transformação através do aparelho mental conceptual, passagem do «processo primário» ao «processo secundário» por via dos «processos terciários» na acepção de Green.

Assim, como sustentação ao trabalho do aparelho para pensar os pensamentos ou aparelho mental conceptual encontramos os espaços do materno e do feminino, enquanto espaços significativos em termos emocionais, afectivos e cognitivos, que constituem o padrão da relação

continente-conteúdo - ♀♂ e que a partir do mecanismo da identificação projectiva, possibilitam a tomada de (re)significação e (re)criação das experiências vividas no passado, reactualizadas no presente, em que passado-presente-futuro convergem no aqui e agora da expressão da resposta Rorschach (Ps↔D), dando espaço a uma actividade simbólica, projectiva, manifesta, mas com a marca do latente, do fantasmático; a um novo objecto reconstruído com a intersubjectividade do sujeito-técnico – a resposta, através de uma operação de tradução semiológica (Rosolato, André Green, Anzieu, Laplanche).

Não esqueçamos que a resposta dada pelo sujeito por muito autêntica que seja, esta terá sempre a marca de uma certa «impermeabilidade do pré-consciente» (Pierre Marty), existem sempre alguns pontos da cadeia associativa que se revelam impenetráveis, sobressaindo o defensivamente possível - a «invariância» ou «O».

Retomando a lógica da teoria das transformações de Bion, podemos conceber o feminino puro, o Ser, assim como as manchas Rorschach enquanto pré-concepções, elementos β ou expectativas vazias (estado de caos e turbulência - «posição esquizo-paranóide» segundo Klein) aptas a serem mobilizadas, transformadas e integradas pela flexibilidade, adaptabilidade e pela «função α » do objecto pensante (mãe/técnico), constituindo-se desse modo o espaço do «materno primário», do Ser Como em similitude, numa lógica de circularidade interna, mas não especular, a diferenciação do sujeito face ao outro, face aos conteúdos da mancha e da pessoa do técnico, evoluindo-se progressivamente a partir de experiências suficientemente negativas e frustrantes – realizações negativas, espaço da falha, do negativo, de incompletude e de emergência de homeostasia psicossomática, para a Realização Ser, e finalmente, para o espaço das «concepções» ou respostas Rorschach, espaço de acesso à natureza do feminino na homossexualidade feminina; espaço do «feminino primário», do Ser Com, supostamente espaço da relação objectal e libidinal com um objecto diferente, complementar, alvo de desejo e de novas realizações impulsionadoras do trabalho do pensamento.

Neste processo, a representação do «casal parental combinado» («complementaridade compartilhada» ou «combinatória modulada» segundo Rosolato, 1969) ou a «bissexualidade psíquica» são representações essenciais, pois trata-se do espaço para a triangulação, para a existência de um terceiro, do paterno e do masculino, que é essencial ao processo de “desmame emocional” face ao objecto primário (relação simbiótica, parasitária) e para o investimento em novos objectos, em novas realidades, fazendo o pensamento evoluir do Ser, do Ser Como ao Ser Com, do «materno primário» ao «feminino primário».

A precariedade das representações anteriormente referenciadas dão conta igualmente da precariedade da qualidade do pensamento, da capacidade simbolizante e de abstracção, ficando o sujeito preso tendencialmente no «materno primário», no «Ser Como» em igualdade ou

colagem, inviabilizando-se o materno e o feminino enquanto relação continente-conteúdo, na promoção de uma identidade primária coesa, e conseqüentemente, na estruturação de uma identidade secundária igualmente sólida, evoluída, não se consolidando o «feminino primário» numa versão objectal, mas mais de natureza narcísica, nem as vias para o «Ser Com», sendo o feminino-masculino elementos vividos na lógica de par antinómico, numa lógica do «negativo disjuntivo» segundo aceção de Green.

Desse modo, a «posição depressiva» não se instaura, o que equivale a não se desenvolver uma capacidade pensante capaz de operações transformativas, de elaboração da perda, do trabalho de luto, do negativo, da falha; podendo reinar ao nível do Rorschach conteúdos meramente narcísicos ou de natureza ainda mais arcaica, projectivos.

Os aspectos anteriormente referidos e alvo de falência são aspectos frequentemente patentes ao nível da qualidade do feminino verificado em mulheres homossexuais.

A adolescência, etapa de reconstrução das relações primárias, segunda oportunidade de reorganização dos imagos parentais, parece revelar-se infrutífera em transpor a tendência constante regressivo/desintegrativa-progressivo/integrativa desses sujeitos, de apego demagógico ao objecto materno (objecto frustrado enquanto «contido masculino vivo» segundo Florence Guignard), a intransponibilidade da «homossexualidade transitiva», a oscilação identitária e a imagem corporal não íntegra ou coesa.

A mulher afasta-se da corrente económica e pulsional de cariz sexual, agressiva e objectal para se aproximar dos investimentos narcísicos com mulheres que são claramente substitutas da mãe nostálgica (homossexualidade incestuosa) através de mecanismos tais como o «isolamento», «recalcamento», «formação reactiva», denegação», «anulação retroactiva»..., em que se existe sexualidade activa, esta é vivida em moldes de «neosexualidade» ou «sexualidade aditiva» segundo designações de Joyce McDougall, à semelhança de uma droga ou dependência, sem a qual o sujeito tende a desorganizar-se psiquicamente.

Sobressai a tendência para a fixação à «posição esquizo-paranoide», logo um Eu precariamente coeso (fragilidade da identidade subjectiva e fragilidade da imagem de si em relação com o outro), indiferenciado (dificuldade na estruturação da «angústia do estranho» e do processo de «separação-individualização»), o receio do corpo ser atingido, danificado e o concomitante sentimento de paranóia (medo do efeito de ricochete ou retaliação face à agressividade dirigida ao corpo materno; culpa; no extremo emerge a doença psicossomática), pontualmente a invasão da «angústia de morte» e do arbitrário, a fragilidade narcísica (visão de si em espelhagem, em mesmidade), a intolerância aos limites e à frustração, a prisão na «bissexualidade psíquica», a não complementaridade com o elemento masculino, a inacessibilidade edipiana ou a precariedade do estabelecimento da mesma, que favorece oscilações orais-anais; a resistência à consolidação da «posição depressiva», daí o risco depressivo (melancolia e suicídio em casos

mais graves) e a incapacidade transformadora dos objectos danificados e perdidos, a elaboração da perda, o luto; processo este essencial à estruturação da identidade do Eu e da identidade sexual, em que supostamente o materno enquanto «função α »/relação continente-conteúdo viabiliza a passagem do Ser, do Ser Como ao Ser Com, do «materno primário» ao «feminino primário» e o acesso ao pensamento evoluído expresso por via do Rorschach.

É de realçar a falência da função materna enquanto elemento transformador e continente, de tal modo, que os sujeitos do estudo tendem a recorrer a elementos que possam constituir-se como uma superfície/barreira/”Eu-pele” delimitadores de um espaço interno sentido como incompleto, vazio, deprimido, podendo mesmo assumir contornos de um estado de «buraco negro» (Grotstein, 1999), oscilações entre idealizações e desidealizações, que revelam uma identidade do Eu insuficientemente consolidada e conseqüentemente, uma identidade sexual pouco evoluída, tendencialmente pré-genital, em que o masculino se encontra excluído (ou desvitalizado), enquanto paterno e enquanto masculino-masculino.

Então, conclui-se que a relação do materno-feminino enquanto relação ♀♂ revela-se pouco operante em transformar de forma positiva os elementos do Ser em Ser Com, o «materno primário» em «feminino primário», prevalecendo uma capacidade pensante precária no que diz respeito à estruturação da feminilidade nos sujeitos concretos do estudo – mulheres homossexuais.

Para podermos chegar às anteriores conclusões acerca do feminino em mulheres lésbicas a partir do construto do materno-feminino enquanto relação ♀♂ e enquanto elementos estruturantes do pensamento, procuramos caracterizar a expressão por via da resposta Rorschach dos seguintes elementos; para tal recorreremos num primeiro momento, às concepções de Catherine Chabert e de Nina Rausch de Traubenberg, num segundo momento, às teorias de Bion e fundamentos de Emília Marques que concebem o processo resposta Rorschach enquanto processo de transformação, e por último, à intersecção das teorizações sobre o materno e o feminino na homossexualidade feminina:

- a construção da imagem de si, do Eu; a imagem corporal enquanto elemento físico e psíquico; a identidade do Eu e o investimento da imagem de si; o reconhecimento da diferença entre os sexos e os modelos de identificação ou identidade secundária; a «bissexualidade psíquica»; a imagem do «casal parental combinado»; o simbolismo do feminino e do masculino; a imagem maternal; as relações de objecto de amor e de ódio...

Verificamos que o Rorschach e os respectivos eixos de análise seleccionados, se enunciam como eficazes em nos dar conta de forma profunda do dinamismo pensante e simbolizante dos sujeitos e por isso mesmo, dos seus espaços do materno e do feminino, dimensões responsáveis

pela estruturação da identidade primária e da identidade secundária, logo, viáveis na captação do feminino em mulheres homossexuais.

Verificamos ainda que a expressão do feminino nos três protocolos seleccionados nos dá conta dos elementos genéricos encontrados nas teorias contemporâneas sobre o feminino na homossexualidade feminina (teorias enunciadas na parte teórica deste estudo), como nos evidencia claramente as deduções anteriormente apresentadas.

Consideramos ainda que embora tenhamos escolhido apenas três estudos de protocolos, estes evidenciam-se bastante ricos em nos elucidar acerca da natureza do feminino em mulheres lésbicas.

10.5 - Consideramos que o presente estudo se revela extremamente útil no contexto de exiguidade de estudos sobre o feminino dentro da homossexualidade feminina; no entanto, parece-nos que seria interessante em próximos estudos ser analisado o paterno e o masculino na homossexualidade feminina, uma vez que estes são estruturas essenciais na construção, quer da identidade primária, quer da identidade secundária; como ainda, analisar o materno-feminino, assim como o paterno-masculino ao nível da homossexualidade masculina, uma vez que estas dimensões nos parecem insuficientemente exploradas.

- BIBLIOGRAFIA

- BIBLIOGRAFIA

- Artaud, Antonin (1956-1991). *O Pesa-Nervos*. Lisboa: Hiena Editora.

- Bergeret, Jean (2001). «Homosexualité» ou «homoérotisme» à l'adolescence. *Adolescence*, 19, 1, pp. 35-50.

- *Livro do Génesis*, cap. 1, 2, Bíblia Sagrada.

- Bick, Esther. (1987). A experiência da pele em relações objetais arcaicas. *J. Psicanálise.*, 20 (41): 27-31.

- Bion, Wilfred (1991). *Uma Teoria do Pensar*. In *Mélanie Klein Hoje. Desenvolvimento da Teoria e da Técnica*, Vol. I (Spillius, E. Bott), pp. 185-193. Rio de Janeiro: Imago Editores.

- Bion, Wilfred (1990). *Notas sobre memória e desejo*. In *Mélanie Klein Hoje. Desenvolvimento da Teoria e da Técnica*, Vol. 2 (Spillius, E. Bott), pp. 30-35. Rio de Janeiro: Imago Editores.

- Bleichmar, N; Bleichmar, C; Mélanie Klein (1992). *A fantasia inconsciente como cenário da vida psíquica*. In *A Psicanálise depois de Freud. Teoria e Clínica*, pp. 79-114. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Brazelton, T. Berry e G. Cramer, Bertrand (1989-1993). *A Relação mais Precoce – Os pais, os bebês e a interação precoce*. Lisboa: Terramar.

- Chabert, Catherine (1987-1993). *A Psicopatologia no Exame de Rorschach*. Brasil: Casa do Psicólogo, pp. 67-109.

- Chabert, Catherine (1997-2003). *O Rorschach na clínica do adulto - Interpretação psicanalítica*. Lisboa: Climepsi Editores, Manuais Universitários 6, Série Metodologias.

- Chasseguet-Smirgel, Janine (1975). *A sexualidade feminina*. Brasil: Editora Vozes.

- Chiland, Colette (1964-2001). Transsexualisme et homosexualité à la puberté. *Adolescence*, 19, 1, pp. 51-57.

- Chiland, Colette (1995). De l'essence du féminin. *Psychologie Clinique et projective*, Dunod, n°. 2, pp. 143-160.
- Collin, Françoise (1990-1995). *História das mulheres – O séc. XX*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 312-349.
- Cott, Nancy F. (1990-1995). *História das mulheres – O séc. XX*. Porto: Edições Afrontamento pp. 95-113.
- David, Christian (1971). *L'état amoureux – essais psychanalytiques*. Paris: Petite Bibliothèque Payot.
- David, Christian (1975). *La bisexualité psychique*. Paris: Petite Bibliothèque Payot.
- Deutsch, Hélène (1991). *Psychoanalysis of the sexual functions of women*. London/New York: Karnac Books.
- Downey, Jennifer L. e Friedman, Richard C. (1998). Female homosexuality: Classical psychoanalytic theory reconsidered. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 46/2, pp. 471-505.
- Etxebarria, Lucía (1998-2000). *Beatriz e os corpos celestes*. Lisboa: Editorial Notícias, pp. 14-15.
- Fast, Irene & Arbor, Ann (1979). Developments in Gender Identity: Gender Differentiation In Girls. *Int. J. Psycho-Anal.*, 60, pp. 443-453.
- Flores, Teresa (2005). *Narcisismo e feminilidade*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Fontes, Joaquim (1991). *Eros, Tecelão de Mitos*. São Paulo/Brasil: Estação Liberdade.
- Freud, Sigmund (1920). *A psicogénese de um caso de homossexualismo numa mulher*. Brasil: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, volume XVIII.
- Freud, Sigmund (1921-1923). *De quelques mécanismes névrotiques dans la paranoia et homosexualité*. In *Psychologie des masses, le moi et le ça*. Oeuvres complètes Psychanalyse, pp. 87-97. France: Press Universitaires de France, XVI.

- Freud, Sigmund (1932-1936). *Femininity*. In *The Complete Psychological Works of Sigmund Freud – New Introductory Lectures of Psycho-analysis and Other Works*. Vol. XXIII, Lecture XXXIII, pp.112-135.

- Freud, Sigmund (1932-1936). *The Sexual Life of Human Beings*. In *General Theory of the Neuroses. The Complete Psychological Works of Sigmund Freud – New Introductory Lectures of Psycho-analysis and Other Works.*, Lecture XX, pp.303-319.

- Freud, Sigmund (1932-1936). *The Development of the Libido and the Sexual Organizations*. In *General Theory of the Neuroses. The Complete Psychological Works of Sigmund Freud – New Introductory Lectures of Psycho-analysis and Other Works*. Lecture XXI, pp.320-337.

- Freud, Sigmund (1931). *Female Sexuality*. In *The Complete Psychological Works of Sigmund Freud – New Introductory Lectures of Psycho-analysis and Other Works*, pp.222-243.

- Freud, Sigmund (1910-1990). *Uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci*. Lisboa: Imago.

- Georgoudi, Stella (1990/1993). *Bachofen, O matriarcado e a Antiguidade: reflexões sobre a criação de um mito*. In *História das mulheres, A antiguidade*. Edições Afrontamento, pp. 570-587.

- Green, André (1997-2000). *As cadeias de Eros*. Lisboa: Climepsi Editores, Vértice 6.

- Grotstein, James S. (1990/1991-1999). *O Buraco Negro*. Lisboa: Climepsi Editores, Vértices 5.

- Guignard, Florence (1997-2002). *Cartas ao Objecto*. Brasil/Rio de Janeiro: Imago - Colecção Desenvolvimento da Psicanálise.

- Guignard, Florence (1996-1997). *Hans e Sigi. As Teorias Sexuais como Defesas Contra a Descoberta Da Sexualidade Infantil*. In *O infantil ao vivo – Reflexões sobre a situação analítica*. Brasil/Rio de Janeiro: Imago - Colecção Desenvolvimento da Psicanálise, pp. 151-158.

- Guignard, Florence (1995). *Le Maternel et le Féminin: deux espaces de la vie psychique*. In *Psychologie Clinique et Projective*. France: Dunod, pp. 7-26.

- Guignard, Florence (1993). Différence des sexes et théories sexuelles. Désir et danger de connaître. *Rev. Franç. Psychanal.*, 5, pp. 1691-1699.
- Hérítier, Françoise (1995-1998). *Masculino Feminino – O Pensamento da Diferença*. Lisboa: Instituto Piaget – Coleção Epistemologia e Sociedade.
- Hinshelwood, R. D. (1989-1992). *Dicionário do Pensamento Kleiniano*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Husain, Shahrúkh (1997-2001). *Divindades Femininas – Criação, fertilidade e abundância; A supremacia da mulher; Mitos e arquétipos*. Portugal: Evergreen/Taschen.
- Loraux, Nicole (1990/1993). *O que é uma deusa?*. In *História das mulheres, A antiguidade*. Edições Afrontamento, pp. 30-71.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1967-1990). *Vocabulário da Psicanálise*. Lisboa: Editorial Presença.
- Lesser, Ronnie C. e Schoenberg, Erica (1999). *That obscure subject of desire – Freud's female homosexual revisited*. London: Routledge.
- MacDougall, Joyce (1972). Primal Scene and Sexual Perversion. *Int. J. Psycho-Anal.*, Paris, 53, pp. 371-384.
- MacDougall, Joyce (1992). *Teatros do Eu*. Cap. XI, pp. 203-206.
- MacDougall, Joyce (1984). De l'homosexualité dite inconsciente. *Rev. Franç. Psychanal.*, 3, pp. 675-685.
- MacDougall, Joyce (1986). Identities, Neoneeds and Neosexualities. *Int. J. Psycho-Anal.*, Paris, 67, pp. 19-31.
- MacDougall, Joyce (2001). Sexualité, identité et créativité. *Adolescence*, 19, 1, pp. 195-212.
- Marcelli, Daniel (2001). Narcissisme primaire et homosexualité à l'adolescence – Quelques questions sur les interactions précoces mère-enfant. *Adolescence*, 19, 1, pp. 71-97.

- Marques, Maria Emília (1996). Feminino, fecundo e finito. *Análise Psicológica*. Lisboa: ISPA, 1 (XIV), pp. 45-52.
- Marques, Maria Emília (1999). *A Psicologia Clínica e o Rorschach – Modelos de observação e teorias das transformações em Psicologia Clínica*. Lisboa: Climepsi Editores, Vértices 2.
- Matos, António Coimbra de (2001). *A depressão – episódios de um percurso em busca de um sentido*. Lisboa: Climepsi Editores, Vértices 7.
- Meirelles, Fernando (2003). *A Cidade de Deus*. Brasil: New Age. (DVD)
- Meltzer, D. (1984) Les concepts “d’identification projective » (Klein) et de «contenant-contenu» (Bion) en relation avec la situation analytique. *Revue Française de Psychanalyse*, Tome XL VIII. Paris (P.U.F.), pp. 541-560.
- Meltzer, D. E Willimas, Meg Harris (1988-1995). *A Apreensão do Belo*. Rio de Janeiro: Imago Editores.
- Nasio, J. D. (1993-1997). *Os sete conceitos cruciais da Psicanálise*. Brasil: Jorge Zahar Editor.
- O’Shaughnesay (1990). *A Teoria do Pensar de W. R. Bion e Novas Técnicas em análise de crianças*. In *Mélanie Klein Hoje. Desenvolvimento da Teoria e da Técnica*, Vol. II (Spillius, E. Bott), pp. 196-210. Rio de Janeiro: Imago Editores.
- Pantel, Pauline Schmitt (1990-1993). *A história das mulheres na história da antiguidade, hoje*. In *História das mulheres, A antiguidade*. Edições Afrontamento, pp. 591-603.
- Perrot, Michelle e Duby, Georges (1990-1993). *Escrever a história das mulheres*. In *História das mulheres, A antiguidade*. Edições Afrontamento, pp. 7-17.
- Pignatari, Décio, (1996). *31 Poetas, 214 Poemas*. São Paulo/Brasil: Companhia das Letras.
- Pulquério, Manuel (2001). A alma e o corpo em fragmentos de Safo. *Máthesis*, Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Letras, 10, pp. 155-187.

- Quinodoz, Jean-Michel (1984). Homosexualité féminine, féminité et transfert. *Rev. Franç. Psychanal.*, 3, pp.751-768.

- Quinodoz, Jean-Michel (1989) Female homosexual patients in psychoanalysis. *Int. J. Psychoanal.*, 70, pp. 55-63.

- Rank, Otto (1974) *Narcissisme féminin et homosexualité*. In *Le Narcissisme, l'amour de soi*. Les grandes découvertes de la psychanalyse, Tchou, pp.104-123.

- Robert, Luís; Modesto, Mavilde; Pacheco, Manuela; João, Cristina Vaz; Duarte, Filipe (1995). Mais ou Menos Mulher. In *Do Feminino e do Materno. Análise Psicológica*. Lisboa: ISPA, nº. 1-2 (XIII), pp. 5-11.

- Rosolato, Guy (1978). Symbol Formation. *International Journal Psycho-Analysis*, 59, pp. 303-312.

- Roudinesco, Elisabeth; Plon, Michel (2000). *Dicionário de Psicanálise*. Lisboa: Editorial Inquérito.

- Roughton, Ralph. (1999). Psychanalyste et homosexuel? – La cure psychanalytique dès homosexuels hommes e femmes. *Rev. Franç. Psychanal.*, 4, pp.1281-1299.

- Segal, Hanna (1991). *Notas sobre a formação dos símbolos*. In *Mélanie Klein Hoje. Desenvolvimento da Teoria e da Técnica*, Vol. II (Spillius, E. Bott), pp. 167-183. Rio de Janeiro: Imago Editores.

- Segal, Hanna (1991). *Simbolismo*. In *Sonho, Fantasia e Arte*. Brasil: Imago Editores, pp. 45-61.

- Segal, Hanna (1991). *Espaço mental e elementos do simbolismo*. In *Sonho, Fantasia e Arte*. Brasil: Imago Editores, pp. 62-74.

- Schopenhauer (1819-19??). *Metafísica do amor*. Lisboa: Editorial Inquérito, Cadernos culturais.

- Socarides, Charles, W.. (1974). *Homosexuality*. In *American Handbook of Psychiatry*. New York: Silvano Arieti and Eugene B. Brody Editors, Vol. Three (Adult Psychiatry), pp. 291-315.

- Socarides, Charles W. e Volkan, Vamik D. (1990). *The Homosexualities – Reality, Fantasy, and the Arts*. U.S.A.: International Universities Press.

- Symington, Neville e Joan (1997-1999). *O pensamento clínico de Wilfred Bion*. Lisboa: Climepsi Editores, Vértice 3.

- Stoller, Robert J. (1992). *Masculinidade e Feminilidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Stoller, Robert J. (1979). A contribution to the study of gender identity: follow-up. *International Journal Psycho-Analysis*, pp. 433-441.

- Ternynck, Catherine (2001). Clinique de l'homosexualité féminine à l'adolescence. *Adolescence*, 19, 1, pp. 295-311.

- Thébaud, Françoise (1995). *Introdução*. In *História das mulheres – O séc. XX*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 9-23.

- ANEXOS

– ANEXOS

ANEXO 1

PROTOCOLO A

	Inquérito	
<p>I</p> <p>1 - ... Uma borboleta. Posso dizer mais?</p> <p>2 - Se for a analisar todo o desenho pode parecer uma borboleta, se for a analisar cada parte, daqui pode estar um animal, daqui outro, um urso por exemplo (lateral de cada lado a partir do branco central).</p> <p>3 - Por outro lado, também parece aquela abóbora do Halloween, só.</p>	<p>Uma pata para aqui, outra para aqui.</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>D F- A</p> <p>G F+ Obj</p>
<p>II</p> <p>4 – Duas pessoas frente a frente de mãos juntas (faz mímica), sentados, só.</p>	<p>Integrando o vermelho, sendo uma cabeça não muito normal. A forma só. Só vejo os joelhos, não vejo os pés.</p>	<p>G K H</p>
<p>III</p> <p>5- Parece novamente duas pessoas, mas de pé, a arrastar uma coisa, cada uma para cada lado.</p> <p>As coisas vermelhas não me dizem nada, não vejo nada nelas, é só.</p>	<p>Cabeça, tronco, pernas, que elas estão a arrastar cada uma para seu lado.</p>	<p>G K H Ban</p>
<p>IV</p> <p>6 – (Sorri) Isso parece a concepção que nos deram do “lobo mau”, uns grandes pés, a cabecinha e a cauda.</p>		<p>G FClob (A)</p>
<p>V</p> <p>7 – Um morcego, só.</p>	<p>Pés, cabeça, as asas.</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI</p> <p>8 – Parece uma pele de um animal, mataram um animal para tirar a pele, aqueles tapetes</p>	<p>Dá a sensação de estar esticadinho, espalmadinho, os próprios recortes.</p>	<p>G F+ A Ban FE</p>

que se metem no chão, só.		
VII 9 – Duas crianças frente a frente sentadas, duas meninas com uma seta para baixo, com as mãos para baixo, é só.	Tronco (2/3), membros tapados por uma saia (3/3). Estou a excluir essas duas partes aqui (sup. Lateral). Cabeça (1/3). A seta porque sobressai, sendo uma seta branca sobressai no meio do negro, das meninas.	G K H
VIII 10 – Só consigo ver um animal de cada lado, mas não sei que tipo de animal, a subir ao cimo de qualquer coisa, é só.	Sim, os animais (rosa), o cimo (topo esverdeado) e não consigo desvendar mais nada. As quatro patas, a cabeça e o corpo.	D F+ A Ban
IX 11 - A única coisa que vejo é talvez a parte de trás de uma pessoa, um bocado magrinha na cintura, é só.	Esse traço, a única coisa que me fez lembrar é uma pessoa, esta parte aqui fininha, esta parte que não chega, a ser cabeça, não tem a forma de cabeça.	G F- H
X 12 – Bichos, não daqueles bichos que se vêem diariamente, mas daqueles que se vêem ao microscópio. Só.	Faz-me lembrar aquelas aulas de biologia, onde só se vêem ao microscópio, essas antenazinhas.	G F± A

Prova das Escolhas

(+) VII – “A que eu disse que eram duas crianças, duas meninas sentadas uma em frente à outra. Não é o desenho em si, ao ver duas crianças vejo inocência, pureza, brincadeira, felicidade.”

(-) IV – “A do lobo mau. Para além de ser uma imagem carregada de escuro, só escuro, o lobo mau é o que nós, nós e todas as crianças.. o mau da fita, deve estar associado ao bicho papão que nos ensinam quando somos crianças.”

Psicograma

R= 12 TT 20'	G 10 D 2	F 8 + 5 - 2 ± 1	A 6 (A) 1 H 4 Obj 1	F% 58 F+% 57 A% 50 H% 33
TRI – 3:0 (introversivo puro)		K 3 FClob 1		
FC – 0:0				
RC% 25				Ban 5

ANEXO 2

PROTOCOLO B

	Inquérito	
<p>I</p> <p>1 - Uma borboleta, talvez estava a dizer uma borboleta.</p> <p>2 - ... mas aqui parecem duas mãos, portanto, não sei se será uma borboleta.</p>	<p>Talvez pelas asas Ao primeiro olhar realça a borboleta Sendo um pormenor a pessoa fica em dúvida se é uma borboleta.</p> <p>.... Aqui as mãos, parece que está a chamar ou agarrar alguma coisa (Dd Med Sup).</p>	<p>G F+ A</p> <p>Do F+ Hd</p>
<p>II</p> <p>..... Não me parece nada ... (?) V</p> <p>3 - Aqui já parece uma cabeça, umas antenas.... Esta imagem vermelha que parece a cabeça (verme inf) e aqui tipo uns pés (verm sup).</p> <p>4 - Acho que é uma imagem diferente do preto .. que podem parecer umas asas, diferente do vermelho.</p>	<p>V Duas imagens sobrepostas que era da parte vermelha, e esta mais preta porque a parte vermelha (vem inf e sup e verm no negro) é uma imagem e depois outra (negro)</p> <p>Resp. Ad. – Aqui parece tipo a cabeça, a parte do pescoço de uma pessoa e o capucho enfiado, mas que só se vê os olhos (verm sup).</p> <p>D FC Hd</p>	<p>Recusa →</p> <p>D F- Ad</p> <p>D F- Ad</p>
<p>III</p> <p>5 - Isto é, dois corpos aqui....</p> <p>6 - Isto aqui parece ... um rio e aqui uma ponte (cinza central e o seu eixo) E relva depois (negro mediano)</p> <p>7 - Isto talvez aqueles labirintos de arbustos, o final de um labirinto de arbusto (1/2 verm med)..... V</p>	<p>Figuras humanas: a cabeça, o tronco, os braços e as mãos, as pernas e os pés.... (última resposta)</p> <p>O labirinto é o que me chama mais a atenção rio, ponte (cinza).</p>	<p>G K H Ban</p> <p>D Kob Nat</p> <p>Dd EF Pl.</p>

<p>8 - Isto parece um animal, não sei descrever qual animal (verm sup lat) Não sei</p>	<p>O pormenor do focinho dos animais está para baixo (verm sup).</p>	<p>D F± A</p>
<p>IV 9 - V ... Aqui parece a imagem da parte do focinho de dois cães, estes dois (D lat inf) Λ V mais nada.</p>	<p>Cabeça dos animais (Dd lat inf).</p>	<p>D F+ Ad</p>
<p>V 10 - É um morcegoV Λ V É um morcego.</p>	<p>O morcego por trás Esta parte aqui (Dd sup) não é muito normal para morcego.... As patas (D inf). Visto detrás.</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 11 - V isto Λ parece um corpo de animal que foi dividido ao meio. Que animal? V Talvez Tem um focinho de cavalo (D sup), mas depois parece um gato ... Λ é isso ...</p>	<p>(G) Do animal que parece que foi aberto ao meio e posto assim Mas eu acho que tem focinho de cavalo (Dd sup), mas o resto (D sup) parece mais de um gato</p>	<p>G F- A</p>
<p>VII 12 - Parece um morcego assim com umas asas muito grandes V Λ 13 - Mas aqui (2/3) parece a ... aqui (3/3), aqui (2/3) e aqui (1/3) a imagem de pessoas os olhos e a boca (2/3) V É isso.</p>	<p>Caras Esta (1ª. E) que não está, só se vê a imagem da cara ... não é muito definida, isto não sei muito bem (Dd 1/3). A segunda (2/3) que tem um olhar muito absorvente, a parte do nariz e da boca ... parece que esta (lado dir) está mais definida do que esta (esq), parece que estou a ver aqui um lado da cara (esq) e aqui outro lado da cara (dir). E aqui outra (3/3), V que eu só vejo nesta posição e vejo os olhos e a boca, e aqui também parece que é o lado esquerdo e o lado direito da cara E que percorriam (1º, 2º, 3º terços) para o nada, o infinito (meio 3/3º).</p>	<p>G F- A D F+ H</p>

<p>VIII 14 - < V \wedge aqui parece dois animais, o corpo de dois animais ... talvez um rato, dois ratos. V Mais nada \wedge</p>	<p>Animais (rosa lat).</p>	<p>D F+ A Ban</p>
<p>IX 15 - V Aqui parece uma cara de uma pessoa deste lado (Dd lar) Aqui deste lado também .. < aqui também (rosa lat) < ... V 16 - Parece tipo umas garras (Dd lar) mais nada 17 - ... não, aqui também tipo uma máscara Com olhos (Ddbl).</p>	<p>Duas caras aqui (Dd lar inf, interior). Garras (Dd lar). Máscara com olhos (Dbl). < A imagem de uma cara de um homem com um bigode, as duas (Dd rosa), um senhor mais velho com bigode.</p>	<p>Dd F- Hd Dd F+ Ad Dbl F- Masc.</p>
<p>X 18 - Parece dois caranguejos (azul). 19 - Aqui dois também (cinza lat). 20 - Depois aqui dois animais que eu não consigo identificar. 21 - Estes também parece um leão marinho (verm? Inf) 22 - Aqui um focinho de um coelho (1/2 verde) 23 - ... e aqui mais dois animais (lar central) .. V ... e aqui mais dois (lar lat) \wedge 24 - Tem duas caras aqui (meio rosa?) Duas caras aqui V. 25 - Isto parece dois peixes (azul med) \wedge.</p>	<p>Cavalo marinho (verde inf). Mais dois que não consigo identificar (lar). O focinho de coelho (1/2verde) e os cavalos marinhos estão a sair dos olhos do coelho.... \wedge A parte do olho e a parte do nariz (Dd meio sup do rosa), aqui não vejo um olho, mas aqui vejo (só de um lado) V E depois é aqui, esta parte aqui pequenina, parece um esquilo, com o cabelo (Dd na metade inf do rosa).</p>	<p>Dd F+ A Ban Dd F+ A Dd F± A Dd F- A D F+ Ad D F± A D F- Hd</p>

26 - Isto faz-me lembrar duas folhas...		D F- A D CF PI
---	--	-----------------------

Prova das escolhas

(+) III - O pormenor do labirinto E o facto de destes dois animais (verm lat) terem a cara para baixo, é uma coisa que me chamou a atenção... e as duas figuras humanas também E esta parte aqui também tem a ponte e o rio Tem alguns aspectos que eu gosto.

X - Por ter uma imagem com muita coisa, uma imagem muito cheia, muito chamativa. Tem muitos pormenores E é uma imagem que, que tem alguma coisa. Não é uma imagem que se olha e não se vê nada, tem muita variedade e muitas cores também.

(-) VII - Porque esta cara é muito assustadora (2/3?) A imagem das caras é muito esquisita V e esta (3/3) parece que são umas caras quer estão a ir assim para um sítio muito escuro e infinito \wedge porque vem assim (do 1/3º para o meio do 3/3º) Apesar de ser abstracta a figura, estas aqui estão muito definidas, o olhar principalmente (2/3º).

IV - Porque não vejo nada aqui V \wedge não só? as duas figuras da imagem do cão É uma imagem que não É muito mórbida ...

Psicograma

R 26 TT 30` TRI - 0:1 (Coartativo) FC - 1:1 RC% - 46	G 5 19% D 3 50% Dd 6 23% Do 1 3% Dbl 1 3%	F 23 +12 \pm 3 - 8 Kob 1 CF 1 EF 1	A 12 Ad 5 H 1 Hd 5 Mac 1 Pl 1 Bot 1 Nat 1	F% 88% F+% 52% A% 65 H% 19 Ban 4
---	---	--	--	--

ANEXO 3

PROTOCOLO C

	Inquérito	
I 1 – Pode ser uma borboleta. 2 – Pode ser uma coreografia de dança. 3 – Pinheiros.	Pelo formato (G). Disse uma mulher... coreografia, parecem três pessoas a dançarem, um certo movimento. Quando digo que não gosto é determinadas referências, esta parte (detalhe D médio sup.) e esta (detalhe D méd. inf.).	G F+ A Ban G K H G F- Bot
II 4 – Uma mosca... estou a ver que o abstracto não é comigo. 5 – Talvez uns olhos e uma cara.	Foi por causa da forma de um insecto (verm. Inf.). Se tirarmos uma fotografia, aqui os olhos (Dbl entre verm. Sup. e negro) e aqui o formato do nariz e boca (Dbl). R.A. – Também vejo duas pessoas, elas situam-se de frente uma para a outra. D K H	D F- A D bl F- Hd
III 6 – Duas pessoas... a trabalharem.	Têm uma posição de movimento e têm algum objecto (negro médio) como se tivessem a lavar ou qualquer coisa assim.	G K H Ban
IV 7 – Parece-me uma espécie de alga.	Eu não gosto das algas. Elas têm estes aspectos, meio... podem ser muito complexas, um formato muito complexo e moldam-se, tem corpo, mas têm... R.A. – Faz-me lembrar um palhaço, mas não gosto e eu gosto de palhaços. G F- (H)	G F± Pl.

<p>V</p> <p>8 – Isto parece um morcego....</p> <p>9 – Também pode ser uma borboleta. > Λ v</p>	<p>Formato, é mais morcego do que a borboleta, porque a borboleta é mais harmonioso. Os morcegos são para o feio.</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>G F+ A</p>
<p>VI</p> <p>10 – Isto faz-me lembrar aqueles tapetes tigre no chão.</p> <p>11 – Pode ser uma flor Λ.</p>	<p>É mais pela forma, mas esta forma parece forte, tem uma força, parece que estamos numa base e depois vamos ao objectivo, isto é parece...</p> <p>R.A. – O sol (no D inf.), uma orquídea, uma coisa assim do género. Depois assim continua a ser o sol. D E Nat .</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>G FE PI</p>
<p>VII</p> <p>12 - v Λ v Não me ocorre nada, parece um frango.</p>	<p>É pela forma do desenho (G), aqui as pernas (1/3º) e aqui as asas (2/3º). Podia lembrar-me assim</p> <p>R.A. – Uma coisa tipo uma cratera (G), mas não. G FE Nat</p>	<p>G F- A</p>
<p>VIII</p> <p>13 - > v Faz-me lembrar uma radiografia.</p> <p>14 – Mas tem animais, não sei identificar o animal.</p>	<p>Uma ecografia, faz-me lembrar aqui a parte da bacia (azuis), aqui a parte dos seios (rosa + laranja).</p> <p>Os animais não consigo identificar, não sei se são ratos, também pela forma.</p>	<p>D F- Rad</p> <p>D F+ A Ban</p>
<p>IX</p> <p>15 - > Λ v Uma taça... as cores dão-se bem, sinto-me confortável, mas não estou a ver nada para identificar... talvez a minha imaginação não esteja nos melhores momentos.</p>	<p>Pela forma, fui atleta de alta competição e isto faz-me lembrar, porque eu estou mais a ver o interior, estou a ligar à linha, ao contorno. Pela definição das cores entre elas... tem uma espécie de taça aqui (Dbl).</p>	<p>Dbl FC Obj.</p> <p>Obs cor</p>

X 16 - É a mais bonita de todas. Faz-me lembrar uma mulher.	Aqui faz-me lembrar seios (laranja med.). Não é a mulher em corpo inteiro, mas partes da mulher... esta parte é como uma vestimenta (rosa), aqui tem um soutien (azul med.). Isto é o cabelo (cinza).	G bl F- H
17 - > Λ v Faz-me lembrar o Carnaval.	Já estou a colocar um bocado o Carnaval, como no Brasil, a dançar. Estas coisas aqui (azul lat.), festa.	G C Festa
18 - Plantas.	É mais isto, é um ramo com flor (castanho + amarelo). É mais a cor. O Carnaval tem mais a ver com as cores. Simbologia de festa, de alegria.	D CF PI

Prova das Escolhas

(+) X - Tem mais vida, mais cor, ocupa mais espaço.

IX - Também gostei desta, embora não me diga nada.

(-) IV - Não sei, é tudo muito... não sei... escuro, faz um bocado mais medo que os outros, não sei porquê.

I - Tem aqui umas coisas... uma espécie de mãos... faz lembrar uma certa violência, mas também não gosto de ver os pés em baixo, faz lembrar tudo muito bicudo e certinho, não gosto.

Psicograma

R 18	G 11 70%	F 12	A 7	F% 67
TT 25'	Gbl 1	+ 5	H 3	F+% 42
	D 4 33%	± 1	Hd 1	A% 39
	Dbl 2	- 6	PI 3	H% 17
		C 1	Bot 1	Ban 5
TRI - 2:2.5 (Ambiequal)		K 2	Obj 1	
FC - 0:0.5		FC 2	Rad 1	
RC% - 33		FE 1	Fest 1	